



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - *CAMPUS* DE CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E  
DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

SOLANGE GORETTI MOREIRA PIZZATTO

**INDÍCIOS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES BRASILEIROS NA  
LOCALIDADE DE CAPANEMA-PR: O FALAR DIFERENTE NA FRONTEIRA**

CASCAVEL – PR  
2020

SOLANGE GORETTI MOREIRA PIZZATTO

**INDÍCIOS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES BRASILEIROS NA LOCALIDADE DE CAPANEMA-PR: O FALAR DIFERENTE NA FRONTEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella

CASCADEL – PR  
2020

SOLANGE GORETTI MOREIRA PIZZATTO

**INDÍCIOS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES BRASILEIROS NA LOCALIDADE DE CAPANEMA-PR: O FALAR DIFERENTE NA FRONTEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais e de Diversidade, APROVADA pela seguinte banca examinadora:

---

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
Membro Efetivo (convidado)

---

Profa. Dra. Clarice Cristina Corbari  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Membro Efetivo (da Instituição)

Cascavel, 14 de fevereiro de 2020.

Ao meu marido, **Sergio Pizzatto** e aos meus filhos, **Bruno** e **Arthur Pizzatto**, pelo amor com que completam meu coração e me ensinam a cada dia a ser um ser humano que valoriza o trabalho, a honestidade, o amor e a educação.

## AGRADECIMENTOS

À **Universidade Estadual do Oeste do Paraná**, por oportunizar e viabilizar meu crescimento acadêmico e profissional.

À professora doutora **Aparecida Feola Sella**, pelas orientações e conselhos que contribuíram para o meu crescimento como profissional e pesquisadora.

Aos familiares, em especial ao meu esposo, **Sergio**, e aos meus filhos, **Bruno** e **Arthur**, pela compreensão e pelo apoio ao longo do Mestrado.

Aos **colegas** e **amigos** que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

PIZZATTO, Solange Goretti Moreira. **Indícios de atitudes linguísticas de falantes brasileiros na localidade de Capanema-PR: o falar diferente na fronteira.** 2020. 3 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2020.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta investigação de indícios de atitudes linguísticas em falas de informantes brasileiros moradores da localidade de Capanema, situada na região Sudoeste do Paraná, fronteira com a Argentina. A região investigada apresenta cenário sociolinguístico diverso, devido ao contexto de fronteira e imigração. A análise do *corpus* foi guiada pela abordagem mentalista, que concebe a atitude como um elemento complexo, formado por três componentes – o cognoscitivo, o afetivo e o conativo. Buscou-se investigar a ocorrência desses componentes e a relação deles com o prestígio e o desprestígio sobre o falar diferente, considerando a coleta de dados promovida pelo Projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato* (CAL), coordenado por Aguilera (2009). Com base nos teóricos Lambert e Lambert (1966), Bem (1973), López Morales (1993), Moreno Fernández (1998), Aguilera (2009) e Corbari (2013), verificou-se que certos falantes expressam indícios de atitudes linguísticas específicas sobre o falar espanhol, sobre o português formal e sobre o falar dos colonizadores. Os resultados indicaram, de modo geral, que, com relação ao falar espanhol argentino, há recorrência do cognoscitivo e do afetivo. Em relação ao português, pontuando a distinção entre o português padrão e o falado na localidade, há acionamento do índice afetivo. Sobre as demais variedades presentes na localidade, houve também acionamento do afetivo com relação ao alemão, principalmente pela dificuldade de entendimento. Espera-se contribuir com pesquisas relativas ao contato linguístico na fronteira do Paraná com a Argentina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crenças. Atitudes linguísticas. Contato linguístico. Falar diferente. Fronteira.

PIZZATTO, Solange Goretti Moreira. **Indicios de Actitudes lingüísticas de hablantes brasileños en la localidad de Capanema-PR: el habla distinto en la frontera.** 2020. 213 f. Disertación (Máster en Letras) - Programa de Posgrado en Letras, Universidad Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2020.

## RESUMEN

Esta disertación presenta una investigación de indicios de actitudes lingüísticas en hablas de informantes brasileños que viven en la localidad de Capanema, ubicada en la región sudoeste do Paraná, fronteriza con Argentina. La región investigada presenta un escenario socioeconómico diverso, debido al contexto de la frontera y la inmigración. El análisis del corpus se guió por el enfoque mentalista, que concibe la actitud como un elemento complejo, formado por tres componentes: el cognoscitivo, afectivo y el conactivo. Se buscó investigar la ocurrencia de estos componentes y su relación con el prestigio y el desprestigio sobre diferentes hablas, teniendo en cuenta la recopilación de datos promovida por el Proyecto Creencias y actitudes lingüísticas: un estudio de la relación del portugués con las lenguas en contacto (CAL), coordinado por Aguilera (2009). Basado en los teóricos Lambert y Lambert (1966), Bem (1973), López Morales (1993), Moreno Fernández (1998), Aguilera (2009) y Corbari (2013), se observó que algunos hablantes expresan indicios de actitudes lingüísticas específicas sobre el habla español argentino, el portugués formal y el habla de los colonizadores. Los resultados indicaron, en general, que, con respecto a el habla española argentino, hay recurrencia de lo cognoscitivo y afectivo. En cuanto a los portugueses, marcando la distinción entre el portugués estándar y el que se habla en la localidad, se activa el índice afectivo. Sobre las demás variedades presentes en la localidad, también hubo activación afectiva en relación con el alemán, principalmente debido a dificultad de comprensión. Se espera contribuir con investigaciones sobre el contacto lingüístico en la frontera de Paraná con Argentina.

**PALABRAS CLAVE:** Creencias. Actitudes lingüísticas. Contacto lingüístico. Habla diferente. Frontera.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA LOCALIDADE DA PESQUISA</b> .....	<b>12</b>
2.1 SUDOESTE DO PARANÁ: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E PANORAMA LINGUÍSTICO-CULTURAL .....	14
2.2 A LOCALIDADE DE CAPANEMA .....	21
<b>3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>24</b>
3.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ÍNDICES DE ATITUDES .....	24
3.2 PRESTÍGIO E DESPRESTÍGIO .....	30
3.3 CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO NURC .....	33
3.4 PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO BRASIL .....	34
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>42</b>
4.1 TIPO DE PESQUISA .....	42
4.2 HISTÓRICO DO CAL .....	43
4.3 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS .....	44
<b>5 ANÁLISE DOS INQUÉRITOS DE CAPANEMA</b> .....	<b>50</b>
5.1 ÍNDICES ATITUDINAIS PRESENTES NAS FALAS DOS INFORMANTES EM RELAÇÃO À VARIEDADE DO ESPANHOL .....	50
5.2 ÍNDICES ATITUDINAIS PRESENTES NAS FALAS DOS INFORMANTES EM RELAÇÃO À VARIEDADE DO PORTUGUÊS .....	54
5.3 ÍNDICES ATITUDINAIS PRESENTES NAS FALAS DOS INFORMANTES EM RELAÇÃO À VARIEDADE DOS DEMAIS LÍNGUAS .....	59
5.4 SÍNTESE DAS ANÁLISES .....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>70</b>
<b>ANEXO A – NÚMERO DE INFORMANTES E VARIÁVEIS SOCIAIS</b> .....	<b>777</b>
<b>ANEXO B – ENTREVISTAS DOS INFORMANTES</b> .....	<b>778</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A fronteira pode ser considerada um lugar privilegiado para os estudos nas diferentes áreas da Linguística, e em especial da Sociolinguística, pois esse espaço possibilita a observação de como culturas e línguas distintas entram em contato (AGUILERA, 2009). A língua, nesse contexto, faz parte das práticas sociais e é mediadora do processo de integração cultural da fronteira.

Assim, surgiu o interesse por pesquisar grupos linguísticos residentes na fronteira, em particular, no Estado do Paraná, no qual se identifica histórico de colonização estabelecida por meio de migração e imigração. Em Capanema, a colonização se deu, principalmente, com migrantes de origem alemã e italiana.

A mobilidade das regiões fronteiriças requer o estudo tanto das variedades em contato quanto das crenças e atitudes relacionadas a essas variedades e a seus usuários, considerando que esse cenário favorece tanto manifestações positivas, de prestígio linguístico, quanto de desprestígio diante da diversidade linguística.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se, inicialmente, por analisar, especificamente, as falas de informantes brasileiros com relação ao falar espanhol na fronteira do Brasil com a Argentina, com enfoque na localidade de Capanema, que faz fronteira com a cidade de Andresito, Argentina. Apresenta-se estudo de atitudes linguísticas de informantes moradores da localidade de Capanema-PR, com base nos inquéritos do Projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato* (Projeto CAL) (AGUILERA, 2009).

A partir dos inquéritos coletados por meio do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato* (doravante CAL), aplicados na cidade de Capanema, notou-se que alguns falantes expressam atitudes linguísticas com relação ao falar espanhol argentino e paraguaio, tendo em vista que o próprio questionário aplicado durante a realização dos inquéritos foi elaborado com a finalidade de identificar esses falares na visão dos informantes. Nessa perspectiva, as análises são orientadas pelas seguintes perguntas: 1) Quais atitudes são geradas na situação de línguas em contato na localidade de Capanema, em

relação aos falantes de outras variedades ou em relação ao português?; 2) A situação da língua espanhola gera atitudes de prestígio ou desprestígio linguístico por parte dos falantes brasileiros?

Para o estudo, lançaram-se as seguintes hipóteses: os falantes de Capanema convivem, frequentemente, com o falar espanhol e isso proporciona a existência de crenças e atitudes com relação ao falar diferente. Assim, tinha-se a visão de que os falantes brasileiros poderiam demonstrar, em suas falas, o prestígio pela língua portuguesa.

A partir de tais questionamentos, esta pesquisa analisa as respostas a perguntas do questionário produzido e aplicado pelo CAL, que se referem ao contato linguístico na localidade de Capanema, e que possibilitam avaliar como é concebido o falar espanhol. Esse enfoque, assim delimitado, pode contribuir para dar mais visibilidade ao perfil do falante brasileiro, morador do espaço fronteiro paranaense.

As reflexões pautadas na Sociolinguística e nos estudos das crenças e atitudes linguísticas auxiliam no reconhecimento da fala e da cultura do outro, e, portanto, revelam um Brasil que não é monolíngue. Conforme anuncia Pastorelli (2011), durante o desenvolvimento do CAL, nas falas dos informantes de Capanema, verificou-se decorrência de miscigenação intensa e constante de etnias e falares.

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar manifestações de atitudes linguísticas de falantes brasileiros, residentes na cidade de Capanema, na fronteira do Brasil com a Argentina, região Sudoeste do Paraná. Os objetivos específicos são: 1. Verificar quais componentes atitudinais são acionados pelos falantes com relação à fala do outro; 2. Selecionar e analisar as ocorrências mais representativas. Dessa maneira, os resultados da pesquisa podem contribuir para a descrição de como o falante fronteiro lida com o contato linguístico e cultural, no intuito de motivar estudos que considerem essa realidade multifacetada de constituição da cultura brasileira, caracterizada também pelo falar dos países vizinhos.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: a Seção 1 contempla os aspectos sócio-históricos da localidade de Capanema; a Seção 2 apresenta o referencial teórico que embasou o desenvolvimento da pesquisa; a Seção 3 dispõe os procedimentos metodológicos, tanto do CAL

quanto do desenvolvimento desta dissertação; e a Seção 4 apresenta as análises realizadas com relação às respostas coletadas em Capanema, no que se refere às atitudes linguísticas dos informantes sobre as línguas: espanhol, português e demais variedades faladas na região (alemão e italiano), com base nos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo.

Nas considerações, apresentam-se comentários relativos à pesquisa de uma forma geral, e se discorre sobre os índices verificados na análise com relação ao falar espanhol, à distinção entre o português padrão e a variedade utilizada na localidade e à dificuldade de entendimento do alemão e apreço pelo italiano, principalmente, por se tratar de línguas de herança que são faladas, mais usualmente, por uma faixa etária específica.

## 2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA LOCALIDADE DA PESQUISA

Nesta seção, abordam-se aspectos socio-históricos de Capanema, mediante a perspectiva de uma cidade do Sudoeste do Paraná, que está localizada na região de fronteira com a cidade de Andresito, na Argentina.

O município, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), possui uma população estimada de 18.526 pessoas; foi desmembrado de Clevelândia, em 1951, então sede administrativa localizada a 200 quilômetros de Capanema. A localidade faz parte da mesorregião geográfica Sudoeste paranaense, localizada na Região Sul do Brasil, na divisa com a Argentina, e limita-se com outros dois municípios da região (Realeza e Planalto).

Ferreira (1996) comenta que, no final do século XIX, o município passou a ser bastante movimentado quando se iniciaram as atividades argentinas na região de fronteira à procura de erva-mate para o mercado platino. De acordo com o autor, nessa época, não viviam brasileiros na região; assim, os argentinos se sentiam livres para ir e vir à procura de lugares com maior concentração da erva-mate. Ainda de acordo com o autor, a cidade de Capanema ficou sob o domínio dos argentinos por muito tempo e a situação começou a mudar somente com a queda comercial da produção de mate e a instalação de postos de fiscalização.

Pastorelli (2011), em sua pesquisa sobre a localidade de Capanema, relata que, da forma como o território foi ocupado, inúmeros conflitos surgiram, já que a ocupação das terras teve uma preocupação com a legitimidade da posse. Uma desenfreada venda de terras se iniciou pelas companhias de colonização, e originou uma superposição de títulos com posse efetiva dos posseiros, o que desencadeou intensos conflitos na região.

De acordo com Priori *et al.* (2012), no processo de expansão e valorização das terras do Sudoeste, além dos posseiros e da questão *sub judice* entre Governo Federal e Estadual, mais uma companhia apareceu no cenário da disputa pelas terras do Sudoeste: a Clevelândia Industrial e Territorial Ltda (CITLA). Segundo os autores, a transação que a tornou dona das terras foi repleta de ilegalidade. Foram várias as disputas junto à Justiça

para a manutenção da posse das terras. Ainda de acordo com os autores, em 1950, a CITLA conseguiu a titulação das terras do Sudoeste, e essa aquisição se deu pelo fato de Moysés Lupion, que era governador do Paraná, ser um dos sócios da CITLA, fato que teria facilitado a titulação do território à empresa.

Em 1951, a CITLA se instalou na região, como detentora de praticamente todas as terras do Sudoeste da Paraná, e iniciou a venda das terras aos colonos que ali viviam, o que gerou um clima de inquietação social entre os moradores da localidade. Contudo, vários confrontos foram realizados durante os anos seguintes, frente à não aceitação dos colonos e posseiros em assinar os contratos com tais companhias<sup>1</sup>. Diante desse movimento de não aceitação dos colonos, as companhias promoveram um ferrenho confronto, encontrando nos jagunços e na violência uma ferramenta para alcançar os objetivos desejados.

Priori *et al.* (2012) descrevem que esses conflitos são decorrentes da indefinição jurídica referente às terras do Sudoeste paranaense, fato que desencadeou um ambiente conflituoso devido à busca pelo lucro, mesmo de maneira ilegal.

O primeiro confronto entre jagunços e posseiros aconteceu em 2 de agosto de 1957, no distrito de Verê, quando um grupo de colonos armados marchou em direção ao escritório da Companhia Comercial. Na ocasião vinha à frente um colono envolvido em uma bandeira do Brasil que foi morto, ali mesmo, por jagunços (PRIORI *et al.*, 2012, p. 14).

De acordo com os autores, muitos episódios de covardias, violência física e estupro foram realizados na região. Outro conflito marcante do Sudoeste foi a morte de sete pessoas, devido à tocaia realizada a uma camionete, em 14 de setembro de 1957. O gerente da companhia Apucarana, Gaspar Kraemer, com o objetivo de acalmar e fazer um acordo com os colonos, marcou uma reunião em Lajeado Grande. Contudo, os dirigentes, com medo dos revoltosos, deram ordens para que uma camionete oferecesse carona a quem estivesse na estrada. Sem saber das mudanças nos planos, um grupo de revoltosos atacou o veículo e assassinou sete pessoas e apenas

---

<sup>1</sup> CITLA, Comercial e Apucarana (PRIORI *et al.*, 2012).

dois eram funcionários da companhia. Isso causou grande revolta dos colonos que tomaram a cidade de Capanema (PRIORI *et al.*, 2012).

Segundo Amancio (2009), uma definição concreta sobre as terras do Sudoeste precisava ser tramitada no campo político, e assim os frutos da revolta seriam colhidos. Nos anos de 1958 e 1959, as terras da região foram declaradas de utilidade pública e de interesse social para fins de desapropriação (PRIORI *et al.*, 2012). Segundo os autores,

Assim, por meio da atuação da GETSOP, órgão responsável pela demarcação e divisão dos lotes das terras do Sudoeste paranaense entre os posseiros da região, a Revolta de 1957 alcançou seu triunfo: o fim da indefinição jurídica por tantos anos, vivida entre os colonos e posseiros sudoestianos. Por essa característica peculiar, o Sudoeste do Paraná é considerado uma das poucas regiões onde as pequenas propriedades são encontradas em maior concentração. Nesse sentido, podemos afirmar que a Revolta dos Posseiros foi um conflito vitorioso (PRIORI *et al.*, 2012, p. 156).

Capanema foi colonizada em grande parte por colonos de origem alemã e italiana, atraídos pela oferta de terras férteis e incentivados em parte pelo Governo Federal para ocupar a faixa de fronteira com a Argentina, demarcada, oficialmente, em 1934 (KRÜGER, 2004).

## 2.1 SUDOESTE DO PARANÁ: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E PANORAMA LINGUÍSTICO-CULTURAL

Dos 399 municípios que compõem o Estado, 19 são limítrofes com o Paraguai e 16 com a Argentina. Segundo dados do IBGE (2018), o Paraná possui extensão geográfica de 199.305,236 km<sup>2</sup>, e acolhe inúmeras variedades linguísticas e etnias diferentes, que fazem parte da herança da imigração europeia, e de outras comunidades hispanófonas que fazem fronteira com o Estado (regiões Sudoeste e Oeste), e das comunidades indígenas distribuídas pelo território paranaense.

De acordo com Lazier (2003, p. 89), “o Paraná é a terra de todas as gentes. Tornou-se uma região multicultural e multirracial, uma mistura de sangue e cultura, talvez única no mundo por sua diversidade. Essa é uma de suas peculiaridades, talvez sua identidade”. Essa realidade propicia

sobremaneira a diversidade linguística e cultural, diversidade étnica e linguística da população. Conforme Lazier (2003), essa realidade se refere aos muitos povos que chegaram ao Paraná, a exemplo das primeiras movimentações realizadas ainda no século XVI pelos espanhóis, que avançaram do interior para o litoral, com a ajuda dos missionários jesuítas que habitavam nos vales dos Rios Tibagi, Ivaí, Piquiri, Paranapanema e Iguaçu. No século XVII, os bandeirantes também realizaram tentativas de povoar o Estado, reduzindo o controle dos jesuítas. Contudo, segundo Lazier (2003), não chegaram a estabelecer ocupação permanente.

A ocupação do espaço paranaense se deu em três etapas: a) Paraná Tradicional, vinculada ao ciclo do ouro e da concessão de sesmarias; b) Região Norte, ocupação por imigrantes mineiros e paulistas; c) Região Sudoeste, ocupação inicialmente ocorrida pelos caboclos e, mais tarde, pelos eurodescendentes advindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (SERRA, 1992).

Com relação aos imigrantes de origem europeia, muitas colônias foram formadas no Paraná. Um dos motivos para que os imigrantes europeus se estabelecessem no território paranaense foi o clima predominantemente subtropical, com invernos rigorosos, que se assemelhava ao clima dos países de origem. Segundo Wachowicz (1982), os poloneses lideraram a quantidade de imigrantes, cerca de 50 mil, seguidos pelos ucranianos, 35 mil, e os alemães e italianos, que chegavam a 15 mil cada grupo.

Esses grupos traziam consigo sua língua, suas tradições, seus costumes. Isso significa que a variedade linguística estabelecida foi bastante considerável, pois decorreu de imigrantes portugueses, espanhóis, ingleses, italianos, japoneses, árabes, judeus e alemães, que se somaram às diversas tribos indígenas nativas dessa terra e aos diversos grupos de africanos escravizados vindos anos depois do início da colonização. Dessa forma, houve e continua havendo, agora devido à globalização e à consolidação do Mercosul, o intercâmbio não só cultural, mas também o linguístico, o de crenças, de costumes, de religião (PASTORELLI, 2011).

De acordo com Gregory (2008), diferentemente do período do Império, o Paraná contou com mais imigrantes estrangeiros e imigrantes descendentes de europeus, para sua colonização, diferentemente dos outros dois Estados

sulinos, ou seja, apresentou um importante espaço de colonização a partir da frente de ocupação de paulistas e mineiros. Os colonos de origem interna<sup>2</sup>, que vinham de antigas regiões coloniais do Sul, dirigiam-se, principalmente, para o Sudoeste e para o Oeste do Paraná.

O estudo das atitudes linguísticas propiciado por esse contexto de variedades culturais torna-se essencial, pois os falantes de variedades distintas ou da mesma língua, quando colocados em contato, apropriam-se de certas atitudes, ao serem expostos ao falar diferente.

A história do Sudoeste paranaense revela que a maioria das pesquisas ressalta a importância dos colonizadores de descendência europeia na região Sudoeste. Entretanto, o registro da história oficial da colonização omite a presença indígena e cabocla que antecede a chegada dos colonos sulistas (ZATTA, 2016).

Assim, torna-se relevante também discutir a presença de grupos étnicos minoritários que contribuíram para a colonização da região. Em relação aos caboclos<sup>3</sup>, Wachowicz (1985) afirma que foram os primeiros brasileiros não indígenas a colonizarem o Sudoeste paranaense. Ainda, de acordo com o autor, “no início do século XX, o sudoeste mantinha a imagem criada no século XIX. Era uma região de refúgio de bandidos, ou pelo menos dos fora da lei” (WACHOWICZ, 1985, p. 103).

Sobre os indígenas, o autor afirma que, antes da colonização oficial da região, o Sudoeste era isolado dos grandes centros urbanos. Na época, para que pudesse ser acessado, eram necessárias picadas<sup>4</sup> abertas na floresta, habitada por índios, de tradição Guarani e Caingangue.

Apesar de a região possuir picadas desde o início do século XX, conforme Wachowicz (1985), a abertura de estradas foi iniciada após a oficialização do Distrito Administrativo e Judiciário do Município de Clevelândia. A colonização oficial do Sudoeste do Paraná foi atrelada a uma constante presença militar devido ao fato de a região ser fronteira e

---

<sup>2</sup> A origem interna se refere a descendentes de colonos do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (GREGORY, 2008).

<sup>3</sup> Conforme Wachowicz (1985), os caboclos não eram necessariamente descendentes dos povos indígenas: em sua maioria, eram pessoas que cresceram no sertão, manifestavam hábitos e comportamentos de sertanejos e possuíam pele escura.

<sup>4</sup> Segundo o Ibama (2004), o termo *picada* se refere a pequenos caminhos abertos na mata (com aproximadamente 1,0 m de largura).

conflituosa. A região foi colonizada por paraguaios no início do século XX. Entre os pioneiros, o autor destaca as famílias Ferrera e Romero, que chegaram em 1902 à região Sudoeste, vindos do Paraguai.

No início da colonização da região, a erva-mate era um produto muito consumido no Sul do Brasil e nos países vizinhos. Assim, Ferrera e Romero iniciam a extração e exportação da erva-mate para a Argentina. Conforme Battisti (2003), a presença de erva-mate não só contribuiu para o desenvolvimento da região, mas também motivou aspectos negativos, como o contrabando.

Segundo o autor, até 1930, a fronteira oeste e sudoeste paranaense foi ocupada e explorada por companhias estrangeiras, principalmente argentinas, e foi alvo de disputas de território e situações conflituosas. As companhias, segundo Battisti (2003), foram instaladas com o objetivo de contrabandear o mate e a madeira para fora do país e vender produtos consumidos pelo povo da região. Na época, o cenário linguístico era composto, principalmente, por povos falantes de espanhol e guarani. Em relação à escolarização, os colonizadores que podiam oferecer educação aos filhos enviavam-nos à Argentina para estudar.

Apesar da forte presença de colonizadores de países vizinhos na região, conforme Wachowicz (1985), aos poucos a população de argentinos e paraguaios, que compunha 25% dos habitantes da fronteira no início do século XX, começou a evadir-se da região à medida em que houve a diminuição da extração da erva-mate, chegando a menos de 1% da população regional na década de 1940. Em contrapartida, houve a Marcha para o Oeste<sup>5</sup>, movimento que incentivou a ocupação da fronteira por parte de habitantes brasileiros.

Após a decadência da erva-mate, conforme Corrêa (1970), a criação de suínos passa a ser a principal atividade regional, praticada em áreas remotas e de reduzida densidade populacional. O pesquisador também aponta outras

---

<sup>5</sup> A colonização da fronteira paranaense com Argentina e Paraguai ocorreu no contexto de uma estratégia geopolítica nacional de ocupação de espaço, a Marcha para o Oeste, programa criado pelo presidente Getúlio Vargas e intermediado por empresas colonizadoras do Sul do país. A política nacionalista de Vargas buscava a integração nacional e a organização dos territórios, garantindo segurança e efetiva posse, além da exploração das imensas regiões fronteiriças, praticamente desertas, evitando os riscos da ocupação estrangeira e de desintegração do território brasileiro nos aspectos espacial, geográfico, econômico e social (GREGORY, 1997; BATTISTI, 2003).

atividades de menor importância, mas que também contribuíram para a colonização da região, como a caça de animais (porcos do mato, veados, antas e onças), realizadas na base de trocas, com a finalidade de obter couros e peles. Além disso, registra-se a criação de muaras e cavalos em Vitorino, Santo Antônio do Sudoeste, Dois Vizinhos e Pérola do Oeste.

De acordo com Corrêa (1970), essas áreas não se desenvolveram mais acentuadamente antes da década de 1940, principalmente devido à escassez de estradas e recursos para a instalação de equipamentos. Por outro lado, pesquisadores como Gregory (1997) e Battisti (2003) afirmam que essa situação começou a mudar e que houve o povoamento efetivo do Sudoeste do Paraná em 1943, a partir do sistema de colonização territorial por meio de pequenas propriedades, que foi denominada Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO).

O desenvolvimento agrícola atraiu milhares de famílias procedentes de outras regiões do Paraná e dos Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul para a região, uma vez que promovia serviços de infraestrutura, educação e saúde. Além disso, de acordo com Wachowicz (1985), cabe ressaltar que, em grande parte, esses agricultores eram descendentes de italianos, alemães e eslavos, que ali se estabeleceram entre 1940 e 1950, dedicando-se à agricultura e, especialmente, à criação de suínos.

Essas migrações ocorreram, principalmente, a partir de espaços rurais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, devido à incapacidade dessas regiões de absorver o aumento demográfico, provocando o deslocamento de agricultores para outros estados do território brasileiro até então não colonizados (BRISKIEVICZ, 2010). De acordo com Singer (1987), a motivação das migrações quase sempre é econômica, uma vez que grupos populacionais vão em busca de trabalho, de terras e de melhor qualidade de vida.

Além da realização de atividades centradas na policultura de subsistência e no trabalho familiar, os migrantes da região, na época, transformaram a cultura e a política da localidade, sendo incorporados costumes, principalmente, da Itália, Alemanha e Polônia. Segundo Santos (2008),

Em poucas décadas, o Sudoeste do Paraná é colonizado efetivamente e se transforma. As características de povoamento são expressas na sua territorialização: pequenas propriedades; trabalho familiar; hábitos culturais dos descendentes de alemães, italianos e poloneses, como dança e comidas típicas (como a polenta); exclusão territorial etc. (SANTOS, 2008, p. 52).

Em relação à disputa pela posse da região, ocorrida entre Brasil e Argentina, Lazier (2003) descreve que, ao ser traçada a fronteira entre os dois países, a Argentina reivindicou que a fronteira se fizesse pelos rios Chapecó e Chopim (nesse caso, a região onde hoje é o Sudoeste do Paraná pertenceria à Argentina); o Brasil, por outro lado, defendeu que a fronteira seguisse os rios Santo Antônio e Peperi-Guaçu. Para decidir a disputa, os dois países escolheram Grover Cleveland, presidente dos Estados Unidos na época (5 de fevereiro de 1895), como juiz, que deu ganho de causa ao Brasil, declarando que o território das Missões, situado entre os rios Iguaçu e Uruguai, até os afluentes Santo Antônio e Peperi-Guaçu, deveria pertencer ao Brasil. Um tratado entre ambos os países que definiu a fronteira foi assinado entre Brasil e Argentina pelo então Ministro das Relações Exteriores, o General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira. Segundo Wachowicz (1985),

Não se desenvolveu nessa região fronteira nenhuma rivalidade entre as populações envolvidas. Brasileiros e argentinos sempre se deram muito bem. Talvez a difícil luta pela sobrevivência levava a uma exemplar convivência com os argentinos, para solucionarem os problemas comuns. Nunca existiu desejo de infiltração nem de dominação por nenhuma das partes. Todos passavam livremente pela fronteira, mas a mesma sempre foi respeitada. Por isso, os casamentos entre as duas nacionalidades tornaram-se freqüentes (WACHOWICZ, 1985, p. 72-73).

Todo esse histórico teceu o atual panorama linguístico e cultural da região Sudoeste do Paraná. Na atualidade, além da diversidade étnica resultante da colonização e da mistura entre hispânicos e brasileiros (incluindo caboclos e indígenas), há ainda o contato entre brasileiros e argentinos que atravessam continuamente a fronteira, gerando uma interação linguístico-cultural permanente.

Para Sturza (2005), o histórico de colonização da região Sudoeste do Paraná tornou-a uma região cultural e linguisticamente complexa, favorecendo o estudo das culturas e línguas em contato. Sturza (2005) pondera:

Quase dois séculos depois de conflitos, solucionados pelas armas ou pela diplomacia, ainda desconhecemos muito da situação de contato das línguas portuguesa e espanhola nas zonas fronteiriças do Brasil com os demais países hispano-americanos. [...] mesmo onde os agrupamentos são menores e menos populosos, a fronteira efetivamente é complexa pela natureza de sua formação e pelo modo como se estabelecem ali as relações sociais das diferentes etnias que nela habitam. As fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo social. Se as fronteiras são sociais, se nelas vivem diferentes etnias – índios, espanhóis, árabes, portugueses, alemães, entre outros – o contato lingüístico é uma consequência inevitável, e a situação das práticas lingüísticas nessas regiões, de um modo geral, um campo pouco explorado pela lingüística brasileira (STURZA, 2005, p. 47).

A partir disso, pode-se considerar que o Sudoeste é um território singular, com identidades marcadas pelo processo de colonização. De acordo Sturza (2005), os migrantes reproduzem elementos e características do modo de vida de seus ascendentes de outros países ou estados de origem, como religião, pratos típicos, dialetos, técnicas de produção de alimentos, entre outras características culturais que são mantidas no cotidiano, o que caracteriza uma identidade híbrida.

Para Bresolin (2008), os conflitos do Sudoeste Paranaense, em 1957, levaram o Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná (GETSOP) a intervir nos conflitos, com o intuito de resolvê-los, legitimando a posse de terras. A consulta a Bresolin (2008) e Pastorelli (2011) demonstrou que títulos anteriores, que se apresentavam de alguma forma duvidosos, foram cancelados, e o GETSOP fez a transmissão dos títulos aos posseiros. Pastorelli (2011) destaca, ainda, que a intervenção desse grupo conseguiu amenizar a situação em grande parte da região, e, posteriormente, o governo declarou zona prioritária para fins de reforma agrária, de forma que a problemática da posse de terras e de sua respectiva titulação foi solucionada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

## 2.2 A LOCALIDADE DE CAPANEMA

Capanema faz parte da mesorregião geográfica Sudoeste Paranaense, localizada na Região Sul do Brasil. O município, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), possui, atualmente, uma população estimada de 18.526 pessoas. Localiza-se próximo ao Oeste do Paraná, limitando-se com quatro municípios dessa região: Matelândia, Céu Azul, Serranópolis do Iguaçu e Capitão Leônidas Marques. No Sudoeste, região em que está situada, Capanema faz divisa apenas com o Município de Planalto. A localidade também se limita com Comandante Andresito, na Província de Misiones (Argentina). Seus principais acidentes geográficos são os Rios Capanema e Iguaçu e o Salto Faraday. De acordo com o Portal do Município de Capanema (PREFEITURA MUNICIPAL CAPANEMA, s.d.), “no território de Capanema, está localizada a Ponte Internacional sobre o Rio Santo Antônio, que liga o Brasil pelas rodovias PR-281 e PR-889 à Argentina (município de Comandante Andresito). Ao norte de Capanema fica o Parque Nacional do Iguaçu”, como pode ser visualizado na Figura 1.

**Figura 1 – Localização do município de Capanema**



Fonte: Elaborado por Abreu (2006)

Conforme dados coletados por Pastorelli (2011), com relação à ocupação por descendentes de imigrantes europeus, as primeiras correntes migratórias chegaram à localidade em 1950, formadas, predominantemente, por famílias de origem alemã e italiana, oriundas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A localidade também recebeu descendentes de imigrantes poloneses. Aguilera (2019) explica que o dinamismo dos pioneiros de Capanema contribuiu para o desenvolvimento de novas comunicações, trazendo qualidade de vida para a população.

Em 1951, Capanema foi elevada à categoria de Município, com o território desmembrado do Município de Clevelândia. A cidade recebeu essa denominação em homenagem ao geólogo e geógrafo brasileiro Guilherme Schuch, o Barão de Capanema, por sua ajuda no conflito ocorrido entre Brasil e Argentina, na disputa das terras da região de Palmas.

De acordo com Pastorelli (2011), um fator que mudou a história do município foi o fechamento da Estrada do Colono, que ocorreu em 1989. Essa mudança acarretou significativa diminuição do desenvolvimento econômico. Segundo Schlindwein (2016), a Estrada do Colono ligava a cidade de Capanema a Serranópolis do Iguaçu, com uma extensão de 17,6 quilômetros, mesmo antes da criação do Parque Nacional do Iguaçu (inaugurado em 1939).

Dallo (1998), estudioso da história local, relata que, em 1924, a estrada serviu de passagem para a Coluna Prestes. Com base no estudo de Dallo (1998), outros pesquisadores também estudaram a importância da Estrada do Colono para Capanema, como Pastorelli (2011), que relatou a passagem de colonizadores oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, de modo que o caminho facilitava a ocupação do Oeste. A autora destaca que o fechamento da Estrada do Colono se deu por necessidade de preservação do ecossistema do Parque, ameaçado pela estrada que o cortava, conforme reivindicado por ambientalistas ao Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) e aos órgãos internacionais de proteção à natureza.

Para Dallo (1998), a rota migratória procedente do Sul, que promoveu a abertura agrícola de grande parcela do Oeste Paranaense, encontrou ao longo do eixo Foz-Cascavel as condições ideais para o desenvolvimento. Assim, inverteu-se o fluxo comercial sobre Capanema. Isso foi notório com o fechamento da Estrada do Colono, quando os índices econômicos refletiram

quedas sensíveis em Capanema, a partir de 1986, conforme observa Dallo (1998).

Como Capanema se dedica à produção de derivados da cana-de-açúcar, especialmente o açúcar mascavo e o melado, além de doces caseiros e bolachas, o município promove, de dois em dois anos, a Feira do Melado. O objetivo da Feira é demonstrar os produtos da região, buscando possibilidades de crescimento e desenvolvimento sustentável, a inovação e a tecnologia, além da promoção e valorização dos produtos da marca Natural do Campo. A cidade também se destaca pelo comércio de inúmeros produtos orgânicos, tendo se tornado uma grande exportadora (PASTORELLI, 2011).

Depois de proceder às análises propostas nesta pesquisa, notou-se que a reflexão sobre aspectos sócio-históricos da localidade foi fundamental para a contextualização da fala dos entrevistados e para analisar os componentes acionados pelos moradores de Capanema. Na próxima seção, apresenta-se os Pressupostos Teóricos da Pesquisa.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Nesta seção, apresenta-se a fundamentação teórica que embasa a discussão sobre o conceito de atitudes linguísticas e a relação com estereótipos e preconceitos decorrentes do modo como são concebidos aqueles que utilizam variedades distintas<sup>6</sup>. Também se reflete sobre pesquisas relacionadas ao estudo das atitudes linguísticas. Uma das classificações apresentadas pelos autores volta-se para os componentes da atitude: cognoscitivo, afetivo e conativo, que se referem, respectivamente, ao saber ou crença, à valoração e à conduta. Por isso, os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, de Crenças e Atitudes, da Psicologia Social e dos Estudos da Linguagem foram necessários para o desenvolvimento desta pesquisa.

#### 3.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ÍNDICES DE ATITUDES

Moreno Fernández (1998) e Aguilera (2009) têm demonstrado que o estudo das crenças e atitudes linguísticas constituem um importante capítulo na Sociolinguística, pois possibilita a compreensão dos processos de mudança linguística, de valoração, de constituição de estereótipos e de como os falantes se comportam em relação à variedade do outro e à sua própria variedade. Esses são apontamentos fundamentais para o desenvolvimento dos conceitos de crenças e atitudes, conforme reforçado por autores como Blanco Canales (2004), Calvet (2009), Corbari (2013) entre outros.

O estudo das atitudes tornou-se uma das preocupações dos psicólogos sociais, por tratar-se de um complexo fenômeno psicológico revestido de significado social, que afeta o comportamento dos indivíduos e influi em seus modos de interação (LAMBERT; LAMBERT, 1966).

Segundo Lambert e Lambert (1966), o exame das atitudes é uma preocupação importante dos psicólogos sociais, por tratar-se de um fenômeno

---

<sup>6</sup> De acordo com Aguilera (2008a), um traço definidor da identidade do grupo é a variedade linguística utilizada por ele, sendo assim, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode ser e, na maioria dos casos, é uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos seus usuários, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo.

psicológico complexo que se reveste de grande significado social. Os componentes essenciais da atitude são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências à reação. Os autores explicam:

Atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 78).

Com base nos autores, ao se referir às atitudes, Botassini (2015, p. 118) destaca que se trata de “[...] hábitos complexos, no sentido de que são formas aprendidas de ajustamento, e a função de ajustamento social das atitudes desempenha o papel de propiciar às pessoas oportunidade de boa acomodação social [...]”, e isso é o que norteia a maneira como se organizam as relações com outras pessoas. Ainda, de acordo com Lambert e Lambert (1966), as atitudes desempenham uma função importante na constituição do comportamento humano e podem afetar nossas percepções sobre os outros, nossos julgamentos, determinando os grupos com os quais cada pessoa se relaciona e até designando as profissões que cada indivíduo escolhe.

Já Bem (1973), outro psicólogo social, explica que as

Atitudes são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo idéias abstratas e políticas sociais. [...] nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas (BEM, 1973, p. 29).

Na área da Psicologia Social, destacam-se duas abordagens: i) a behaviorista ou comportamentalista, que interpreta a atitude como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo (a uma pessoa, a uma língua, a uma situação etc.); e ii) a mentalista, que interpreta a atitude como um estado mental, interno do indivíduo, uma disposição mental em relação a condições ou fatos sociolinguísticos concretos. Ambas as abordagens foram

adotadas pela Sociolinguística (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

A concepção mentalista compreende a atitude “como um estado de disposição, uma variável que intervém entre o estímulo que afeta a pessoa e sua resposta a ele” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 231), ou seja, a atitude de uma pessoa a prepara para reagir diante de um estímulo dado de maneira específica.

A concepção comportamentalista, de acordo com López Morales (1993), está baseada nas respostas que os falantes dão a certas situações sociais e podem ser estudadas diretamente, sem a necessidade de buscar informações introspectivas individuais, que nem sempre são aproveitadas para a investigação. Com referência ao modo de analisar as atitudes, Moreno Fernández (1998) observa que a concepção comportamentalista utiliza como procedimento de estudo as observações diretas das condutas objetivas; já os mentalistas recorrem a técnicas mais complexas, que permitam desvendar algo tão intangível como o estado mental.

Conforme Lambert e Lambert (1966),

Como as atitudes não são diretamente observáveis, têm de ser inferidas, seja da cuidadosa observação do comportamento das pessoas em situações sociais, seja dos padrões de respostas a questionários que foram especialmente elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir a ambientes sociais concretos e reais (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 104-105).

Segundo esses autores, os psicólogos sociais costumam usar um questionário para medir as atitudes, cujos itens seriam, então, elaborados de modo a representar os três componentes da atitude: o *cognoscitivo*, o *afetivo* e o *conativo*. O componente cognoscitivo refere-se aos *pensamentos e crenças* – ou seja, no âmbito linguístico, refere-se àquilo que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico. O componente afetivo está relacionado aos *sentimentos e emoções* – no âmbito linguístico, refere-se ao sentimento frente ao que se sabe a respeito de uma língua, variedade ou grupo linguístico. Finalmente, o componente conativo se refere às *tendências de reação* – o que, no âmbito linguístico, equivale a dizer que se trata da

predisposição para agir frente ao que se sabe e sente sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico.

Já Bem (1973) insere o componente social às atitudes. Para ele, as crenças e atitudes humanas se apoiam em quatro atividades do homem – pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros. Essas atividades equivalem aos quatro fundamentos psicológicos das crenças e atitudes: cognoscitivos, emocionais, comportamentais e sociais. De acordo com o autor, apesar de os fatores cognoscitivos, emocionais e sociais serem grandes influências de crenças e atitudes nos indivíduos, uma das maneiras de causar mudanças nas crenças e atitudes de um indivíduo é alterar o seu comportamento.

López Morales (1993), que segue a concepção comportamentalista, entende que a atitude é dominada pelo traço conativo. O autor separa o conceito de crença do de atitude, situando-os em níveis diferentes: as crenças dão lugar a atitudes diferentes; estas, por sua vez, ajudam a moldar as crenças juntamente com os elementos cognoscitivos, afetivos, tendo em conta que as crenças podem ser baseadas em feitos reais e podem não estar motivadas empiricamente. As relações entre crenças e atitudes ocorrem por meio de traços cognoscitivos e/ou afetivos.

Para López Morales (1993) e Moreno Fernández (1998), as atitudes podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de recusa; uma atitude nunca pode ser neutra. Moreno Fernández (1998) explica a atitude da seguinte forma:

La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de 'lengua' incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes<sup>7</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

---

<sup>7</sup> A atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, diferenciada pelo enfoque e referindo-se especificamente à linguagem e seu uso na sociedade, e quando se fala de “linguagem” nós incluimos qualquer tipo de variedade linguística: atitudes para diferentes estilos, diferentes socioletos, diferentes dialetos ou diferentes linguagens naturais (tradução nossa).

Segundo o autor, a atitude frente à língua e seu uso se convertem em um atrativo quando apreciado em justa magnitude o feito de que as línguas não somente são portadoras de uma forma e de atributos linguísticos determinados, senão que também são capazes de transmitir significados e conotações sociais, ademais de valores sentimentais. Também revela que as normas e marcas culturais de um grupo são transmitidas ou enfatizadas por meio da língua (MORENO FERNÁNDEZ, 1998). Segundo o pesquisador, a atitude linguística é formada por três componentes, como exposto por Lambert e Lambert (1966), e esses situam-se no mesmo nível: componente cognoscitivo (saber ou crença), componente afetivo (valoração, sentimentos ou emoções) e componente conativo (conduta). Quando os falantes estão expostos a esses elementos, podem revelar juízos de valor, crenças, intenção de conduta e consciência linguística dos falantes, na situação de comunicação, o que gera reflexões sobre os diversos falares.

As atitudes linguísticas, segundo Moreno Fernández (1998), são reflexo das atitudes psicossociais e as línguas têm um significado social ou conotações, logo, é natural que sejam apreciadas e avaliadas de acordo com os *status* ou características sociais de seus usuários. Para o pesquisador, não é fácil delimitar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude em relação ao grupo social ou ao usuário dessa variedade.

A perspectiva mentalista tem sido base para diversos trabalhos sobre atitudes linguísticas, como é o caso das pesquisas desenvolvidas a partir do *corpus* coletado pelo CAL. Essas pesquisas medem essa variável como a relação entre um estímulo que afeta um sujeito e a resposta valorativa desse sujeito. Assim, em muitos trabalhos dessa área, prevalece a proposta de Lambert e Lambert (1966):

Como as atitudes não são diretamente observáveis, têm de ser inferidas, seja da cuidadosa observação do comportamento das pessoas em situações sociais, seja dos padrões de respostas a questionários que foram especialmente elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir a ambientes sociais concretos e reais (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 104-105).

Essa tendência pode ser identificada no questionário utilizado no CAL, que engloba questões que abarcam os três componentes. Por exemplo, a pergunta “Quando você se aproxima dos argentinos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?” demanda, do informante, a explicitação do que ele sabe a respeito desse comportamento linguístico e cultural. Já a pergunta “Essas línguas são feias ou bonitas?” solicita uma avaliação, que, por ser subjetiva, está ligada aos sentimentos do informante. Finalmente, uma pergunta como “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, você compraria?” identifica as tendências de reação dos informantes. No entanto, ressalta-se que uma pergunta pode permitir avaliar, ao mesmo tempo, mais de um componente da atitude, pois os três componentes aparecem frequentemente. Também é importante destacar que o objeto de pesquisa das atitudes linguísticas – ou seja, opiniões, crenças, avaliações e tendências de comportamento, fruto das identidades individuais e sociais – não pode ser quantificado, razão pela qual pesquisas sobre esse tema são predominantemente de natureza qualitativa (MINAYO, 2002).

Com relação aos componentes atitudinais, Aguilera (2008), com base no estudo de Gómez Molina (1996) a respeito das atitudes linguísticas na região de Valência, na Espanha, apresenta a visão do autor sobre os componentes:

[...] o componente cognoscitivo teria o maior peso sobre os demais por conformar, em larga escala, a consciência sociolingüística, uma vez que nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência lingüística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilingüismo, características da personalidade, etc. O componente afetivo, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence. O componente conativo, por sua vez, reflete a intenção de conduta, o plano de ação sob determinados contextos e circunstâncias. Mostra a tendência a atuar e a reagir com seus interlocutores em diferentes âmbitos ou domínios: rua, casa, escola, loja, trabalho (AGUILERA, 2008, p. 106).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adota-se a linha mentalista, pois há certo consenso nos trabalhos do CAL sobre a atitude ser constituída pelos componentes citados anteriormente: cognoscitivo, que inclui percepções, crenças e estereótipos; afetivo, que se refere às emoções e sentimentos; e, por fim, conativo, ligado à tendência de reagir de determinada maneira.

### 3.2 PRESTÍGIO E DESPRESTÍGIO

A reflexão sobre os conceitos de prestígio, desprestígio e preconceito é essencial para a investigação de atitudes linguísticas. Esses conceitos permitem entender melhor os processos de estigmatização e exclusão social baseados no comportamento linguístico dos falantes.

Para Botassini (2019, p. 187), “o termo *preconceito linguístico* refere-se à atitude negativa frente a determinado grupo linguístico sem razão aparente”, e o preconceito, normalmente, se refere aos grupos linguísticos que apresentam pouco ou nenhum prestígio social, aos grupos que representam variedades linguísticas diferentes daqueles que avaliam preconceituosamente o outro.

Roncarati (2008) reflete que, no âmbito linguístico, o prestígio está ligado a injunções sociais (extralinguístico) e linguísticas que representam uma variedade, e compreendem seu uso como prestigioso ou estigmatizado. Na sociolinguística, o prestígio pode ser analisado com base na ocupação (prestígio do indivíduo, sua reputação e ao posto social) e na atitude (prestígio de conduta).

Moreno Fernández (1998, p. 189) define prestígio como “um processo de concessão de estima e respeito aos indivíduos ou aos grupos que reúnem certas características e que leva à imitação das condutas e crenças desses indivíduos ou grupos”. Assim, segundo o autor, o prestígio pode ser considerado como uma conduta ou como uma atitude, ou seja, o prestígio é algo que se tem e se demonstra, mas também é algo que se concede. O autor considera que, para medir o prestígio, é importante ter em vista a perspectiva que se pretende trabalhar: o prestígio como algo que se tem e se demonstra (conduta) ou como algo que se concede (atitude), que se atribui a alguém ou a

outro grupo. Nessa perspectiva, entende-se que os sociolinguistas analisam o prestígio pela perspectiva da atitude (algo que se concede), ou seja, detêm-se a analisar o que é considerado como prestigioso e não a descobrir sobre os grupos prestigiados e quais as características que os fazem assim. O pesquisador destaca que o habitual é que sejam os grupos sociais mais prestigiosos, ou mais poderosos socioeconomicamente, os que ditam a pauta das atitudes linguísticas das comunidades de fala, por isso, as atitudes geralmente são positivas para a língua, os usos e as características dos habitantes com maior prestígio e de posição social mais alta (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Estudos desenvolvidos por Moreno Fernández (1998) sobre uma situação de monolinguismo, realizados na Espanha, demonstram que as normas de prestígio variam de um grupo social a outro e, somente depois de descobrir o que caracteriza cada grupo, será possível buscar os interesses comuns a vários grupos, até chegar a uma definição geral das normas que regem o prestígio em determinada comunidade.

Com relação às noções de prestígio e desprestígio, adota-se a concepção de que a fala é carregada de valor social. A diferença entre usar uma forma linguística ou mesmo uma variedade linguística dotada de prestígio e usar uma forma ou variedade estigmatizada pode assumir um significado social importante. No caso de uso de uma língua minoritária, Corbari (2013), adotando uma perspectiva laboviana, avalia que

[...] os falantes, na tentativa de evitar qualquer tipo de estigma relacionado ao uso da sua língua ou variedade, podem decidir parar de usá-la e adotar a língua de maior prestígio. Porém, ressalta-se que, se a língua adotada contiver traços da variedade estigmatizada, pode receber uma avaliação negativa, inclusive pelo próprio falante (CORBARI, 2013, p. 101).

Esses encaminhamentos teóricos seguem a perspectiva de Labov (2008 [1972]), com relação a conceber que uma comunidade não fala do mesmo modo, apesar de as pessoas compartilharem um conjunto de normas comuns com relação à linguagem. O autor explica que, contudo, nas comunidades de fala, encontram-se formas linguísticas que estão em

variação, ou seja, formas que estão em concorrência. Nesse processo de coexistir, muitas formas de identidade lutam por sua existência e afirmação por meio de valores e hábitos, daí a importância de estudar as atitudes linguísticas.

Conforme Corbari (2013), a partir dos contatos sociais feitos pelas pessoas é que se estabelecem as “impressões, ou atribuições, a partir daquilo que observam nos outros: como se vestem, como falam, como comem, como se comportam socialmente etc.” (CORBARI, 2013, p. 66). Porém, de acordo com a autora, grande parte das conclusões com relação aos outros se dá por meio do comportamento linguístico dos indivíduos. Ainda segundo a autora, “o preconceito é de base conativa por tratar de uma reação negativa frente ao objeto atitudinal – ou seja, frente a determinada variedade ou grupo linguístico” (CORBARI, 2013, p. 72), mais especificamente nos grupos de menor prestígio social, não havendo uma reflexão do motivo pelo qual se pensa dessa maneira. A autora apresenta o seguinte exemplo:

o preconceito se manifestaria no julgamento depreciativo ou jocoso da fala do italo descendente, pelas características típicas do seu sotaque, entre as quais a realização dos róticos. Esse preconceito linguístico está associado ao preconceito em relação ao próprio falante dessa variedade: o “colono” italiano que, pela sua própria condição de camponês pouco escolarizado, não goza de prestígio social (CORBARI, 2013, p. 72).

De acordo com Botassini (2013), as normas de prestígio são flexíveis, e mudam de um grupo a outro, dependendo de questões econômicas, culturais, políticas, religiosas, históricas, linguísticas, com as quais os indivíduos se reconhecem ou, ao contrário, das quais se distinguem.

Moreno Fernández (1998) explica que, a partir da atitude linguística, é possível constatar a preferência (prestígio) ou recusa (desprestígio) da utilização de certos signos, assim como as crenças perante a própria variedade. Destaca-se que o termo *prestígio*, na Sociolinguística, é utilizado para referir-se ao valor positivo que certas variantes linguísticas possuem enquanto facilitadoras da ascensão na escala social e as formas padrões são reconhecidas e aceitas pelas gramáticas normativas, geralmente associadas à classe média alta educada. O autor permite entender que os falantes de

determinada variante linguística, quando, em contato com uma variedade distinta da sua, reconhecem que existem diferenças entre ambas as variedades e são capazes de emitir apreciações sobre a fala do outro, mediante atitudes positivas ou negativas em relação à linguagem e ao falar do outro. Podem demonstrar preferências por uma em detrimento de outras, ou seja, julgar essas formas como de prestígio ou de desprestígio, muitas vezes manifestando preconceito e estigma (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Segundo Santana, Silva e Pires-Santos (2019),

o prestígio ou desprestígio de uma língua não está relacionado às línguas em si, nem ao número de seus representantes, mas ao lugar político, social e cultural de seus usuários, o que nos permite concluir que as práticas de língua(gens) e o julgamento que fazemos delas estão imbuídas de ideologias e de relações de poder. Como as línguas, as culturas e as sociedades são inseparáveis, o preconceito linguístico remete à negação da multiplicidade linguística e cultural e, conseqüentemente, à negação das diferenças e das identidades (SANTANA; SILVA; PIRES-SANTOS, 2019, p. 140).

Verifica-se que a atitude de desprestígio dos falantes ocorre, geralmente, com base em um conceito social, que não é propriamente linguístico, ou seja, é um formato de como se sente ou como vê o outro. Quando os falantes utilizam outra variedade, que não seja a de prestígio, são taxados de ignorantes ou de serem pessoas pouco instruídas.

### 3.3 CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO NURC

Considerando pesquisas de Sella (2008; 2012; 2019) e Santana (2016), constatou-se a importância de algumas orientações do Projeto da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) para verificação dos indícios linguísticos de atitudes.

Ressalta-se que alguns marcadores de fala indicam componentes acionados em algumas respostas. Por isso, quando necessário, recorre-se às pesquisas das autoras, considerando que os operadores argumentativos podem servir de indício que denota atitude linguística. Um exemplo pode ser verificado no trecho seguinte, de um informante da cidade de Foz do Iguaçu:

1. INQ.- Você poderia dar um exemplo de como os árabes falam?
2. INF.- É enrolado.
3. INQ.- É enrolado? Não dá pra entender?
4. INF.- Não, **até porque** eles falam muito rápido, para eles *eu acho que é natural*, mas pra gente. (Inf. 24 [F EM I3] – Foz do Iguaçu) (SELLA, 2019, p. 199).

Sobre o enunciado, Sella (2019) destaca o uso do operador *até porque* em uso real da linguagem, ao indicar a orientação argumentativa que opera no interior do enunciado, distanciando-o da visão da gramática tradicional, em que esse e outros elementos linguísticos são considerados meros conectivos.

De acordo com a autora, no recorte, tem-se o seguinte:

[...] na linha 1, a pergunta que pressiona o informante a posicionar-se; em 2, aparece o termo *enrolado*; em 3, o inquiridor pressiona com nova pergunta, agora sobre o sentido do termo; em 4, observa-se o exercício de confirmar a hipótese imersa na pergunta (*Não*), de estabelecer uma escala argumentativa com uma explicação (*até porque*), de amenizar o tom da afirmação (*eu acho que*) e retomar todo o movimento presente nos argumentos expressos em *enrolado* e *rápido* (SELLA, 2019, p. 199).

Verifica-se, assim, que os procedimentos teóricos utilizados pelo CAL mobilizaram o entrelaçamento com outras correntes teóricas, de tal maneira que se possam considerar elementos linguísticos como pistas para a verificação de atitudes linguísticas. Esse processo de organizar a resposta *in loco*, em um planejamento instantâneo, rende para o interlocutor a necessidade de reorganizar-se diante de determinado termo considerado inapropriado, como pode ser verificado nesse recorte.

### 3.4 PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO BRASIL

As pesquisas sobre atitudes linguísticas desenvolvidas no Brasil são relativamente recentes. Um dos primeiros trabalhos defendidos no país é a dissertação de Alves, *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia*, em 1979. A pesquisa de Alves (1979) constatou que migrantes nordestinos, domiciliados em São Paulo e com condições

socioeconômicas e culturais menos favorecidas, buscam reproduzir a variante da fala local, considerada como uma variante de prestígio linguístico, por enxergarem nela a possibilidade de conseguirem o respeito e a estima por parte dos indivíduos deste grupo.

Foram entrevistados 116 informantes do sexo masculino, de níveis socioeconômicos alto e baixo, advindos de Pernambuco e da Bahia, que viviam em São Paulo. Foram selecionados informantes entre 18 a 45 anos, que responderam ao questionário formado por perguntas abertas e fechadas e de avaliação das atitudes reveladas frente o estímulo de fala gravada. A autora demonstrou que os entrevistados de nível socioeconômico alto avaliaram positivamente a variedade linguística original, atribuindo fidelidade à variedade.

Segundo Alves (1979), essa fidelidade se concretiza pelo fato de os informantes não terem sofrido pressões econômicas violentas, ou seja, concebem sua fala como um sinal de valoração da própria identidade. Com relação aos informantes de nível socioeconômico baixo, manifestam, de maneira geral, atitudes positivas com relação ao falar paulista e expressam o desejo de falar como os paulistas, que, de acordo com os informantes, é mais *bonita, correta e adiantada* que sua própria variedade de origem.

Em 2006, a dissertação *Bilingüismo de dialeto italiano português: atitudes lingüísticas*, defendida por Bergamaschi, tratou das atitudes de falantes de uma região de colonização italiana no Rio Grande do Sul, em que se observava o uso de três variedades: português, dialeto italiano e um misto do português com o dialeto italiano. Para o desenvolvimento da pesquisa, a autora selecionou duas localidades: Galópolis (zona urbana) e Comunidade de Santo Antônio na Terceira Léguas (zona rural). Foram realizadas 24 entrevistas, entre homens e mulheres e em três faixas etárias, com escolaridade do fundamental incompleto ao superior incompleto. Na pesquisa, predominaram respostas mostrando o prestígio das variantes linguísticas estudadas: as variedades do dialeto italiano e do português com interferência do dialeto tinham o prestígio do português padrão. Os contextos de uso dessas variedades, no entanto, divergiam: em geral, o dialeto italiano era usado entre familiares, parentes, amigos e pessoas da localidade; mas, em presença de

desconhecidos ou de pessoas que não pertenciam à comunidade linguística, escolhia-se o português.

Botassini defendeu sua tese, intitulada *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*, em 2013, sob a orientação de Aguilera. O objetivo foi descrever as crenças e atitudes linguísticas de 48 informantes de três grupos dialetais (norte-paranaenses, gaúchos e cariocas), residentes nessa região há, pelo menos, oito anos. Os dados foram coletados por meio de conversação dirigida, com uma entrevista composta de cinco partes: narrativa, descrição, questionário fonético-fonológico, leitura e perguntas específicas para avaliar crenças e atitudes linguísticas, com o objetivo de avaliar a produção dos róticos em diferentes situações e graus de formalidade e identificar a avaliação que se fazia da produção de outros falantes. No primeiro caso, os resultados mostraram que: a) os informantes mudavam a variante rótica dependendo do grau de formalidade, sendo que as mulheres e os informantes de curso superior privilegiavam as variantes de maior *status*, e b) o rótico retroflexo apresentava intensa vitalidade, apesar de seu desprestígio. No segundo caso, entre os principais achados da autora, destacam-se: a) o prestígio da variedade gaúcha, avaliada positivamente por informantes dos três grupos; b) a lealdade dos cariocas em relação à sua própria variedade; e c) o desprestígio do dialeto norte-paranaense, considerado “caipira” até mesmo pelos próprios falantes (BOTASSINI, 2013).

Em 2016, Dalleaste defendeu a dissertação *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da língua e cultura italianas em Matelândia/PR*, em que investigou crenças e atitudes manifestadas por falantes italodescendentes, moradores de Matelândia, município situado na região Oeste do Paraná. O *corpus* da pesquisa é composto por entrevistas com dezoito informantes, selecionados de acordo com as variáveis sexo e faixa etária. Foi elaborado um questionário adaptado à realidade sociolinguística e cultural dos informantes, com a finalidade de verificar os componentes que formam as atitudes – cognoscitivo, afetivo e conativo – em relação à língua e cultura italiana. A pesquisadora analisou, por meio da avaliação dos fenômenos presentes na fala dos italodescendentes, o grau de preservação da identidade linguística dos falantes, em meio à variação e às mudanças ocorridas na fala local.

Em 2017, a tese *Crenças Linguísticas de descendentes de pomeranos em três localidades paranaenses*, defendida por Hitz, apresentou as crenças e atitudes linguísticas de descendentes pomeranos de três cidades paranaenses: Cidade Gaúcha, no Noroeste do Estado do Paraná, Marechal Cândido Rondon e Nova Santa Rosa, na região Oeste do Estado. A autora buscou ouvir as crenças e as atitudes linguísticas dos descendentes de migrantes pomeranos que vieram para o Paraná a partir de 1950, e se os entrevistados pomeranos refletem sua condição com relação ao próprio grupo étnico, migrantes do Rio Grande do Sul.

O *corpus* foi coletado com a aplicação de uma entrevista aplicada a oito informantes pomeranos de cada localidade, selecionados de acordo com as seguintes variáveis: a) duas gerações; b) os dois sexos, duas mulheres e dois homens de cada geração. A análise do *corpus* acolheu a abordagem mentalista, que compreende a atitude como uma ação comportamental de valoração positiva ou negativa, entendendo que a valoração maior é a crença, pois contém os três componentes que são associados à atitude: o cognitivo, o afetivo e o conativo. Os resultados demonstraram atitudes positivas de prestígio dos informantes em relação a sua língua étnica e um número bem reduzido de informantes com manifestações de preconceito fundadas em visões estereotipadas, culturalmente socializadas. As localidades apresentam diferenças nas manifestações entre uma e outra, pois cada uma apresenta fatores geográficos e sócio-históricos que interferem no uso ou abandono, ainda, da língua pomerana depois de quase dois séculos da imigração.

Desde 2009, diversos estudos foram realizados na área de crenças e atitudes Linguísticas. Para a pesquisa aqui desenvolvida, selecionaram-se trabalhos que contribuíram mais diretamente para as análises empreendidas no desenvolvimento desta dissertação.

Em 2010, Greize Alves da Silva-Poreli defendeu a dissertação *Crenças e Atitudes Linguísticas na Cidade de Pranchita-Pr: Um estudo das relações do português com línguas em contato*. O estudo analisou as crenças e atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Pranchita-PR. Foram coletados, por meio de entrevistas, dados sobre as crenças e atitudes a respeito da língua portuguesa e das variedades linguísticas e étnicas presentes na localidade, tais como alemães, italianos, poloneses e espanhóis. Foram analisadas

inclusive as atitudes dos moradores locais em relação ao país fronteiriço, Argentina, no que se refere à língua espanhola. Os resultados da pesquisa revelaram que não existe na localidade comportamento estritamente negativo em relação aos diferentes falares na cidade de Pranchita. A autora identificou, por outro lado, algumas atitudes positivas na localidade: apreço à língua dos ancestrais, o que revela desejo de pertencimento relacionado à etnia, isso sem rejeitar a língua e a cultura brasileira; atitudes muito positivas em relação ao país vizinho, Argentina, e ao seu idioma; crenças positivas quanto à língua portuguesa falada no Brasil, tida como a mais bonita dentre todas as citadas pelos informantes (italiano, alemão, espanhol, polonês). Foram verificadas, em Pranchita, crenças negativas relacionadas ao idioma alemão, pois os informantes relatam dificuldades em interagir com os alemães, uma vez que são reservados e a língua alemã é de difícil compreensão.

Em 2011, Pastorelli defendeu dissertação intitulada *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*, orientada por Aguilera, em que analisou os inquéritos dos informantes de Capanema, cidade localizada no Sudoeste do Paraná e na fronteira com a Argentina, nos quais observou a miscigenação intensa e constante de etnias e falares.

No que diz respeito aos falantes do espanhol, a autora verificou que a maior parte dos capanemenses manifestava atitude altamente positiva com relação aos argentinos. No caso da avaliação dos paraguaios, em muitos inquéritos, são vistos de maneira negativa, estereotipada, pelos informantes de Capanema, que alegaram diferenças linguísticas, culturais, além da condição desfavorável do Paraguai em relação ao desenvolvimento tecnológico e à educação como justificativa para o baixo prestígio a eles atribuído. Com relação aos alemães, os informantes revelaram que são um povo sério, bem organizado e que não revelam suas emoções. Já os italianos são vistos com bastante prestígio, no que se refere às relações de convivência, amizade, sendo descritos como espontâneos e divertidos.

Quanto às atitudes em relação às línguas em contato em Capanema, Pastorelli (2011) encontrou os seguintes resultados: a) na comparação das variedades faladas na localidade e na opinião sobre quem fala melhor, a língua portuguesa obteve mais da metade das respostas positivas, seguida da

italiana e da espanhola, línguas julgadas mais fáceis de entender, por serem mais próximas do português; b) o idioma espanhol foi eleito o mais bonito entre os demais, enquanto a língua alemã foi considerada feia, difícil ou esquisita, mas as justificativas mostraram que a motivação para essa resposta estava vinculada à dificuldade de compreensão do idioma; e c) todos, sem exceção, defenderam a inclusão de outras línguas na grade do ensino regular, especialmente o espanhol, que teve o maior número de indicações em virtude da proximidade de Capanema com a fronteira e, também, em razão da beleza da língua, segundo a crença manifestada pelos informantes.

Em 2012, Santana, defendeu a dissertação intitulada *Crenças e atitudes de falantes de Foz do Iguaçu*, sob orientação de Sella. A pesquisadora analisou como os falantes desenvolviam suas crenças e como procediam diante da fala de outra língua que não a sua. Dos 36 informantes de Foz do Iguaçu, a autora analisou dezessete questões dos inquéritos aplicados. Foram selecionados os conteúdos que possibilitavam a visualização das crenças produzidas pelos informantes quanto a falantes e línguas que estão em contato na região da tríplice fronteira. Para as análises, a pesquisadora identificou e classificou os vocábulos mais assíduos na descrição realizada pelos informantes a respeito de outros falantes, considerando esses vocábulos como condutores de atitude negativa ou positiva.

Santana (2012) constatou que os falantes reconhecem as línguas a partir da convivência com elas e as analisam a partir da construção de sua identidade. A forma como os informantes se posicionavam em relação a essas línguas e aos seus usuários estava sempre unida à(s) língua(s) com a(s) qual(is) se relacionou desde a infância, ou seja, os informantes sempre se baseavam na língua portuguesa para fazer juízos de valor. Isso se verifica nas muitas referências ao espanhol como a língua mais bonita e fácil de aprender e compreender, e às demais línguas, como árabe, chinesa ou japonesa, como as mais difíceis de aprender, feias, desinteressantes ou complicadas. A pesquisadora concluiu que o uso desses e de outros vocábulos que remetiam a tal condição estava vinculado à comparação que o informante fazia sempre entre a sua língua materna e a língua sob avaliação.

Em 2013, Any Lamb Fenner defendeu a tese *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste Paranaense*. A autora investigou as crenças e atitudes linguísticas de informantes das localidades de Guaíra e Marechal Cândido Rondon, região que apresenta histórico de povoamento de imigração e proximidade da fronteira com a Argentina e Paraguai, o que resulta em um cenário multicultural e multilíngue peculiar. O *corpus* advém de questionário dirigido a dezoito informantes de cada localidade, selecionados a partir das variáveis: nível de escolaridade, faixa etária e sexo. A autora investigou a existência de preconceito ou estigmatização em relação à língua de herança dos diferentes grupos étnicos, assim como em relação aos próprios usuários. A hipótese levantada pela autora foi a de que, em Marechal Cândido Rondon, haveria prestígio do dialeto dos descendentes de alemães, sentimento que não ocorreria em Guaíra, cidade com população mais heterogênea, formada por culturas diversas e marcada pelas relações de fronteira. A pesquisa analisou se as crenças e atitudes linguísticas se mostravam diferentes entre as duas comunidades. Após análise dos dados, a autora observou a presença de traços linguísticos típicos da fala do colonizador alemão (prestígio encoberto), em Marechal Cândido Rondon. Já em Guaíra, Fenner (2013) constatou a aceitação relativa à maioria dos grupos étnicos, especialmente os descendentes de japoneses. Outra característica aparente, de acordo com a autora, foi a interação com falantes de espanhol e guarani e o predomínio do uso do portunhol, uma variedade linguística de fronteira, que possibilita comunicação mais compreensível entre falantes de português e espanhol.

Também, em 2013, a tese intitulada *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*, defendida por Clarice Cristina Corbari, investigou as atitudes linguísticas por falantes de duas localidades paranaenses: Santo Antônio do Sudoeste, situada na região Sudoeste, na fronteira com a Argentina, e Irati, localizada na região Sudeste. Devido às realidades sócio-históricas dos contextos, a pesquisadora investigou a possibilidade de as línguas em contato gerarem atitudes linguísticas diferenciadas nas duas comunidades. Os dados foram gerados por meio de entrevistas com dezoito informantes em cada localidade, selecionados de acordo com as variáveis: faixa etária, nível de escolaridade e

sexo. A autora apontou resultados que indicam atitudes positivas dos informantes em relação às línguas e aos seus falantes em ambas as comunidades. Contudo, uma parcela pequena dos informantes apresentou manifestações de preconceitos fundadas em visões estereotipadas, culturalmente construídas, ou mediadas por questões de identidade.

Em 2019, Sella, Corbari e Aguilera publicaram o livro *Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato – Contatos linguísticos no Paraná*. A obra retrata, principalmente, contribuições do Projeto CAL para os estudos linguísticos, e reflexões de valorização sobre a cultura de fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai. Desse modo, questões de ordem geográfica dão visibilidade para a complexidade das relações cotidianas, o que sensibiliza o pesquisador para noções das correntes teóricas.

A obra se constitui em uma das contribuições teórico-metodológicas mais relevantes, na contemporaneidade, para a área, dada a originalidade temática e a escassez de bibliografia sobre o assunto, além de subsidiar reflexões importantes sobre a vivência intercultural das regiões Oeste e Sudoeste do Paraná. Sua contribuição para a atualização dos pesquisadores nacionais e internacionais é de alta relevância, uma vez que os dados apresentados problematizam a realidade linguística das regiões de contato e de fronteira.

Na próxima seção, apresenta-se os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa, a seleção dos informantes e o contato com a localidade selecionada.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta seção é destinada à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, que incluem sondagem nos inquiridos de falantes de Capanema, com o objetivo de selecionar as perguntas que motivaram comentários sobre as variedades linguísticas com as quais os informantes têm contato. Os dados previamente coletados por Aguilera (2009) e sua equipe renderam material para questões que podem elucidar as relações sociais presentes em localidades do Paraná, inclusive aquelas relacionadas com prestígio e desprestígio.

### 4.1 TIPO DE PESQUISA

A abordagem utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa é qualitativa, tendo em vista que esse tipo de pesquisa

[...] implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

No que se refere à perspectiva metodológica, caracteriza-se como interpretativista, por considerar o conhecimento a partir da compreensão das situações estudadas em sua multiplicidade. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2008) pondera que a pesquisa interpretativista é derivada de caráter qualitativo, uma vez que “[...] provém da tradição epistemológica conhecida como interpretativista” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 10). Conforme a autora, a abordagem qualitativa é dotada da característica interpretativista, dado que centra seus postulados em práticas sociais. Sob esse viés, portanto, “[...] não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32).

A obtenção do material objeto de análise provém do *Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de*

*contato* (AGUILERA, 2009), que coletou dados *in loco* em oito municípios fronteiriços ao Paraguai e à Argentina – Foz do Iguaçu, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon e Guaíra – e em dois municípios situados na região central do Estado – Irati e Ponta Grossa.

## 4.2 HISTÓRICO DO CAL

O CAL foi desenvolvido pela professora Vanderci de Andrade Aguilera, juntamente com uma equipe de colaboradores de outras universidades estaduais do Paraná, nos anos de 2008 e 2009.

Na elaboração do CAL, considerou-se que

[...] a região de fronteira, palco de intenso movimento de imigração e migração, suscita a todo instante, numa realidade visível e audível, trocas linguísticas e culturais. A estreita vizinhança, somada ao contexto dinâmico de interação cultural, registrava, porém, uma carência de pesquisas linguísticas sobre os reflexos que os contatos linguísticos de dezenas de línguas projetavam sobre o que pensam e sentem os falantes brasileiros. Somamos a isso o fato de cerca de 30 línguas de imigração serem faladas em nosso país e uma dezena delas, pelo menos, faladas e ouvidas em nosso Estado, principalmente nas regiões Sul, Oeste e Sudoeste paranaenses, em que dezenove municípios fazem fronteira com o Paraguai e a Argentina, e têm a sua história contada pelos descendentes de paraguaios, argentinos, guaranis, alemães, poloneses, italianos, ucranianos, libaneses, chineses, coreanos, entre outros (AGUILERA, 2009, p. 3).

Aguilera (2009) destaca os critérios segundo os quais as localidades foram selecionadas: (i) fazer fronteira com o Paraná; (ii) ser uma localidade de contatos linguísticos e intercâmbios comerciais e culturais regulares; (iii) ter uma população formada por autóctones (brasileiros) e alóctones (imigrantes, migrantes); (iv) haver uma distância de aproximadamente 50 quilômetros entre cada uma delas.

As entrevistas foram compostas, na época da coleta de dados, em 2008, considerando as seguintes variáveis: a) três faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos e 51 a 70 anos; b) três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior; e c) os dois sexos. Essas entrevistas,

gravadas e transcritas, juntamente com o material respectivo das outras localidades formaram a base de dados do CAL.

A entrevista aplicada compôs-se de um questionário elaborado com base em critérios próprios de pesquisa dessa natureza, adaptados à realidade sociolinguística e cultural da comunidade investigada, com perguntas específicas para avaliar atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português (e aos seus falantes), conforme anuncia Aguilera (2009).

Sobre o *corpus*, é importante destacar que, na cidade de Foz do Iguaçu, foram entrevistados 36 informantes devido ao número de habitantes da cidade, diferentemente do que ocorreu com as outras cidades participantes do Projeto, em que o total foi de dezoito informantes. Em Foz do Iguaçu, foram selecionados dois informantes para cada uma das células, por se tratar de uma das localidades mais multiculturais do Brasil, onde convivem dezenas de grupos étnicos, como italianos, alemães, hispânicos (argentinos e paraguaios), chineses, ucranianos, japoneses e libaneses – estes fazem parte, na localidade, da segunda maior comunidade libanesa do Brasil.

Recorreu-se a questionário dirigido, com questões sobre a língua do falante, a interação com o outro, a maneira como ele vê o outro e as línguas faladas na cidade. Os informantes foram assim distribuídos, de acordo com o CAL: seis informantes com escolaridade, completa ou incompleta, correspondente ao Fundamental; seis, ao nível Médio; e seis, ao nível Universitário ou Superior. Quanto às faixas etárias, selecionaram-se, também, seis informantes em cada um dos três grupos etários: I – de 18 a 30 anos, II – de 31 a 50 anos, III – de 51 a 70 anos. Quanto ao sexo, foram selecionados nove homens e nove mulheres (AGUILERA, 2009).

#### 4.3 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

A base metodológica das pesquisas sobre atitudes linguísticas pautou-se nos estudos desenvolvidos a partir do Projeto CAL, e na observação do áudio e da transcrição dos inquéritos coletados em Capanema, pelo CAL, em um total de dezoito entrevistas. As variáveis determinam, em parte, as análises, uma vez que são base para a seleção das respostas sobre o falar

diferente, a partir dos três componentes atitudinais<sup>8</sup>, que indicam a situação de contato linguístico em uma região de fronteira e de colonização alemã e italiana.

A teoria mentalista, que serve de base para esta dissertação, foi utilizada em várias pesquisas decorrentes do CAL, nas quais se identificam subsídios para verificação do comportamento verbal dos informantes, e é também referência para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para o desenvolvimento das análises, as questões foram agrupadas em três partes: relativas ao espanhol, ao português e às demais variedades, de acordo com o que se buscou obter dos informantes. A pesquisa segue orientações de Moreno Fernández (1998), teoria mais afeta a separar o que está relacionado ao afetivo, ao cognoscitivo e ao conativo, de tal forma que se possa avaliar distintamente os componentes correlatos.

Optou-se por seguir orientações de Corbari (2019), que recorre ao termo *variedade* nas reflexões que tece sobre os inquéritos coletados pelo CAL. A autora participou do projeto e desenvolveu a pesquisa *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. Por vezes, as expressões *falar espanhol*, *falar espanhol argentino*, *português padrão* e *falar dos colonizadores* apareceram, o que instigou um olhar mais detido nesses fenômenos. Portanto, utilizam-se tais expressões em referência aos objetos de análise. Assim, quando se trata da discussão em si, e, principalmente, no capítulo de análises, utiliza-se o vocábulo *variedade*.

Corbari (2019) observa que, nos dados do CAL, é possível observar índices dos três componentes. A autora apresenta recortes em que é possível verificar o processo de socialização das atitudes linguísticas para medir prestígio ou mesmo desprestígio com relação não só ao falar, mas também a própria forma como os falantes concebem sua fala e a fala diferente.

A autora, a partir do recorte disposto na sequência, explica que avaliações subjetivas podem estar direcionadas para uma disponibilidade para lidar com certos estímulos, e que as perguntas do CAL foram projetadas para que fosse acionada dada prontidão para ação ou reação dos informantes.

---

<sup>8</sup> A expressão “componentes atitudinais” foi utilizada nas análises empreendidas nesta dissertação conforme discutida por Corbari (2013).

(26) INQ.- E o espanhol, você acha feio ou bonito?  
INF.- Maravilhoso. Quero... já quero fazer um curso de espanhol, quero, sim.  
INQ.- E o alemão, feio ou bonito?  
INF.- Esquisito, na minha... eu acho [risos].  
INQ.- E o italiano?  
INF.- O italiano, eu também acho muito lindo, gosto muito. (Inf. 10 – Santo Antônio do Sudoeste) (CORBARI, 2019, p. 70).

Conforme expõe Corbari (2019), tanto o componente afetivo quanto o conativo atuam no sentido de expor as avaliações do informante. Para a autora, tanto o afetivo (*...maravilhoso, muito lindo...*) quanto o conativo (*...já quero fazer um curso de espanhol...*) foram acionados para a constituição da resposta, motivada de forma direta pela pergunta.

Como os objetivos desta pesquisa estão voltados para os recortes em que sejam identificados os três componentes diretamente relacionados com a variedade diferente, foi necessário agrupar os recortes em três partes: variedade do espanhol, português formal e demais variedades que constituíram a colonização da localidade. Corbari (2013) também procedeu a um agrupamento de recortes ao considerar pensamentos e crenças (cognoscitivo); sentimentos e emoções (afetivo); e tendências de reação (conativo), considerando também o aspecto social. Durante a leitura de todos os inquéritos, cinco se mostraram representativos para os objetivos desta pesquisa, totalizando dezesseis trechos de análise. Neles, foram recorrentes respostas sobre o português formal, sobre o espanhol falado na fronteira e sobre as demais variedades que caracterizam a colonização da localidade. Observou-se que uma mesma resposta acomoda mais de um índice de atitudes, considerados para análise neste trabalho.

Os informantes foram selecionados de maneira que representassem uma amostra significativa dos índices sob análise. A princípio, não se buscava contemplar as variáveis do CAL, faixa etária, sexo e escolaridade, mas, ao final da seleção dos dezoito inquéritos verificados, foram escolhidos cinco inquéritos que contemplavam os requisitos para esta pesquisa, que são: índices atitudinais referentes a variedade do espanhol, a variedade do português e das demais variedades presentes na localidade sob análise. Os informantes foram assim distribuídos: três homens e três mulheres, sendo um

com escolaridade fundamental, um com médio e um com superior. Em relação à faixa etária, os informantes selecionados pertencem ao grupo etário I, de 18 a 30 anos.

Algumas respostas mostraram pouca modificação da variedade em função do contato linguístico, tais como alternância de código e sotaque. A ida a Capanema no período de junho de 2018 mostrou que o fluxo de fronteira pareceu estar vinculado a falantes com certo poder aquisitivo, o que poderia explicar a ausência de fenômenos linguísticos característicos de contato linguístico. Essa visita confirmou o perfil das atitudes linguísticas com relação a variedade do espanhol. Conversas informais com a população e a verificação *in loco* da fronteira demonstraram um fluxo migratório direcionado para uma classe social com poder aquisitivo suficiente para obtenção de carro. Embora se trate de fronteira seca, não foi constatado tráfego de ônibus circulares ou mesmo de conduções que indicassem intensa rotatividade de argentinos e de brasileiros nos dois lados da fronteira. Também se verificou um respeito às tradições e aos antigos colonizadores, o que pode ser observado na arquitetura da cidade, conforme a Figura 2.

**Figura 2** – Monumento aos pioneiros de Capanema



Fonte: Arquivo pessoal de Sella e Pizzatto (2018)

A figura demonstra um monumento representado por três estátuas: “um homem com uma enxada, um homem a cavalo e uma mulher fazendo alusão ao plantio de sementes” (SCHLINDWEIN, 2016, p. 69), que representam o pioneirismo como elemento de identidade e uma homenagem aos pioneiros da cidade, com a seguinte legenda: “os valores trazidos por seus pioneiros são os alicerces do povo capanemense: fé, força, trabalho, esperança. Aos heróis anônimos se deve a Capanema atual” (SCHLINDWEIN, 2016, p. 69).

Destaca-se que os encaminhamentos metodológicos desta pesquisa seguem a proposta de Corbari (2013), uma vez que se propõe, a partir do questionário aplicado pelo CAL, o agrupamento das perguntas em seis blocos. Cada um desses blocos contempla os três índices, que atuam na constituição de atitudes com relação às línguas ou variedade e aos seus falantes. São eles:

Bloco 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do informante; [...] Bloco 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade; [...] Bloco 3: Pensamentos e crenças a respeito do comportamento social dos falantes e da conveniência ou não do uso em público e do ensino das línguas faladas na localidade; [...] Bloco 4: Descrição e avaliação do círculo de amizades do informante; [...] Bloco 5: Avaliação das línguas e de seus falantes pelo informante; [...] Bloco 6: Identificação das tendências de reação do informante (CORBARI, 2013, p. 96-98).

Os blocos retratam não só a situação de bilinguismo das diferentes comunidades, mas também o índice afetivo (sentimentos e emoções), cognoscitivo (pensamentos e crenças) e comportamental em relação às variedades linguísticas e/ou a seus falantes (tendências de reação).

Conforme já anunciado, e, considerando a necessidade de delimitar o recorte da pesquisa, das dezoito entrevistas, foram selecionadas cinco mais representativas para os objetivos traçados, ou seja, que contemplam as manifestações de atitudes linguísticas, o valor social atribuído pelo falante à sua variedade e à variedade do outro e em que medida existe desprestígio linguístico quanto ao uso do falar espanhol.

Devido a isso, quando foi necessário, buscou-se reflexões em pesquisas ocorridas principalmente em Capanema, conforme pode ser

verificado em Pastorelli (2011). De acordo com a autora, as entrevistas realizadas por meio do CAL seguiram um roteiro, com o objetivo de agregar informações sobre o modo de convivência dos falantes com o falar diferente.

Na sequência, apresenta-se um esquema resumido do perfil dos cinco informantes selecionados (itens I a IX), considerando as seguintes informações: a) sexo informado em letras maiúsculas 'M' (masculino) e 'F' (feminino); b) escolaridade, letras minúsculas: 'f' (fundamental), 'm' (médio) e 's' (superior); e c) para a faixa etária, algarismos '1' (faixa etária 1), '2' (faixa etária 2) e '3' (faixa etária 3). Assim sendo, por exemplo, o informante 1 é representado pela sigla 'Mf1', trata-se de homem de escolaridade fundamental, da faixa etária 1 (18 a 30 anos). O esquema serve para balizar as análises, uma vez que retrata variáveis que não foram consideradas nas observações das falas (ANEXO A).

Essas variáveis servem para ilustrar que os falantes de Capanema tecem atitudes que podem, pontualmente, vincular-se às variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade, embora essas variáveis não sejam o foco das análises empreendidas.

Ressalta-se, ainda, que, para esta pesquisa, optou-se por utilizar o termo *variedade*, conforme apontamentos de Corbari (2019). Destaca-se que o termo *língua* é mantido nas falas dos informantes, tendo em vista que foi esse o termo utilizado nas perguntas elaboradas para o questionário. Esse uso, na elaboração do material do CAL, justifica-se pela hipótese lançada de que a utilização de outras expressões (como *variedade*) poderia confundir os informantes.

## 5 ANÁLISE DOS INQUÉRITOS DE CAPANEMA

Conforme já anunciado, as perguntas e respostas que representam formas como os informantes concebem diferentes variedades foram observadas a partir de três direcionamentos: sobre o espanhol falado na fronteira; sobre o português formal; e sobre as demais variedades que caracterizaram a colonização da localidade.

Manteve-se a numeração de cada pergunta/resposta, conforme questionário CAL, a fim de que houvesse certa facilidade de consulta para futuras pesquisas. Ressalta-se, considerando enfoque afeto às respostas sobre o falar diferente, que uma mesma pergunta/resposta foi utilizada mais de uma vez.

Para que as análises realizadas sejam entendidas, selecionaram-se as perguntas e respectivas respostas, com o intuito de observar como as atitudes linguísticas acionam os três índices atitudinais. Destaca-se, ainda, que optou-se por denominar *trecho* a porção de par pergunta/resposta que ilustra os índices atitudinais relativos a cada subseção em tela.

### 5.1 ÍNDICES ATITUDINAIS PRESENTES NAS FALAS DOS INFORMANTES EM RELAÇÃO À VARIEDADE DO ESPANHOL

Esta subseção se refere às questões relativas à variedade do espanhol e contempla as manifestações linguísticas, o valor social atribuído ao falar do outro e em que medida pode ser identificado prestígio e desprestígio quanto ao seu uso.

No trecho a seguir, verifica-se que o inquiridor, ao realizar a pergunta *quem você acha que fala melhor*, compara os falares que ele ouve.

Trecho 1

Inf.01 Mf1

#### **Pergunta 11**

01. INQ.- É, e comparando essas línguas que você ouve então, o

02. argentino, o paraguaio, o italiano, o alemão, **quem você acha que**

**03. fala melhor?**

04. INF.- **Para a gente entender?**

05. INQ.- É, assim, o que você acha a língua melhor, você compreende

- 06. melhor...
- 07. INF.- O argentino.
- 08. INQ.- O argentino?
- 09. INF.- Fala espanhol né.
- 10. INQ.- Mas por quê?
- 11. INF.- **Ah, é mais fácil, tipo se parece mais com a gente, se prestar**
- 12. **atenção você entende o que ele está te falando. E tem muita coisa**
- 13. **que é parecida a pronúncia. É fácil né.**

Nas linhas 01 a 03, o inquiridor manifesta o índice cognoscitivo, uma vez que pede ao informante que reflita sobre as variedades da localidade. Verifica-se que o informante, ao ser questionado, fica em dúvida com relação ao que o inquiridor se refere: se é para entender o que o outro está falando e na sequência revela que o argentino é o idioma que fala melhor. Entre as linhas 11 a 13, nota-se que o informante revela consciência em relação ao falar espanhol.

Na linha 11, *é mais fácil* aciona os índices cognoscitivo e afetivo em relação ao falar espanhol, já que o informante expressa que o espanhol é parecido com o português. Quando destaca que a pronúncia é parecida, aciona mais uma vez o índice cognoscitivo. Verifica-se o índice cognoscitivo, na linha 13, quando o informante expressa *É fácil* e utiliza o marcador discursivo *né*, revela sua crença de que a variedade do espanhol argentino é mais fácil de se entender. O informante não só reconhece a semelhança entre as línguas, mas também busca o assentimento do inquiridor e procura manter aberto o canal comunicativo.

No trecho seguinte, o informante 13 declara que há contato com falantes do espanhol em Capanema.

Trecho 02

Inf. 13 Mm1

**Pergunta 07**

- 01. INQ.- Ahan, tá, e tem pessoas que **falam espanhol aqui** também,
- 02. professor?
- 03. INF.- **Sim tem, mas eu acredito** que um pouco, **um número mesmo**
- 04. **bastante menor**, mesmo que nós fazemos aqui fronteira né, com o
- 05. município, vizinho aqui com a Argentina, **então vejo assim** os que falam 06. foi **devido à influência, pela Argentina ser próxima né, ser fronteira** 07. com nosso município.
- 08. INQ.- E tem poucos, professor?
- 09. INF.- Sim, acredito que sim.

10. INQ.- Interessante isso né, **e está tão perto, né?**
11. INF.- Sim, por ser **bastante próximo né**, na verdade os que falam,
12. acredito que serem influenciados principalmente pelo comércio né,
13. entre os dois municípios aqui né, Capanema e Andresito. Do lado da
14. Argentina.

Nesse recorte, o índice cognoscitivo revela-se na expressão *bastante próximo* e no uso reiterado de *né*, na busca por assentimento. Ainda os modalizadores *na verdade*, *acredito que* indicam convicções e argumentos.

Na linha 03, após o *mas*, o informante revela que, apesar de a cidade de Capanema ser fronteira, existe um número reduzido de falantes do espanhol. Utiliza-se, ainda, do *mas* para marcar ressalva, e do modalizador *eu acredito que* como marca para demonstrar probabilidade sobre existir um *número mesmo bastante menor* de falantes do espanhol na cidade. Dessa forma, verifica-se o índice cognoscitivo em sua resposta pelas relações comerciais, que parecem restritas a argentinos de certo poder aquisitivo. Ressalta-se que a visita à cidade de Capanema possibilitou a observação de um fluxo reduzido na fronteira, o que explicaria o estágio atual de contato linguístico, diferentemente do que ocorre na fronteira do Brasil com o Paraguai.

Na sequência, ao utilizar *então vejo assim*, o *então* aparece como um operador argumentativo que aponta para uma conclusão do informante sobre a influência da cidade vizinha de fronteira, na Argentina.

O interesse em aprender espanhol, de acordo com o informante, está voltado às atividades no comércio, revela a crença, o índice cognitivo, ou seja o que ele conhece do comportamento das pessoas, pois o conhecimento da variedade facilitaria a comunicação com os clientes argentinos, que acabam se expressando muitas vezes por meio de gestos, a fim de serem entendidos. Manifesta, então, o índice conativo, visto que há uma conduta em relação a compartilhar experiências e conhecimentos com os falantes vizinhos, desencadeando uma resposta favorável ao objeto atitudinal. Na verdade, não revela a própria tendência de reação, mas “descreve” o comportamento das pessoas ligadas ao comércio. O conhecimento do espanhol é justificado pela localização da cidade e pelo convívio com hispanofalantes da fronteira.

No trecho a seguir, a informante 14 reflete sobre a questão de a fronteira ser um diferencial no aprendizado do espanhol na cidade. De acordo com ela, os brasileiros se beneficiam muito com essa proximidade, e a informante se posiciona de forma positiva quanto ao falar espanhol.

Trecho 03

Inf. 14 Fs1

**Pergunta 25**

01. INQ.- É, você gostaria de aprender a falar outras línguas?

02. INF.- Com certeza. [...] **inglês. Italiano. Hum... espanhol também.**

03. INQ.- Uhun. E por que essa língua?

04. INF.- **Espanhol pela quantidade grande que temos aqui ao redor né, 05. de castelhanos...**

06. INQ.- Uhun.

07. INF.- **Mais uma vez eu digo que os brasileiros se beneficiam muito** 08. aqui em Capanema de espanhol, **por isso que eu adoro. Adoro**

09. **mesmo.**

Nesse trecho, são revelados os índices conativo e cognoscitivo. Os interesses locais, ou seja, os benefícios que os brasileiros obtêm com essa proximidade da fronteira reforçam o prestígio dado ao contato com o espanhol. Na linha 04, a informante manifesta a consciência de que está em cidade próxima de outro país, e ainda de que Capanema ativa sua economia com a presença dos argentinos.

O índice cognoscitivo se reflete na percepção que a informante tem sobre a variedade do outro, e na importância desta no dia a dia da comunidade; o afetivo, na valoração em relação à variedade, o que fica exemplificado na linha 08, em *por isso que eu adoro. Adoro mesmo*, ou seja, reforça o prestígio, devido ao fato de os capanemenses serem beneficiados por terem contato com a variedade do espanhol. O índice conativo pode ser identificado na finalidade de comunicação e interação que a informante revela os benefícios da interação.

A informante expressa também que gostaria de aprender o espanhol, demonstrando o seu interesse pelo idioma e revelando, assim, o índice conativo. É motivada pela localização geográfica de Capanema, que faz fronteira com Andresito (Argentina). O índice cognoscitivo, verifica-se em como a informante reflete a sua percepção a respeito da(s) própria(s)

variedade(s) e das demais variedades coexistentes nas localidades pesquisadas.

O trecho seguinte serve para confirmar como os falantes capanemenses têm consciência do contato linguístico que vivenciam no cotidiano.

Trecho 04

Inf. 14 Fs1

**Pergunta 05**

01. INQ.- Aqui em Capanema, quais que são os idiomas que você percebe 02. além do português?

03. INF.- A diferença...

04. INQ.- As pessoas que moram ou que vivem aqui...

05. INF.- **Valoriza muito o espanhol.** Tem o **costume** de várias línguas, no 06. final, **tem o sotaque...** é... e **até** uma **mistura com o castelhano né.** 07. Por causa da **Argentina.**

Observa-se que, na linha 05, a informante utiliza o termo *costume*, a demonstrar como se fosse algo “corriqueiro”. Quando a informante declara o que consta das linhas 05 a 07, denota que os moradores da cidade veem de forma positiva o fato de presenciarem diferentes variedades, e essa diferença reflete-se de forma positiva na convivência diária entre os indivíduos. As expressões *tem o costume de várias línguas*, *sotaque*, *mistura com o castelhano* revelam o índice cognoscitivo.

O operador argumentativo *até* e o termo *mistura* indicam que há trocas linguísticas. Retrata acionamento dos índices cognoscitivo e afetivo, uma vez que se trata de avaliação decorrente do convívio cultural, e da consciência de contato linguístico. O uso desse operador demarca escala argumentativa que acena para um contato linguístico praticamente consolidado pelas relações de fronteira.

De forma geral, as análises demonstraram que os informantes selecionados prestigiam o falar espanhol, atribuindo-lhe características positivas, seja para demonstrar interesse em aprender a língua, seja para compará-la a outras variedades e a do próprio informante.

## 5.2 ÍNDICES ATITUDINAIS PRESENTES NAS FALAS DOS INFORMANTES EM RELAÇÃO À VARIEDADE DO PORTUGUÊS

Nesta subseção, apresenta-se a análise sobre as atitudes linguísticas dos informantes com relação ao falar português. Como já foi anunciado anteriormente, essa questão surgiu durante a investigação das respostas e não estava prevista.

No trecho a seguir, verifica-se que o informante se posiciona com relação ao falar português.

Trecho 05

Inf.01 Mf1

**Pergunta 18**

01. INQ.- Na sua opinião, falam melhor aquelas pessoas que falam a

02. língua portuguesa ou as que falam essas línguas estrangeiras?

03. Quem você acha que se comunica melhor, que fala melhor?

04. INF.- **Eu acho que** o português **né**.

05. INQ.- O português? Por quê?

06. INF.- **Ah, porque é mais fácil de entender, para mim pelo menos é.**

07. INQ.- Ahan. **Mas assim**, mesmo sem entender, o que você acha,

08. quem você acha que se comunica melhor? Seria o português

09. mesmo?

10. INF.- **É.**

11. INQ.- Ah tá.

Nas linhas 01 a 03, a pergunta, tal qual projetada no questionário e reorganizada pelo inquiridor, movimenta respostas que possam conter indícios do cognoscitivo relacionado ao português e *essas línguas estrangeiras*. Porém, com relação ao português, indica-se a comparação com as outras variedades. Dessa forma, orienta-se o informante a se posicionar, tanto em termos do *falar* quanto em termos do *comunicar*, o que gera a necessidade de modalização na resposta, como é possível verificar no uso das expressões que aparecem nas linhas 04 e 06. Em *acho que*, *né* e *Ah porque*, é acionado o índice cognoscitivo, o que decorre do próprio encaminhamento dado pelo inquiridor para a resposta esperada. Some-se a expressão *mais fácil de entendê* como índice cognoscitivo.

Já em *mais fácil, pra mim pelo menos*, nota-se que são acionados o cognoscitivo e o conativo, pois o informante avalia sua relação com o uso da variedade e especifica que se trata de uma posição individual, que avaliou o uso da variedade na sua experiência de contato linguístico. O modalizador *acho que* demonstra posicionamento de baixo engajamento, o que pode ser positivo frente à pergunta, e não gerar exposição da face. O marcador

discurso *né* movimenta assentimento para o inquiridor, o que demonstra busca pela adesão. Na linha 06, *Ah porque* é acionado para revelar certo entendimento sobre o português e representa colaboração do informante. O modalizador epistêmico *pelo menos pra mim* representa que o informante preserva sua face, uma vez que outros falantes podem não ter a mesma opinião.

Com relação ao próximo trecho, verifica-se que os três índices atitudinais são manifestados.

Trecho 06

Inf. 07 Mm1

**Pergunta 18**

01. INQ.- Uhun. Falam melhor os que falam o português ou os

02. que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?

03. INF.- **As línguas estrangeiras.**

04. INQ.- Você acha que eles falam melhor?

05. INF.- Sim.

06. INQ.- Por quê?

07. INF.- Porque assim, em português ... **ninguém**, é difícil

08. **alguém** que fale o português correto mesmo, porque

09. **qualquer, que é uma língua cheia de coisa, cheia de,**

10. **derivados e tal** ... então acho que eles falam a língua,

11. talvez por **ser uma língua menos complexa, eles falam**

12. **melhor**. Ahan. Já o **português é difícil encontrar quem**

13. **fale**, tem, tem, por exemplo, **popular, que é muito mal**

14. **falado** ... acho que eles falam melhor, do que o **brasileiro**.

Na linha 03, ao afirmar que os estrangeiros falam melhor, o informante revela o índice cognoscitivo a partir de duas crenças: a primeira relativa ao português (refere-se ao português padrão), que não domina (e poucos dominam), e a outra referente a um falar estrangeiro (que o informante concebe como um falar sem variação). Neste último caso, despertou certa surpresa o informante estabelecer prestígio ao falar estrangeiro por sugerir que nele não há variação linguística. Os usos dos pronomes indefinidos, na resposta como um todo, explicitam que o informante reconhece que não fala o português padrão.

O uso de *ninguém*, como afirmação absoluta, sobre o que pensa a respeito de as pessoas falarem o português correto, manifesta o índice cognoscitivo, decorrente, provavelmente, da sua experiência linguística na comunidade. Na linha 11, verifica-se indício do cognoscitivo por meio da expressão *é difícil encontrar quem fale*, que demonstra distanciamento geral

com relação ao português padrão; explica ainda que se trata de uma língua complexa e ampla. Acredita que nas demais variedades são homogêneas, o que torna, nesse seu entendimento, essas línguas mais práticas e simples. Isso explicaria a crença de que os falantes de línguas estrangeiras fariam melhor do que os brasileiros.

Observa-se que as expressões *talvez por, tem...tem, por exemplo, menos complexa* manifestam o índice cognoscitivo, e revelam que o informante tece a resposta de forma a mostrar prestígio para a língua estrangeira. Ou seja, as línguas estrangeiras não sofreriam variação, mas o português é considerado nos meandros da variação.

O uso dos pronomes *ninguém/alguém/qualquer* demonstra que o informante está preocupado com a preservação da sua face. Essa estratégia linguística sugere que está sendo revelado o índice cognoscitivo. Ao utilizar a expressão *é difícil*, além do cognoscitivo, identifica-se o acionamento do afetivo, uma vez que pode representar as experiências que geram a valorização da variedade em questão, uma avaliação. A expressão *o português correto mesmo* reforça a ideia de valorização do português padrão, ensinado nas escolas, e que se trata do índice cognoscitivo. Essa interpretação pode ser estendida para as expressões *língua cheia de coisa, cheia de derivados e tal*, uma vez que anuncia crenças sobre o português padrão e sobre a experiência do informante com relação a essa variedade. Provavelmente, essa crença esteja relacionada de forma mais direta com a escola.

Por outro lado, ao se referir às variedades estrangeiras, considera-se que as expressões *uma língua menos complexa, eles falem melhor/eles falam melhor, do que o brasileiro* indicam valorização e o conhecimento do informante que convive em situação de contato linguístico. Então, pode-se dizer que os índices cognoscitivo e afetivo foram manifestados para a formulação da resposta. O informante, ao usar a expressão *popular, que é muito mal falado*, reafirma a distinção que faz entre o português padrão e o português falado na sua comunidade. Portanto, são verificados os índices afetivo e cognoscitivo.

Nas linhas 07 a 14, há questionamento com relação ao desprestígio do português falado pelo informante. É possível que essa crença de que *português é difícil* esteja acentuada por se tratar de um contexto de fronteira, em que o contato direto com o falante de outra variedade linguística pode

gerar a impressão de que a variedade do outro é mais fácil e falada de maneira mais próxima ao padrão do que a própria variedade do informante.

No trecho seguinte, a informante preserva sua face quando expressa, na linha 04, *Ficou mais difícil né*. Essa expressão indica valoração da língua e, ao mesmo tempo, preserva a face da informante frente à resposta acionada.

Trecho 07

Inf. 08 Fm1

**Pergunta 08**

01. INQ.- E você **acha assim**, que falam melhor as pessoas
02. que falam o português ou as pessoas que falam essas outras línguas
03. estrangeiras? O que você acha?
04. INF.- **Ficou mais difícil né, tem pessoas que falam**
05. **português só que né**, tem muitos... quase assim que,
06. **que fala errado tal né**, então como tu pega assim da
07. pessoa né, do, do lugar que ela, **por exemplo que os**
08. **argentinos**, eles, eles **eu acho que eles falam muito bem**
09. **né**, a língua deles.

A informante manifesta a crença de que *falar bem* é obedecer à norma padrão. Identifica-se o índice cognoscitivo novamente, o que está sistematizado, por exemplo, pelo modalizador *Eu acho que*, na linha 08, que expressa avaliação sobre o conteúdo proposicional como quase certo, como uma hipótese pessoal. Para a informante, os argentinos falam muito bem, o que expressa uma avaliação positiva sobre a variedade do outro. Nesse caso, o índice cognoscitivo está explícito, e é possível pensar no afetivo, uma vez que a expressão *falam muito bem* pode indicar deferência, por exemplo.

No trecho seguinte, a informante, ao ser questionada sobre quem fala pior, novamente busca a preservação da sua face:

Trecho 08

Inf. 08 Fm1

**Pergunta 12**

01. INQ.- Hum. E quem você acha que fala pior?
02. INF.- **Pior... sei lá, assim que fala, que fala pior, num posso dizer...**
03. **até gente que fala português né, muitos, muitas pessoas até a**
04. **gente às vezes num fala corretamente como, como né, como deve**
05. **ser mesmo.**

Toda a resposta, da linha 01 à 05, demonstra esforço para a preservação da face<sup>9</sup>, como se a informante não quisesse afirmar que ninguém fala pior, possivelmente por não querer desprestigiar a variedade do outro ou por não querer se expor frente ao inquiridor, demonstrando sua preocupação em não diminuir nenhuma delas e preservando sua face.

Observa-se que o índice cognoscitivo é revelado pela crença de que o uso gramatical correto e incorreto orienta sobre quem fala pior. Quando a informante afirma *até a gente às vezes num fala corretamente*, está se referindo ou aos falares regionais do português, que fogem do modelo idealizado de *língua correta* ou à noção de *certo e errado*, tão difundida pela escola e pelos meios de comunicação.

Na linha 02, há planejamento para preservação da face e tentativa de não responder objetivamente. Nas linhas 03 a 05, as expressões *até, né..., até..., às vezes..., né..., mesmo...*, são utilizadas como planejamento para relativizar a resposta. E, nessas mesmas linhas, *gente, que, muitas, muitas pessoas*, indicam generalizações ou demonstram um cuidado ao responder.

Com relação ao português falado na localidade, em geral, os informantes demonstraram certo desprestígio, por considerar que a variedade portuguesa de prestígio é a padrão, que se distancia da variedade falada em Capanema. Assim, houve acionamento tanto do cognoscitivo como do afetivo para descrever como se processa o falar português na localidade.

### 5.3 ÍNDICES ATITUDINAIS PRESENTES NAS FALAS DOS INFORMANTES EM RELAÇÃO À VARIEDADE DAS DEMAIS LÍNGUAS

Nesta subseção, apresentam-se os trechos relativos às variedades decorrentes de línguas de herança, notadamente citadas nas falas de quase todos os informantes: alemão e italiano. Busca-se verificar como os informantes reconhecem essas variedades no seu cotidiano. Vale ressaltar que essas denominações, alemã e italiana, não se referem à nacionalidade dos falantes, mas à sua origem étnica, pois os informantes são filhos, netos de

---

<sup>9</sup> Entende-se por preservação da face as estratégias utilizadas que fazem com que o falante se comprometa com o dito; ou estratégias pelas quais o falante evita se comprometer com o dito; pelas quais ao falante não importa como o dizer será enunciado, e, sim, lança sua atenção ao conteúdo do dizer.

alemães ou italianos. Nos trechos a seguir, verificam-se atitudes com relação ao alemão, ao italiano e determinadas condutas.

No trecho 09, as respostas do informante mostram o componente afetivo, portanto, uma avaliação subjetiva sobre a variedade alemã, expressa por meio dos termos *pior*, *muito diferente*, *não entendo nada*, refletindo o índice afetivo.

Trecho 09

Inf. 01 Mf1

**Pergunta 12**

01. INQ.- E quem você **acha que fala pior?**

02. INF.- **O alemão (risos).**

03. INQ.- **O alemão?**

04. INF.- **Para entender é pior.**

05. INQ.- **O alemão é muito diferente...**

06. INF.- É muito diferente, bem diferente.

07. INQ.- Então não entende nada?

08. INF.- Não entendo nada, o alemão...

As respostas apontam o conhecimento da variedade e a consciência da relação entre o português e o falar alemão. A expressão *muito diferente* exemplifica o quanto a variedade do alemão mostra-se de difícil entendimento. Verifica-se consciência da falta de conhecimento e domínio do idioma, e a consciência de que há contato linguístico.

Observe-se o próximo trecho, no qual há avaliação subjetiva, indicada na preocupação em preservar a face diante da pergunta acionada: *são diferentes, mas não feias*.

Trecho 10

Inf. 01 Mf1

**Pergunta 19**

01. INQ.- E essas outras línguas, espanhol, alemão, italiano... é você acha 02. que são feias ou são bonitas?

03. INF.- Ah, **não são feias, são... são diferentes né. Feia não.**

04. INQ.- Diferente.

05. INF.- Elas são diferentes.

Trata-se de juízo de valor indicado diante da variedade do alemão. O índice afetivo é manifestado, uma vez que se refere ao seu sentimento; o índice cognoscitivo apresenta-se por meio de sua explicação sobre essa diferença.

No trecho a seguir, o informante recorre às expressões *eu acho mais bonito, é bonito e mas é mais bonita*. Aciona o índice afetivo e demonstra apreço à variedade do alemão.

Trecho 11

Inf. 01 Mf1

**Pergunta 20**

01. INQ.- Mas você considera que **alguma seja mais bonita...** qual que
02. você acha mais bonita, por exemplo?
03. INF.- **O alemão eu acho mais bonito...**
04. INQ.- O alemão?
05. INF.- **Escutar eles conversando.**
06. INQ.- Mas por quê?
07. INF.- Ah, sei lá, **é bonito, é mais...** não sei disser por que, **mas é mais,**
08. **bonita.**

Apesar de, nas perguntas anteriores, o informante revelar que reconhece a diferença, revela tanto o cognoscitivo quanto o afetivo: identifica o falar diferente e aprecia tanto o falar alemão quanto a interação dos falantes respectivos.

No próximo trecho, o informante revela ter conhecimento de outras variedades faladas por pessoas mais velhas, o que permite inferir que há um gradativo abandono da língua de herança.

Trecho 12

Inf. 07 Mm1

**Pergunta 05**

01. INQ.- Uhun. Aqui em Capanema, vocês convivem com pessoas que
02. falam diferente de você?
03. INF.- Bom aqui em Capanema, tem pessoas que falam outras línguas, 04. mas eu não convivo.
05. INQ.- Uhun, quais línguas assim?
06. INF.- **Tem o alemão, que são pessoas mais velhas né.**
07. INQ.- Uhun.
08. INF.- Tem o guarani, o argentino... só. Essas duas são as mais...
09. conhecidas assim.
10. INQ.- Se você conversar com algum deles, você consegue entender um 11. pouquinho, ou não...
12. INF.- **Do guarani, do alemão não.**

Verifica-se o índice cognoscitivo, que se revela pelo conhecimento de que há variedades faladas por pessoas mais velhas. O informante tem consciência de que as variedades guarani e espanhol argentino são os mais conhecidos.

De acordo com o trecho a seguir, identifica-se o índice afetivo, com relação ao falar italiano. Na linha 07, por exemplo, em *eu gosto*, fica clara a preferência. Isso se repete na linha 09.

Trecho 13

Inf. 07 Mm1

**Pergunta 11**

01. INQ.- Comparando essas línguas né, o argentino, o paraguaio, o

02. italiano, e alemão, quem fala melhor?

03. INF.- **Qual língua mais falada?**

04. INQ.- É. Qual língua você acha que falam melhor entre essas que são 05. faladas aqui? No guarani também, você acha que tem uma que fala

06. melhor, outra fala pior... qual mais bonita, mais feia...

07. INF.- Bom, **eu gosto do italiano.**

08. INQ.- Uhum...

09. INF.- **Eu acho legal**, mas aí eu não sei também. **Tem o espanhol**

10. **argentino também que no caso, seria o que eu mais compreendo.**

11. INQ.- Ahan. Ah sim, mas aí se você fosse comparar qual você diria que 12. fala melhor, qual língua você acha que fala melhor e qual que é pior?

13. INF.- Bom tem o espanhol, **eu gosto bastante** do espanhol argentino, 14. que nem você falou **e o alemão que eu acho o pior.**

**Acho muito**

15. **assim, esquisito.**

16. INQ.- Ahan.

17. INF.- Esquisito em relação que né porque para eles é normal,

18. mas onde, **como eu sou brasileiro, é esquisito para mim, o alemão** 19. **é esquisito.**

20. INQ.- Ah sim. E você acha o alemão feio, bonito... ou só mesmo

21. esquisito?

22. INF.- **Esquisito porque não posso considerar feio né, esquisito.**

23. INQ.- E as outras línguas também?

24. INF.- As que você citou ou qualquer outra?

25. INQ.- Essas que eu citei, que vocês têm, que vocês têm contato, o

26. guarani, o espanhol paraguaio...

27. INF.- **O guarani, eu acho estranho também.**

O informante considera o espanhol como mais fácil. Ao revelar que compreende melhor o espanhol, observa-se o índice cognoscitivo, que demonstra prestígio pela língua espanhola. O índice afetivo é verificado ao explicar valoração em relação ao alemão, que, para ele, é a pior ou esquisita. Justifica-se por ser brasileiro, e ressalta que a variedade é *esquisita*, mas não pode considerar *feia*, provavelmente pela falta de conhecimento e domínio do alemão, conforme expresso nas linhas 14 e 15; 17, 18, 19 e 22. A utilizar a

expressão *esquisito*, nas linhas 18 e 22, reflete o índice afetivo, por meio de uma avaliação subjetiva sobre a língua alemã.

A seguir, o informante revela que, pela proximidade com a Argentina, o falar espanhol se torna interessante para ele.

Trecho 14

Inf. 07 Mm1

**Pergunta 46**

01. INQ.- É, sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em

02. Capanema, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha

03. perguntado?

04. INF.- Bom **eu acho interessante isso, eu acho bem**, acho que minha

05. cidade pequena, **acho interessante, já que a Argentina está do**

06. **nosso lado né, então essa variedade de língua é interessante**. E 07. **existem muito, pouco**, aqui em Capanema, **existem muitas pessoas**

08. **descendentes de alemães, italianos que que sabem essa língua,**

09. **sabem fluente alemão sabem o português fluente**. Então isso é

10. **interessante passar de geração pra geração**.

11. INQ.- Ah sim.

12. INF.- Interessante você aprender outras línguas também, além do

13. português.

O informante deixa claro o motivo de seu posicionamento com relação ao interesse pelo espanhol, que se refere à proximidade geográfica. Observa-se o índice cognoscitivo quando o informante reconhece e tem conhecimento de que outras variedades são faladas na região, além do espanhol, e que descendentes da colonização conseguem se comunicar de forma fluente em português, como no trecho a seguir: *existem muitas pessoas descendentes de alemães, italianos que que sabem essa língua, sabem fluente alemão sabem o português fluente*. O índice afetivo se revela quando a informante acha interessante a variedade da língua espanhola, que faz uma avaliação expressando seu sentimento em relação à variedade falada por outro grupo de falantes diferente do seu.

No trecho 15, a informante destaca a convivência com o alemão.

Trecho 15

Inf. 08 Fm1

#### **Pergunta 05**

01. INQ.- E aqui em Capanema, você, existem pessoas que falam diferente 02. de você?

03. INF.- Tem um, como eu comentei, **tem bastante pessoa que fala em**

04. **alemão, né, que é uma região assim né, que as pessoas falam**

05. **bastante essa língua.**

Nas linhas 03 a 05, é possível verificar que o informante tem outro contato com o falar alemão. Ao manifestar o índice cognoscitivo, indica, por meio da expressão *bastante* (linhas 03 e 05), que há dada comunidade de falantes descendentes dos colonizadores alemães.

No próximo trecho, a informante aciona o índice afetivo, ao expressar sua preferência pelo idioma italiano.

Trecho 16

Inf. 14 Fs1

#### **Pergunta 11**

01. INQ.- E comparando essas línguas, argentina, espanhol, italiano,

02. alemão, quem você acha que fala melhor?

03. INF.- Quem fala melhor?

04. INQ.- Isso.

05. INF.- **É o italiano.**

06. INQ.- O italiano, por quê?

07. INF.- **A dicção dele é muito boa.**

Há uma valoração, que remete à avaliação positiva, que é resultado dos índices cognoscitivo e afetivo manifestos por suas crenças e emoções.

As variedades de alemão e italiano acionaram, nos informantes, a percepção de que se trata de línguas mais faladas por gerações de pessoas mais velhas, especialmente por se tratar de línguas de herança. Além disso, notou-se a presença dos índices cognoscitivo e afetivo, em geral, para demonstrar que se trata de uma variedade mais difícil, no caso do alemão, ou para demonstrar uma avaliação positiva, por considerar que se trata de uma variedade bonita e com boa sonoridade, no caso do italiano.

## 5.4 SÍNTESE DAS ANÁLISES

As atitudes relativas à variedade do espanhol argentino refletem o índice cognoscitivo, pois envolvem o olhar do brasileiro com relação ao falar diferente, que, neste caso, apresenta proximidade com o português. A

escassa recorrência ao índice afetivo pode estar relacionada com um fluxo mais reduzido na fronteira de Capanema, e por se tratar de canal comunicativo. A comparação sempre presente com a fronteira do Brasil com o Paraguai, como evidenciado em estudos sobre essa fronteira, relativos a inquéritos de Foz do Iguaçu (SANTANA, 2012; 2016), não é tão recorrente na fala dos informantes de Capanema. Santana (2016), por exemplo, apresentou dados relevantes com relação às crenças e atitudes linguísticas no contexto de fronteira, e verificou o uso de determinados operadores para a construção das crenças ou posicionamento dos informantes, constituindo assim uma ferramenta essencial na argumentação e identificando como se comportam os falantes que estão em frequente contato com línguas distintas.

As análises realizadas nesta pesquisa indicaram que o índice cognoscitivo é acionado de forma recorrente na fala dos informantes brasileiros. Com relação à língua portuguesa, língua materna dos informantes cujos inquéritos constituíram o *corpus*, observou-se certo desprestígio diante da comparação com o português padrão, quando se trata do falar espanhol argentino. Parece haver uma convicção de que o espanhol falado pelos argentinos está mais próximo do espanhol padrão do que o português falado pelos capanemenses está do português padrão.

Ao abordar o uso do português, o índice afetivo se apresenta de forma discreta nas falas dos informantes, e, quando revelado, representa a distinção entre o português padrão e o português falado na localidade sob estudo.

Com relação aos índices presentes nas análises decorrentes do falar espanhol, verificou-se que o cognoscitivo e o afetivo se manifestam de forma recorrente. Os informantes brasileiros conseguem identificar o contato linguístico na comunidade, e demonstram que esse contato com outras variedades é benéfico para a região. Destacam que o falar espanhol é mais fácil de ser compreendido pela similaridade da pronúncia e demonstram prestígio em relação à variedade apresentada. Observou-se, nas falas dos informantes, manifestação de prestígio em relação ao espanhol argentino. O índice conativo é acionado para demonstrar a importância da convivência com os vizinhos estrangeiros no que diz respeito a compartilhar conhecimentos e ao desenvolvimento do comércio, visto que os argentinos são bons clientes para o comércio de Capanema. O índice afetivo é observado quando os

informantes denotam prestígio, provavelmente pela semelhança linguística e questões comerciais que geram interação decorrentes da colonização.

No que se refere às demais variedades faladas na localidade, verificou-se, com relação ao índice afetivo, dificuldade de entendimento do alemão, que, na localidade, é uma língua de herança, falada por pessoas mais velhas. De forma geral, os informantes demonstram a recorrência de prestígio em relação às variedades faladas na localidade, e isso pode ser aferido por se tratar de descendentes de alemães e italianos, e ainda prestígio com relação ao espanhol argentino. O que ficou evidente diz respeito ao desprestígio manifestado com relação ao falar português da localidade, considerado errado pelos informantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação procurou identificar atitudes linguísticas em relação às variedades faladas na localidade paranaense de Capanema, bem como averiguar de que modo essas atitudes se manifestam, tendo em vista o perfil de fronteira.

A localidade sob pesquisa abriga grupos étnicos minoritários, usuários de variedades linguísticas distintas da língua portuguesa, majoritária. As línguas de imigração/migração, conforme relatado pelos informantes, eram utilizadas no passado com maior frequência. Aos poucos, essas línguas foram sendo esquecidas devido às necessidades impostas pelo meio social.

Considera-se que os pressupostos teóricos aqui apresentados possibilitaram verificar a forma de conceber a língua e a cultura (a própria e a do outro), nas falas analisadas, e, por extensão, a receptividade em relação às variedades faladas em situação de fronteira e os grupos sociais que convivem em tal contexto, devido à colonização.

Para Moreno Fernández (1998), o estudo das atitudes linguísticas é imprescindível para poder planejar qualquer ação que afete a difusão de uma língua, como seu uso ou seu ensino.

A contribuição de Aguilera (2009) com relação ao fenômeno do contato linguístico na região de fronteira do Oeste do Paraná possibilita entender como as relações sociais com aquele que fala diferente servem de estímulo para determinadas reações. E, no âmbito da proposta da autora, Moreno Fernández (1998) tem sido o caminho mais viável para entender como toda variedade pode acomodar a vontade do falante de externar saberes, valorações e condutas.

A situação de comunicação gera expectativas várias, que podem ser derivadas do falar específico do falante, bem como do falar do outro. No banco de dados do CAL, o questionário utilizado para aplicação dos inquéritos motiva os informantes a expressarem atitudes de valorização ou de recusa às variedades de língua em pauta da pesquisa. As falas dos informantes de Capanema aqui utilizadas para análise demonstram prestígio e desprestígio, decorrentes do próprio histórico da localidade, uma vez que há indícios de

atitude reveladores de como os informantes concebem sua variedade e a variedade do outro, sempre a partir da realidade de sua comunidade.

É preciso considerar que o fechamento da Estrada do Colono alterou significativamente o perfil da economia local, e ainda considerar o perfil da fronteira e da cidade de Andresito, mais próxima a Capanema. Basicamente, a história atual de Capanema acomoda um uso da variedade local do espanhol argentino, atrelado ao perfil geográfico dos dois lados da fronteira, o que gera pouco fluxo migratório. Portanto, torna-se aceitável que o contato linguístico não esteja no nível de visíveis alternâncias de código, o que está relacionado a questões econômicas e sociais.

Conforme aponta Calvet (2009, p. 65), “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas e para com aqueles que as utilizam”. Existe uma diversidade de línguas minoritárias no Estado do Paraná, dessa maneira, os juízos de valor depreciativos em relação a essas línguas são frequentes. Essa atitude discriminatória tem origem no julgamento feito em relação à língua minoritária, seja por seus falantes ou por quem com eles conviva. Identificar as causas e as condições em que esse fenômeno se realiza seria uma contribuição para o fortalecimento da identidade linguística dessa comunidade, desmistificando crenças que podem perpassar várias gerações (CORBARI, 2013).

As atitudes de valorização ou de recusa às variedades de língua em uso são pautadas pelos grupos sociais de maior prestígio social, ou os de maior aquisição na escala socioeconômica, conforme destaca, ainda, Corbari (2013). Esses fatores determinam qual variante da língua tem maior prestígio e *status*.

Por outro lado, causa estranhamento o fato de, nos inquéritos investigados os falantes brasileiros não utilizarem fenômenos linguísticos do espanhol argentino, além de não reconhecerem o português que efetivamente realizam. O que se sobressai é uma necessidade de legitimar o português padrão e a falta de habilidade, de forma geral, para o uso da variedade de prestígio.

Com relação às demais variedades, deve-se relacionar com a noção de língua de herança, mais especificamente a variedade do alemão e do italiano, pois verifica-se uma avaliação mais voltada para o estranhamento, para o

diferente. São variedades faladas, na cidade, por pessoas mais velhas, o que permite inferir que há gradativo abandono da língua de herança.

A variação linguística ou as variedades de língua encontradas em determinado grupo de falantes são, segundo Aguilera (2008, p. 106), “um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo)”. Ainda segundo a autora, “qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade” (AGUILERA, 2008, p. 106). Em decorrência dessa condição, por exemplo, é possível entender que as atitudes linguísticas dos capanemenses, em relação à variedade do espanhol argentino, estão vinculadas às atitudes que se referem aos próprios usuários dessa variedade; por outra via, pode-se afirmar que a visão que os informantes de Capanema têm sobre os argentinos, de modo geral, reflete-se no julgamento da variedade linguística usada por eles.

As avaliações das falas dos informantes de Capanema, investigados pelo CAL, relativas à forma de conceber a variedade linguística e a cultura, a receptividade em situação de contato na fronteira, demonstram que as crenças aparecem nas atitudes decorrentes das perguntas elaboradas, o que permitiu a seleção das respectivas respostas.

Os resultados indicaram, de modo geral, que, com relação ao falar espanhol argentino, há recorrência do cognoscitivo e do afetivo. Em relação ao português, pontuando a distinção entre o português padrão e o falado na localidade, há acionamento do índice afetivo. Sobre as demais variedades presentes na localidade, houve também acionamento do afetivo com relação ao alemão, principalmente pela dificuldade de entendimento. Assim, a partir da proposta de discutir as crenças e atitudes linguísticas dos informantes, verificando os índices atitudinais, cognoscitivo, afetivo e conativo, foi possível averiguar como é possível complementar e apresentar resultados que demonstrem como os índices são acionados nas falas dos informantes e como eles podem marcar as crenças e atitudes dos falantes.

Em síntese, pode-se afirmar que os objetivos propostos inicialmente foram alcançados, por isso, acredita-se que um aprofundamento possa ser realizado na cidade de Capanema e na cidade vizinha de Andresito, na Argentina, possibilitando um estudo entre os falantes que tornem os dados

mais abrangentes e que esclareçam com maior precisão a realidade do ambiente linguístico da região. Espera-se, por fim, contribuir com pesquisas relativas ao contato linguístico na fronteira do Paraná com a Argentina.

## REFERÊNCIAS

ABREU, R. L. **Parana MesoMicroMunicip.svg**, own work. 2006. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1365072>. Acesso em: 17 mai. 2018.

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: Editora Federal Fluminense, 2008. p. 311-333.

AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes lingüísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato**. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].

AGUILERA, V. A. Perfil das localidades do Sudoeste do Paraná: contexto de imigração e de fronteira que favorecem o estudo de atitudes lingüísticas. In: SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; AGUILERA, V. A. **Dez anos do Projeto Crenças e atitudes lingüísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato**. Contatos lingüísticos no Paraná. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

ALVES, M. I. P. M. **Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo**. 1979. 226 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

AMANCIO, S. M. **Ontem, luta pela terra; hoje, monumento histórico: a Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná em suas variadas versões**. 2009. 179 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/2961/1/000172223.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

BATTISTI, E. **Agricultura familiar e cidadania: os embates da ASSESOAR**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1973.

BERGAMASCHI, M. C. Z. **Bilingüismo de dialeto italianoportuguês: atitudes lingüísticas**. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <https://repositorio.uem.br/xmlui/bitstream/handle/11338/180/Dissertacao%20Maria%20Cristina%20Z%20Bergamaschi.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 jul. 2018.

BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, 2013.

BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolingüística. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/20327/16552>. Acesso em: 18 jul. 2019.

BOTASSINI, J. O. M. Atitudes linguísticas: lealdade e deslealdade linguística, estereótipo, preconceito e estigma. *In*: SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; AGUILERA, V. A. **Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato**. Contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

BRESOLIN, A. V. **1957, Revolta dos Possesores do Sudoeste do Paraná**. 2008. Trabalho apresentado a SEED (Secretaria de Estado da Educação) e ao PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional). Núcleo de Francisco Beltrão. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2401-8.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

BRISKIEVICZ, M. A organização territorial do sudoeste paranaense a partir da inserção dos migrantes. **Sociedade e território**, Natal, v. 22, n. 2, p. 19-36, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/3493>. Acesso em: 25 jul. 2018.

CALVET, L. J. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2003.

CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antonio do Sudoeste**. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16202/1/Clarice%20Cristina%20Corbari.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

CORBARI, C. C. Reflexões sobre conceitos teóricos que embasam estudos de atitudes linguísticas e sua relação com crenças manifestas pelos informantes do Projeto CAL. *In*: SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; AGUILERA, V. A. **Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas em contato. Contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

CORRÊA, R. L. O Sudoeste paranaense antes da colonização. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano 32, n. 1, jan./mar. 1970.

DALLEASTE, A. P. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da língua e cultura italianas em Matelândia/PR. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2448#preview-link0>. Acesso em: 18 mar. 2019.

DALLO, L. **Caminho do Colono**: Vida e Progresso. Francisco Beltrão: Grafit, 1998.

FERREIRA, J. C. V. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. **Actas...** Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996.

GREGORY, V. **Os euro-brasileiros e o espaço colonial**: a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970. 1997. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). 2. reimp. Cascavel: Edunioeste, 2008.

HITZ, N. D. **Crenças linguísticas de descendentes de pomeranos em três localidades paranaenses**. 2017. 211 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3540#preview-link0>. Acesso em: 20 jan. 2019.

IBAMA. **Estruturas**. 2004. Disponível em: [https://www.mma.gov.br/estruturas/pnf/\\_arquivos/in\\_ibama\\_31\\_04.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/pnf/_arquivos/in_ibama_31_04.pdf). Acesso em: 13 abr. 2018.

IBGE. **Capanema**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/capanema/panorama>. Acesso em: 10 jan. 2020.

KRÜGER, N. P. **Sudoeste do Paraná: História de bravura, trabalho e fé.** Curitiba: Posigraf S.a, 2004.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Título original: Sociolinguistic Patterns, 1972.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAZIER, H. **Paraná: terra de todas as gentes e de muita história.** 3. ed. Francisco Beltrão: Grafite, 2003.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística.** Madrid: Gredos, 1993.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2002.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje.** Barcelona: Ariel, 1998.

PASTORELLI, D. S. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato.** 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000163357>. Acesso em: 20 jun. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL CAPANEMA. **História.** Disponível em: <http://www.capanema.pr.gov.br/municipio/sobre>. Acesso em: 18 abr. 2018.

PRIORI, A. *et al.* **História do Paraná: séculos XIX e XX.** Maringá: Eduem, 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/k4vrh>. Acesso em: 25 out. 2018.

RONCARATI, C. Prestígio e preconceito lingüísticos. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê Preconceito lingüístico e cânone literário**, n. 36, p. 45-56, 1. sem. 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/36/artigo2.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SANTANA, V. R. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Foz do Iguaçu.** 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2012.

SANTANA, V. R. **O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu.** 2016. 121 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3454#preview-link0>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SANTANA, V. R.; SILVA, R. C. M.; PIRES-SANTOS, M. H. Perfil sócio-histórico de Foz do Iguaçu: atitudes linguísticas em contexto multicultural. *In*: SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; AGUILERA, V. A. **Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas em contato. Contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

SANTOS, R. A. **O processo de modernização da agricultura no Sudoeste do Paraná**. 2008. 146 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2008.

SCHLINDWEIN, S. K. A estrada do colono no imaginário da população de Capanema. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**. Enero-marzo, 2016. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/01/capanema.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SELLA, A. F. Funções do *mas* em um texto oral-dialogado. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 11, n. 2, p. 311-327, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15685>. Acesso em: 25 nov. 2018.

SELLA, A. F. Proposta de análise do funcionamento do e em falas colhidas no interior de Projeto acerca de crenças e atitudes linguísticas. *In*: FIGUEIREDO, D. C. *et al.* **Sociedade, cognição e linguagem** – Apresentações do IX CELSUL. Florianópolis: Insular, 2012.

SELLA, A. F. Marcas de conexão e indício de atitudes linguísticas. *In*: SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; AGUILERA, V. A. **Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas em contato. Contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; AGUILERA, V. A. **Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas em contato. Contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

SERRA, E. Os primeiros processos de ocupação da terra e a organização pioneira do espaço agrário no Paraná. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 61-93, dez. 1992. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/12893>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. *In*: SINGER, P. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Editora Brasiliense e Cebrap, 1987.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 47-50, abr./jun. 2005. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000200021](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200021). Acesso em: 23 jan. 2019.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 5. ed. Curitiba: Vicentina, 1982.

WACHOWICZ, R. C. **Paraná, sudoeste**: ocupação e colonização. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

ZATTA, R. A colonização oficial do sudoeste paranaense e mito do “vazio demográfico”. *In*: XV Encontro Regional de História, 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: [http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1466125179\\_ARQUIVO\\_TrabalhoAnpuhPR2016RonaldoZatta.pdf](http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1466125179_ARQUIVO_TrabalhoAnpuhPR2016RonaldoZatta.pdf). Acesso em: 23 jan. 2019.

## ANEXO A – NÚMERO DE INFORMANTES E VARIÁVEIS SOCIAIS

Nº	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade
1	H	18-30	Fundamental
2	M	18-30	Fundamental
3	H	31-50	Fundamental
4	M	31-50	Fundamental
5	H	51-70	Fundamental
6	M	51-70	Fundamental
7	H	18-30	Médio
8	M	18-30	Médio
9	H	31-50	Médio
10	M	31-50	Médio
11	H	51-70	Médio
12	M	51-70	Médio
13	H	18-30	Superior
14	M	18-30	Superior
15	H	31-50	Superior
16	M	31-50	Superior
17	H	51-70	Superior
18	M	51-70	Superior

Fonte: A autora, 2019

## **ANEXO B - ENTREVISTAS DOS INFORMANTES**

### **INFORMANTE: 01**

Ponto/Localidade: 3: CAPANEMA-PR

Idade: 28 anos

Escolaridade: Ensino Fundamental

Natural de: Capanema-PR

Naturalidade dos pais: Sobradinho-RS e Rio d'Oeste

#### **1.**

INQ.- Que língua que você fala?

INF.- Hum... brasileira.

INQ.- Só brasileira?

INF.- Só.

INQ.- Você não tem conhecimento de nenhuma outra língua, alemão... espanhol, italiano, polonês...

INF.- Não, não.

INQ.- E os seus pais, têm conhecimento de outra língua?

INF.- Não.

INQ.- Mesmo sendo do Rio Grande do Sul eles só falam português?

INF.- Só. Só português.

#### **2.**

INQ.- Uhum, é quando você era criança então seus pais conversavam em português com você, né?

INF.- Só.

#### **3.**

INQ.- E seus avós?

INF.- Também.

INQ.- Também, só em português?

INF.- Só.

INQ.- Seus avós são da onde?

INF.- Só em português. São do Rio Grande do Sul.

INQ.- Do Rio Grande do Sul, da mesma cidade que...

INF.- Não, num lembro que cidade que era.

INQ.- Mas eles também não sabem alemão... uma...

INF.- Não, eles não, só brasileiro.

#### **4. (Não formulada)**

#### **5.**

INQ.- Aqui em Capanema, moram pessoas que falam diferente de você né.

INF.- Moram.

#### **7.**

INQ.- Do idioma. Quais idiomas?

INF.- Alemão... espanhol... Paraguai... guarani, tudo aí...

INQ.- Italiano também?

INF.- Italiano tem também.

INQ.- Polonês também...

INF.- Polonês... é o mesmo do italiano não, né?

INF.- Não. Então é o italiano mesmo.

(A propósito da questão 31:

INQ.- Quais palavras por exemplo, uma palavrinha.

INF.- Nino, criança... dibula, cobra.

INQ.- Dibula?

INF.- Buenas tardes, Buenos dias.

INQ.- Sabe, sabe dizer.)

### 8.

INQ.- E o espanhol... Então tem aqui as pessoas, espanhol da Argentina e o espanhol do Paraguai né, num sei se você sabe...

INF.- Sim.

INQ.- Você percebe alguma diferença entre as pessoas que vêm da Argentina e as pessoas que vêm do Paraguai? Na conversa... no espanhol deles?

INF.- Aqui vem mais argentino, é difícil vim do Paraguai. Da Argentina que vem bastante gente, bastante gente todo dia tem aqui, pra conversar com...

INQ.- E do espanhol da, do Paraguai...

INF.- É difícil vim aqui.

INQ.- Você saberia me dar um exemplo, de alguma palavra, alguma expressão, alguma frase, do espanhol argentino? Fala uma palavra, alguma coisa que você ouve comentando. Alguma pronúncia, se está correto, se não está... Não saberia?

INF.- Não.

INQ.- Do espanhol paraguaio também não.

INF.- Também não.

### 9.

INQ.- Do alemão, do italiano, também não saberia nenhuma palavra né...

INF.- Não alemão, não...

### 10. (A propósito da questão 9)

INQ.- Do alemão, do italiano, também não saberia nenhuma palavra né...

INF.- Não alemão, não...

### 11.

INQ.- É, e comparando essas línguas que você ouve então, o argentino, o paraguaio, o italiano, o alemão, quem você acha que fala melhor?

INF.- Pra gente entendê?

INQ.- É, assim, o que você acha a língua melhor, você compreende melhor...

INF.- O argentino.

INQ.- O argentino?

INF.- Fala espanhol né.

INQ.- Mas por quê?

INF.- Ah, é mais fácil, tipo se parece mais com a gente, se prestá atenção você entende o que ele tá te falando. E tem muita coisa que é parecida a pronúncia. É fácil né.

### 12.

INQ.- E quem você acha que fala pior?

INF.- O alemão (risos).

INQ.- O alemão?

INF.- Pra entendê é pior.

INQ.- O alemão é muito diferente...

INF.- É muito diferente, bem diferente.

INQ.- Então num entende nada?

INF.- Não entendo nada, o alemão...

**13.**

INQ.- É, em que lugares que você ouviu essas pessoas conversando em outras línguas?

INF.- Ah, aqui no mercado, aí tem alemão, tem pessoal que é da igreja, meu pai, que a gente vai lá, eles falam em alemão, a gente escuta eles conversando entre eles lá, mas é...

INQ.- Então mais mercado, igreja...

INF.- Mas aqui e igreja..

**14.**

INQ.- É, e assim, você vê por exemplo um grupo de paraguaios conversando entre eles no espanhol ou no guarani né, você se aproxima desse grupo, eles param de conversar ou continuam conversando normalmente?

INF.- Eles continuam conversando normalmente.

INQ.- Eles não se importam com a presença... dos... continua falando em espanhol normalmente?

INF.- É, né.

**15.**

INQ.- Um grupo de argentinos, continua também conversando... ou eles param, te olham meio de lado...

INF.- Não, conversa normal.

**16.**

INQ.- Hã... um grupo de alemães... também...continua conversando...

INF.- Continua a conversa..

**17.**

INQ.- Um grupo de italianos...

INF.- Normal.

**18.**

INQ.- Na sua opinião, falam melhor aquelas pessoas que falam a língua portuguesa ou as que falam essas línguas estrangeiras? Quem você acha que se comunica melhor, que fala melhor?

INF.- Eu acho que o português né.

INQ.- O português? Por quê?

INF.- Ah, porque é mais fácil de entendê, pra mim pelo menos é.

INQ.- Ahan. Mas assim, mesmo sem entender, o que você acha, quem você acha que se comunica melhor? Seria o português mesmo?

INF.- É.

INQ.- Ah tá.

**19.**

INQ.- E essas outras línguas, espanhol, alemão, italiano... é você acha que são feias ou são bonitas?

INF.- Ah, não são feias, são... são diferente né. Feia não.

INQ.- Diferente.

INF.- Elas são diferente.

**20.**

INQ.- Mas você considera que alguma seja mais bonita... qual que você acha mais bonita, por exemplo?

INF.- O alemão eu acho mais bonito...

INQ.- O alemão?

INF.- Escutá eles conversando.

INQ.- Mas por quê?

INF.- Ah, sei lá, é bonito, é mais... num sei dizê porque, mas é mais, bonita.

**21.**

INQ.- E qual que seria a mais feia?

INF.- O guarani (risos).

INQ.- Por quê?

INF.- Porque é muito esquisito.

INQ.- Mas você entende alguma coisa?

INF.- Não, eles falam muito rápido, muito.

INQ.- Muito rápido... uhum.

**22.**

INQ.- Se você pudesse, você proibiria aqui em Capanema o uso de alguma outra língua estrangeira, de alguma língua estrangeira? No lugar da sua?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INQ.- Você não tem nada contra essas línguas então?

**23.**

INQ.- É, você é de qual, participa de alguma igreja, tem alguma religião?

INF.- Eu sou católico.

INQ.- É católico? E no caso então do padre, sacerdote lá da sua igreja, ele fala só português ou ele conhece outras línguas?

INF.- Mas eu nunca vi ele falá em outra língua.

INQ.- Só ouviu ele fala o português?

INF.- Só em português.

INQ.- Você acha que seria necessário ele conhecer outras línguas? Considerando que aqui é uma região de fronteira... você acha que seria necessário?

INF.- Eu acho né.

INQ.- Importante.

INF.- Porque se ele precisá fazê um, uma coisa pra alguém, tipo um estrangeiro vem aqui e precisa dele, ele num vai sabê, num vai podê ajudá, num vai podê orientá né.

**24.**

INQ.- Tá, é.. e a escola ensina outras línguas?

INF.- Não, aqui não, ensina só o inglês.

INQ.- Só o inglês?

INF.- Na escola.

INQ.- E você acha que seria necessário ensinar?

INF.- Seria. Pelo menos o espanhol né, que é pertinho aqui é, teria que tê, né.

INQ.- Então principalmente o espanhol você acha?  
INF.- Principalmente o espanhol.  
INQ.- Pela proximidade? Ou por mais um outro motivo?  
INF.- Pela proximidade. Porque sempre tá indo gente daqui pra lá, e vindo de lá pra cá né. Seria...

## 25.

INQ.- E você, gostaria de aprender alguma dessas línguas estrangeiras?  
INF.- Gostaria.  
INQ.- Qual delas?  
INF.- Alemão.  
INQ.- Alemão. Por quê?  
INF.- Porque eu acho legal.  
INQ.- Você gosta do alemão né.  
INF.- Eu gosto do alemão. Acho legal o jeito qu'eis fala.  
INQ.- É, só, só o alemão?  
INF.- E o espanhol, né.  
INQ.- Espanhol, e além do alemão, só o espanhol? Por que o espanhol?  
INF.- O espanhol porque precisa né, no trabalho da gente, pra ficar conversando.  
INQ.- Vem muitos clientes aqui que falam só espanhol?  
INF.- Vem bastante.  
INQ.- É, e daí como...  
INF.- Eles vêm fazê compra é complicado pra atendê eles.  
INQ.- É, mas assim, você consegue assim, se comunicar...  
INF.- Consegue, alguns, nos primeiros tempos, aí foi mais difícil, mas agora a gente já tá, entendendo mais ou menos o que eles falam né.  
INQ.- Mas daí ouve eles falarem espanhol e você fala em português.  
INF.- Sim, sim, mas eles comunica, eles sinaliza e falam alguma palavra, tipo que nós já conhecemos que eles pedem né, quando eles pedem.  
INQ.- Que nome assim de carne deve ser bem diferente né.  
INF.- É.

## 26.

INQ.- Você já estudou alguma dessas línguas, espanhol, alemão, italiano...  
INF.- Não, não.  
INQ.- Nenhuma?  
INF.- Tsc, tsc.

## 27.

INQ.- Tá, vamos supor que você fosse comprar uma casa. E você fosse num bairro, num bairro argentino. Você compraria uma casa nesse lugar?  
INF.- Sei lá.  
INQ.- Sei lá? Por que, você não gostaria de morar num bairro só com argentino?  
INF.- Não né, é que eu não gostaria né...  
INQ.- Se você fosse o único brasileiro...  
INF.- Eu me sentiria.. sem saber nem falar com eles, me sentiria estranho né, sozinho lá no meio dos argentino.  
INQ.- Mas você poderia aprender né.  
INF.- É se eu... podia aprendê né, mas ia acabar esquecend, mas eu acho que eu compraria sim.

**28.**

INQ.- E num bairro onde só morasse paraguaio?

INF.- Acho que mesma coisa.

INQ.- Mesma coisa?

INF.- A situação é a mesma né.

**29.**

INQ.- Uhun. No caso dos alemães e dos italianos?

INF.- Mesma coisa. Só pensaria no caso de num tem com quem conversar, num tem um vizinho, num teria um amigo né.

**30. (A propósito da questão 29)**

INQ.- Uhun. No caso dos alemães e dos italianos?

INF.- Mesma coisa. Só pensaria no caso de num tem com quem conversar, num tem um vizinho, num teria um amigo né.

**31.**

INQ.- É, você tem algum amigo argentino?

INF.- Tenho.

INQ.- Tem, bastante amigos?

INF.- Tenho uns três, quatro. Tenho um tio que trabalha lá. Lá pelo (inint) lá dentro da Argentina.

INQ.- Ah e como que começou essa amizade?

INF.- Lá, trabalhando lá. Trabalhava lá com meu tio...

INQ.- Você trabalhou já na Argentina?

INF.- Trabalhei.

INQ.- E não sabe nada do espanhol?

INF.- Muito pouco. Algumas palavras só.

INQ.- Ah, você falou pra mim que não sabia...

INF.- Não, mas é... sabê eu num sei mesmo.

INQ.- Não, mas algumas palavras...sabe né.

INF.- Não, pouco eu sei, mas é... muito pouco.

INQ.- Quais palavras por exemplo, uma palavrinha.

INF.- Nino, criança... dibula, cobra.

INQ.- Dibula?

INF.- Buenas tardes, Buenos dias.

INQ.- Sabe, sabe dizer.

**32.**

INQ.- É... amigos paraguaios você tem?

INF.- Não.

INQ.- Nenhum?

INF.- Não.

INQ.- Mas

porque você não quer essa amizade ou não teve oportunidade?

INF.- Num tive oportunidade, só fui uma vez pra lá e num fiz amizade.

**33.**

INQ.- É, algum amigo alemão você tem?

INF.- Tenho.

INQ.- E essa amizade, como que começou?

INF.- Ah, essa eu conheci, são amigos dos meus pais, então já se conhecemo, os meus amigos são da minha idade, se conhecemo desde pequeno, desde criança.

INQ.- Ahan.

INF.- Praticamente se criamo conversando, brincando. Desde pequeno.

**34.**

INQ.- É, algum amigo italiano você tem?

INF.- Tenho.

INQ.- Tem. É, também, essa amizade começou como?

INF.- Essa amizade dos italiano foi quando eu parei de ser crente e conheci um amigo que nós (inint).

INQ.- Uhun. Mas você acha muito diferente quando vê o tipo de amizade assim, o tipo da pessoa ser, a forma da pessoa, tem alguma diferença?

INF.- Acho que não, não muda muito não.

**(35.**

INQ.- Continuando então, é, você acha que entre os seus amigos italianos, alemães, e argentinos que você comentou, qual que seria uma amizade mais sincera? Você percebe se algum é mais sincero com você ou se é mais falso...

INF.- Não.

INQ.- Ou você acha assim que é...

INF.- Não, os meus amigos... confio em todos eles.

INQ.- Confia em todos da mesma maneira.

**36. (A propósito da questão 35)**

INQ.- (...) Você percebe se algum é mais sincero com você ou se é mais falso...

INF.- Não.

INQ.- Ou você acha assim que é...

INF.- Não, os meus amigos... confio em todos eles.

INQ.- Confia em todos da mesma maneira.

**37.**

INQ.- Você já se desentendeu, já brigou com algum deles?

INF.- Ah, já teve discussão assim mas não de brigá, de sê...

INQ.- Mas por quais motivos?

INF.- Ah, futebol, coisa assim, que é coisa...

INQ.- Não coisas relacionadas: “ah, porque ele é espanhol, porque ele é alemão”, não né.

INF.- Não, não isso não.

INQ.- Então mais assuntos assim... outros assuntos, né.

**38.**

INQ.- Você é casado.

INF.- Não, solteiro.

INQ.- Se fosse hoje pra você se casar hoje com uma argentina, você se casaria?

INF.- Se eu gostasse dela, assim tava bom.

**39.**

INQ.- Com uma paraguaia?

INF.- Mesma coisa.

**40.**

INQ.- Uma alemã.

INF.- Também.

**41.**

INQ.- Uma italiana?

INF.- Também.

**42.**

INQ.- E se hoje você precisasse de um médico ou de um dentista, você procuraria um argentino? Ou uma argentina?

INF.- Se eu tivesse opção de procurar um brasileiro, procuraria um brasileiro né... porque...

INQ.- Então argentino em último caso?

INF.- Em últimos casos né.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque num, sei lá num entendê o que ele fala, e nem ele me entendê direito, então, fica complicado né. Mais, se num tivesse outro jeito, tinha que procurá.

INQ.- Mas é, só por essa questão de linguagem?

INF.- É só por causa disso. Só por não tê o conhecimento da língua dele.

**43.**

INQ.- Uhum, no caso do paraguaio?

INF.- Mesma coisa.

**44.**

INQ.- Do alemão, do italiano...

INF.- Também, mesma coisa.

**45. (A propósito da questão 44)**

INQ.- Do alemão, do italiano...

INF.- Também, mesma coisa.

**46.**

INQ.- É, essa questão da variedade de língua que a gente comentou. Tem mais alguma coisa que eu não te perguntei que você gostaria de falar, alguma impressão sua sobre essas línguas?

INF.- Não.

INQ.- Se você gosta de uma língua a mais? A menos.

INF.- A que eu gostaria de aprendê é o alemão né.

INQ.- Uhum. É assim, Daniel o seu nome não vai ser como eu te falei, não vai aparecer em lugar nenhum, mas eu preciso da sua permissão pra utilizar a suas respostas, só as respostas, o seu nome não vai aparecer em lugar nenhum, tudo bem?

INF.- Tudo bem.

**INFORMANTE: 03**

Idade: 40 anos

Escolaridade: Ensino Fundamental

Natural de: Cunha Porã-SC

Naturalidade dos pais: Santa Catarina

**01.**

INQ.- Então, que língua que você fala?

INF.- Português.

**02.**

INQ.- Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

INF.- Português.

INQ.- Português mesmo? Eles aprenderam alguma outra língua, sabiam outra língua?

INF.- Alemão.

**03.**

INQ.- Alemão? Seus avós também?

INF.- Alemães. Alemão também.

**04.**

INQ.- Quando estavam em família, seus avós e seus pais conversavam em alemão?

Conversavam em português?

INF.- Minha família alemão.

INQ.- Alemão? E você também conseguia conversar...

INF.- É, primeiros anos de idade falavam um pouco alemão.

**05.**

INQ.- Ah sim. Aqui em Capanema vivem pessoas que falam diferente de você?

INF.- Vivem.

**06.**

INQ.- Quais são as línguas que eles falam.

INF.- A mais usada é o alemão.

INQ.- A mais o alemão... mas tem italiano assim...

INF.- É, tem alemão, italiano também. Espanhol também. Polonês também.

INQ.- Ah é. Tem polonês? Nossa. Aí tem o espanhol argentino e tem o espanhol paraguaio?

INF.- Sim.

**07.**

INQ.- Poderia dar um exemplo do espanhol argentino? Uma palavra, ou uma maneira de se despedir, ou uma maneira de se cumprimentar...

INF.- Não, geralmente é um: "Buenos dias, buenas tardes..."

**08.**

INQ.- E do espanhol paraguaio, você poderia dar um exemplo? Não?

**09.**

INQ.- Um exemplo de alemão também?

INF.- Ales ruten.  
INQ.- O que que é?  
INF.- Também.  
INQ.- (risos).  
INF.- Alguma palavra a gente sabe assim, mas num sabe...  
INQ.- Ah sim, não sabe o que significa...  
INF.- O significado.  
INQ.- Uhun, mais alguma?

**10.**

INQ.- Algum exemplo de italiano?  
INF.- Tutti bona gente.  
INQ.- Você tem vizinhos aqui que falam italiano ou alguém da família?  
INF.- Italiano não.  
INQ.- Não?  
INF.- Tem alemão.

**11.**

INQ.- Comparando essas línguas né, o alemão, o italiano, o espanhol, quem você acha que fala melhor?  
INF.- Nós temo... o brasileiro mesmo.  
INQ.- Brasileiro fala melhor, por quê?  
INF.- A gente mais convive com eles né, a gente mais aprendeu essa.

**12.**

INQ.- Ahan. Quem você acha que fala pior?  
INF.- Pior acho que é o espanhol paraguaio. Aquele bastante imitado né.  
INQ.- Ah sim, acho que... diferente né.  
INF.- Diferente é.  
INQ.- Ahan. Você tem contato aqui com o guarani?  
INF.- Não, aqui não.  
INQ.- Não?

**13.**

INQ.- Quando você se aproxima é, em que lugares vocês ouvem essas línguas diferentes aqui em Capanema?  
INF.- Como assim, dos visitantes ou do pessoal que...  
INQ.- O pessoal daqui, por exemplo, o pessoal que fala italiano, ou espanhol assim, é mais no comércio, é mais em lugares assim pra, pra lazer, são as rádios...  
INF.- É, são mais assim pra lazer, comércio é mais difícil.  
INQ.- Uhun, maioria... maio...  
INF.- Que lá é mais é, pessoal conversa, por exemplo alemão, é mais suas casas e comunidade num é mesmo né.  
INQ.- Uhn.  
INF.- Quando vem mais pro comércio é mais difícil, eles...  
INQ.- Aí é mais o português.  
INF.- Uhun, mais o português.

**14.**

INQ.- Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles ou continuam a conversa?

INF.- Continuam.

INQ.- Continuam?

**15.**

INQ.- E os argentinos?

INF.- Também. Também continua.

**16.**

INQ.- Os alemães?

INF.- É, geralmente mais muda, muda a língua...

INQ.- A língua?

INF.- Ahan.

INQ.- Já pra gente não entendê, né já.

INQ.- Ah tá, daí eles já...

**17.**

INQ.- E os italianos?

INF.- Italiano é mais difícil conversá mais, converso mais conversa entre família, entre eles mesmo né.

**18.**

INQ.- Falam melhor os que falam português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?

INF.- Os que falam português né.

INQ.- Acha que eles falam melhor.

INF.- Que a gente entende né.

**19.**

INQ.- E essas línguas são feias ou bonitas?

INF.- Ah, acho legal.

INQ.- Você acha bonita?

INF.- Muito bonitas.

INQ.- Uhun.

**20.**

INQ.- Teria uma que você acha mais bonita, uma que você acha mais feia?

INF.- Eu gosto do espanhol.

INQ.- Você gosta mais do espanhol, das outras você já...

INF.- É já, já é mais difícil né.

INQ.- Ahn.

**21. (Não respondeu)**

**22.**

INQ.- Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Capanema?

INF.- Não.

**23.**

INQ.- Qual a sua religião?

INF.- Católica.

INQ.- Você acha que na igreja o sacerdote deveria falar também nessas línguas?

INF.- Acho que sim, porque aqui tem outras religiões que de vez em quando que usa cultos especiais, missas especiais pra, de línguas né, por exemplo alemão que tem bastante, de vez em quando tem cultos especiais pra eles.

INQ.- Ah sim, que daí todo mundo aprende, né?

INF.- Sim.

**24.**

INQ.- A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui?

INF.- Sim.

INQ.- Todas elas ou algumas...?

INF.- Seria mais o que mais a gente teria contato, contato, seria o alemão e o espanhol que a gente tá mais contato com o espanhol da argentina aqui.

INQ.- Ahn, certo.

**25.**

INQ.- Você gostaria de aprender a falar algumas dessas línguas estrangeiras faladas aqui?

INF.- Sim.

INQ.- Qual delas?

INF.- Alemão e o espanhol.

INQ.- Alemão e espanhol, por quê?

INF.- Alemão porque a gente falava e espanhol, gostaria muito de me lembrar e espanhol que a gente tá mais em contato com o pessoal da argentina aqui, no comércio né, a gente...

INQ.- Às vezes...

INF.- Seria, facilitaria bastante a gente falar a língua deles, assim teria mais a vontade.

INQ.- Ah, bom, você já disse que teve contato com o alemão, da sua família né.

INF.- Sim.

INQ.- Foi a única língua que você aprendeu assim?

INF.- Já sim.

**27.**

INQ.- Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só morassem argentinos, você compraria?

INF.- Compraria.

**28.**

INQ.- E só morassem paraguaios?

INF.- Ia pensar.

INQ.- Por quê?

INF.- Eles já são diferente né, uma cultura diferente né.

INQ.- Ahan.

INF.- Pelo que a gente conviveu né, que a gente aprendeu com eles... assim conheceu deles é um povo, uma cultura bem diferente.

INQ.- Ah sim.

**29.**

INQ.- É alemães, você compraria uma casa...

INF.- Alemães sim.

**30.**

INQ.- Italianos?

INF.- Também.

**31.**

INQ.- Você tem amigos argentinos?

INF.- Tenho.

INQ.- Como que começou essa amizade?

INF.- Através de comércio né e a gente tem, uma profissão da gente também é músico né, bastante contato com eles através da música né. A gente tem uma amizade bem grande, muitos amigos argentino.

INQ.- Ahan.

**32.**

INQ.- Amigos paraguaios?

INF.- Também.

INQ.- Também? Como que começou a amizade...

INF.- Também através da música.

INQ.- Através da música? Legal.

**33.**

INQ.- Tem amigos alemães?

INF.- Sim, também.

INQ.- A amizade começou também por causa da musica ou...

INF.- Isso é questão familiar.

INQ.- Questão familiar né.

**34.**

INQ.- Amigos italianos?

INF.- Também.

INQ.- Tem também?

INF.- Uhum.

INQ.- E como que começou a amizade?

INF.- Também mais através da música mesmo que a gente convive praticamente todo final de semana.

INQ.- Ah sim. Você toca só na igreja?

INF.- Não. Só canto. Bailes também, festas, as promoções quando tem banda também, pra eventos e shows.

INQ.- Ah tá, que interessante.

**35.**

INQ.- Com qual dessas pessoas você sente que a amizade é mais sincera? Qual desses grupos você acha que a amizade é mais sincera?

INF.- Como assim, de... de...

INQ.- Ah, por exemplo, você acha que talvez os italianos são mais sinceros são seus amigos mais sinceros do que os paraguaios. Ou os paraguaios são mais sinceros do que os alemães...?

INF.- Eu acho que italianos são mais.

INQ.- Mais sinceros? Por quê?

INF.- Pelo que a gente conhece com o grupo né.

**36.**

INQ.- Quem que você que a amizade é falsa ou interesseira?

INF.- Pelo que eu conheço que a gente também é alemão né, quem convive bastante e acho que até o familiar também né, a gente vê isso aí, tem esse lado. Os alemães.

INQ.- Mais interesseiro assim.

**37.**

INQ.- Você já se desentendeu ou brigou com eles, por qual motivo?

INF.- Não, num... não houve brigas desentendimentos não. Porque a gente num, num é de se... (inint) uhun, sim.

INQ.- (inint).

**38.**

INQ.- Você namoraria ou casaria com uma argentina?

INF.- Sim. Uma desse lado aí. É sim, gente, é sim boa também né.

INQ.- Ahan.

**39.**

INQ.- E com uma paraguaia?

INF.- Mais difícil.

INQ.- Mais difícil, por quê?

INF.- Sei lá, um pouco mais diferente, uma cultura diferente né, da gente. Criado, os costumes são diferentes também né.

INQ.- Ah sim.

**40.**

INQ.- E com uma alemã?

INF.- Também sim.

INQ.- Também casaria?

INF.- Sim.

**41.**

INQ.- E com uma italiana?

INF.- Também.

INQ.- Também?

**42.**

INQ.- Se você precisasse de um médico ou dentista, procuraria um argentino?

INF.- No momento não.

INQ.- Não, por quê?

INF.- Eu num sei por... que a gente conhece a cidade deles pequena né, lugar diferente né, com pouco recurso né.

INQ.- Ahan, ta certo.

**43.**

INQ.- Procuraria um médico ou dentista paraguaio?

INF.- Também não.

INQ.- Também não, por quê?

INF.- Também por falta de conhecimento, talvez falta de confiabilidade né, e de local que a gente conhece que eles trabalham lá, e equipamentos também né. A gente...

INQ.- (inint) a tecnologia?

INF.- A tecnologia é né? O Brasil tá bem à frente.

INQ.- Ah é. E a gente fica reclamando.

INF.- Ainda reclama.

**44.**

INQ.- Procuraria um médico ou dentista alemão?

INF.- Sim.

INQ.- Por quê?

INF.- Ah por que também são bem confiável nessa parte né.

INQ.- Uhun.

**45.**

INQ.- Médico ou dentista italiano?

INF.- Também.

INQ.- Também pela questão da...

INF.- Uhun, confiança sim.

INQ.- Uhun.

**46.**

INQ.- Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Capanema, gostaria de falar mais alguma coisa que eu ainda não tenha perguntado?

INF.- Não.

INQ.- Do modo que vocês convivem aqui, que vocês se entendem bem, mesmo no caso de multiplicidade, existe interesse de outras pessoas aqui de conhecerem as outras línguas, se aprofundarem mais?

INF.- É que isso a gente ouve, a gente escuta né, e nessa cidade da gente aqui né, faz bastante falta o aprendizado, a gente se aprofundar mais no, no espanhol.

INQ.- Ah, sim! Pra você seria muito importante.

INF.- Uhun, muito importante e é gente de todo mundo conversar sobre isso né, achá uma pessoa que entrasse até nas escola né, que a gente convive bastante com argentino e paraguaio que falam espanhol.

INQ.- Espanhol uhun.

**47.**

Bom, então é isso, bom, você permite utilizar essa, essas respostas que você me deu pro nosso trabalho na Universidade?

INF.- Sim, sim.

**INFORMANTE: 04**

Idade: 41 anos

Escolaridade: (inint)

Natural de: Criciúma-RS

Naturalidade dos pais: Criciúma-RS

**01.**

INQ.- Que língua que você fala?

INF.- Eu falo alemão e língua portuguesa.

INQ.- E consegue se comunicar bastante no alemão?

INF.- Ah, falo pouco mas entender eu entendo tudo né.

INQ.- Uhun.

**02.**

INQ.- É quando a senhora era criança, em que língua os seus pais falavam?

INF.- Alemão.

INQ.- Alemão?

**03.**

INQ.- E seus avós?

INF.- Alemão.

INQ.- Alemão?

**04.**

INQ.- E você se comunicava em qual língua com eles? Com seus pais, com seus avós?

INF.- Alemão, até uma certa idade, só...

INQ.- Falavam alemão.

INF.- Sim, falava.

INQ.- É.

**05.**

INQ.- Aqui em Capanema, é, moram pessoas que falam outras línguas diferentes do português?

INF.- Só o alemão.

INQ.- Ah, o alemão.

INF.- Que eu conheço né, só o alemão.

INQ.- Mas não houve assim, outro fala italiano...

INF.- Ah, tem bastante italiano, mas não que a gente vê falar né.

INQ.- Uhun. Um pro outro assim?

INF.- Não, não.

INQ.- Tem, e espanhóis quando vêm da Argentina?

INF.- Não, na região onde que nós moramos não.

INQ.- É, essas pessoas que falam diferente seria só o alemão mesmo?

INF.- É, tem o, tem os italiano né, mas eles num falam né.

INQ.- Uhun. É... você então não tem nem conhecimento da língua espanhola?

INF.- Não.

INQ.- Dos que vêm de fora.

**06. (A propósito da questão 05:**

INQ.- É, essas pessoas que falam diferente seria só o alemão mesmo?

INF.- É, tem o, tem os italiano né, mas eles num falam né.)

**07.** (A propósito da questão 05:

INQ.- Tem, e espanhóis quando vêm da Argentina?

INF.- Não, na região onde que nós moramos não.)

**08.** (A propósito da questão 05:

INQ.- Uhun. É... você então não tem nem conhecimento da língua espanhola?

INF.- Não.

INQ.- Dos que vêm de fora.)

**09.**

INQ.- Do alemão, você poderia me dar um exemplo da língua alemã? Assim só uma palavra, uma frase, uma expressão...

INF.- Falada?

INQ.- Sim, falada.

INF.- Ah agora, (inint) eu já, num sei mais, traduzir a própria palavra.

INQ.- Mas falar uma palavra, por exemplo, bom dia, boa tarde...?

INF.- Ah tá... isprissirren, é boa tarde.

INQ.- Uhun. É, sabe escrever isso?

INF.- Não.

**10.**

INQ.- Do italiano, você saberia algum exemplo?

INF.- Não. Tsc-tsc-tsc.

**11.**

INQ.- É, comparando então essas línguas, no caso, o alemão e o português, e o italiano também, que você percebe alguma coisa de um jeito né, quem você acha que falar melhor?

INF.- Ai assim, a língua (inint) é mais alemão.

INQ.- Uhun, você acha que eles falam melhor.

INF.- Eu acho que eles falam melhor.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque eles acha muito ahh, alemão, (inint) ele fala comigo em alemão, eles fala brasileiro, mas até (inint) eu respondo em alemão.

INQ.- (inint).

INF.- Que a minha mãe, a minha mãe fala em alemão comigo né.

INQ.- Uhun.

INF.- Então as pessoas mais idosa, a gente mais vivida né, uma palavra (inint).

INQ.- Uhun.

INF.- Então eu acho que alemão é mais...

INQ.- Bom deve ser bastante parecido com a minha casa então, porque lá em casa também, meus pais têm origem alemã aí eles conversam em alemão e eu respondo tudo, eu entendo tudo em alemão, mas eu não consigo...

INF.- Certo. No tempo que a minha vó era viva, ah eu num falava brasileiro com ela.

INQ.- Só alemão.

INF.- Só alemão. Falam as pessoas mais idosas né, que aí a gente foi deixando, foi deixando, só de praticar um pouquinho falava logo, bem pertinho...

INQ.- É, que na verdade não utiliza e não se escreve. Uhun.

INF.- Certo, ahan.

**12.**

INQ.- É... quem você acha que fala pior?

INF.- Ah?

INQ.- Quem você acha que fala pior, espanhol ou assim, alemão, italiano, português, qual língua você acha que... tem uma comunicação pior?

INF.- Pior?

INQ.- É.

INF.- Ah eu não entendo nada de italia...

INQ.- Que você não gosta de ouvir eles falando...?

INF.- Espanhol é um pouco mais difícil pra mim.

INQ.- Uhun. Você gosta de ouvir o espanhol ou não?

INF.- Eu gosto, eu não faço conta da língua, pra mim não... cada um tem, né.

**13.**

INQ.- É em que lugares que você ouve assim, pessoas conversando em alemão, pessoas conversando em italiano... que lugar que você ouve assim?

INF.- Ah mas a... em alemão é a gente ouve, vai em restaurante assim, vai em uma lanchonete, num bar, a gente compra uma cerveja, eles falam em alemão, um vai na casa do outro, na igreja... né.

**16.**

INQ.- É... e assim, quando, quando a senhora se aproxima de um grupo, que está conversando é alemão, por exemplo, um grupo assim que não seja de Capanema, um grupo que esteja assim conversando em alemão, a senhora se aproxima desse grupo, eles param de conversar ou continuam normalmente?

INF.- Não. Eles continuam normalmente, só que eles olham pra mim como se eu fosse uma brasileira, porque eu sou morena né.

INQ.- Uhun.

INF.- Então eles falam, eu num to entendendo o que eles estão falando.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas de repente, eles pensam assim né.

INQ.- E continua falando?

INF.- Continua falando, a gente vai lá, tal, eles falam uma coisa a gente da risada, fala (inint) eles falam mais animado ainda.

**17.**

INQ.- E um grupo de italianos, a senhora já viu alguém conversando, um grupo?

INF.- Não, não.

**14.**

INQ.- Um grupo de espanhóis? Já viu conversando?

INF.- Não.

**15.**

INQ.- Um grupo de argentinos?

INF.- Argentinos, sim, devido à proximidade de Capanema, alguns falam um pouco e a gente fica escutando.

INQ.- E também nesse caso, se você se aproximar, eles param de conversar ou continuam a conversa?

INF.- Continuam.  
INQ.- Continua também?  
INF.- Ah continuam.

**18.**

INQ.- É... na sua opinião, quem que fala melhor? Seriam as pessoas que falam em português ou as pessoas que falam essas outras línguas?  
INF.- Eu acho que português.  
INQ.- Português?  
INF.- É.  
INQ.- Por quê?  
INF.- Mas vai, aqui mesmo, nas línguas, meus filhos eles já entende em alemão, né, daí eles falam bem o português e (inint) como alemoa, já não sei mais falar o português né, daí eu acho que o português né..  
INQ.- E quando a senhora fala em português não tem nenhuma, alguma coisa do alemão que não percebe...  
INF.- Não pra mim não, mas pra...  
INQ.- O pessoal normalmente (inint).  
INF.- Sim, quando eu era mais peguena, nada, não sabia pedir em brasileiro né...  
INQ.- Só em alemão.  
INF.- Só.

**19.**

INQ.- É... e essas outras línguas o italiano, o espanhol, é, o alemão, você acha que são feias ou que são bonitas?  
INF.- Ah eu acho que são todas bonitas, cada uma tem a sua língua né. Porque se eu gosto da minha língua, eles gostam da deles né.

**20.**

INQ.- Tem alguma outra que você acha mais bonita?  
INF.- Ah, eu acho bonita o espanhol. Mais...  
INQ.- Uhun, por que assim?  
INF.- Num sei, assim, primeiro lugar a minha né, depois o espanhol.

**21.**

INQ.- E qual que seria mais feia? Ou não tem nenhuma assim que seria mais...  
INF.- Ah feia num tem nenhuma mais, assim. Parece que o italiano assim, que é mais um pouquinho, eles falam muito sério né.  
INQ.- Uhun.  
INF.- Assim, mas nunca nada contra né...

**22.**

INQ.- É, se você pudesse, se tivesse autoridade, você proibiria o uso de alguma língua, de um outro idioma aqui na cidade de Capanema?  
INF.- Não.  
INQ.- Alguma região, que morasse...  
INF.- Não. Não.

**23.**

INQ.- É... a senhora é de qual religião?

INF.- Aqui?  
INQ.- É, (inint) Qual religião?  
INF.- Ah, religião católica.  
INQ.- É... e no caso, o padre ou o sacerdote, ele fala só português?  
INF.- Só português.  
INQ.- Só português? Você acha que ele deveria saber outra língua?  
INF.- Ah, eu acho que não.  
INQ.- Uhun, acha que não seria necessário?  
INF.- Acho que não.  
INQ.- No caso que venha algum grupo de fora pra conversar com o padre...  
INF.- Ah só, só assim né. Mas o padre, tem que conversar bem né.  
INQ.- Uhun, todas pessoas conseguem compreender?  
INF.- Sim, tudo ahan.

#### 24.

INQ.- E na escola, você sabe se essas línguas são ensinadas? O alemão, o italiano, o espanhol...  
INF.- Eu acho que são.  
INQ.- São ensinadas?  
INF.- São.  
INQ.- Mas todas elas?  
INF.- Mas não sei se todas elas, mas são.  
INQ.- Uhun. E se vier, caso elas não sejam, será que seria necessário colocar...  
INF.- Ah, tem que colocar.  
INQ.- Todas as línguas?  
INF.- Eu acho que sim.  
INQ.- Uhun. É, qual delas, principalmente você acha que seria necessário? O pessoal ensinar?  
INF.- Mas a... eu que se aprender uma língua, tinha que aprender todas né.  
INQ.- Todas elas? Tinha que aprender?  
INF.- É.  
INQ.- Por quê?  
INF.- Porque caso você saia pra um lugar, você pega e você sabe né.

#### 25.

INQ.- (inint) É... você gostaria de aprender alguma outra língua, falar no caso alemão, a senhora já sabe, mas e o italiano, o espanhol, a senhora gostaria de aprender?  
INF.- Ah eu gostaria.  
INQ.- Gostaria?  
INF.- Gostaria.  
INQ.- Qual delas?  
INF.- Espanhol.  
INQ.- O espanhol, por quê?  
INF.- Porque é... eu gosto muito...  
INQ.- Acha bonito...  
INF.- Acho bonito o jeito deles falar...  
INQ.- Acha que teria utilidade, assim o espanhol...  
INF.- Ah eu vejo que pra mim cabia mais, eu aprenderia mais fácil.  
INQ.- E será que a senhora chegaria a utilizar a língua um dia?  
INF.- Ah eu acho que não.

INQ.- E os argentinos, não é necessário utili...

INF.- Ah a gente vai pra Argentina e a gente... alguma coisinha a gente sabe né, que a gente entende né. Mas eu creio que não né, porque com a minha idade como é que vai aprender né.

**26.**

INQ.- Uhun, mas aprende sim, claro. É... aqui vocês falam alemão né, a única língua dessas. Não falam italiano, não falam espanhol né.

INF.- Não, só o alemão.

INQ.- É e o alemão, onde que a senhora aprendeu, foi em casa mesmo?

INF.- Em casa...

INQ.- Ou na escola?

INF.- Não, escola só português.

INQ.- Só português.

INF.- Em casa.

**27.**

INQ.- É... se por acaso a senhora fosse comprar uma casa, fosse num bairro onde só moram argentinos, você compraria uma casa?

INF.- Compraria.

INQ.- E moraria?

INF.- Ahan.

**28.**

INQ.- E se fosse num bairro onde só moram paraguaios? Não compraria?

INF.- Não.

INQ.- Por quê?

INF.- Ah eu num sei.

INQ.- Mas será que... não confia muito nos paraguaios, tem medo...

INF.- A gente confia né, mas a gente tem um pouco de medo assim, um tipo de medo parece né...

INQ.- Mas assim medo de não compreender com a língua deles, de não se, se enturmar...

INF.- Ah, não se enturmar né com eles.

INQ.- De ser rejeitado...

INF.- É, assim.

**30.**

INQ.- E um bairro onde só morassem italianos?

INF.- Ah eu iria morar.

INQ.- Iria?

**29.**

INQ.- E um bairro onde só morassem alemães?

INF.- Também.

**31.**

INQ.- A senhora tem algum amigo argentino?

INF.- Não.

**32.**

INQ.- Algum amigo paraguaio?

INF.- É, tem uns parente né, tem alguns parente que mora no Paraguai né,

INQ.- Então só, só parente.

INF.- Só parente.

INQ.- Amigos de casa você num tem né?

INF.- Não, não.

**33.**

INQ.- É... amigos alemães?

INF.- Vixe...

INQ.- Com certeza né.

INF.- Rodeado.

INQ.- E essas amizades, como que nasceram?

INF.- A gente procura pela gente né, porque lá na onde nós moramos num tinha ninguém que falava português era só alemão.

INQ.- E até hoje eles falam alemão?

INF.- Com a gente. Bastante gente né, que já foram né, que nem a minha vó né, que falava, agora não tem mais, o meu pai já foi também, a minha mãe só fala em alemão comigo...

**34.**

INQ.- E amigos italianos, você tem?

INF.- Tenho. Tem bastante...

INQ.- E essa amizade nasceu como?

INF.- Ela era minha cunhada, (inint)

INQ.- Ah era cunhada?

INF.- Muito querida. Teve muita, muito italiano lá... tem mais longe mas tem... tudo gente boa né.

**35.**

INQ.- Uhun, e com qual dessas pessoas você acha que a amizade é mais sincera? Seria com alemão, com italiano... com paraguaio....

INF.- Eu acho, alemão.

INQ.- Alemão, por quê?

INF.- É, sei lá, eu acho que alemão não é tão falso.

INQ.- Uhun, e tem uma que você acha que é mais falsa?

INF.- É, o alemão parece que ele é mais franco assim, você percebe (inint) o que ele fala assim. Ele é, ele é mais (inint).

**36.**

INQ.- E qual que seria a amizade falsa?

INF.- Ah, é, conversar com uma pessoa né, ela não fala contigo mas depois chama, ela (inint), é falsa.

INQ.- Sim, mas tem aqui alguma amizade sua, que a senhora considere que seja?

INF.- Não, não, não.

**37.**

INQ.- É... você já se desentendeu, ou brigou com alguma, com algum amigo desses?

INF.- Nunca.

INQ.- Nunca?

INF.- Nunca.

**38.**

INQ.- É... o pessoal, a senhora já é casada, mas se fosse pra casar hoje com um espanhol, você acha assim, com um argentino, você acha que se casaria?

INF.- Não.

INQ.- Não, por quê?

INF.- Porque não.

INQ.- Mas tem algum motivo porque não gosta dos argentinos?

INF.- Não, é só, é mais se fosse pra se casar.

INQ.- E tem algum motivo?

INF.- Motivo, oh! Ah, porque são muito... não dá pra falar.

INQ.- São mais... a senhora não gosta de conversa com eles, não sente assim uma liberdade?

INF.- Eles são diferentes de nós.

**39.**

INQ.- E se fosse um paraguaio? Você casaria?

INF.- Não. Até (inint) um argentino.

**40.**

INQ.- Com alemão a senhora casava?

INF.- É, eu casava também, né.

**41.**

INQ.- Italiano a senhora casaria?

INF.- Casaria.

INQ.- Italiano por quê casaria?

INF.- Ah, italiano já é mais parece que a gente já conviveu mais, né, junto (inint) mais vivido. São gente boa, né?

**42.**

INQ.- Se a senhora precisasse de um médico ou dentista. A senhora procuraria um argentino?

INF.- Só no argentino falta.

INQ.- No argentino falta por quê?

INF.- Porque a gente confia mais no... português.

INQ.- E no serviço de um argentino a senhora não confiaria? Se tivesse a opção de escolha?

INF.- Não confiaria.

**43.**

INQ.- E no paraguio?

INF.- Muito menos.

INQ.- Por quê?

INF.- Eu acho que não tem mais experiência boa, os olhos que tem... o alemão, o português...

**44.**

INQ.- Um dentista alemão, um médico alemão? Procuraria?

INF.- Sim.

INQ.- Daí nesse caso se tivesse opção, assim, um dentista brasileiro e um dentista alemão. Qual a senhora procuraria?

INF.- Brasileiro.

INQ.- Brasileiro? Por quê o brasileiro?

INF.- Porque eu acho que o brasileiro tem mais capacidade necessária.

INQ.- Uhum.

**45.**

INQ.- E um dentista, um médico italiano?

INF.- Também.

INQ.- Também.

**46.**

INQ.- O questionário já está terminando e sobre tudo isso que a gente comentou, queria saber senhora tem mais alguma coisa pra comentar. Assim, qualquer coisa que a senhora queria (inint) a variedade de línguas que tem mais alguma coisa que a senhora queria comentar?

INF.- Bom, eu não tenho pra comentar não.

INQ.- Foi falado tudo?

INF.- Eu acho.

INQ.- Então tá.

**47.**

INQ.- Como eu já comentei seu nome não vai aparecer de jeito nenhum, não se preocupe. Eu só gostaria de ter a sua autorização pra utilizar essas respostas no nosso trabalho. Seu nome não vai aparecer, posso utilizar?

INF.- Pode.

**INFORMANTE: 05**

Idade: 59 anos

Escolaridade: 3ª série do primário

Natural de: Iraí-RS

Naturalidade dos pais: Ausia e Campo Novo-RS

**01.**

INQ.- Que língua que o senhor fala?

INF.- Ah eu falo português e alemão.

INQ.- O senhor fala duas línguas, aprendeu na escola?

INF.- Não. Aprendi com meus pais.

**02.**

INQ.- É, quando o senhor era criança, então os pais do senhor falavam com você em alemão, ou só português?

INF.- Eles falavam em casa, falavam só em alemão.

INQ.- Ah.

**03.**

INQ.- E os avós também só falavam isso?

INF.- Num cheguei a conhecer meus avós, nem pra trás e nem agora.

INQ.- Uhum, então conversou só com os pais mesmo. O senhor conhece a língua alemã, só porque os pais do senhor ensinaram.

INF.- Hoje eu já tô um pouco já perdido na língua alemã porque a gente fala com eles no limite era pai dela, fala muito pouco alemão, então quase não pude conhecer os que falam a língua deles, mesmo as próprias pessoa que conhece a língua alemão já num usa mais falar ela, muito pouco.

INQ.- Uhum.

INF.- É muito povo mais de idade assim que ainda gosta de falar um pouco assim, mas a gente não conversa. Ou às vezes eu... eu me (inint) a falar alguma palavra, já tenho que pensar como que é o nome daquela palavra, eu já to um pouco destreinado, pra falar a palavra.

INQ.- Uhum.

**05.**

INQ.- Aqui em Capanema, vocês convivem com pessoas que falam diferente de você?

INF.- Aqui convivemos um pouco com a língua espanhola. Argentino, paraguaio, muita gente sabe falar a palavra, por causa da fronteira, então a gente, passa de um lugar pro outro assim.

INQ.- Ah sim, tem alguns ambientes que vocês podem se informar?

INF.- Às vezes tem entrado muito gente e as vezes a gente vai lá comprar, então porque tem uma ponte internacional ali embaixo, logo ali pra baixo, passa um rio que todo mundo ali compra. Então a gente vai pra lá, às vezes passa de carro, que a gasolina é mais barata, e vai comprar muitas coisas lá que... lá que inté esses dias é mais barato, agora com essa mudança de dólar eu já nem sei mais como é que tá.

INQ.- Ahan.

INF.- Até esses dia era bem mais barato.

**06.**

INQ.- Que línguas é, as pessoas falam aqui?

INF.- Aqui falam é, geralmente tem o italiano, tem o polonês, tem alemão, e tem o... o... espanhol (inint) e o português né.

INQ.- Uhum. E aqui tem o espanhol argentino e o espanhol paraguaio, não é isso?

INF.- Argentino.

**07.**

INQ.- Você poderia dar um exemplo do espanhol argentino?

INF.- Não, não sei falar a língua.

INQ.- Uma palavra, um modo de cumprimentar...

INF.- Não, nada... eu num consigo, No momento eu tenho como explica qual a palavra.

**08.**

INQ.- O espanhol paraguaio o senhor diz que não tem.

INF.- Não, que eu saiba não.

**09.**

INQ.- E o exemplo de uma palavra em alemão, uma coisa em alemão que o senhor ainda lembra?

INF.- Aí eu lembro bastante... (brasileira).

INQ.- Pode falar.

INF.- Pra cumprimentar: “gongovi, (inint) codenastre”. Tem várias assim (inint), tem alguma coisa eu posso me perdê mais, mas eu consigo falar bastante.

INQ.- O que mais que o senhor fala?

INF.- Em alemão? Olha, só você me perguntar.

INQ.- Ah é? (risos) E se você se formou em alemão o quê?

INF.- Dar bom dia, boa tarde, boa noite.

INQ.- Ah interessante!

**10.**

INQ.- É... o senhor sabe alguma coisa em italiano?

INF.- Não, não sei nada em italiano.

INQ.- Ahan.

INF.- Eu praticamente sei só o alemão e português.

INQ.- Ahan.

INF.- Entendo. Falar, eu entendo, quando eles falam, mas eu.. agora falar uma palavra (inint) agora saber eu num...

INQ.- O senhor num...

INF.- É, eu num consigo me lembrá.

**11.**

INQ.- Comparando essas línguas, o argentino, o paraguaio, o italiano, o alemão, quem fala melhor?

INF.- Comparando alemão, e espanhol e português...

INQ.- E o italiano.

INF.- E o italiano? Ah quem fala melhor, geralmente seria mais o espanhol eu acho que fala mais... que eles geralmente, eles ali convivem com a língua, e a língua alemã ou italiano, as pessoas tem vez que ficam muito pouco aqui com a casa aqui, tinham italiano, um alemão, mas num usam falar a língua, sabe. Mesmo sendo da escola e tudo isso aí, há uns tempos atrás e lá no, no, no espanhol não, porque a língua é uma língua, uma língua da pátria com se diz, então eles falam muito, na terra dele, paraguaio, argentino, eu acho que fala mais melhor seria ele.

INQ.- Então e os outros o senhor acha que falam pior?

INF.- Geralmente sim.

**12.**

(A propósito da questão 11:

INF.- (...) e a língua alemã ou italiano, as pessoas tem vez que ficam muito pouco aqui com a casa aqui, tinham italiano, um alemão, mas num usam falar a língua, sabe. Mesmo sendo da escola e tudo isso aí, há uns tempos atrás e lá no, no, no espanhol não, porque a língua é uma língua, uma língua da pátria com se diz, então eles falam muito, na terra dele, paraguaio, argentino, eu acho que fala mais melhor seria ele.

INQ.- Então e os outros o senhor acha que falam pior?

INF.- Geralmente sim.)

### 13.

INQ.- Uhun. Em que lugares o senhor ouve essas línguas aqui? Em que lugares aqui da cidade o senhor ouve?

INF.- Ah eu geralmente, pros cantos aí, em muitos lugares né.

INQ.- Uhun.

INF.- Andando dentro da cidade ou bem como no interior, muitas pessoas falam essas língua.

INQ.- Uhun. Vocês conhe... têm contato com o guarani aqui também?

INF.- Não, com o guarani não.

### 14.

INQ.- Quando o senhor se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles, ou eles continuam conversando?

INF.- Se eles tiverem em dois ou três ali conversando se você se aproxima, eles vão continuar conversando.

INQ.- Uhun.

INF.- A não ser que se o mesmo, se, se você chegar e interromper e fazer alguma pergunta, vão te responder em espanhol, porque.. a não ser quem mora ali na fronteira que combine muito com, com, com o pessoal. Do Brasil.

Aí esse sim, porque tem bastante amizade lá, lá eles falam tudo, bastante português, por causo que vai muito brasileiro pra lá.

INQ.- Ah sim.

INF.- Sabe lá falam várias línguas também porque é um lugar turístico naquela região ali, então vem gente de tudo parte do mundo que vão ali.

INQ.- Ahan.

INF.- Se parasse a Ponte da Amizade então pra, pro paraguaio ali tem, tem muita coisa interessante ali. Pra começar desde do... dos sacoleiros e tudo, em que ponto, (anel), local de contrabando... então isso passa tudo por ali.

INQ.- Uma variedade grande...

INF.- É ali sim, ali, ali tem dentro da fábrica de açúcar, por exemplo, ali tem, tem várias línguas lá, tem língua do mundo inteiro, tem pessoas lá. E que falam a língua.

### 15.

INQ.- Quando o senhor se aproxima dos argentinos, eles costumam para de conversar entre eles ou eles continuam conversando?

INF.- Ah eles continuam conversando, eu acho que sim né.

INQ.- Ahan.

INF.- Eles num param de conversar.

### 16.

INQ.- E quando o senhor se aproxima dos alemães, eles continuam, é, eles costumam parar de conversar ou eles continuam conversando.

INF.- É geralmente uns aqui, geralmente param, eles sempre param de conversar porque eles num... num gostam de, de porque o nosso país, a língua nossa é portuguesa.

INQ.- Ahan.

INF.- Então as pessoas param porque acham que o outro pode se ofender porque acham uma espécie de racismo, coisa assim parecida, a pessoa fica um pouco chocada, então... começam a falar o... a língua... do Brasil.

INQ.- Ah sim.

### 17.

INQ.- E os italianos, eles continuam conversando entre eles ou param de conversar?

INF.- Não, italiano é a mesma coisa.

INQ.- Hum.

INF.- Também param.

### 18.

INQ.- Falam melhor os que falam português ou os que falam essas línguas estrangeiras?

INF.- Por que, bem melhor em que sentido?

INQ.- No... pode ser o modo de falar ou... facilidade com que eles falam, se falam devagar, se falam mais rápido. Ou ele fala claramente assim (inint).

INF.- Aí tem tudo... daí depende de... de que maneira você vai pegar isso aí, porque entre eles que se entendem bem, e sabe conversar e sabem se expressar, pra eles acho que tanto, tanto faz como tanto o português... ué o alemão, o espanhol, ou é o italiano... eu acho que, acho que é mais ou menos depende é situação, ocasião tudo, tudo as coisa se ajeita conforme... a ocasião né.

INQ.- Ahan. Mas assim, por exemplo se, tem gente que fala o português pra entender assim, qual que você tem pra entender melhor assim?

INF.- Ah, tem que ter o português.

INQ.- Ahan.

INF.- Tem que ter o português.

INQ.- E o espanhol se aproxima um pouco do português né.

INF.- Se aproxima bastante.

INQ.- Até pra entender o português até em outras línguas.

INF.- Sim, exatamente, ixe, o espanhol tem muita (inint) com a língua portuguesa. Tem umas palavras que até que são igual sabe, um pouquinho maneira, é mudado o jeito que vê mas lá no fundo tudo é mesma palavra.

### 19.

INQ.- Essas línguas, são feias ou são bonitas?

INF.- Acho que toda língua é bonita. Ela seja bem esticada, seja uma conversa de frente, acho todas as línguas bonitas, todos sabem qual é o idioma. No meu ponto de vista.

### 22.

INQ.- Se o senhor pudesse, o senhor proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Capanema?

INF.- Eu num proibiria nem nenhum. Que valoriza toda... eu acho lindo, acho lindo o italiano, mesmo que não entendo, gosto de ouvir pessoal falar. Até gostaria de um dia estudar a língua porque eu gosto de escutar falar, adoro a língua italiana. Italiano é

também, italiano também sei um pouquinho muitas palavras do, do português. Num sei se você já escutou algum dia... o italiano conversar.

INQ.- Tem um pouquinho assim...

INF.- Ele tem alguma semelhança, muitas palavras são bem idênticas ao português, então dá pra entender também. Agora o alemão não. O alemão é uma coisa difícil, ela é bem ao contrário.

INQ.- Bem diferente.

INF.- Você vai começar a contar o número em alemão é sempre ao contrário, vinte e dois então ali seria, seria vinte, e vinte e um... seria o um primeiro, depois o dois.

INQ.- Ah sim.

INF.- O alemão vai dizer: "ainumsabit".

INQ.- Ah que legal.

INF.- É.

INQ.- É bem o contrário mesmo.

INF.- É. Bem o contrário.

INQ.- É mais complicado.

### 23.

INQ.- É, que, qual a religião do senhor?

INF.- Qual é minha religião?

INQ.- Isso.

INF.- É católica.

INQ.- Católica. Então na igreja, o senhor acha que tem o... que eles aceitam o latino... deveria falar também essas línguas?

INF.- Não... depende da população, se a população é a maioria de uma língua ou de uma raça ou de outra, eu acho que isso se, se, se cabe se... a missa naquela língua, seria, porque tem muitas pessoas idosas ainda que aqui no Brasil que uma grande dificuldade ainda com a língua portuguesa, assim, (inint) bastante né...

INQ.- Uhun.

INF.- E pra gente entender seria melhor naquela linguagem, e isso a média Brasil, eu acho que tem ser o português mesmo.

### 24.

INQ.- E a escola deveria ensinar essas línguas que o senhor ouve por aqui?

INF.- Não. Assim eu acho que, geralmente a escola já tá ensinando o espanhol e o, e o inglês que são interessantes essas línguas por causa que o Bento tem sobrenome de alemão de, de, de... que, que o, a turma mesmo, a senhora no lê esse nome aqui, a senhora vai pronunciar ele totalmente errado.

INQ.- Uhun.

INF.- Porque na realidade ele é pronunciado diferente mesmo. Por exemplo, o meu sobrenome, aqui já dá pra ver, tá no cheque... tem aqui o meu nome aqui assim... ah...então aqui, como é que você vai ler esse sobrenome aqui?

INQ.- Nossa senhora... Dequikulem, lenzer...

INF.- O ideal seria: "raindi".

INQ.- Renzer.

INF.- É.

INQ.- Nossa.

INF.- Então é, é essa é a dificuldade, então vai por exemplo, quem estuda o inglês, ele tem a facilidade, de falar também tudo esses nome.

INQ.- Ah sim.

INF.- Sim, seria mais fácil, porque ele tem uma mudança de, de... desse expressão acho que dessa palavra, deve ser, troca as letra, usa duas letra de uma maneira ou de outra, mas nós vamos pegar o “e” e o “i”...

INQ.- Ahan.

INF.- E, e em, em, em português, vamos ver “i”, e em alemão não, é “a”. E, e pronuncia assim a letra “a”...

INQ.- Interessante.

INF.- A língua é muito interessante, eu acho muito interessante como hoje em dia as escolas estão ensinando o espanhol e o inglês. Então isso ajuda as pessoas a conhecer a língua melhor né. Pronunciar melhor as palavras.

INQ.- Além do espanhol e do inglês, quais línguas o senhor acha que deveriam ensinar?

INF.- A língua, nós que moremos nas fronteiras aqui, acho que seria o espanhol, que o inglês aqui geralmente, eu num conheço nenhuma pessoa que fala aqui. Que a disputa é nessa divisão (inint) e eu não ouvi ninguém falar o inglês.

INQ.- Ahan, é difícil né. O senhor não acha que deveria ensinar o alemão também aqui?

INF.- Seria bom, seria bom, agora o italiano, o alemão, só que quem é que vai aprender essas línguas todas?

INQ.- Uhun.

INF.- Porque não consegue nem, as crianças não consegue nem estudar o espanhol e o... porque num sei se você estudou o inglês, provavelmente deve ter estudado.

INQ.- Eu estudei.

INF.- Sabe falar a língua?

INQ.- (risos) Pouco.

INF.- Então se você quiser estudar o alemão, estudar o espanhol, estudar o, o polonês, estudar outra língua, não consegue nem, nem aprender uma, seria uma dificuldade. Agora vai, vai, agora chegando em quarenta, acho num adianta tantas línguas. Seria bom pra um intérprete fazer, aí seria sério, isso é (inint) aí tem que dedicar pra esse tipo de coisa pra poder, também tem a (inint) né, o povo se fala o polonês, que eu sei falar o polonês, sei falar várias línguas posso interpretar, podia passar pro outro.

INQ.- Uhun.

INF.- Que você falou, isso de estudo da língua, isso aí o povo tem que se dedicar, acho que é (inint) isso aí, pra, pra tem que ser, pegar pra uma profissão isso aí. Mas seria mais pra aprender uma pessoa normal, aprender cinco, seis língua acho que no fim num sabe nenhuma.

## 25.

INQ.- O senhor gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras?

INF.- Ah gostaria de, de aprender o espanhol.

INQ.- Espanhol mesmo. Por quê? Além do espanhol, teria mais alguma? Que o senhor...

INF.- É só do espanhol. Espanhol pra mim já seria o bastante pra falar o espanhol.

INQ.- O senhor gosta do espanhol?

INF.- Gosto.

## 26.

INQ.- O senhor disse que sabe um pouco de alemão né...

INF.- Sei, bastante, é sei, sei tem...

INQ.- Tem né, aprendeu com os pais do senhor.

INF.- Eu realmente me criei, com uma educação em alemão. Eu mesmo tenho dois filhos, a filha então, a minha mulher num, num, ela é alemoa mas num fala alemão, então a filha ficava com ela lá só em casa, e o filho ficava mais comigo então eu falava em alemão com meu filho, ele, ele, hoje ele entende tudo, e fala muitas palavras. E a filha num entende nada, que ficava com a mãe.

**27.**

INQ.- É... se o senhor fosse comprar uma casa em um bairro onde morasse só argentino, o senhor compraria?

INF.- Não, acho que não, acho que pelo Brasil tá bem melhor do que Argentina, do meu ponto de vista eu não queria sair do Brasil, nem pra morar no Paraguai, nem pra morar na Argentina.

INQ.- Mesmo se tivesse um bairro, mesmo aqui no Brasil, se tivesse um bairro onde só morassem argentinos, o senhor compraria uma casa?

INF.- Não, não teria problema, não teria problema nenhum. Eu não tenho nada contra eles, eu acho que pra morar, no nosso país, que a gente tá vivendo eu me sinto acho que melhor do que se fosse morar na Argentina, agora se fosse, se fosse morar num bairro que tivesse só isso, só argentino, ficaria bem de acordo, porque são gente, tudo gente boa. (inint) Tudo gente boa. Eu gosto das pessoas de lá.

**28.** (Não formulada)

**29.**

INQ.- E se fossem, e se só morassem alemães, o senhor também compraria uma casa? No bairro onde só...

INF.- Comprava, com muito prazer.

INQ.- (risos).

**30.**

INQ.- Se morasse apenas os italianos, o senhor compraria também?

INF.- Também, compraria.

**31.**

INQ.- O senhor tem amigos argentinos?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Íntimo não.

INQ.- (inint) assim...

INF.- Não é, algum outro... mais raramente.

INQ.- Não tem como falar com eles assim?

INF.- Não.

INQ.- Se encontra em algum lugar...

INF.- Se encontra às vezes falar um pouco, lá tem... conhece um outro por lá...

INQ.- Uhun.

INF.- Mas assim, intimidade a gente, eu num tenho com nenhum.

INQ.- Ahan.

**32.**

INQ.- O senhor tem amigos paraguaios?

INF.- Paraguaios sim, porque inclusive eu tenho sobrinhos que são paraguaios, nascidos no Paraguai.

INQ.- Ahan. Mas além dos sobrinhos o senhor não tem mais, não tem amigos mesmo.  
INF.- Ah eu até tinha alguns porque através dos meus parentes lá que foi, a gente conheceu alguns, algumas pessoas que ficou meio, meio amigo.  
INQ.- Ah sim.

**33.**

INQ.- O senhor tem amigos alemães?  
INF.- Aqui no Brasil sim, bastante né.  
INQ.- Ah é, na região que o senhor mora tem?  
INF.- Tem muito também. Aqui tem italiano, e... tem...  
INQ.- Tem mais italianos?  
INF.- Bastante, bastante italiano.  
INQ.- E o senhor conversa bem com eles, dá pra entender.  
INF.- Sim, sim, sim, sim.

**35.**

INQ.- Ah o senhor... com qual deles o senhor sente que a amizade é mais sincera?  
INF.- O que eu vou dizer... tudo depende... o amigo a gente consegue conquistar através de, de convivência, então não interessa se ele é... branco, se ele, se ele o que cor... pra mim num interessa.  
INQ.- Uhun.  
INF.- Ele é... eu sinto que ele é uma pessoa boa e eu tenho ele como amigo né.  
INQ.- Hum.  
INF.- Porque tem... porque nesse tipo de raça, existe tudo em que raça tem gente boa e tem gente que num presta, então eu acho que ali é uma maneira, de, de... de você se sentir bem, se sentir mal com uma pessoa.  
INQ.- Uhun.  
INF.- Tem gente que não presta e você num pode ser amigo, e num interessa qual é a cor e nem qual é a raça. Então essa é a questão.  
INQ.- Ahan.

**36.** (A propósito da questão 35:

INF.- O que eu vou dizer... tudo depende... o amigo a gente consegue conquistar através de, de convivência, então não interessa se ele é... branco, se ele, se ele o que cor... pra mim num interessa.  
INQ.- Uhun.  
INF.- Ele é... eu sinto que ele é uma pessoa boa e eu tenho ele como amigo né.  
INQ.- Hum.  
INF.- Porque tem... porque nesse tipo de raça, existe tudo em que raça tem gente boa e tem gente que num presta, então eu acho que ali é uma maneira, de, de... de você se sentir bem, se sentir mal com uma pessoa.  
INQ.- Uhun.  
INF.- Tem gente que não presta e você num pode ser amigo, e num interessa qual é a cor e nem qual é a raça. Então essa é a questão.  
INQ.- Ahan.)

**37.**

INQ.- O senhor já se desentendeu com algum desses amigos ou com paraguaio ou com italiano, alemão...

INF.- Às vezes, bom, aqui dentro do Brasil, tem às vezes acontece que tem gente que se desentende, que acho que ninguém vê isso de, de, de, de repente não se entender direito com a pessoa, à vezes chegar aqui ela, isso acontece isso. E isso aqui dentro do Brasil não. Se for lá um outro país, vou me desentender lá e vão me prender, porque lá num tem voz ativa né.

INQ.- É por isso.

INF.- Aqui no Brasil não, aqui nós vamos por, vamos na lei e vamo ver de quem é a raça.

INQ.- Uhun. O senhor já se desentendeu com alguém?

INF.- Muito pouco.

INQ.- Uhun.

INF.- Tempo dos (inint) a gente saía, pegava ia pros bailes, (inint) pegasse mais um pouco e levasse.

INQ.- Mas aí é assim, era com, com outros outros italianos, com alemão...

INF.- Ah isso (inint) né.

### 38.

INQ.- Uhun. O senhor casaria ou namoraria com uma argentina?

INF.- Sim, por que não, se me agradasse da pessoa que eu achasse que ela seria uma pessoa adequada pra viver conviver comigo, num teria problema. Eu num ia escolher, se fosse espanhol, se fosse paraguaio, se fosse... que raça...

INQ.- Alemã...

INF.- É num importaria.

### 40.

INQ.- Alemã o senhor já casou, (inint) italiana também o senhor não teria problema?

INF.- Não, não teria problemas.

### 41.

INQ.- Se o senhor precisasse de um médico ou de um dentista, procuraria um argentino?

INF.- Ah eu procuraria um médico que de confiante, um médico que eu conhecia que podia confiar, no trabalho, num importa se ele fosse argentino, se ele fosse japonês, se ele fosse qualquer raça.

INQ.- Paraguaio, alemão...

INF.- É num interessava, interessava se fosse um médico que, fosse um médico que a gente podia confiar, então quando tem confiança num médico é... entende bem, isso ajuda também isso ajuda porque a gente tem confiar na... na... saúde. Se não tem fé, tem que ter fé naquela pessoa que vai te, o cara é bom... porque o cara, daí, daí tu vai se curar bem melhor.

INQ.- Independente da, da...

INF.- Independente da raça ou de quem que seja.

INQ.- Tá certo.

### 46.

INQ.- Sobre essa multiplicidade de línguas que o senhor ouve aqui em Capanema, o senhor gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?

INF.- Bom eu acho que, eu acho que você quase, praticamente perguntou tudo porque que eu possa imaginar você já perguntou.

INQ.- (risos).

INF.- Então aqui você né, vive harmoniosamente...

INQ.- Tranqüila, aqui é uma região sinceramente, Capanema, isso mesmo todas as cidades vizinhas aqui são pequenas cidades, aqui é uma paz...

INQ.- Uhum.

INF.- Invejável, aqui num existe malandro, num existe ladrão, num existe bandido, num existe seqüestrador, aqui num existe nada, aqui nós temos um paraíso. Esse lugar aqui é um paraíso.

INQ.- Mesmo havendo essa diversidade, às vezes...

INF.- É, mesmo havendo isso aí.

INQ.- Essas línguas...

INF.- Porque aqui o que num presta num se cria aqui. Ele num consegue sobreviver aqui.

INQ.- Vocês vão pra Argentina bastante, vão pro Paraguai?

INF.- É, mesmo assim a gente vai pro Paraguai porque tem parente morando lá, né porque... um irmão que agora veio pro Brasil, mas morava lá, tem uma irmã lá que já faleceu, minha mãe, meu cunhado, eu tenho sobrinho que mora ainda lá. Teve uma vez que a gente foi lá passear, visitar eles por lá.

INQ.- Na Argentina também, seus...

INF.- Num tenho parente mas só que eu vou lá as vezes... e lá, comprar alguma coisa...

INQ.- Comprar alguma coisa...

INF.- Comprar a gente compra muito, farinha, farinha é muito boa, sabe, que tem na Argentina. Aqui no Brasil a farinha é muito, muito misturada, lá é uma farinha pura, aquilo... é totalmente diferente, pra (inint) pão e... (inint). Aqui muito misturada.

INQ.- Ahan.

#### 47.

INQ.- O senhor permite que eu utilize essa conversa pro nosso trabalho na Universidade? Não vai nem sair o nome do senhor nada, só vamos utilizar as respostas que o senhor...

INF.- Pode usar. Uma vez que eu num seja prejudicado em nada, que eu num tenho que correr pra lá ou qualquer coisa né.

INQ.- De maneira nenhuma é só mesmo nosso trabalho na Universidade, seu nome num vai sair...

INF.- Não, não tem problema.

INQ.- Endereço nada, só mesmo as respostas, que a gente trabalha...

INF.- Num, num, num tem problema.

#### **INFORMANTE: 06**

Idade: 55 anos

Escolaridade: Ensino Fundamental

Natural de: Fransciso Beutrão-PR

Naturalidade dos pais: Rio Grande do Sul e Santa Catarina

01 INQ.- Que língua você fala?

INF.- Eu falo brasileiro.

INQ.- Brasileiro.

INF.- Brasileiro.

INQ.- Ah, só brasileiro, ou teve contato com algum...

INF.- Olha, tinha contato com italiano, até quando os meus pai eram vivo, os avô né, mas a gente não conseguia aprender falar né.

INQ.- É difícil?

INF.- É difícil, só que eles falavam muito pouco em casa, falavam entre eles né, mas a gente já sempre foi o português né, o brasileiro mesmo.

INQ.- Uhun.

**02.**

INQ.- Então quando a senhora era criança, você, os pais da senhora falavam..

INF.- Sim, falavam italiano, junto com meus avós né.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas com a gente em casa era só...

INQ.- Ah tá, vocês não conseguiam passar...

INF.- Não conseguiam aprender né.

INQ.- Interessante.

INF.- Uhun.

**03.**

INQ.- Então os avós da senhora também falavam em italiano com a senhora...

INF.- Sim, o meu avô veio da Itália com oito meses de idade.

INQ.- Nossa. Bem novinho.

INF.- É sim, era de navio ainda né.

INQ.- Uhun. Preservavam a língua né.

INF.- Sim.

**04.** (A propósito da questão 01:

INF.- Olha, tinha contato com italiano, até quando os meus pai eram vivo, os avó né, mas a gente não conseguia aprender falar né.

INQ.- É difícil?

INF.- É difícil, só que eles falavam muito pouco em casa, falavam entre eles né, mas a gente já sempre foi o português né, o brasileiro mesmo.)

**05.**

INQ.- Aqui em Capanema vocês moram com pessoas que falam diferente?

INF.- Sim. A gente mora perto, os vizinhos da gente conhece toda alemão né, porque aqui bastante ascendência de alemão aqui em Capanema né.

INQ.- Ah tá.

**06.**

INQ.- Que outras línguas se fala por aqui?

INF.- Pois é, que eu conheça mesmo assim, alemão, tem um pessoal que fala da Argentina ali que é outra língua né.

INQ.- Uhun. Ali é o que, espanhol, eles falam?

INF.- Deve de ser né, se me apurou agora (risos).

INQ.- (risos) Você tem contato com o guarani aqui?

INF.- Mas muito pouco, nunca aparece esse pessoal assim né.

INQ.- Ah.

INF.- Que vem assim pedir coisa, essas coisa maioria são dali né, senão num... num tem muito contato com eles.

INQ.- Bom você me disse que já, aqui eles falam né, tem o guarani, tem o alemão, tem o italiano né...

INF.- Italiano, uhun.

INQ.- O espanhol argentino...

INF.- É.

INQ.- E tem espanhol paraguaio também?

INF.- Mas deve de ter né.

INQ.- Uhun.

INF.- Deve de ter, só que ninguém, pessoalmente num tem contato né.

INQ.- Ah sim.

INF.- Mas a gente sabe que tem né.

INQ.- Uhun.

**08.** (A propósito da questão 06:

INQ.- E tem espanhol paraguaio também?

INF.- Mas deve de ter né.

INQ.- Uhun.

INF.- Deve de ter, só que ninguém, pessoalmente num tem contato né.

INQ.- Ah sim.

INF.- Mas a gente sabe que tem né.

INQ.- Uhun.)

**07.**

INQ.- A senhora poderia dar um exemplo de espanhol argentino?

INF.- Ai argentino... (risos).

INQ.- (risos).

INF.- Nossa, o que que eu vou dizer, num sei nem...

INQ.- Uma palavrinha... ou uma maneira de cumprimentar deles que (inint).

INF.- Ai não... não, vou saber te responder essa.

INQ.- Não tem problema.

INF.- Não vou saber te responder essa pergunta.

INQ.- Uhun.

**09.**

INQ.- A senhora poderia dar um exemplo do alemão?

INF.- Ai... tem uns vizinhos lá que falam, mas só assim, é um língua tão difícil né, vai falar uma coisa e... não, não, isso aí num consigo, falar nenhuma em alemão né.

INQ.- Nenhuma maneira de se cumprimentar...?

INF.- É, num sei como é que cumprimenta em alemão.

INQ.- Ahan.

INF.- Num sei mesmo.

INQ.- E tem vizinhos.

INF.- Tem vizinhos né, mas eles assim em casa, num é praticado alemão né.

INQ.- Ahan.

INF.- São a maioria alemão, mas a gente num, num é praticado, esses também da família né.

**10.**

INQ.- E o italiano?

INF.- Ah italiano é até, “Bono cela” que é bom dia né, “tudo san”, tudo bem.

INQ.- A senhora conviveu muito com os avós da senhora?

INF.- Eu convivi até meus catorze ano, os pais, com meus pai, a minha mãe já faz quarenta anos que tá morta né, que ela morreu muito novinha, eu era nova também né.

E meu pai também mas depois assim, com o pai a gente num mais aquele contato que ele morava longe né. Então a gente aprendeu pouco, meu marido também é italiano, mas a gente não pratica né, não fala...

INQ.- São mesmos algumas coisinhas...

INF.- É lá, uma coisa e outra né, caçarola, que panela, né.

INQ.- Ah sim, caçarola.

INF.- É italiano né.

INQ.- Uhun.

INF.- Uhun.

### 11.

INQ.- Comparando essas línguas né, o argentino, o paraguaio, o italiano, alemão, quem fala melhor?

INF.- Pra mim, quem fala melhor é o italiano né, que eu entendo. (risos). Como é que eu vou entender o alemão?

INQ.- Ahan.

INF.- Pra mim o que eu entendo mais é o italiano que fala melhor né.

INQ.- Ahan.

### 12.

INQ.- Então como a senhora não entende as outras línguas, a senhora acha que as outras falam pior?

INF.- Sei lá. No meu entender sim né, porque pode ser que pra eles seja boa a conversa né, mas se eles não vem né.

INQ.- Ahan.

INF.- Mas pra mim não.

INQ.- Tá certo.

### 13.

INQ.- Em que lugar a senhora ouve essas línguas que a senhora, modo de falar... aqui em Capanema?

INF.- Olha, a gente pouco, participa dessas coisas assim, porque mais eu trabalho em casa né, e na roda de amigo assim, escuta alguma coisa brincadeira né, que fala em alemão com os vizinhos também né, daí, dos amigos assim que escuta bastante conversinha assim né.

INQ.- Ahan.

INF.- Mais...

### 14.

INQ.- Quando a senhora se aproxima assim dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles ou eles continuam a conversa?

INF.- Eles continuam né. Continuam.

### 15.

INQ.- E os argentinos também? Continuam a conversa?

INF.- Também, o pouco que a gente tem contato assim...

### 16.

INQ.- Os alemães, eles também continuam conversando...

INF.- Os alemães também assim, mas dão atenção já pra gente quando a gente chega por perto, mais se é conhecido né.

INQ.- Ah sim.

INF.- Já trocam de língua, como diz o outro né. Falam também, né, brinca também, porque pode parar aqui, com essa num entendo nada.

INQ.- (risos) Ahan.

### 17.

INQ.- E os italianos, eles costumam parar de conversar, ou eles continuam também.

INF.- Mas olha, os italianos aqui a gente mesmo faz cinco ano que eu to aqui, se te contar, eu num encontrei ninguém italiano pra gente conversar.

INQ.- Ah sim, uhun.

INF.- Ahan, então é difícil essa pergunta mais assim... mais... eu tenho uns parente em Pato Branco também né, bastante italianos aí, então quando a gente tá por lá a gente... eles conversa, quando ta conversando em italiano, continua pra ver se a gente sabe algum coisa né.

INQ.- Ahan. A senhora morava onde antes de morar aqui?

INF.- Eu morei em Verê. Pertinho de Pato Branco fica ali, tem ali as famosas águas Verê né.

INQ.- Ah sim.

INF.- Morei vinte e dois anos ali. Morei em Dois Vizinhos também, morei em São Jorge do Oeste...

INQ.- Ah tá... tudo região...

INF.- Tudo na região, né, e agora faz cinco anos que eu to aqui em Capanema.

INQ.- Uhun.

### 18.

INQ.- É.. fala melhor os que falam português ou os que falam essas línguas estrangeiras que falamos?

INF.- Olha, no meu entender ainda acho que quem fala italiano ou português né.

INQ.- Uhun.

### 19.

INQ.- Essas línguas são feias ou são bonitas?

INF.- Depende da...(risos) do jeito que você vê né.

INQ.- Ahan, tá certo. Mas se a senhora fosse classificar, como que a senhora...

INF.- Ah eu ficava com o brasileiro, italiano, o português mesmo né.

INQ.- A senhora acha que fala mais bonito?

INF.- Fala mais bonito né.

### 21. (Não formulada)

### 22.

INQ.- Se pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Capanema?

INF.- Mas, eu acho que não.

INQ.- Uhun.

INF.- Cada um tem o direito dele né... tem seu lugarzinho, seu né...

INQ.- Isso.

**23.**

INQ.- A senhora é de qual religião?

INF.- Católica.

INQ.- Católica. A senhora acha que na igreja, o sacerdote ele deveria falar também essas línguas?

INF.- Tem certas pessoas que no caso deveria né, porque essas pessoas mais antigas já...

INQ.- Uhun.

INF.- É, a gente conhece, tem gente que não fala em brasileiro, num entende nada né, então acho que deveria ter também né, um contato que, de certo no modo ou outro, o padre deve ter algum contato com essas pessoas também né. Porque a gente conhece bastante gente que num fala outra língua né.

INQ.- E que língua é essa que as pessoas falam aqui?

INF.- Isso, que né, que nem o alemão né, tem pessoas de idade que só pronuncia o alemão né.

INQ.- Sim.

INF.- Então acho que a pessoa pronunciando só o alemão é difícil pra entender outra língua né.

INQ.- Isso é verdade.

INF.- Né? Eu acho que daí num teria tempo né.

INQ.- Uhun.

**24.**

INQ.- A escola deveria ensinar essas línguas que a senhora ouviu aqui?

INF.- Pois... em partes, deveria dar, porque daí é uma coisa que, como é que eu vou te dizer já.. é uma seqüência né, da cultura do povo também né.

INQ.- Uhun.

INF.- E já fica... eu acho que deveria.

INQ.- Uhun. Qual delas a senhora acha que deveria ensinar? A senhora acha que deveria ensinar todas ou só algumas?

INF.- É, depende de cada região né, que nem aqui que já pronuncia bastante o alemão, deveria ter umas aulas de alemão, pra juventude mais né, que também vão seguindo, porque como a gente eles também tem na casa o pai, a mãe acho que...

INQ.- Ahan.

INF.- É pouco freqüentado né. Então, fica difícil pra se relacionar com as pessoas mais antigas né.

INQ.- Uhun tá certo. Tem bastante italiano também aqui?

INF.- Olha, eu.... pode ser que tenha, porque eu num tenho muito contato, mas deve ter porque tem bastante gente que veio do Rio Grande também né, pra cá então já é uma... já traz uma tendência né, se é de lá, é italiano né.

INQ.- O espanhol também tem bastante pessoas que falam.

INF.- Tem, eu acho que tem sim.

**25.**

INQ.- A senhora gostaria de aprender alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui?

INF.- Ah eu gostaria, saber falar italiano pelo menos né.

INQ.- Uhun.

INF.- Bem falado, entender um pouco também de brasileiro, argentino também, é tudo na fronteira né, a gente se apura às vezes né.

INQ.- É verdade (risos)

INF.- É (risos), num entende, num dá pra brincar com as pessoas uma brincadeira ali, começa a falar né, porque tem até aqueles que tem mais facilidade, lá tem umas também bem de idade já que elas sente aquela facilidade de falar em alemão né. Então pra gente já fica mais difícil né. A gente gostaria de saber falar um pouquinho de tudo né.

INQ.- É verdade, seria o melhor né.

INF.- O melhor.

## 26.

INQ.- É... bom, a senhora já falou que não teve né contato com, não estudou...

INF.- Só freqüentei assim um pouco, provão e...

INQ.- Uhun. Só se, não teve contato com outra língua né.

INF.- Não.

INQ.- Na escola, foi só mesmo...

INF.- Sim, sim só o português. É que nem eu, o ensino fundamental que eu fiz, eu fiz só com o provão e freqüentei aula assim, de uma hora né, por dia, então tu num tem como aprender muito não né.

INQ.- É, isso é verdade e também acho que não ofertam né?

INF.- É porque na época que eu estudei eu, meu pai me tirou da aula eu tinha nove, dez anos de idade.

INQ.- Nossa!

INF.- Pra cuidar da mãe, porque a mãe foi operada né, daí nunca mais voltei a estudar, casei nova, e marido num deixou. Daí agora, fora eu fiz, faz dois anos que eu terminei o ensino fundamental e agora to fazendo o médio.

INQ.- Nossa! Que beleza.

INF.- É, tem que fazer né (risos).

INQ.- A senhora ta em que ano no ensino médio?

INF.- Eu é.. a gente tá... ali é tudo junto, você já passa né. Tanto é que é por matérias né.

INQ.- Ah sim. Ahn.

## 27.

INQ.- Se a senhora fosse comprar uma casa num bairro que só morassem argentinos, a senhora compraria?

INF.- Na Argentina?

INQ.- Em um bairro em que só morassem argentinos?

INF.- Compraria, sem...

INQ.- Uhun. Sem problema?

INF.- Sem problemas. Sem estigmatização nenhuma né, compraria.

INQ.- Uhun.

## 28.

INQ.- E se só morassem paraguaios, a senhora compraria também?

INF.- Compraria. Também, com certeza, acho que tem que saber né. Conviver com as pessoas e...

INQ.- Uhun, é verdade.

## 29.

INQ.- Se só morassem italianos?

INF.- Também. Não tem problema nenhum.

INQ.- Uhun.

**30.**

INQ.- Se só morassem argentinos?

INF.- Sim.

INQ.- Uhun.

**31.** (Não formulada)

**32.**

INQ.- A senhora tem amigos paraguaios?

INF.- Eu tinha uma... a minha compadre, hoje ela agora no Rio Grande, ela foi embora, quando ela veio pra cá, tava numa pior a coitada, e pessoal daí ajudou ela bastante, e ela era paraguaia, a gente queria muito bem pra ela né.

INQ.- Ah sim.

INF.- Daí foi ajudar ela bastante, daí eu batizei a menina dela ainda.

INQ.- Ah sim.

INF.- E hoje ela mora no Rio Grande, já faz tempo né.

INQ.- Ah...

INF.- Tivemo pouco tempo de convivência assim, porque ela é meio andarilha.

INQ.- Ah tá.

INF.- Daí então, mas a gente se dava muito bem, a gente queria muito bem pra ela, pras criança né.

INQ.- Ahan.

INF.- Também ela veio do Paraguai.

INQ.- Como que começou a amizade entre vocês?

INF.- Porque nós era vizinha, ela veio morar numa cunha, com uma cunhada dela, que acudiu ela, quando ela precisou.

INQ.- Hum.

INF.- E daí a gente ajudou bastante ela, e ficamos amiga né, acabei ficando comadre ainda (risos).

INQ.- Nossa, que beleza!

INF.- Ahan.

**33.**

INQ.- E a senhora tem amigos alemães?

INF.- Ah amigos alemães tem bastante. O que mais tem aqui (risos).

INQ.- Nossa.

INF.- Ah, aqui a gente convive bastante com eles.

INQ.- Uhun, como que começou a amizade da senhora?

INF.- Ah aqui no colégio e em casa também, que nem tem, bem dizer, olha meus vizinho lá tem dois que são brasileiro e mudaram lá na nossa vila, no nosso bairro que nós moramos a maioria são alemão.

INQ.- Ah tá. Você vê os vizinhos e...

INF.- Sempre, sempre, tá tudo junto. Tuda hora junto, então a gente fica muito bem, se dá muito bem com eles, tudo.

INQ.- Ah sim.

**34.**

INQ.- E a senhora tem amigos italianos?

INF.- Ah, às vezes tem né.

INQ.- Ahan. E como que começou a amizade da senhora?

INF.- Ah a gente começou a amizade assim, sempre tava convivendo meio por junto e lá em Verê tinha bastante, São Jaime tinha bastante italianos. Com cada região era um pessoal né. São Jorge do Oeste era o que mais tinha era italiano lá né. Então a gente tinha uma convivência muito boa lá, nós moramos treze anos lá.

INQ.- Nossa!

INF.- A gente se dava muito, com o pessoal muito amigos mesmo.

INQ.- Ahan.

### 36.

INQ.- Por qual deles a senhora sente que a amizade é falsa ou interesseira? Tem algum grupo desses, os alemães ou os italianos, os paraguaios que a senhora acha que a amizade assim, é pouco falsa... por interesse. O grupo que a senhora se relaciona num...

INF.- Ai... o grupo que me (inint) o grupo que eu me relaciono num tem esse problema né, porque com paraguaio a gente num tem né.

INQ.- Uhun.

INF.- Essa convivência, mas com os alemão, italiano, aqui a gente num tem esse problema não.

### 35.

INQ.- Então vamos dizer assim, um grupo que seja mais sincero, né, na amizade...

INF.- Nós tamos ali, esse grupinho da gente como diz, cada, cada, pessoas têm o seu grupo. Por enquanto não temos nada de reclamar né, (inint) assim né. (risos).

INQ.- (risos).

INF.- Que se dá, faz cinco anos que tá ali, a gente num tem queixa de ninguém né e acho que eles também de nós não têm né.

INQ.- Uhun.

### 37.

INQ.- A senhora já se desentendeu ou brigou com algum deles?

INF.- Não, brigar eu não briguei, graças a Deus, num briguei com ninguém ainda até hoje.

INQ.- Ahan.

### 38.

INQ.- A senhora namoraria ou casaria com argentino?

INF.- Ai, que que eu vou te dizer né. Vai saber, o futuro só a Deus pertence né.

INQ.- É verdade.

INF.- Vai sabe, né.

### 39.

INQ.- E se fosse com um paraguaio?

INF.- A mesma coisa né. Se for o destino né, que venha né.

INQ.- Isso é verdade.

INF.- É.

INQ.- Quando o destino fala alguma coisa...

INF.- Não você diz, dessa água eu não bebo, tão, de repente vai beber né (risos)

INQ.- É verdade (risos).

INF.- É bem isso né, sem problema né.

**40.**

INQ.- Se fosse com alemão, também não teria problema?

INF.- Não.

**41.**

INQ.- Nem com italiano.

INF.- Italiano eu tenho dois casamentos, dois com italianos (risos).

INQ.- Ah é? (risos).

INF.- Eu sou separado do primeiro né, e agora faz cinco anos eu tenho esse ali também é italiano também. Então é sem problema com italiano (risos).

INQ.- É, é mais provado.

INF.- Mais provado.

**42.**

INQ.- E se a senhora precisasse de um médico ou de um dentista, a senhora procuraria um argentino?

INF.- Ah se as referências são boa, acho que sim né. Com certeza.

**43.**

INQ.- E se fosse paraguaio, a senhora também procuraria?

INF.- Procuraria, eu sei de casos que tem a minha vizinha lá que veio do Paraguai também que diz que lá no Paraguai assim, médico muito bom também né, que eram ótimos, então eu acho que num tem né, num tem problema nenhum né.

**44.**

INQ.- Se fosse alemão?

INF.- Também.

**45.**

INQ.- E se fosse italiano?

INF.- Com certeza.

INQ.- (risos).

INF.- Com certeza, também né. Eu acho que nessas partes num tem né, dizer: "não vou". Por causa da raça, isso, aquilo.

INQ.- Uhun.

INF.- Entanto que faça o papel, seja um médico bom, acho que num tem dentista também né.

INQ.- Uhun.

INF.- Num tem porque não ir né.

INQ.- É verdade.

INF.- Né?

**46.**

INQ.- Sobre essa multiplicidade de línguas que a senhora ouve aqui em Capanema, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?

INF.- O que eu vou te dizer, não... pra mim é bom assim porque, cada um com a sua língua e vai convivendo né.

INQ.- Uhun.

INF.- Que cada um às vezes depende da sua né.

INQ.- É verdade.

INF.- O comércio também né. Então a gente sabe que precisa bastante, um precisa do outro né.

INQ.- Uhun.

INF.- É isso né.

**47.**

INQ.- Vou só perguntar pra senhora se a senhora permite que a gente utilize esse trabalho, essa nossa conversa pro nosso trabalho na faculdade.

INF.- Ah se vocês acharem que é válido, pode utilizar.

INQ.- Vai ser muito válido (risos).

INF.- Pode utilizar.

INQ.- Então tá bom, é só isso.

**INFORMANTE: 07**

Idade: 18 anos

Escolaridade: 4º ano do magistério

Natural de (?)

Naturalidade dos pais: (?) e Joinville (SC)

**01.**

INQ.- Que língua que você fala?

INF.- Portuguesa.

INQ.- Uhun.

INF.- E sei muito pouca coisa, pouca mesmo, sobre inglês, mas nada fluente sabe.

INQ.- Ah sim. Você não tem contato com outra língua, só português e inglês?

INF.- Sim aqui na região, onde eu morei também, aqui na Argentina às vezes, as pessoas que vem de lá e falam, então seria, seria um contato com essa língua também. Só com eles.

**02.**

INQ.- Ah tá. Quando você era criança, em que língua os seus pais falavam com você?

INF.- Em língua portuguesa.

INQ.- Só portuguesa.

INF.- Sim.

**03.**

INQ.- E os seus avós, que língua?

INF.- Também.

INQ.- Só portuguesa.

INF.- Sim.

**04.**

INQ.- E quando você estava com os seus pais e seus avós também só portuguesa?

INF.- Sim.

**05.**

INQ.- Uhun. Aqui em Capanema, vocês convivem com pessoas que falam diferente de você?

INF.- Bom aqui em Capanema, tem pessoas que falam outras línguas, mas eu não convivo.

INQ.- Uhun, quais línguas assim?

INF.- Tem o alemão, que são pessoas mais velhas né.

INQ.- Uhun.

INF.- Tem o guarani, o argentino... só. Essas duas são as mais... conhecidas assim.

INQ.- Se você conversar com algum deles, você consegue entender um pouquinho, ou não...

INF.- Do guarani, do alemão não.

INQ.- Ah tá. Só de guarani você estudou alguma coisa ou não, só...

INF.- Não, por causa da... mesmo, porque é parecido né, até certo ponto e eu consigo entender, seria alguma coisa mas, escrever por exemplo, na língua eu não sei.

INQ.- É... você já falou que vocês falam guarani né, então vocês falam guarani...

INF.- Sim.

INQ.- É... alemão, vocês falam mais alguma outra língua, espanhol argentino, espanhol paraguaio, italiano...

INF.- O espanhol argentino, no caso, só esse.

INQ.- Uhun. Espanhol paraguaio aqui não tem?

INF.- Não.

INQ.- Ahan. Italiano tem?

INF.- Italiano? Não.

INQ.- Não também.

INF.- Não.

**07.**

INQ.- Você poderia dar um exemplo de espanhol argentino? Alguma palavra, um jeito de cumprimentar...

INF.- Hum... deixa lembrar... gracias.

INQ.- Ahan.

INF.- De nada.

INQ.- Ah sim, mais alguma coisa?

INF.- Como estás?

INQ.- Uhun.

INF.- Como você está.

**08.**

INQ.- E do espanhol paraguaio?

INF.- Não. Não sei.

**09.**

INQ.- Algum exemplo de alemão?

INF.- Não, nada.

INQ.- Não também?

INF.- Não.

**10.**

INQ.- E um exemplo de italiano?

INF.- Não, não sei.

INQ.- Não sabe? Nem uma palavrinha, uma saudação... uma maneira de agradecer...

INF.- Hum... não sei também.

**11.**

INQ.- Comparando essas línguas né, o argentino, o paraguaio, o italiano, e alemão, quem fala melhor?

INF.- Qual língua mais falada?

INQ.- É. Qual língua você acha que falam melhor entre essas que são faladas aqui? No guarani também, você acha que tem uma que fala melhor, outra fala pior... qual mais bonita, mais feia...

INF.- Bom, eu gosto do, do italiano.

INQ.- Uhum...

INF.- Eu acho legal, mas aí eu num sei também. Tem o espanhol argentino também que no caso, seria o que eu mais compreendo.

INQ.- Ahan. Ah sim, mas aí se você fosse comparar qual você diria que fala melhor, qual língua você acha que fala melhor e qual que é pior?

INF.- Bom tem o espanhol, eu gosto bastante do espanhol argentino, que nem você falou e o alemão que eu acho o pior. Acho muito assim, esquisito.

INQ.- Ahan.

INF.- Esquisito em relação que né porque a ques(?), pra eles é normal, mas onde, como eu sou brasileiro, é esquisito pra mim, o alemão é esquisito.

INQ.- Ah sim. E você acha o alemão feio, bonito... ou só mesmo esquisito assim...

INF.- Esquisito porque num posso considerar feio né, esquisito.

INQ.- E as outras línguas também?

INF.- As que você citou ou qualquer outra?

INQ.- Essas que eu citei, que vocês têm, que vocês têm contato, o guarani, o espanhol paraguaio...

INF.- O guarani, eu acho estranho também.

## 12.

INQ.- Ahan. Qual desses você acha que fala pior, pra você o que é esquisito é o guarani e... o alemão né.

INF.- Sim.

INQ.- É complicado pra, pra...

INF.- É complicado, bem complicado.

## 13.

INQ.- Em que lugares você ouve essas línguas?

INF.- Lanchonetes.

INQ.- Uhun.

INF.- Supermercados.

INQ.- Uhun.

INF.- São esses lugares que eu mais ouço.

INQ.- E aqui é mesmo só o português, o espanhol paraguaio, e o guarani.

INF.- Sim.

## 14.

INQ.- Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles ou eles continuam conversando?

INF.- Ixe... repete pra mim, por favor.

INQ.- Quando você se aproxima, tem um grupo de paraguaios ali, se você acha que quando você se aproxima eles continuam conversando entre eles, ou eles param de conversar.

INF.- Eles continuam conversando.

INQ.- Eles continuam conversando?

INF.- Sim.

## 15.

INQ.- E se fosse um grupo de argentinos, quando você se aproxima de um grupo de argentinos, eles continuam conversando ali entre eles ou eles param?

INF.- Continuam conversando.

## 16.

INQ.- Uhun. Acontece o mesmo com os alemães, por exemplo, você está conversando, tá chegando e vê que eles estão conversando ali...

INF.- Ah num sei, poderia (inint).

**17.**

INQ.- E com os italianos, você acha que eles param de conversar quando você se aproxima, ou...

INF.- Eu também não sei.

**18.**

INQ.- Uhum. Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?

INF.- As línguas estrangeiras.

INQ.- Você acha que eles falam melhor?

INF.- Sim.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque assim, em português ... ninguém, é difícil alguém que fale o português correto mesmo, porque qualquer, que é uma língua cheia de coisa, cheia de, derivados e tal ... então acho que eles falam a língua, talvez por ser uma língua menos complexa, eles falem melhor. (Ahan) Já o português é difícil encontrar quem fale, tem, tem, por exemplo, popular, que é muito mal falado ... acho que eles falam melhor, do que o brasileiro.

**19.**

INQ.- Bom, você já disse que, que você acha mais, mais feia né, mais esquisita o alemão e o guarani, então as outras pra você são mais bonitas, o italiano, o espanhol...

INF.- Uhum.

**20. (A propósito da questão 11)**

INQ.- É. Qual língua você acha que falam melhor entre essas que são faladas aqui? No guarani também, você acha que tem uma que fala melhor, outra fala pior... qual mais bonita, mais feia...

INF.- Bom, eu gosto do, do italiano.

INQ.- Uhum...

INF.- Eu acho legal, mas aí eu não sei também. Tem o espanhol argentino também que no caso, seria o que eu mais compreendo.

**21. (A propósito da questão 11)**

INQ.- Ahan. Ah sim, mas aí se você fosse comparar qual você diria que fala melhor, qual língua você acha que fala melhor e qual que é pior?

INF.- Bom tem o espanhol, eu gosto bastante do espanhol argentino, que nem você falou e o alemão que eu acho o pior. Acho muito assim, esquisito.

INQ.- Ahan.

INF.- Esquisito em relação que né porque a ques(?), pra eles é normal, mas onde, como eu sou brasileiro, é esquisito pra mim, o alemão é esquisito.

INQ.- Ah sim. E você acha o alemão feio, bonito... ou só mesmo esquisito assim...

INF.- Esquisito porque não posso considerar feio né, esquisito.

INQ.- E as outras línguas também?

INF.- As que você citou ou qualquer outra?

INQ.- Essas que eu citei, que vocês têm, que vocês têm contato, o guarani, o espanhol paraguaio...

INF.- O guarani, eu acho estranho também.

**22.**

INQ.- Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Capanema?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Não.

INQ.- Você acha legal que tenha...

INF.- Sim.

### 23.

INQ.- É, qual a sua religião?

INF.- Católica.

INQ.- Tá, você acha que uma igreja, o sacerdote, ele deveria falar, também nessas línguas? Além do português, ele deveria falar...

INF.- Poderia, eu acho que num tem muito a ver com religião, isso sabe, claro que numa missa, ele não poderia falar, nessa língua sendo que ninguém entenderia nada. Mas com certeza ele poderia.

INQ.- Uhum. Por exemplo se ele tivesse lá um grupo indígena aqui, pessoas que falassem só o guarani, ou um grupo que as pessoas falassem italiano ou paraguaio, seria interessante o padre falar também nessas línguas?

INF.- Seria.

INQ.- Que eles pudessem entender (inint).

INF.- Eu acho que seria.

### 24.

INQ.- A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui?

INF.- Eu acho que, que não seria necessário, eu acho que as línguas mais importantes mesmo é o espanhol.

INQ.- Uhum.

INF.- Espanhol deveria ensinar, só que foi cortado do currículo, se não me engano, e o inglês, que são as línguas mais necessárias, são as línguas mais necessárias né. E ainda português.

INQ.- Uhum, por que você acha que as outras não? Não deveriam ser ensinadas?

INF.- Acredito que assim, é, geralmente é, as pessoas não se interessam muito por essas línguas, geralmente inglês e espanhol é o que você vai precisar no mercado de trabalho.

INQ.- Uhum.

INF.- E essas aí num são tão difundidas, não são tão necessárias digamos em relação a trabalho, mercado de trabalho sabe.

### 25.

INQ.- Uhum. Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas e por quê? Você disse que tem um pouco de contato com o inglês.

INF.- Sim.

INQ.- Você gostaria de se aprofundar mais no inglês?

INF.- Sim, gostaria, bastante.

INQ.- Gostaria de aprender uma outra língua?

INF.- Gostaria de aprender espanhol.

INQ.- Espanhol só espanhol ou mais alguma?

INF.- Japonês.

INQ.- Uhun. Por quê?

INF.- Apesar de complicado. Inglês porque eu adoro a cultura inglesa. Se talvez, eu poderia morar pra lá. Seria uma opção, também deveria aprender inglês. Japonês, porque também a cultura japonesa eu aprecio muito sabe.

INQ.- Uhun.

INF.- E acho interessante a línguas deles, acho totalmente diferente tanto a gramática, as letras são extremamente diferentes, por isso eu gostaria de aprender. E o espanhol o mesmo, porque seria, a maioria, na Europa também fala, seria também por isso.

**26.**

INQ.- Bom, o inglês que você estudou, você aprendeu no colégio mesmo ou no cursinho...

INF.- Bom o pouco que eu estudei, que eu aprendi foi no colégio.

INQ.- Só no colégio.

INF.- Só no colégio.

**27.**

INQ.- Uhun. Se você fosse comprar uma casa, em um bairro onde só morassem argentinos, você compraria?

INF.- Compraria.

INQ.- Compraria?

INF.- Sim.

**28.**

INQ.- E se só morassem os paraguaios, você compraria?

INF.- Compraria também.

**29.**

INQ.- E se só morassem alemães, compraria?

INF.- Compraria.

**30.**

INQ.- E se só morassem italianos?

INF.- Também.

**31.**

INQ.- Também? Você tem amigos argentinos?

INF.- Não.

**32.**

INQ.- Não, e paraguaios?

INF.- Também não.

**33.**

INQ.- Alemães?

INF.- Não.

**34.**

INQ.- E italianos?

INF.- Também não.

INQ.- Não? Só mesmo o pessoal daqui.

INF.- Sim.

INQ.- Tá acabando já tá.

INF.- Certo, tá bem.

**35.** (Não formulada)

**36.** (Não Formulada)

**37.** (Não formulada)

**38.**

INQ.- É... você não tem amizade com nenhum deles... você namoraria ou casaria com uma argentina? Com pessoa...

INF.- Não, também não.

INQ.- Não, por quê?

INF.- Não assim né, eu num sei, se eu me apaixonasse, talvez. Se eu soubesse falar a língua dela.

INQ.- Uhun.

INF.- Eu casaria. Que isso é muito relativo, sabe. Eu não sei, não sei se eu me casaria.

**39.**

INQ.- Uhun. E com uma, com uma paraguaia?

INF.- Não, (inint) (risos)

INQ.- Não, por quê?

INF.- Ah, o mesmo caso, eu não sei hein... num posso afirmar isso sabe, então... talvez ela fosse uma paraguaia, aí eu me casaria com ela da mesma forma como se fosse uma, ou mesmo se fosse uma italiana, num é pela, num é pela raça ou pela língua dela sabe, são por outros motivos além disso, eu também não sei.

**40.**

INQ.- Com uma alemã?

INF.- E mesmo com uma brasileira, não posso afirmar nada.

INQ.- Ahan. Você casaria ou namoraria com uma brasileira?

INF.- Sim.

INQ.- Com alemã mesma coisa...

INF.- Sim.

**41.**

INQ.- E com a italiana?

INF.- Também.

**42.**

INQ.- Também. Se você precisasse de um médico ou dentista, procuraria um argentino?

INF.- Se fosse necessário, eu procuraria.

INQ.- Uhun. E se fosse um paraguaio, você procuraria?

INF.- Também, se fosse necessário, procuraria sim.

INQ.- Uhun. Se fosse alemão?

INF.- Também.

**43.**

INQ.- E se fosse italiano?

INF.- Também, mesmo num sabendo falar nada. (risos)

INQ.- Se fosse necessário, qualquer um deles você procuraria.

INF.- Sim, uhun.

INQ.- Sem problema nenhum.

INF.- Sem problema nenhum.

**44.** (Não formulada)

**45.** (Não formulada)

**46.**

INQ.- É, sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Capanema, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?

INF.- Bom eu acho interessante isso, eu acho bem, acho que minha cidade pequena, acho interessante, já que a Argentina está do nosso lado né, então essa variedade de língua é interessante. E existem muito, pouco, aqui em Capanema, existem muitas pessoas descendentes de alemães, italianos que sabem essa língua, sabem fluente alemão e sabem o português fluente. Então isso é interessante passar de geração pra geração.

INQ.- Ah sim.

INF.- Interessante você aprender outras línguas também, além do português.

INQ.- Vocês é, tem bastante contato com argentino, vocês vão pra lá e tem eventos e tem festas aqui?

INF.- Evento não, é mais em relação a compra, eles vêm comprar os nossos produtos e mesmo trazem os produtos deles, pelo preço, pela qualidade, pelo, essas coisas...

INQ.- Ahan. Vocês conseguem entender o que eles...

INF.- Sim.

INQ.- Porque lá é mais o espanhol paraguaio, não é isso?

INF.- É, isso mesmo.

**47.**

INQ.- Bom, é isso né, agora gostaria de perguntar se você permite que a gente utilize essa nossa conversa aqui pro nosso trabalho na universidade. Assim, a gente pode utilizar...

INF.- Sim, pode ficar a vontade.

INQ.- Então tá bom, é isso, muito obrigada...

INF.- De nada. Obrigado você.

INQ.- Por ter tomado o seu tempo...

INF.- Ah fácil, sem problemas.

**INFORMANTE: 08**

Idade: 25 anos

Escolaridade: 4º ano do magistério (Ensino Médio)

Natural de: Capanema-PR

Naturalidade dos pais: Capanema-PR

**01.**

INQ.- Claudimara que língua que você fala?

INF.- Eu falo, a... portuguesa, mas a gente tem, aula de inglês também né. Que é aqui na escola mesmo.

**02.**

INQ.- Hum e quando você era criança, em que língua que os seus pais falavam com você, Claudimara?

INF.- Falavam português, são descendentes de alemão assim né, só que depois que saí de casa né, não é mais aquele contato assim com os pais né, com os avós, daí a gente num, num aprendeu assim a falar a língua, mas eles falam assim uma, dificilmente assim, com a gente. Mas era bem...

**03. (A propósito da questão 002)**

INF.- (...) só que depois que saí de casa né, não é mais aquele contato assim com os pais né, com os avós, daí a gente num, num aprendeu assim a falar a língua, mas eles falam assim uma, dificilmente assim, com a gente. Mas era bem...

**04.**

INQ.- E os seus avós, falavam com os pais... em que língua?

INF.- Falavam em alemão.

INQ.- Que legal.

INF.- Por isso que meu pai e minha mãe, só veio assim né depois que casaram né, daí separaram dos meus avós, daí num falavam mais assim né, com o tempo foi até esquecendo. Minha mãe já nem... são poucas palavras que ela consegue assim...

INQ.- Você não aprendeu.

INF.- Não, não aprendi.

INQ.- É difícil?

INF.- É parecido com o inglês, né mas...

**05.**

INQ.- E aqui em Capanema, você, existem pessoas que falam diferente de você?

INF.- Tem um, como eu comentei, tem bastante pessoa que fala em alemão, né, que é uma região assim né, que as pessoas falam bastante essa língua.

**06.**

INQ.- E aqui tem também pessoas que falam espanhol...

INF.- Na cidade assim, eu conheço, tem pessoas que fala, assim algumas palavras né, porque aqui tem a região né, próxima, da Argentina né, então tem pessoas que, conhecem parentes que moram lá né, tem um contato mais, daí elas acabam falando já mais diferente.

**07. (Não formulada)**

**08.**

INQ.- E tem pessoas que falam assim espanhol paraguaio, aqui você já viu alguém falando...

INF.- Que eu conhe... que eu conheça assim não né.

INQ.- E o italiano?

INF.- O italiano não.

INQ.- Não né.

INF.- Não.

**09.**

INQ.- E... você sabe alguma palavra assim de... de alemão, como é que é por exemplo “oi”, em alemão, você sabe alguma coisa?

INF.- Oi eu não sei, eu sei assim que minha mãe me ensinava assim, contar os números até dez né.

INQ.- Você lembra?

INF.- Sim.

INQ.- Conta pra mim então.

INF.- É “uam, soi, prai, fi, sé, sic, ái, naí, tem”. É parecido com o inglês, o alemão é parecido com o inglês, o alemão é parecido com o inglês.

**10.**

INQ.- Que legal. E o italiano?

INF.- Italiano não.

**11.**

INQ.- Uhum. Isso você não conhece... E comparando assim, as línguas, por exemplo um argentino, paraguaio, o italiano, o alemão, quem você acha que fala melhor?

INF.- Mas mais é... o ale... né, o pessoal que já é por exemplo, as pessoas que é da Argentina, Paraguai, elas... falam melhor porque elas falam do elas falam na região né, e aqui em Capanema tem muitas pessoas também que fala alemão que falam muito bem.

**12.**

INQ.- Hum. E quem você acha que fala pior?

INF.- Pior... sei lá, assim que fala, que fala pior, num posso dizer... até gente que fala português né, muitos, muitas pessoas até a gente às vezes num fala corretamente como, como né, como deve ser mesmo.

**13.**

INQ.- Uhum, entendi. E em que lugares você ouve essas pessoas falando corretamente, Claudimara? Em outras línguas, onde você ouve aqui?

INF.- Mais no interior né, assim quando vai lá pra casa da vó né, porque minha vó fala em alemão, então ela fica conversando com as vizinhas, a gente fica até por de fora, que nós num entende nada que ela fala.

INQ.- Uhum. E você acha bonito?

INF.- Ah eu acho lindo, se eu pudesse, se eu soubesse falar.

INQ.- É, você tem vontade?

INF.- Eu tenho.

INQ.- Tem curso aqui na...?

INF.- Em alemão que eu saiba não. Tem, tem inglês aqui.

INQ.- Uhum.

**14.**

INF.- E quando você, por exemplo assim, você... você já viu um grupo de paraguaios conversando...

INQ.- Eu já vi, porque quando eu... né, eu fui pra Argentina já, lá eles né, tem né.

INQ.- Tem né.

INF.- Paraguaio também.

INQ.- Também? Interessante. O que você acha da língua dos paraguaios? Você já ouviu eles conversando?

INF.- Já ouvi, eu acho bem, acho bem legal é bem parecido com a nossa língua, só que tem palavras assim que a gente não entende né mesmo.

INQ.- E por exemplo aqui, se você se aproxima de um grupo de paraguaios, eles estão conversando, se você chegar perto, eles param de conversar, Claudimara?

INF.- Eu acho que não... se eu chegar perto, essas pessoas não vão parar de conversar.

**15.**

INQ.- E se for assim um grupo de argentinos assim conversando assim entre eles, eles param de falar quando a gente chega perto?

INF.- Não, eu notei que não.

**16.**

INQ.- E por exemplo assim, um grupo de alemães, sua família também, ou de pessoas estranhas assim que estão conversando, se você chegar perto, eles param de conversar?

INF.- A minha vó até quando ela tá conversando assim com a vizinha, ela até pára e olha pra mim, fala: “ah você num tá entendendo nada”.

INQ.- Não. (risos)

INF.- Mas é bem legal.

**17.**

INQ.- E quando você se aproxima assim de um grupo de italianos, que tá conversando, eles param de conversar?

INF.- Em um grupo de italianos eu nunca vi assim...

INQ.- Ah com...

INF.- Que tá conversando.

INQ.- Ahan.

INF.- É o mesmo de né, dos argentinos e, e alemão.

**18.**

INQ.- E você acha assim, o Claudimara, que falam melhor as pessoas que falam o português ou as pessoas que falam essas outras línguas estrangeiras? O que você acha?

INF.- Ficou mais difícil né, tem pessoas que falam português só que né, tem muitos... quase assim que, que fala errado tal né, então como tu pega assim da pessoa né, do, do lugar que ela, por exemplo que os argentinos, eles, eles eu acho que eles falam muito bem né, a língua deles.

**19. (Não formulada)**

**20.**

INQ.- E qual você acha que é mais bonita? Qual língua você acha assim mais bonita?

INF.- Eu acho a língua alemã.

INQ.- É.

INF.- Que chama mais atenção.

**21.**

INQ.- Qual você acha a mais feia?

INF.- Feia... ah, eu não acho nenhuma feia... (risos)

**22.**

INQ.- Ah... e se você pudesse assim, você proibiria o uso dessas línguas dentro de, de lugares públicos, por exemplo? Você proibiria algum língua?

INF.- Não, eu não proibiria, por eu acho que cada uma já né, tem o seu lugar né, e fala essa determinada língua, por exemplo, se, se é grupo argentino né, como é que eu não vou poder falar lá português, se é só a língua que eu conheço. Então eu não proibiria.

**23.**

INQ.- Uhun, é verdade. E por exemplo, qual a sua religião?

INF.- A minha religião?

INQ.- É.

INF.- Adventista do sétimo dia.

INQ.- E, é pastor né.

INF.- É pastor.

INQ.- Ele fala que língua?

INF.- Ele fala em portuguesa.

INQ.- Isso, você acha que ele deveria falar em outras línguas também?

INF.- Olha, ele poderia até 'tar falando em outras línguas, mas não com a gente né. Que a gente não entende, mas assim, outros lugares, por exemplo, sei que daí tá pregando em outros lugares né, por exemplo, na Argentina, no Paraguai, é interessante porque ele, conhecendo essa língua pra tá... se comunicando melhor com as pessoas né.

INQ.- E ele fala alguma coisa em alemão, com os mais velhos?

INF.- Não, em alemão não.

**24. (Não formulada)**

**25.**

INQ.- E... o que você, você já falou que gostaria de aprender o, o...

INF.- Alemão.

INQ.- O alemão mesmo, tem alguma outra? Que você gostaria de aprender?

INF.- É inglês também né, porque é, é bem parecida com alemão né, você...

**26.**

INQ.- Uhun, e aqui na escola você aprendeu inglês.

INF.- Sim, aqui na escola a gente tem aula de inglês.

INQ.- Você consegue falar em inglês já, ou não?

INF.- Ah algumas palavras né que a gente...

INQ.- Pouco né.

INF.- É.

**27. (Não formulada)**

**28.**

INQ.- Por exemplo... faz de conta que você vai comprar uma casa, Claudimara, e tem um, um bairro lá que só moram paraguaios, você compraria uma casa nesse bairro?

INF.- Eu compraria.

**29.**

INQ.- É, sim? E se lá morassem só alemães? Você compraria uma casa lá?

INF.- Olha, pra mim tá morando lá... o...

INQ.- É, pra morar.

INF.- Ah eu compraria porque né, porque nada na vida é impossível, a gente faz, tá aprendendo né, até mesmo com essas pessoas que moram lá, tá se comunicando com elas, eu acho que seria até interessante.

**30.**

INQ.- E se morassem lá só italianos, você compraria também.

INF.- Também, porque num... num é lá, porque a pessoa fala diferente de mim que eu vou né, deixar de estar me socializando com ela, porque tenho muito a aprender com ela. Então eu achava bem legal.

**31.**

INQ.- Você tem amigos argentinos?

INF.- Não tenho.

**32.**

INQ.- E amigos paraguaios?

INF.- Também não.

**33.**

INQ.- E alemães?

INF.- Alemães sim, até né, a família né, também porque a avó...

INQ.- E como, você tem algum amigo assim, especial que é descendente de alemão... a maioria aqui de Capanema né.

INF.- É. A maioria são né, eu sou né, eu e meu esposo, eu sou...

INQ.- Ah você é casada?

INF.- Eu sou casada.

INQ.- Então é descendente de...

INF.- Ele também, de italiano e de alemão.

INQ.- Tem filhos?

INF.- Tenho.

INQ.- Tem? Quantos?

INF.- Três aninhos ele tem, um menino.

INQ.- Ah, não parece, parece tão novinha. E assim, e amigos italianos, você tem?

INF.- Amigos italianos tem da família né, também que da, do lado do marido são todos italianos, o vô, a vó dele né.

INQ.- Você tem contato com eles?

INF.- Tenho, contato sim.

**34.** (Não formulada)

**35.**

INQ.- Com qual deles assim você sente assim que a amizade é mais sincera? Entre italiano, entre o alemão, entre o brasileiro... quem você acha que a amizade é mais sincera?

INF.- Eu acho que amizade sincera não por, pela raça dele, porque como fala né, mas assim pela pessoa, depende... do jeito da pessoa né.

**36.**

INQ.- Tem algum assim que você identifica, Claudimara, que é falsa ou interesseira, alguma amizade assim, dá pra saber?

INF.- Ah, às vezes a gente percebe assim né, que a pessoa não, num gosta muito de você ou né... tem algum jeito diferente de você... só que até foi bom porque, eu já já fiz o magistério, (a gente) aprende a conversa com as crianças, né, de tem várias maneiras de pensar e tu já tem que respeitar essa maneira de pensar de cada um. Mas eu, se eu fosse meus amigos e, então num tem assim, inimizade com ninguém.

**37.** (Não formulada)

**38.**

INQ.- Você já é casada, mas se casaria com argentino?

INF.- Se eu realmente gostasse da pessoa sim, não teria problema, mas não conheci nenhum argentino né.

INQ.- Não apareceu primeiro...

INF.- Não.

**39.**

INQ.- E um paraguaio?

INF.- Também, acho que não tem...

**40. (A propósito da questão 33)**

INQ.- Ah você é casada?

INF.- Eu sou casada.

INQ.- Então é descendente de...

INF.- Ele também, de italiano e de alemão.

**41.**

INQ.- Uhum, alemão você já é casada com um alemão, e um italiano?

INF.- Também acho que num tem, né como te disse né, vai... a gente vai aprendendo né, com as pessoas que a gente convive. Independente da língua que ela fala.

**42.**

INQ.- E assim Claudimara, se você precisasse de um médico, você iria num médico argentino?

INF.- Olha, eu prefiro o brasileiro, né, porque eu consigo me identificar melhor com ele, até mesmo pra entender o que falar né, aí se for né, mas se não tiver, por exemplo, se tiver um paraguaio, se tiver na Argentina, se eu precisar de um médico, com certeza eu vou, né, tá procurando um médico...

**43. (A propósito da questão 42)**

INF.- (...)aí se for né, mas se não tiver, por exemplo, se tiver um paraguaio, se tiver na Argentina, se eu precisar de um médico, com certeza eu vou, né, tá procurando um médico...

**44.**

INQ.- Você iria num dentista alemão também?

INF.- Iria sim.

**45.**

INQ.- E num dentista italiano, iria?

INF.- Também.

**46.**

INQ.- E assim, Claudimara, já estamos terminando, essas varias línguas que você vê aqui em Capanema, tem mais alguma coisa que você queria falar que eu não perguntei... que você queria falar, queria colocar mais alguma coisa...

INF.- Ah eu já falei né, aqui em Capanema tem as pessoas que falam bastante alemão né, que é uma região mais assim de... de alemão assim, daí a gente tem aqui perto a Vicentina, e tem vários argentinos também que vêm aqui pra Capanema, então de certo com eles a gente tem que ter contato, eu acho isso interessante né, porque... o povo vai aprendendo, se conhecendo né...

INQ.- Verdade.

INF.- Vê a diferença que tem lá a nossa língua da deles, assim também.

**47.**

INQ.- Que bom, né? Claudimara, a gente tá fazendo um trabalho aqui é, sobre essas várias línguas aqui do Sul, a gente já teve em Pranchita, em Santo Antonio, e o seu nome não vai aparecer em nenhum momento da pesquisa assim, eu só queria usar as respostas que você me deu, gostei muito de conversar com você...

INF.- A eu também...

INQ.- ... você é muito inteligente, e eu posso usar essas respostas que você me deu?

INF.- Pode.

INQ.- Obrigada.

### **INFORMANTE: 09**

Idade: 37 anos

Escolaridade: Ensino Médio

Natural de: Capanema-PR

Naturalidade dos pais: Rio Grande do Sul e Santa Catarina

**01** INQ.- Que língua você fala?

INF.- É o português e um pouco de espanhol.

INQ.- Ah, fala espanhol.

**02.**

INQ.- Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

INF.- Somente em português.

INQ.- Só português. O espanhol você aprendeu na escola?

INF.- Na verdade, pela fronteira aqui né, que tem pessoas da, os argentinos aqui fazem comércio né.

INQ.- Ahan.

INF.- A gente aprendeu um pouco assim.

INQ.- Ahan.

**03.**

INQ.- Os seus avós, falavam só português ou falavam outra língua?

INF.- É que na verdade, eu vivi muito pouco tempo com meus avós, então um pouco meu falava, meu conversava o lado, eles falavam um pouco de polonês, mas ficou muito pouco nessa direção.

INQ.- Vocês não, não aprenderam?

INF.- Não, não.

INQ.- Uhun.

**04.** (A propósito da questão 03:

INF.- É que na verdade, eu vivi muito pouco tempo com meus avós, então um pouco meu falava, meu conversava o lado, eles falavam um pouco de polonês, mas ficou muito pouco nessa direção.)

**05.**

INQ.- Aqui em Capanema, vocês moram com pessoas que falam diferente aqui?

INF.- Não, nessa região não.

INQ.- Uhun.

INF.- Geralmente...

**06.**

INQ.- Todos falam português ou falam...

INF.- Tem alguns que falam alemão, bastante, mas é muito poucos...

INQ.- Ah sim, guarani, essas coisas?

INF.- Não, não. Poucos também.

INQ.- É, bom você já disse que alguns falam o alemão...

INF.- Isto.

INQ.- Tem o espanhol argentino, o espanhol paraguaio aqui?

INF.- É, na verdade, nós chegamos mais fronteira com a Argentina, então mais o espanhol argentino né. Castelhana.

INQ.- Italiano tem?

INF.- Pouco. É, eu, na verdade, eu vejo muito as pessoas, elas falam mais assim, por, pra (inint) mas eles não falam a língua, a língua mesmo.

INQ.- Ah tá.

**07.**

INQ.- Você poderia dar um exemplo de espanhol argentino?

INF.- Em direção a...

INQ.- De alguma maneira de falar, ou uma palavra que seja pra, pra cumprimentar, ou...

INF.- Ah sim, a maioria das vezes quando eles chegam é: “Buenos días, como vai la cosa, com anda”...

**08.**

INQ.- E bom, você disse que vocês não, não... só fazem divisa com a Argentina...

INF.- Isto.

INQ.- E não com o Paraguai, então não tem o espanhol...

INF.- Paraguai não, Paraguai fica do outro lado, do outro lado do parque nacional, aí fica mais região de Foz do Iguaçu né, mais fronteira.

**09.**

INQ.- E você poderia dar um exemplo de alemão?

INF.- Não. Esse... não, a gente, a gente não...

**10.**

INQ.- Do italiano?

INF.- Também não.

**11.**

INQ.- Comparando essas línguas né, o argentino, o alemão, o italiano, quem você acha que fala melhor?

INF.- E acredito que o... eu sempre comento que o espanhol tem muito do italiano, tem muita coisa que ele traz né, arrastado do italiano, então eu acredito que ele miscigena mais a... as línguas né.

INQ.- Uhun.

INF.- O que vem de lá. A linguagem deles.

INQ.- Então você eles falam melhor.

INF.- Falam melhor.

**12.**

INQ.- Uhun e quem você acha que fala pior?

INF.- Eu acho o guarani.

INQ.- O guarani fala pior.

INF.- Fala pior.

INQ.- Por quê?

INF.- Eu num sei, eles falam meio arrastado e eles têm uma... quando vai falar em guarani, ele tem muito, é muito particular deles né.

INQ.- Ahan.

INF.- É só quem nasceu ou cresceu entre eles que pode pegar o guarani, a pessoa pra aprender o guarani é muito difícil.

INQ.- Ah.

INF.- E o castelhano, o espanhol, é bem mais fácil.

**13.**

INQ.- Que lugares vocês ouvem essas línguas aqui?

INF.- Aqui na fronteira, inclui, várias rádios aqui onde sintoniza né.

INQ.- Ah ta.

INF.- Na fronteira aqui, tem dezenas de rádios. Então, todos quase escutam né. Porque na verdade eles tocam muitas músicas brasileira lá.

INQ.- Ah...

INF.- Mas daí pra apresentar as músicas, o artista fal em espanhol né.

INQ.- Interessante. E aqui na cidade também, a pessoa fala.

INF.- A maioria dos comerciantes fala. Alguma coisa outra, fala. Principalmente pra prender a pessoa né.

INQ.- Uhun. E é mais mesmo o espanhol, o alemão veio...

INF.- Não, não, não... que nem eu te falei, às vezes pra cumprimentar, coisa assim, mas é, fica nisso.

INQ.- Uhun.

**14.**

INQ.- Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles ou continuam a conversar?

INF.- É, quando eles vêm e sente a presença da pessoa, muitas vezes, eles, eles param de falar.

INQ.- Ah...

INF.- Ou pra... mesmo um comentário, fazer um comentário, sobre um brasileiro assim, eles falam em guarani. Mas a maioria das vezes eles puxam mais o castelhano né. Espanhol.

**15.**

INQ.- Quando você se aproxima dos argentinos, eles costumam parar de conversar entre eles ou param de falar?

INF.- Não, eles o Ca... o castelhano, ele é muito... como é que eu posso dizer assim, sério na coisa né. Então ele, quando tu vai falar com ele, ele só fala aquilo que é necessário.

INQ.- Ah sim.

INF.- Né. Ele retorna as atividades dele. Eles não são que nem a gente, não discriminando né, mas a gente gosta de conversar, o brasileiro é mais de puxar papo, eles já não, eles são muito mais sistemático na coisa né.

INQ.- Ah sim. Eles conversam ali...

INF.- Eles são mais sérios, a verdade é essa.

**16.**

INQ.- E os alemães? Também quando você se aproxima, eles param de conversar ou eles...

INF.- Não, eles continuam. Eles têm...

INQ.- Continuam... (risos).

INF.- Infelizmente (risos), a menos que tu peça licença e faça eles parar.

INQ.- Ah sim.

**17.**

INQ.- E os italianos?

INF.- Italiano eu num tenho conhecimento, eu num posso te falar.

**18.**

INQ.- Falam melhor os que falam português ou os que assim essas línguas estrangeiras?

INF.- É que nem eu te falei, não é por, por falar de assuntos vários, nem desmerecer nossa língua, mas o espanhol ele fala mais correto. Inclusive muitas palavras que eu ouço em espanhol é que tá no nosso dicionário.

INQ.- Ah sim.

**(Interrupção da entrevista)**

INQ.- Desculpa, nós paramos em... é, você estava dizendo que não era discriminação né, a respeito do...

INF.- Da língua portuguesa.

INQ.- Da língua portuguesa né. Uhun. Você disse que o espanhol...?

INF.- É, eu acho que ele fala mais corretamente porque muitas palavras deles estão no nosso dicionário.

INQ.- Uhun.

**19.**

INQ.- Você acha essas línguas feias ou bonitas?

INF.- Não, acho que todas trazem alguma... alguma parte de algum... uma origem né, então eu acho todas elas bonitas.

INQ.- Uhun.

**20.** (Não formulada)

**21.** (Não formulada)

**22.**

INQ.- Se você pudesse, você proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Capanema?

INF.- Não. Acredito que não. Porque socializa as pessoas né.

INQ.- Uhun.

INF.- As origens dele, as... as lembranças, tudo que eles trazem de longe né. Os italianos, fazem parte de uma tradição.

INQ.- Uhun.

INF.- Né, essas coisas, se deixar elas morrem.

INQ.- Uhun. Posso fazer uma... (interrupção).

**23.**

INQ.- Você acha que na igreja os sacerdotes deveriam falar também nessas línguas?

INF.- Não, eu acredito que não. Né, vivemos em um país democrático e se é algum nosso, eu acredito que não.

INQ.- Uhun. Então, falar a língua da maioria?

INF.- É no meu, do meu local né, da região, digamos assim.

**24.**

INQ.- A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui?

INF.- Eu acredito que sim, não é... mais o básico né, pra digamos assim, tem os nossos, no caso, do nosso município, digamos assim, o espanhol né, então eu acho que o inglês não é tão essencial na... é na região de fronteira, e maioria dos, dos países que fazem fronteira com o Brasil falam espanhol.

INQ.- Uhun.

INF.- Eu acho que maior necessidade seria o espanhol.

INQ.- E só tem mais o inglês né?

INF.- É, na verdade eles ensinam mais o inglês, eu eu acredito assim que não se desfazendo do nosso Brasil né, o nosso município, mas eu acredito que o espanhol seria mais uma abertura de futuro pra essa juventude hoje né.

INQ.- Então seria mais a realidade né.

INF.- É porque na verdade com esses MERCOSUL, coisas assim, a unificação vai ficar mais aqui né.

INQ.- Ahan. É verdade. Além do espanhol, você acha que deve ensinar alguma outra língua nas escolas?

INF.- Eu acredito que seria opcional, né, então as escolas que quisessem é, sei lá, mas eu acredito que o espanhol seria o mais, mais essencial.

**25.**

INQ.- Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui?

INF.- Não, eu acredito que só é... gostaria de, de, de aprofundar um pouco mais no espanhol mesmo.

INQ.- Uhun.

**26.**

INQ.- Ah, você já disse que fala um pouco do espanhol né, e que aprendeu porque...

INF.- É. Isso, por causa do comércio.

**27.**

INQ.- Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só morassem argentinos, você compraria?

INF.- Ah sem problema nenhum, comprava.

**28.**

INQ.- Se só morassem paraguaios?

INF.- É, eu teria mais restrito.

INQ.- É?

INF.- É.

INQ.- Por quê?

INF.- Eu num sei é, eu acho que já existe uma... uma ri... não é uma rivalidade, isso já vem, é... por causa dessa, desse confronto que existia antigamente, entre Brasil e Paraguai, eu acredito que eles já, como até nós tava comentando ontem, por causa dessa guerra, eu acredito que eles devam ensinar nas escolas, que o país que mais prejudicou o Paraguai deve ter sido o Brasil né.

INQ.- (risos)

INF.- Acredito falar a realidade né.

INQ.- É.

INF.- Eles já criam certo, uma certa restrição a brasileiros né. Por educação mesmo, pela história né. Então eu, provavelmente não.

INQ.- Não? (risos)

**29.**

INQ.- E se só morassem alemães?

INF.- Não teria problema.

INQ.- Não, teria também não.

INF.- Também não.

INQ.- Você tem amigos argentinos?

INF.- Tenho, bastante amigos.

INQ.- Como que começou essa amizade?

INF.- Na verdade quando o, o câmbio né, a nossa moeda tava mais baixa a deles mais alta, eu trabalhei muitas vezes lá dentro.

INQ.- Ah tá.

INF.- Então é... na verdade eu passei quase dois anos indo uma, duas vezes por semana lá dentro.

INQ.- Ahan.

INF.- Então isso gera uma amizade, conhecimento de algumas pessoas de lá.

**30.** (Não formulada)

**31.**

INQ.- Tem amigos paraguaios?

INF.- Não.

**32.** (Não formulada)

**33.**

INQ.- Alemães?

INF.- Tenho é alguns amigos só. Não assim que sejam alemães né, mas que sejam de origem, né, que vem de descendentes.

INQ.- Ah sim, ahan.

**34.**

INQ.- Italianos?

INF.- Tem, por exemplo, minha esposa, por exemplo.

INQ.- Ah é.

INF.- O pai dela é bem italiano assim, fala bem.

**35.**

INQ.- Ah.... com qual deles você sente que a amizade é mais sincera?

INF.- É, de todas as raças?

INQ.- É, dessas línguas que a gente falou aqui.

INF.- Eu acredito que o italiano.

INQ.- Italiano, você acha que é mais sincero... por quê?

INF.- Porque ainda (não há muita) resposta eles falam bem, eles falam alto.

INQ.- (risos).

**36.**

INQ.- E com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira?

INF.- Aí seria, esse, francamente, Paraguai, paraguaio ou argentino e o alemão. Ah eu sei lá, eu acho que já por, por essas rivalidades que você tem com o futebol, tanto política, quanto...

INQ.- Ahan.

INF.- Nem é por, nem tanto questão, não por desavença pela própria pessoa né, por outras questões.

INQ.- Ah sim, ahan.

**37.**

INQ.- Você já se desentendeu ou brigou com algum deles? Por algum motivo, quer dizer, qual foi o motivo?

INF.- Não, não tive...

INQ.- Ah...

INF.- Discussão sempre rola porque assim como a gente lida com seres humanos é normal né, mas nada que você se agravar ou coisa assim.

INQ.- Nada que fosse só alguma língua ou...

INF.- É, isso não, nada... em termos de serviço, qualquer outra coisa.

**38.**

INQ.- Você namoraria ou casaria com uma argentina?

INF.- Sim.  
INQ.- Sim?  
INF.- Sim.

**39.**

INQ.- Com paraguaia? (risos)  
INF.- Não.  
INQ.- Pelo mesmo motivo que você falou antes?  
INF.- Não, não. Eu queria até porque... a gente é, pela origem deles mesmo né, eles num tem muita, muito... esse asseio, coisa assim né, então... (risos).  
INQ.- (risos).  
INF.- Não querendo ser assim, discriminar né.  
INQ.- Ahan.  
INF.- Mas não.

**40.**

INQ.- Com uma alemã?  
INF.- Sim.

**41.**

INQ.- Italiana?  
INF.- Ah eu sou casado com uma italiana.

**42.**

INQ.- Se você precisasse de um médico ou dentista, procuraria um argentino?  
INF.- Sim.  
INQ.- Por quê?  
INF.- Eles na parte de funcionário são muito... são, são bem profissionais na verdade.  
INQ.- Ah sim.  
INF.- Eles é, pelo ensino fundamental deles, a gente nota, ele é muito bom. Ele, essas pessoas que eu conheço, que eu trabalhei com eles ali, eles têm profundo conhecimento né, de coisa assim. Ah num sei se é, se é o estilo da escola que é, sei que eles são assim mais aprofundado as matérias.  
INQ.- Uhun.  
INF.- Do que aqui.

**43.**

INQ.- E se você procuraria um médico ou um dentista paraguaio? (risos) Por quê?  
INF.- Eu acho um pouco por causa da política né, o que eu devia achar (inint), não, acho por que nem eu falei, a estrutura eu acho que Paraguaio falta muito crescer né, é o ensino, o... parte funcional deles né.

**44.**

INQ.- E se fosse um dentista, médico alemão?  
INF.- Sem problema.

**46.**

INQ.- Italiano?  
INF.- Também.

**46.**

INQ.- Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Capanema, gostaria de falar mais alguma coisa que eu ainda não tenha perguntado?

INF.- Não, acredito que não. Acredito que não.

INQ.- Mesmo com essa multiplicidade você consegue se entender...

INF.- Não, sem problema, sem problema nenhum, é que nem quando você... o que, o que se sobressai assim, de rivalidades, é que nem (inint), é esportes, é... né, no caso dos paraguaios, é por causa, eu acredito que seja né, por causa dessa história que o Paraguai teve com o Brasil, inclusive teve uma... uma, um acontecimento grave, né, pra dizimar com a população, então essa rivalidade fica. Mas assim, acho que com relação às outras coisas não tem... tem porque ter rivalidade.

**47.**

INQ.- Eu queria te perguntar se você permite que a gente utilize só as respostas que você deu pra gente pro nosso trabalho na Universidade.

INF.- Sem problema. Sem problema, com certeza.

**INFORMANTE: 10**

Idade: 39 anos

Escolaridade: Ensino Médio

Natural de: Capanema-PR

Naturalidade dos pais: Iraí-RS e Concórdia-RS

**01.**

INQ.- Qual língua que você fala?

INF.- Ah... só portuguesa mesmo.

INQ.- Só o português?

INF.- Sim.

**02.**

INQ.- É, quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

INF.- Português.

INQ.- Português?

**03.**

INQ.- E seus avós?

INF.- A minha avó, ela falava assim bastante, a mãe da minha mãe, no caso, falava bastante italiano né.

INQ.- Ah sim.

INF.- Mas, assim a gente... ela conversava pouco com a gente só que não entendia né, então assim era só brincadeira, coisa assim, nada, nada mais.

INQ.- E seu avô?

INF.- O meu avô, ele não, ele nunca falou assim italiano com a gente.

INQ.- Uhun. Só português?

INF.- Só o português mesmo.

INQ.- Ah tá.

**04.**

INQ.- E quando você estava com os seus pais e seus avós, vocês falavam português?

INF.- Só português.

INQ.- Sua vó falava italiano, também junto...

INF.- É, é, fala, ela falava alguma coisa com minha mãe assim né, mas como, só elas se entendiam né.

INQ.- Ah tá. Tua mãe falava italiano?

INF.- A mãe, alguma coisa só, senão eu respondia em português pra minha vó.

INQ.- Ah tá.

INF.- Ahan.

INQ.- Então também não dominava a língua.

INF.- Não, não.

**05.**

INQ.- É, aqui em Capanema, vocês moram com pessoas que falam alguma diferente que você, por exemplo?

INF.- Eu não, é tenho pessoas que fala né, outras línguas assim, o alemão né, só que a gente assim, tipo, se eles vêm conversar com a gente, eles dominam o português, então conversa, mas sabe que a gente não fala né.

INQ.- Ahan.

INF.- Mas...tem quem...

INQ.- Modo de cumprimentar, alguma coisa...

INF.- Não, sempre o português.

INQ.- Só em português.

INF.- Sim ahan.

INQ.- Então não usa outra língua?

INF.- Não.

INQ.- Uhun, é... bom você já falou, vocês falam espanhol argentino aqui?

INF.- A gente não fala, mas a gente entende eles né, alguma coisa assim, porque a ma... é né, tem coisas assim que eles falam quase que o português né.

INQ.- Ah tá.

INF.- Então eles vivem bastante aqui né.

INQ.- O espanhol paraguaio, também é parecido ou vocês não...

INF.- Paraguai... não, num temo assim nenhum contato, não.

INQ.- Uhun. Então você diz que falam alemão e falam ita... tem contato...

INF.- É, tem com italiano também que falam bastante. Ahan.

**06.** (A propósito da questão 05:

INF.- Eu não, é tenho pessoas que fala né, outras línguas assim, o alemão né, só que a gente assim, tipo, se eles vêm conversar com a gente, eles dominam o português, então conversa, mas sabe que a gente não fala né.)

**07.**

INQ.- Você assim dar algum exemplo do espanhol argentino? Alguma palavra...

INF.- Ah...

INQ.- Ou maneira de cumprimentar... de discutir assim...

INF.- É eles falam assim, pra bom dia, boa tarde eles falam: “hola, que tal”.

INQ.- Ah sim (risos).

INF.- (risos) Isso é bem interessante: “hola, que tal”.

INQ.- Ahan, mais alguma coisa que eles?

INF.- Não, achei, eles têm né, a gente entende quase tudo eles né.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas é...

**08.**

INQ.- E o espanhol paraguaio assim?

INF.- Não, não tem exemplo. Não tem contato né, assim...

INQ.- Ahan.

INF.- Paraguai...

**09.**

INQ.- E o alemão? Poderia dar algum exemplo de alguma palavra em alemão? Ou também na maneira de cumprimentar...

INF.- É... se alemão não, assim nunca ninguém me cumprimentou assim...sabe, então não sei te dar exemplo.

INQ.- Ahan.

**10.**

INQ.- E do italiano? Poderia dar um exemplo?

INF.- Do italiano é... geralmente né, eles... eles falam, quando tudo cumprimentar assim, geralmente é: “boa tarde, bom dia”, normal né.

INQ.- Uhun.

INF.- E mas quando eles falam é: “tutti buena gente”. Né.

INQ.- Ah sim, ahan.

INF.- Isso.

### 11.

INQ.- Comparando essas línguas, o argentino né, o paraguaio, o italiano, o alemão, que você acha que fala melhor?

INF.- Melhor?

INQ.- É.

INF.- (risos) Eu, como é difícil isso, eu acho não tem né, a gente, nem... eu acho num tem esse direito julgar também quem fala melhor ou né... porque todas as línguas são muito interessantes né.

INQ.- Ah sim.

INF.- E importante né, que se eu pudesse, eu me, eu gostaria de aprender. Um pouco de cada né, mas num tem, eu acho num tem eu num, num posso te dizer qual que fala melhor.

INQ.- Ah tudo bem. E também então aí você também não acha que nenhuma fala pior...

INF.- Não eu acho que todas são interessantes.

INQ.- Uhun, tudo a mesma... o mesmo...

INF.- É, e importante, ahan.

### 12. (Não formulada)

### 13.

INQ.- Que lugares você ouve essas línguas, esses modos de falar diferente? Aqui na cidade? Por exemplo, tem algum lugar que você vá que vá tipo, ah vi num sei o que, eles falam mais ali o italiano, eles puxam mais pro italiano, ou ali no mercado eles falam mais o espanhol.

INF.- Não, eu acho que não tem assim aqui na cidade eu não conheço nenhum lugar que tenha assim, que tu possa dizer: “eu vou passar por lá, porque hoje né, tá o pessoal reunido, vamo falar mais...”, não existe esse lugar assim. Às vezes você encontra na rua e você escuta essas palavreado: “oh... né”, cumprimento, coisa e tal, mas não existe assim um lugar, um grupo assim, não, onde se reúne, no caso assim, pra falar não.

INQ.- Ah, tudo bem.

### 14.

INQ.- Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles ou continuam conversando?

INF.- Ah às vezes que eu fui lá no Paraguai, eles continuam conversando.

INQ.- É?

INF.- É.

### 15.

INQ.- E os argentinos, quando você se aproxima deles, eles costumam para de conversar entre eles, ou eles continuam conversando normalmente?

INF.- Não, eles cumprimentam, eles ficam olhando pra ver se a gente cumprimenta né.

INQ.- Ah sim.

INF.- É, mas segue a conversa deles, mas eles te dão atenção.

INQ.- Ahan.

**16.**

INQ.- E os alemães, também eles continuam conversando entre eles ou eles param de conversar por exemplo, quando você se aproxima ou alguma coisa assim?

INF.- E, e, eu num tive essa oportunidade acho que assim de, de que eu lembre assim, de eu chegar em algum lugar e a alguém esteja falando né, tipo em alemão assim e... eu num lembro.

INQ.- Uhun.

INF.- De sabe, de eu ter chegado, se parou... se num, num lembro disso.

INQ.- Uhun.

**17.**

INQ.- E os italianos? Eles continuam conversando normalmente ou eles param de conversar... quando você se aproxima.

INF.- É, eles terminam o assunto né.

INQ.- É? (risos).

INF.- (risos) É, eu percebo, assim quando, né, principalmente na minha família né, assim.

INQ.- Ahan.

INF.- Quando tu chega e eles terminam o assunto né. E... depois eles conversam no, no ritmo nosso, no português.

INQ.- Ah tá, aí eles mudam né.

INF.- É, é isso.

INQ.- Mudam a língua.

INF.- Ahan.

INQ.- Que interessante né.

**18.**

INQ.- É, falam melhor, os que falam português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?

INF.- Pra mim que eu não falo, falo só o português, pra mim, entender melhor, é o português e o que fala melhor pra mim, é o português, porque eu consigo entender né.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas não deixa de ser, boa fala deles também né, eu acredito que que eu entenda é bom né.

INQ.- Ahan. Ah...

**19.**

INQ.- Essas línguas, você acha feio ou acha bonito?

INF.- Eu acho bonito.

INQ.- Ahan.

INF.- Ótimo né, é bom se todo mundo pudesse falar todas as línguas né.

INQ.- Isso é verdade. Haveria um interação maior.

INF.- Com certeza, né. Com certeza.

**20.**

INQ.- Você já falou também que acha que todas têm a sua importância né, você num acha que nenhuma é melhor ou pior...

INF.- Sim, não. Todas são importante, eu acho que...

INQ.- Uhun, e você, então você também não acha que exista uma mais bonita ou mais feio ou um jeito de falar.

INF.- Não, eu acho que todas são boas, bonita.

INQ.- Ahan.

INF.- Porque tipo assim, pra mim é boni... eu entendo português, então eu gosto né.

INQ.- Sim.

INF.- Mas se eu souber entender outra língua, eu vou gostar também.

INQ.- Isso é verdade.

INF.- Né.

INQ.- Ahan.

### **21. (A propósito da questão 20:**

INQ.- Uhun, e você, então você também não acha que exista uma mais bonita ou mais feio ou um jeito de falar...

INF.- Não, eu acho que todas são boas, bonitas)

### **22.**

INQ.- Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Capanema?

INF.- Não.

INQ.- Não? Por quê?

INF.- Ah, porque eu acho que todo mundo tem direito, né, acho que ninguém tem o direito de proibir de falar outra língua.

INQ.- Isso.

### **23.**

INQ.- É, na igreja ou no templo, o sacerdote ou pastor, ou palestrante, eles deveriam falar todas essas línguas? Ou eles deveriam falar nessas línguas ali né, quando eles estivessem pregando.

INF.- Seria interessante né.

INQ.- Ahan.

INF.- Apesar de que aqui o nosso povo, que tá aqui que mora hoje aqui, eles assim, todo mundo fala e entende o português né.

INQ.- Uhun.

INF.- Então não é assim é, num tem nenhum outro, num tem turista, num tem né... mas não é por causa disso que não seria interessante né.

INQ.- Ah sim, com certeza.

### **24.**

INQ.- Você acha que a escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui?

INF.- Eu acho.

INQ.- Todas elas?

INF.- Todas. Eu acho que deveria ensinar né.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque quando você vai pra Argentina, você saberia falar. Hoje se nós ir pra Argentina, eu entendo alguma coisa, mas nem tudo né. Se você, se ir pra Alemanha, eu num entender nada, né, pois se você for pra outro país, você num entende nada, você tem que levar um tradutor né.

INQ.- É verdade.

INF.- Por isso que eu digo assim, pelo menos o básico né.

INQ.- Uhun.

INF.- Como tem o inglês né. Assim o básico, pelo menos um pouquinho você sabe né.

INQ.- É verdade, que daí dava pra interagir melhor com outra pessoa.

INF.- É, entendeu, é, porque aí você tendo uma noção, você tem como se aprofundar um pouquinho mais também né, pelo menos você procura, você né...

INQ.- Ahan. Pequenas viagens, passa lá mais um tempo pra aprender...

INF.- Com certeza.

INQ.- Uhun.

**25.** (A propósito da questão 11:

INF.- E importante né, que se eu pudesse, eu me, eu gostaria de aprender. Um pouco de cada né, mas num tem, eu acho num tem eu num, num posso te dizer qual que fala melhor.)

**26.**

INQ.- Bom você já disse que gostaria né, de aprender todas essas línguas né. Você de, você aprendeu alguma outra língua assim na escola?

INF.- Só o inglês.

INQ.- Ah o inglês.

INF.- Inglês o básico sim, ah um pouquinho, sabe.

INQ.- Ahan. Você, aqui mesmo você aprendeu inglês?

INF.- É, ahan. Na nossa escola.

**27.**

INQ.- Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só morassem argentinos, você compraria?

INF.- Onde só morassem argentinos?

INQ.- Isso.

INF.- Eu compraria, seu eu tivesse oportunidade e fosse bom, eu acho que eu compraria.

**28.**

INQ.- Se só morassem paraguaios, você compraria?

INF.- Também.

**29.**

INQ.- Se só morassem alemães?

INF.- Mesma coisa.

INQ.- Uhun.

**30.**

INQ.- Se só morassem italianos?

INF.- Também. Eu acho que num adianta, porque, tipo num existe né, essa, se fosse morar, nem ia tentar eu ia, com o tempo eu ia aprender, eu ia né...

INQ.- Isso, ia começar a conversar com eles...

INF.- Com certeza, eu ia me, eu ia me... antenar lá, nas língua aí.

**31.**

INQ.- Você tem amigos argentinos?

INF.- Geral... amigo, amigo assim não né, a gente... existe assim uma, uma... um, uma farta cultura né, existe aquela... aquela, como que eu vou dizer assim, que eles vêm pra cá, é... a gente interage com eles né, quando tem algum evento aqui eles vêm, quando tem algum evento lá a gente participa também né, tem as feiras deles lá, e nós temos aqui, então eles vêm, nós vamos pra lá, então existe isso, mas não, assim, assim uma amizade... né, em todo assim, né, não uma, em especial assim, mas não.

INQ.- Pessoas né. Ah tá. Tem bastante eventos por aqui?

INF.- Tem, tem todo ano sai assim o nome da cultura né, que daí é uma semana toda que tem né.

INQ.- Uhun.

INF.- Inclusive eles vêm fazer as apresentações deles aqui né, muito bonita.

INQ.- Quando eles vêm pra cá, vocês conseguem entender o modo deles falar?

INF.- Na... assim, bastante, alguma coisa que a gente fica meio assim, e num entende e num entende, mas é muito pouco.

INQ.- Ahan.

INF.- Sabe, a gente entende bastante eles né.

INQ.- Que... que língua eles falam?

INF.- É o espanhol.

INQ.- Espanhol?

INF.- Uhun.

INQ.- Ah sim.

### 32.

INQ.- E você tem amigos paraguaios?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Não.

### 33.

INQ.- E alemães?

INF.- Ah, alemães eu já, aqui na nossa região tem bastante né, assim então, das que assim que a gente conversa né, que conversa em alemão com a gente num tem né, porque ninguém quase fala né, num pratica a língua aqui né.

INQ.- Ahan.

INF.- Mas tem de todas as raças né.

INQ.- Ah sim, mas uma pessoa especifica que tenha vindo da Alemanha.

INF.- Não, não.

INQ.- Ou que more aqui, que esteja (inint) aqui.

INF.- Não, não tem, não.

INQ.- Amigos italianos?

INF.- Também não, assim em especial, assim alguém que venha não...

INQ.- Uhun. Com algum deles você sem... ah bom, você não tem amizade com nenhum alemão né, que alemão...

INF.- Não, não.

### 35.

INQ.- Que qual desse você sente que a amizade é mais sincera.

INF.- Ah, não, não tem.

INQ.- Mas você não tem.

**36.** (Não formulada)

**37.**

INQ.- Você já se desentendeu ou brigou com algum deles por algum motivo assim?

INF.- Eu não.

**38.**

INQ.- Você namoraria ou casaria com algum argentino?

INF.- Se eu fosse solteira... (risos)... e for, e tivesse essa... né...

INQ.- Ahan.

INF.- E não tem porque não né.

**39.**

INQ.- Ah sim e com paraguaio?

INF.- Mesma coisa, eu acho que né, se aparecesse uma pessoa assim e que a gente se entendesse, que dê certo, não tem porque não namorar, porque né.

**40.**

INQ.- E com alemão?

INF.- Mesma coisa.

**41.**

INQ.- Com italiano também?

INF.- Também.

**42.**

INQ.- Se você precisasse de um médico ou de um dentista, procuraria um argentino?

INF.- Procuraria, se fosse bom. (risos)

INQ.- (risos).

INF.- Né, tipo se eu confiar né.

INQ.- Uhun.

**43.**

INQ.- E se esse médico ou dentista fosse paraguaio, você procuraria também?

INF.- Sim, foi isso que eu digo né, desde que haja, que eu tivesse uma confiança assim já né, um cara né. É bom, eu num, acho que eu procuraria sim.

**44.**

INQ.- E se fosse alemão?

INF.- Também.

**45.**

INQ.- E se fosse italiano?

INF.- Mesma coisa.

INQ.- Uhun.

**46.**

INQ.- Sobre essas multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Capanema, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?

INF.- Não, assim especial não né, mas é interessante que... que nem você comentou antes se nas escolas né, se a gente tivesse oportunidade né de ter, é muito interessante que a gente aqui domi... assim, tem o inglês né, mas é só o básico assim né, então se tivesse, nem que fosse o básico, digo dessas outras línguas né...

INQ.- Seria interessante.

INF.- Seria muito interessante.

INQ.- Por que daí a gente teria, você teria a opção né, de escolher qual se identificasse mais.

INF.- É a opção.

INQ.- Quais você gostasse mais.

INF.- Né, sim, justo.

INQ.- Porque às vezes tem pessoas que acham difícil né, aprender o inglês.

INF.- É, uma época até comentou-se o espanhol né.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas... ficou por isso aí, a idéia, e num, num foj avante né.

INQ.- Engraçado, por que não, afinal né. Todas as pessoas aqui.

INF.- De repente falta de professor também né, num sei falta de profissional né.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas.

INQ.- Então tá.

#### **47.**

INQ.- É... você permite que a gente utilize essa nossa conversa aqui pro nosso trabalho?

INF.- Com certeza.

INQ.- A gente pode utilizar?

INF.- Pode.

INQ.- Então tá, muito obrigada...

INF.- Eu que agradeço...

INQ.- Por ter disponibilizado o seu tempo e pela assistência.

**INFORMANTE: 12**

Idade: (?) anos

Escolaridade: Magistério

Natural de: Guarani das Missões-RS

Naturalidade dos pais: Guarani das Missões-RS

**01.**

INQ.- Que língua que a senhora fala?

INF.- Olha, uma palavra nós falava em polonês, mas pouca, só em casa, eu falo português.

INQ.- Português e então...

INF.- É só uma palavra.

**02.**

INQ.- E quando você era criança, como os seus pais falavam?

INF.- O meu pai falava polonês, a minha mãe é daqui, falava português.

INQ.- O seu pai falava em polonês?

INF.- Falava.

INQ.- Inclusive com você, com seus (inint)?

INF.- Não, não. Mais era com os parentes do lado da família dele.

INQ.- Uhun, e com a senhora era português.

**03.**

INQ.- E seus avós falavam em que língua?

INF.- Polonês.

INQ.- Só polonês?

INF.- Não, falavam em português, mas mais era polonês. Que com a avó que eu aprendi algumas palavras foi com a avó. Que os pais dela eram da Polônia.

INQ.- Uhun ela era imigrante?

INF.- Uhun. Imigrante.

**04.**

INQ.- E a senhora falava em que língua com seus pais e avós?

INF.- É brasi... português.

INQ.- Só português?

INF.- Só.

INQ.- E (inint) em polonês?

INF.- Não, não.

**05.**

INQ.- E aqui em Capanema, tem muitas pessoas que falam diferente de você, diferente da sua língua?

INF.- da... poloneses?

INQ.- É, que tem outras línguas além do polonês, além do português...

INF.- Na... aqui, na região, que tem alemão, italiano... tem várias outras língua aqui. Espanhol também que é fronteira né.

INQ.- Uhun. (inint)

INF.- O inglês também...

INQ.- Tem inglês?

INF.- Também, tem. Até minha menina fala um pouco inglês.

INQ.- Mas assim, tipo assim, os naturais, com a língua inglesa...

INF.- Não. É só assim, depois de viajar e voltou e estudou.  
INQ.- Ah as pessoas que falam diferente, é espanhol...  
INF.- Italiano, alemão, polonês...  
INQ.- Tem poloneses aqui?  
INF.- Tem sim, isso tem, tenho uma tia que fala sempre polonês com outros parente.  
INQ.- E povo que fala espanhol tem o pessoal que vem da Argentina e tem o pessoal que veio do Paraguai, né?  
INF.- Vem.  
INQ.- Você percebe alguma diferença entre o espanhol da Argentina e o espanhol do Paraguai?  
INF.- É diferente, eu acho que o do, aqui da Argentina é mais fácil de se pronunciar... do que a do Paraguai.  
INQ.- Por quê?  
INF.- É assim né, é num sei, a deles parece mais enrolado, do Paraguai. E os brasi... aqui da Argentina, a gente se comunica bem mais fácil. A gente entende o que eles falam.

**07.**

INQ.- Você poderia dar um exemplo do espanhol argentino.  
INF.- Não, não sei, não, não sei te dizer, porque a gente atende freguesa ali, tenta se comunicar , mas não.

**08.**

INQ.- E o espanhol paraguaio?  
INF.- Também não, não vou ter uma palavra não.

**09.**

INQ.- E o alemão, a senhora ouve as pessoas comentando...  
INF.- Ouve. Que a gente tem uns fregueses ali, os alemão né, daí eles falam, assim, cumprimentam tudo, pa... dizer uma palavra...  
INQ.- Eles falam em alemão?  
INF.- Uhun, é mais é, é mais eles falam entre eles e a gente com brincadeira né.  
INQ.- E a senhora saberia me dizer alguma palavra, ou expressão...  
INF.- Não, não vou arriscar.  
INQ.- Não consegue dizer alguma coisa?  
INF.- Não, ahan.

**10.**

INQ.- É, e algum, algum exemplo de italiano?  
INF.- Italiano? Ah... só com...  
INQ.- (inint).  
INF.- Não não.  
INQ.- Uma palavra que nem bom dia, boa tarde...?  
INF.- Não, não vou conseguir não.  
INQ.- Não.  
INF.- É, a única coisa que eu ainda lembro da, do meu, dos meus avós né, que é “dinbobre”, que é né, cumprimentavam né, “dinbobre”, e outras palavras nós já... “diabriti”, “vódi”. “Diabriti” que nós chamava era avô. “Dábrica” era vó né. Mas essas palavrinhas assim que a gente lembra e vê que nem na, de origem alemã, eu lembro uma palavra, mas na hora assim num...

INQ.- Uhun. E do polonês a senhora teria algum exemplo?

INF.- É que nem essas que eu acabei de falar pra você: “diabriti, dabrica”, é polonês...

INQ.- Ah, é polonês, pensei que era..

INF.- Não, não, não.

**10.**

INQ.- Italiano a senhora não (inint).

INF.- Italiano, num é italiano não. E até morei com tia italiana tudo, que falava mas não...

INQ.- Uhun (inint)?

INF.- No polonês só.

**11.**

INQ.- É, e comparando a língua de origem, o argentino, o paraguaio, a alemã, o polonês, quem a senhora acha que fala melhor?

INF.- Eu acho que assim pra falar melhor é o argentino, é do Paraguai?

INQ.- Do espanhol (inint).

INF.- É do Paraguai sim.

INQ.- Por quê?

INF.- Por causa que eles falam mais fluente, e... a... eles têm um vocabulário melhor né, que a gente... é aqui... que a gente se comunicou com a... que eu já fui no Paraguai né, então a gente vê a maneira do povo falar né, eu já conversei com gente de... da Argentina, eu acho mais simples, pode ser o pessoal que a gente já conhece aqui. Que fica...

**12.**

INQ.- E quem a senhora acha que fala pior?

INF.- Olha, na verdade, a gente brasileira né que fala muito... (risos).

INQ.- (risos).

INF.- E acho que nossa língua a gente num... fala tudo errado.

INQ.- Eu concordo.

**13.**

INQ.- Em que lugares que a senhora ouviu essas outras línguas?

INF.- É na farmácia a maioria e nos meus vizinhos.

INQ.- Mas na farmácia (inint).

INF.- É, ahan.

INQ.- É algum outro lugar que a senhora frequenta, por exemplo?

INF.- É, por uma festa né assim que... festa de igreja, cantor... então você encontra mais...

**14.**

INQ.- É, aqui, se a senhora observa um grupo de paraguaios conversando entre si, em espanhol paraguaio, quando alguém se aproxima deles, eles param de falar ou continuam conversando?

INF.- Continua conversa deles.

INQ.- Normalmente?

INF.- Uhun.

**15.**

INQ.- E um grupo de argentinos continuariam também?  
INF.- Fala baixo. (dirigindo-se a um circunstante).  
INQ.- E os (inint) continuaria a conversa normalmente também? (inint)  
INF.- Eu não obser... observei isso aí.

**16.**

INQ.- E um grupo de alemães?  
INF.- Ah os alemães, eles falam com a gente... a gente se aproxima, eles falam um pouco português, um pouco em alemão...(inint)  
INQ.- (inint) Dá até pra compreender...  
INF.- Compreender.

**17.**

INQ.- E um grupo de italianos?  
INF.- Nessa coisa, só que italiano né, pra gente se comunicar.  
INQ.- E os, talvez os alemães, eles são um pouco mais...  
INF.- Mais, mais é... eu acho os italiano mais aberto, italiano. Mas acolhedores os italiano. Os alemão, eles são mais puxado...

**18.**

INQ.- É... e assim, na sua opinião, essas pessoas que falam é o português, a senhora acha que eles falam melhor, do que as outras línguas?  
INF.- Eu não (inint) falar correto?  
INQ.- É assim, as pessoas que falam português, a senhora acha que eles comunicam... é... melhor do que as que falam de outras línguas?  
INF.- No meu ver, acho que os que tem outras línguas comunicam tudo igual né, porque eles...

**19.**

INQ.- ... é que nem a gente tava comentando né, entre as outras línguas, a senhora acha feio ou bonito?  
INF.- Eu acho bonito.  
INQ.- Bonito?  
INF.- É tão bom saber mais de uma língua. Só me arrependi porque que eu num aprendi quando era pequena e tinha oportunidade né, não valorizava, né.  
INQ.- É, isso também acontece comigo, meu pai falava alemão, só que eu não valorizei antes.  
INF.- Viu, eu também, poderia ter aprendido, hoje teria um...  
INQ.- É se aproveitar, poderia aprender uma...  
INF.- Mas a gente achava que num era...  
INQ.- A senhora não vê nenhuma língua mais bonita, uma mais feia...  
INF.- Não.

**22.**

INQ.- É se a senhora pudesse proibir o uso de alguma dessas línguas estrangeiras, aqui na cidade de Capanema, a senhora proibiria?  
INF.- Eu não.  
INQ.- Não?  
INF.- Não.

**23.**

INQ.- A senhora é de qual religião?

INF.- Católica.

INQ.- Católica? E o povo, o sacerdote, ou padre, ele conversa só em português?

INF.- Só em português.

INQ.- Ele não fala em outras línguas?

INF.- Ah deve ter, só que eu não comuniquei com ele ainda.

INQ.- E a senhora acha que é necessário saber outras línguas?

INF.- É bom por causa também que tem gente estrangeira, né que num sabe comunicar em português.

**24.**

INQ.- E, e, a escola, no caso, será que ela ensina essas outras línguas?

INF.- A escola, tem só as particulares né, que aqui nós temos escola de espanhol, italiano, e inglês.

INQ.- Uhun. Na estadual será que eles ensinam?

INF.- Na estadual só inglês né.

INQ.- Só inglês?

INF.- Só inglês.

INQ.- Será que é necessário saber outras?

INF.- Eu acho que assim no ensino publico né, mesmo que é ruim né, nem portu... nem inglês eles ensinam muito fraco.

INQ.- Uhun, então talvez só o inglês que seja necessário.

INF.- É, inglês, inglês é necessário né.

INQ.- E por que é mais necessário?

INF.- Eu falo aqueles que vão prestar vestibular né, tem que saber uma língua né, e o inglês é o... que mais usa... ou achar o... e esses tempo foi, né, de base mais na escola de ensino público é... o inglês né.

**25.**

INQ.- E a senhora gostaria de aprender alguma outra língua, a senhora gostaria de aprender alguma outra língua?

INF.- O espanhol.

INQ.- O espanhol? Por que o espanhol?

INF.- Eu acho que não tão difícil.

INQ.- Uhun, em relação... seria de bastante utilidade a senhora saber o espanhol?

INF.- Não, por causa da fronteira né.

**26.**

INQ.- É... o polonês que a senhora sabe falar é... foi assim adquirido na família?

INF.- Na família.

INQ.- Ou ...

INF.- Não, na família.

INQ.- Só na família.

INF.- Na família.

**27.**

INQ.- E se a senhora fosse comprar um bairro, um bairro não, uma casa, fosse num bairro onde só morassem argentinos, a senhora compraria essa casa?

INF.- Ah é... (risos), ah se eu gostasse do lugar né, da casa porque que não, né?

INQ.- Moraria assim, compraria ao lado dos argentinos?  
INF.- Compraria. Por que não? Eles são seres humanos também.

**28.**

INQ.- E dos paraguaios?

INF.- É, daí, (risos).

INQ.- Num bairro onde só morassem paraguaios.

INF.- Bom, essa eu num sei nem te responder, porque é bem duvidosa.

INQ.- Mas assim, num gostaria de morar?

INF.- Não, eu gostaria...

INQ.- Mas não gostaria de ter vizinhos paraguaios?

INF.- Não, gosto até tive argentino. Tive muito argentino né, já tive. Paraguaiio nunca mais é.. se eu precisasse, eu morava por que não?

INQ.- Se precisar, se você pudesse escolher entre morar só com vizinho polonês, no caso, ou brasileiro, e próximo de vizinhos paraguaios... o que a senhora iria preferir?

INF.- Ah é, brasileiro né, brasileiro, por causa que a comunicação seria melhor, e, acho que brasileiro são as pessoas bem dadas, mais.

**29.**

INQ.- É, e se for num bairro onde só morassem alemães?

INF.- Ah comprava, num tem problema nenhum, também.

INQ.- Tranquilo?

INF.- Tranquilo.

**30.**

INQ.- Num bairro onde só morassem italianos?

INF.- Também.

INQ.- Tranquilo também?

**31.**

INQ.- A senhora tem amigos argentinos?

INF.- Amizade assim não, mas tenho até uma prima que é casada com argentino. É...

INQ.- Ah.

INF.- E é bem legal. E tem vizinhos argentinos também, tive um monte.

INQ.- Mas amizade devido ao parentesco?

INF.- Parentesco.

INQ.- Amigos, só amigos...

INF.- Não, não, só conhecidos.

**32.**

INQ.- Amigos paraguaios?

INF.- Não.

INQ.- Não tem?

INF.- Não, não. Só fregueses.

INQ.- Uhun.

**33.**

INQ.- Amigos alemães?

INF.- Bastante.

INQ.- Bastante, como que começou essa amizade?

INF.- Ah por que... eu, o lugar que a gente mora, eu não tenho dificuldade pra fazer amizade né.

**34.**

INQ.- E... amigos italianos eu já perguntei né.

INF.- Já.

**35.**

INQ.- Um freguês espanhol, um freguês, alemão, são tipos comportamento diferente, uma maneira de (inint). Alguma coisa muito diferente entre eles, uma maneira de se comunicar, de se expressar.

INF.- Ah tem uns que são mais ativo né, o grupo... não fala, é mais fechado, mas num sei do quê?

INQ.- Quais seriam os mais fechados pra você?

INF.- Bastante seria o alemão...

INQ.- Os mais difíceis?

INF.- Acho que os paraguaio.

INQ.- Os paraguaios, por quê?

INF.- Por causa que, do espanhol né, fala mais... eu acho mais difícil o espanhol do paraguaio, num sei não porquê.

INQ.- Ahan. A questão da exportação (inint) os fregueses assim, eles aceitam bem... ou encontra dificuldade assim, que nem aqui em Capanema, ser que eles tem algum (incomodo)? Com o Brasil...

INF.- Eu acho que não. Eu conheço pouco né.

INQ.- E dessas amizades que a senhora comentou alguma é mais falsa, é mais interesseira? Percebe isso?

INF.- Não. Não percebo.

INQ.- Qual o tipo de amizade é mais sincera pra você?

INF.- A minha vizinha lá é italiana, todos ótimos (risos).

**36.** (A propósito da questão 35:

INQ.- E dessas amizades que a senhora comentou alguma é mais falsa, é mais interesseira? Percebe isso?

INF.- Não. Não percebo.)

**37.**

INQ.- É, a senhora já se desentendeu, ou já brigou com algum desses amigos de outras, ou de uma origem diferente da sua?

INF.- Sim.

INQ.- Por qual motivo?

INF.- Ah, não sei se eu era teimoso ou se as pessoas (inint) também é. (risos) Eu já trabalhei com um pessoas... eu trabalhei com ele, eu dava risada dele, alemão é teimoso (risos).

INQ.- Mas brigaram por qual motivo?

INF.- Não é, próprio da gente né, ai no outro dia (inint), mai, briga, briga que não sei o quê.

INQ.- Por causa da língua, ou por causa de alguma diferença...

INF.- Quando é diferente, o negocio é mandar mais. Mandar e querer impor.

INQ.- Os alemão, os alemães queriam impor mais?

INF.- É, é isso.

**38.**

INQ.- A senhora é casada?

INF.- Não.

INQ.- Já foi casada?

INF.- Eu fui acho um tempo (risos).

INQ.- E se fosse pra se casar hoje, com um argentino, a senhora se casaria?

INF.- (risos) eu não quero casar com nenhum acho. Ai, ai...

INQ.- Mas não...

INF.- Argentino, não, casaria sim.

INQ.- Casaria?

INF.- (inint) tivesse afinidade, eu casaria.

**39.**

INQ.- E com um paraguaio?

INF.- Não.

INQ.- Não. Por quê?

INF.- Acho que por costume, né?

INQ.- É diferente?

INF.- É diferente.

INQ.- A senhora saberia me dizer quais costumes que eles têm?

INF.- Não, não sei te dizer...

INQ.- Que difere muito... Não?

INF.- Eu num conheço muito, então...

INQ.- E com alemão, a senhora se casaria?

INF.- Pra casar com alemão, eu num sei... (risos) não eu num... se fosse pra casar, casaria, não tinha como (inint), eu deu risada porque era pra casar com um de origem alemã, mas tava casada mas não deu certo.

INQ.- Ah!

INF.- Num teria problema.

INQ.- Mas a senhora acha que não daria certo?

INF.- Não, daria, é que eu mesmo...

INQ.- Não tem algum motivo? (inint)

INF.- Não, eu não me dava... num tinha nada...é e... porque depois (inint) ah não, não tinha problema nenhum.

**41.**

INQ.- E um italiano?

INF.- Também.

**42.**

INQ.- Se a senhora precisasse de um médico ou de um dentista, a senhora procuraria um argentino pra se consultar?

INF.- Se não tiver outro... por que não?(risos)

INQ.- Seria uma última opção. Por quê?

INF.- Por causa que eu vejo falar tanto da medicina deles, que num é de boa qualidade, e pode ser que eu esteja errada né, mas...

INQ.- Uhun.

**43.**

INQ.- É... um médico ou dentista paraguaio?

INF.- Se num tivesse brasileiro, iria aquele mesmo.

INQ.- Também em último...

INF.- Ahan, último caso...

INQ.- Pelo mesmo motivo?

INF.- Pelo mesmo, porque é a gente vê comentar né, que a... que num, a faculdade deles né, pode ser que eu esteja enganada, mas é... menos, tem menos desenvolvimento lá, menos escolaridade do que aqui, né... então eu teria falta de confiança.

**44.**

INQ.- E um médico ou dentista alemão?

INF.- Sim, sem problema.

INQ.- Sem problema nenhum? Nem que se fosse pra escolher entre o brasileiro e o alemão?

INF.- Não, tranquila.

INQ.- Qualquer um?

INF.- Qualquer um.

**45.**

INQ.- E um italiano?

INF.- Também, sem problema.

INQ.- E por quê a senhora consultaria um italiano?

INF.- É que um, um país mais desenvolvido e alemão também, eu acho né, do que o paraguaio e o...

INQ.- E o argentino.

INF.- E o argentino.

**46.**

INQ.- E assim, dona Julia estamos terminando a nossa conversa e (inint) tudo que a gente conversou, tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de colocar, a respeito da diversidade de línguas aqui na região?

INF.- É, pra mim é essas línguas que já falei né, que eu conheço, que sei que tem mais na região, foi citado né, e essas aí só.

**47.**

INQ.- Ah tá. É, enfim, como eu já comentei, seu nome não vai aparecer em lugar nenhum, mas eu gostaria de ter a sua autorização pra poder utilizar só as respostas.

INF.- Pode.

INQ.- Obrigada.

INF.- As resposta pode.

INQ.- Seu nome (inint) não vai aparecer em lugar nenhum.

**INFORMANTE: 13**

Idade: 29 anos

Escolaridade: Ensino Superior completo

Natural de: Capanema-PR

Naturalidade dos pais: Rio Grande do Sul

**01.**

INQ.- Que língua que você fala professor?

INF.- Eu fa... só o português. (risos) Isso.

**02.**

INQ.- E quando você era criança, em que línguas que seu pai, seus pais falavam com você.

INF.- Era em português. Português só.

**03.**

INQ.- Português. E o... que língua que seus avós falavam?

INF.- Sim, com os meus avós, eles sempre falavam português, mas eles têm conhecimento da língua, da alemã. Ahan, e também da, língua italiana né, tanto os do lado do meu, do meu pai, como da minha mãe.

INQ.- Ah tem, tem as duas então... que interessante...

INF.- Isso, tem as duas, ahan, mistura. Na verdade uma diversidade cultural. (risos).

INQ.- Que bom, que bom né. Que interessante.

INF.- Sim, com certeza.

INQ.- Você não conseguiu aprender as duas?

INF.- Não, porque na verdade eles sabiam falar, mas é... até entre eles cada vez menos falavam né.

INQ.- Olha só.

**04.** (A propósito da questão 03:

INF.- Sim, com os meus avós, eles sempre falavam português, mas eles têm conhecimento da língua, da alemã. Ahan, e também da, língua italiana né, tanto os do lado do meu, do meu pai, como da minha mãe.)

**05.**

INQ.- E, aqui em Capanema, moram assim pessoas que falam diferente professor?

INF.- Sim, com certeza, principalmente assim, alguns grupos de descendentes de alemães assim, a gente percebe claramente.

**06.**

(A propósito da questão 05:

INF.- Sim, com certeza, principalmente assim, alguns grupos de descendentes de alemães assim, a gente percebe claramente.)

INQ.- Tem mais do que italianos?

INF.- Olha, na porcentagem não sei, mas que é, que cultura (ou posso dizer a renda sim).

**07.**

INQ.- Ahan, tá, e tem pessoas que falam espanhol aqui também, professor?

INF.- Sim tem, mas eu acredito que um pouco, um número mesmo bastante menor, mesmo que nós fazemos aqui fronteira né, com o município, vizinho aqui com a

Argentina, então vejo assim os que falam foi devido à influência, pela Argentina ser próxima né, ser fronteira com nosso município.

INQ.- E tem poucos, professor?

INF.- Sim, acredito que sim.

INQ.- Interessante isso né, e está tão perto, né?

INF.- Sim, por ser bastante próximo né, na verdade os que falam, acredito que serem influenciados principalmente pelo comércio né, entre os dois municípios aqui né, Capanema e Adrecita. Do lado da Argentina.

INQ.- Que é a próxima cidade?

INF.- Isso, é a primeira cidade.

INQ.- E é comércio do que, professor?

INF.- É, principalmente produtos ligados ao mercado né, é, derivados de mercado, farinha, esses produtos assim né.

INQ.- Ah... ahan.

INF.- Que o... digamos nosso município, aproveitam o do... o peso baixo né, o valor bastante baixo em relação ao real, então vão comprar mercadorias lá, e também a gasolina alguns meses atrás né, que sempre, o preço é bastante inferior ao nosso aqui no Brasil, então favorece o comércio entre os dois municípios.

INQ.- Então eu lembrei de tomar, um senhor falou pra mim, que a cerveja de lá é bem mais barata. Eu vou pra lá, comprar lá e trazer.(risos)

INF.- Não deixa de fazer parte da (inint)

INQ.- É, também né.

INF.- Também, com certeza.

## 08.

INQ.- E paraguaios, tem aqui, professor?

INF.- É, paraguaios, que eu conheça, não tem ninguém.

INQ.- Não né.

INF.- Não.

INQ.- Já foi pro Paraguai?

INF.- Já sim.

INQ.- E lembra algum exemplo, alguma palavra, acho que é difícil lembrar, mas que os avós, os seus avós falavam, ou em italiano, ou em espanhol, espanhol não, desculpa... ou alemão...

INF.- Não, não.

INQ.- Não? Conhece alguma palavra, professor? Alguma coisa...

INF.- Ah, sou péssimo, que nem eu tinha falado...

INQ.- História do português mesmo né...

INF.- É, do português mesmo. É, na verdade em espanhol a gente conhece algumas palavras mesmo né, por eu ser comerciante também aqui no município, então eu sei uns... digamos, os argentinos compram no nosso estabelecimento, então algumas palavras a gente vai aprendendo com eles né, na hora de você comercializar as mercadorias né.

INQ.- Então você entende né, quando eles estão falando?

INF.- Sim, sim, com certeza. É, na verdade quando eles falam assim mais devagar, você consegue entender tranquilamente, e digamos quando vão falar um pouco rápido, algumas palavras tem dificuldade de entender, mas o espanhol assim, por ser como eu falei, fronteira, a gente tem mais facilidade né.

INQ.- Que bom.

**09.** (Não formulada)

**10.** (Não formulada)

**11.**

INQ.- Comparando assim, essas línguas, por exemplo, o espanhol o italiano, o alemão, o português, quem você acha que fala melhor, professor?

INF.- Olha, percebo cada grupo com suas características próprias né.

INQ.- Uhum.

**12.**

INQ.- E quem você acha que fala pior, dá pra identificar?

INF.- Ó, acredito que não, cultura né. Cultura, depende do grupo cultural.

INQ.- Uhum.

**13.**

INQ.- E onde você ouve assim, num sei, assim, bem, onde você ouve assim as pessoas falando diferente?

INF.- É, principalmente, como eu falei pra você no comércio né. Por a gente fazer parte, comercializar com, com o país vizinho né.

INQ.- Com eles né.

**14.**

INQ.- E, por exemplo, tem um grupo de, aqui não tem paraguaios, mas eu tenho um grupo de, de argentinos conversando, se você se aproxima, eles param de conversar, professor?

INF.- Não, geralmente não.

INQ.- É, já...

INF.- Num sei, nem vi isso.

**15.** (A propósito da questão 14:

INQ.- E, por exemplo, tem um grupo de, aqui não tem paraguaios, mas eu tenho um grupo de, de argentinos conversando, se você se aproxima, eles param de conversar, professor?

INF.- Não, geralmente não.

INQ.- É, já...

INF.- Num sei, nem vi isso.)

**16.**

INQ.- E se for um grupo assim de alemães, eles param de conversar?

INF.- Comigo nunca aconteceu.

INQ.- É.

INF.- Ahan.

**17.**

INQ.- E de italianos?

INF.- Também.

INQ.- Uhum.

**18.**

INQ.- É, você acha que falam melhor as pessoas que falam o português, os as pessoas que falam essas outras línguas estrangeiras? Dá pra saber...?

INF.- Não, como eu falei pra você... cultura né.

INQ.- Uhun né. E com um professor de história ainda, não vai falar né. (risos)

INF.- (risos) Não, porque a gente percebe claramente assim, digamos, a contribuição cultural de todos esses grupos para cultura brasileira né.

INQ.- Uhun.

INF.- Então nós percebemos já a nossa cultura não ser uma cultura única né, então ela seja... todos esses grupos que vieram para o Brasil, colaboraram na nossa formação cultural né.

INQ.- É verdade.

INF.- Então, cada um com suas características, tanto como a africana também né.

INQ.- É verdade, até a outra menina, ela é negra né, fez uns estudos assim sobre os africanismos.

INF.- Isso ahan, mesmo que nosso município, digamos, o numero não é tão elevado, de descendente, de, digamos assim, de africanos né.

INQ.- Não mesmo.

INF.- Isso é, a gente percebe uma população mais, descendentes de europeus, então já pro nordeste, a realidade é diferente.

INQ.- Olha, Pranchita. Pranchita não é muito grande né, são seis mil habitantes, mas eu não vi ninguém, com a pele mais escura, ninguém, ninguém, ninguém.

INF.- São, é aqui você vê, mas são um número, igual como eu te falei, um número bastante reduzido né, então.

INQ.- Ahan, interessante isso.

INF.- Em relação aos outros grupos.

**19.** (A propósito da questão 18:

INQ.- É, você acha que falam melhor as pessoas que falam o português, os as pessoas que falam essas outras línguas estrangeiras? Dá pra saber...?

INF.- Não, como eu falei pra você... cultura né.

INQ.- Uhun né. E com um professor de história ainda, não vai falar né. (risos)

INF.- (risos) Não, porque a gente percebe claramente assim, digamos, a contribuição cultural de todos esses grupos para cultura brasileira né.

INQ.- Uhun.

INF.- Então nós percebemos já a nossa cultura não ser uma cultura única né, então ela seja... todos esses grupos que vieram para o Brasil, colaboraram na nossa formação cultural né.

INQ.- É verdade.

INF.- Então, cada um com suas características, tanto como a africana também né.

INQ.- É verdade, até a outra menina, ela é negra né, fez uns estudos assim sobre os africanismos.

INF.- Isso ahan, mesmo que nosso município, digamos, o numero não é tão elevado, de descendente, de, digamos assim, de africanos né.

INQ.- Não mesmo.

INF.- Isso é, a gente percebe uma população mais, descendentes de europeus, então já pro nordeste, a realidade é diferente.

INQ.- Olha, Pranchita. Pranchita não é muito grande né, são seis mil habitantes, mas eu não vi ninguém, com a pele mais escura, ninguém, ninguém, ninguém.

INF.- São, é aqui você vê, mas são um número, igual como eu te falei, um número bastante reduzido né, então.

INQ.- Ahan, interessante isso.

INF.- Em relação aos outros grupos.)

**20.** (A propósito da questão 18: INQ.- É, você acha que falam melhor as pessoas que falam o português, os as pessoas que falam essas outras línguas estrangeiras? Dá pra saber...?)

INF.- Não, como eu falei pra você... cultura né.

INQ.- Uhun né. E com um professor de história ainda, não vai falar né. (risos)

INF.- (risos) Não, porque a gente percebe claramente assim, digamos, a contribuição cultural de todos esses grupos para cultura brasileira né.

INQ.- Uhun.

INF.- Então nós percebemos já a nossa cultura não ser uma cultura única né, então ela seja... todos esses grupos que vieram para o Brasil, colaboraram na nossa formação cultural né.

INQ.- É verdade.

INF.- Então, cada um com suas características, tanto como a africana também né.

INQ.- É verdade, até a outra menina, ela é negra né, fez uns estudos assim sobre os africanismos.

INF.- Isso ahan, mesmo que nosso município, digamos, o número não é tão elevado, de descendente, de, digamos assim, de africanos né.

INQ.- Não mesmo.

INF.- Isso é, a gente percebe uma população mais, descendentes de europeus, então já pro nordeste, a realidade é diferente.

INQ.- Olha, Pranchita. Pranchita não é muito grande né, são seis mil habitantes, mas eu não vi ninguém, com a pele mais escura, ninguém, ninguém, ninguém.

INF.- São, é aqui você vê, mas são um número, igual como eu te falei, um número bastante reduzido né, então.

INQ.- Ahan, interessante isso.

INF.- Em relação aos outros grupos.)

**21.** (A propósito da questão 18:

INQ.- É, você acha que falam melhor as pessoas que falam o português, os as pessoas que falam essas outras línguas estrangeiras? Dá pra saber...?)

INF.- Não, como eu falei pra você... cultura né.

INQ.- Uhun né. E com um professor de história ainda, não vai falar né. (risos)

INF.- (risos) Não, porque a gente percebe claramente assim, digamos, a contribuição cultural de todos esses grupos para cultura brasileira né.

INQ.- Uhun.

INF.- Então nós percebemos já a nossa cultura não ser uma cultura única né, então ela seja... todos esses grupos que vieram para o Brasil, colaboraram na nossa formação cultural né.

INQ.- É verdade.

INF.- Então, cada um com suas características, tanto como a africana também né.

INQ.- É verdade, até a outra menina, ela é negra né, fez uns estudos assim sobre os africanismos.

INF.- Isso ahan, mesmo que nosso município, digamos, o número não é tão elevado, de descendente, de, digamos assim, de africanos né.

INQ.- Não mesmo.

INF.- Isso é, a gente percebe uma população mais, descendentes de europeus, então já pro nordeste, a realidade é diferente.

INQ.- Olha, Pranchita. Pranchita não é muito grande né, são seis mil habitantes, mas eu não vi ninguém, com a pele mais escura, ninguém, ninguém, ninguém.

INF.- São, é aqui você vê, mas são um número, igual como eu te falei, um número bastante reduzido né, então.

INQ.- Ahan, interessante isso.

INF.- Em relação aos outros grupos.)

**22.** (Não formulada)

**23.** (Não formulada)

**24.**

INQ.- E qual língua assim que, você acha que, aqui eles ensinam inglês né, qual língua você acha que eles deveriam ensinar, professor, além do inglês?

INF.- Olha, como eu fale... como você falou, o inglês e o espanhol também, por sermos né, país de fronteira.

**25.**

INQ.- Uhum e qual você gostaria de fazer? O alemão...

INF.- Olha, tinha o interesse em de repente, fazer italiano né. Acho assim muito, gosto assim dos costumes, devido a minha descendência também né, então, de repente me identificaria né.

INQ.- É, faria o alemão?

INF.- Faria, faria, se tivesse oportunidade, qualquer uma de ou... é, ajudaria né, qualquer uma, com certeza.

**26.** (Não formulada)

**27.**

INQ.- E faz de conta que você quer comprar uma casa, professor, e tem um bairro lá, só de argentinos, você compraria uma casa nesse bairro?

INF.- Compraria, com certeza, sem problema nenhum.

INQ.- Sem problema?

INF.- Sem problemas.

**28.**

INQ.- E se fosse um bairro de paraguaios?

INF.- Uhum.

**29.**

INQ.- E de alemães?

INF.- Também.

**30.**

INQ.- É, de italianos também?

INF.- Com certeza. (risos), é com certeza, todos os grupos, né, que nossa.

INQ.- É.

**31.** (Não formulada)

**32.** (Não formulada)

**33.** (Não formulada)

**34.**

INQ.- Tem amigos italianos, professor?

INF.- É, de descendência sim né. De todos os grupos é, sociais digamos que tem amizade no caso né. Os grupos citados anteriormente.

**35.**

INQ.- É, e você, dá pra perceber assim, tá acabando já, professor, dá pra perceber assim, se a amizade é diferente, desses grupos?

INF.- Não, não vejo diferença. Eles todos...

INQ.- Interessante.

**36.** (Não formulada)

**37.** (Não formulada)

**38.**

INQ.- E... se casaria professor, com uma dessas, uma dessas descendências, ou paraguaia, ou argentina...?

INF.- Sim.

**39.** (Não formulada)

**40.** (Não formulada)

**41.**

INQ.- Italiana...

INF.- Não vejo problema nenhum.

**42.**

INQ.- Uhun, se você precisasse de um médico, professor, é iria em um argentino?

INF.- Sim, com certeza, desde que qualquer uma das etnias, eu devia com certeza o profissional né, também se a... a raça ou etnia, né, ou grupo.

INQ.- Olha, em Pranchita um rapaz me respondeu: “depende, se ele for formado no Brasil...” (risos). Foi bem ao Paraguai né, se for formado no Brasil, não tem problema.

INF.- (risos) Só é engraçado.

**43.** (Não formulada)

**44.** (Não formulada)

**45.** (Não formulada)

**46.**

INQ.- E professor, sobre essa, essas varias línguas, essas várias culturas que a gente encontra aqui em Capanema, tem mais alguma coisa que você gostaria de falar, que eu não perguntei...?

INF.- Ah eu vejo assim, que o nosso município, município pequeno né, com um pouco mais de duzentos mil habitantes né, e a gente percebe, digamos que relacionado ao Brasil, em geral, um não-discriminação né, que é uma vantagem assim, muito ponto, bastante positivo pro nosso município, né, então há os diversos grupos humanos por se instalarem aqui, a gente percebe claramente essa, esse tratamento igual, indiferente à raça.

INQ.- Num tem assim, por exemplo, o italiano, que em Pranchita parece que eu vi assim, o italiano, meio que batendo com o alemão, aqui encontra?

INF.- Não, aqui, você não se percebe isso. Devido principalmente como eu falei pra você, as descendências, né, ter uma mistura, interracial, então devido a essa mistura, percebo que não há né, é esse conflitos, se nós analisássemos com outros estados, que digamos, é mais formado por alemães ou por italianos, só apenas... né, então aqui já não mais. Aqui tem mistura.

**47.**

INQ.- Sim. Então tá bom professor, agradeço, é, a, eu gostei muito de conversar com o senhor, as suas respostas foram bem claras, eu gostaria de trabalhar só com essas respostas que o senhor deu, nome não vai aparecer em lugar nenhum, eu poderia trabalhar com isso no meu trabalho?

INF.- Sim, pode.

**INFORMANTE: 14**

Idade: 21 anos

Escolaridade: Superior Incompleto

Natural de: Capanema-PR

Naturalidade dos pais: Capanema-PR e Santa Maria-RS

**01.**

INQ.- Que língua que você fala?

INF.- Língua portuguesa e alguns conhecimentos de língua inglesa.

INQ.- Uhun. Só essas duas?

INF.- Só as duas.

INQ.- É, no inglês, você consegue se comunicar?

INF.- Basicamente, básico, básico. Mais ou menos ficar... mais ou menos cumprimentos, frutas, animais.

**02.**

INQ.- Quando você era criança, em que línguas os seus pais falavam com você?

INF.- Língua portuguesa, mas a minha vó falava muito italiano. Muito italiano.

INQ.- E você não compreende nada do italiano hoje?

INF.- Muito pouco, porque a gente também não tem tempo, né, então a gente não vê sabe.

INQ.- Ahan.

**03.** (A propósito da questão 02:

INF.- Língua portuguesa, mas a minha vó falava muito italiano. Muito italiano.

INQ.- E você não compreende nada do italiano hoje?

INF.- Muito pouco, porque a gente também não tem tempo, né, então a gente não vê sabe.)

**04.**

INQ.- E você, se comunicava em quais línguas com eles?

INF.- Português.

INQ.- Só o português, tanto com seus pais, como sua vó...

INF.- Sim, uhun.

**05.**

INQ.- Aqui em Capanema, quais que são os idiomas que você percebe além do português?

INF.- A diferença...

INQ.- As pessoas que moram ou que vivem aqui...

INF.- Valoriza muito o espanhol. Tem o costume de várias línguas, no final, tem o sotaque... é... e até uma mistura com o castelhano né. Por causa da Argentina.

**06.**

INQ.- E você percebe as pessoas que moram aqui, que estão falando essas línguas, que têm descendência dessas línguas...?

INF.- Tem, tem, a maioria das pessoas procuram saber, se gostam por achar uma língua bonita, o espanhol. E tem gente aqui que fala, fala mesmo pra, pelo robi (?= hobbie), né.

INQ.- Ahan. É... então, além do espanhol, quais outras línguas mais?

INF.- Hum... na verdade, o recorde, fica só em costume mesmo né.

INQ.- Uhun, você num conhece, num sabe nenhum falante do alemão...?

INF.- Assim, há pessoas mais velhas, assim mais idosas né, que falam alemão, mas assim, entre eles, nunca com a gente. E que além disso, a minha vó, ela, entre por exemplo, um telefonema com parente do Rio Grande, é em italiano que ela fala.

INQ.- É... então espanhol argentino, italiano, alemão, você percebe.

INF.- O básico.

INQ.- Uhun.

**07.**

INQ.- Você percebe alguma diferença entre o espanhol argentino e o espanhol paraguaio? Quando vem assim as pessoas de fora, você identificar, esse é do Paraguai, esse é da Argentina?

INF.- Não.

INQ.- Não consegue identificar? Você saberia me dar algum exemplo, é de uma frase, de uma expressão, uma palavra em espanhol?

INF.- Ah... em espanhol?

INQ.- Isso.

INF.- Cumprimentos né.

INQ.- Uhun. Por exemplo?

INF.- Buenos días, buenas tardes, isso é básico do Paraguai e argentino.

INQ.- Ahan.

**06.**

INQ.- É, e do espanhol, do espanhol paraguaio...

INF.- Uhun.

**09.**

INQ.- É, do alemão, você teria algum exemplo?

INF.- Tem a, eu já vi uma vó, falar pros netos, pra não ir no fogo né.

INQ.- Uhun.

INF.- O, rai, rai, alguma coisa assim. Que ela disse. Eu num entendo também porque não sei.

INQ.- Ahan, mais alguma coisa?

INF.- Não.

INQ.- Não?

**10.**

INQ.- Do italiano?

INF.- Ah, italiano é... aquela conversa da minha vó do telefone tal... é... fiori... é soréli...

INQ.- O que significa isso?

INF.- Irmã. E fiori quer dizer filho, né.

INQ.- Ahan.

INF.- Até um xingamento em italiano, que a gente usa muito que... é...porca madona. Essa coisa toda né, é isso aí.

INQ.- Ahan.

**11.**

INQ.- E comparando essas línguas, argentina, espanhol, italiano, alemão, quem você acha que fala melhor?

INF.- Quem fala melhor?

INQ.- Isso.

INF.- É o italiano.

INQ.- O italiano, por quê?

INF.- A dicção dele é muito boa.

INQ.- Uhun.

**12.**

INQ.- E, e quem você acha que fala pior?

INF.- O alemão.

INQ.- O alemão, por quê?

INF.- Pela dificuldade até mesmo da, quando fala assim, muitas pausas né. Fala bem rápido assim, pelo menos os poucos que eu ouvi falar. E as palavras são bastante... afônicas né, então tem que ter um... uma fanhinha pra falar. (risos).

**13.**

INQ.- Em que lugares você ouve essas línguas diferentes? Aqui na cidade de Capanema?

INF.- Mais no interior.

INQ.- No interior aqui do Sul?

INF.- Isso.

INQ.- E... algum local específico dentro da cidade? Por exemplo, no mercado, no posto de gasolina...

INF.- Posto de saúde.

INQ.- Posto de saúde...

INF.- Que é o lugar onde muita gente conversa.

INQ.- Então mais no posto de saúde?

INF.- Uhun.

INQ.- E dentro da família, percebe também?

INF.- Tinha mais os vizinhos né, Jardim Origama, (inint) mais é isso.

**14.**

INQ.- Quando você se aproxima de um grupo de paraguaios, eles estão conversando entre eles, é, eles costumam parar de conversar nessa língua, ou continuam normalmente?

INF.- Eles continuam normalmente.

INQ.- Continua normalmente?

INF.- Uhum.

**15.**

INQ.- E um grupo de argentinos?

INF.- Também.

**16.**

INQ.- De alemães...

INF.- Uhum.

**17.**

INQ.- De italianos...

INF.- Dentre eles, eles continuam. Daí com a gente no caso, não.

INQ.- Uhum, mas você só se aproxima e não...

INF.- Não, eles continuam, eles...

INQ.- Uhum.

**18.**

INQ.- É, na sua opinião, você acha que as pessoas que falam melhor, são aquelas que falam português, ou essas pessoas que falam outras línguas?

INF.- Na verdade, num tem uma que fala, cada um fala a sua, mas a gente é acostumado a falar com o pai, a falar com uma dicção melhor, então por isso que até a língua alemã, e algumas palavras da língua espanhola são que nem de... são (falsas amigas né), porque representam uma coisa, mas são...

INQ.- Sim, uhum. Mas você acha que, que são então essas pessoas que falam melhor?

INF.- Que é a língua portuguesa. A portuguesa e a italiana.

INQ.- Uhum.

**19.**

INQ.- É, essas outras línguas, você acha que são feias ou que são bonitas? Você disse que não tem isso né, cada um tem um...

INF.- A língua é um código né, que o ser humano cria e não tem um... só tem assim, por exemplo, uma que enrola mais, a outra que tem mais dicção, mas, mais bonita não.

**20.**

INQ.- Então não existe uma língua mais feia ou mais bonita? Na sua opinião não.

INF.- Não, com certeza.

**21.**(A propósito da questão 20:

INQ.- Então não existe uma língua mais feia ou mais bonita? Na sua opinião não.

INF.- Não, com certeza.)

**22.**

INQ.- E se você tivesse autoridade, você proibiria o uso de alguma língua estrangeira aqui na cidade de Capanema?

INF.- Não, com certeza não.

**23.**

INQ.- É, você com... você costuma freqüentar igreja?

INF.- Sim.

INQ.- Qual religião?

INF.- Católica.

INQ.- Católica. É, na sua opinião, o sacerdote, ou padre no caso, é você acha que ele deveria conversar também em outras línguas além do brasileiro?

INF.- Acredito que tá, estando numa comunidade aqui capanemense, não tem por quê. Porque que nem eu disse, até os mais idosos, são dessa origem, eles entendem, eles entendem o português, eles falam alemão entre eles. Então estando aqui, não tem por quê.

INQ.- É, no caso se eles fossem receber alguma (inint).

INF.- Aí com certeza. Sim, sim.

#### 24.

INQ.- E a escola, você acha que deveria ensinar essas outras línguas?

INF.- Eu acredito que deva sim. Deva sim.

INQ.- Todas elas?

INF.- Todas elas.

INQ.- Uhum. É, por que que você acredita todas elas?

INF.- Porque é a comunicação do mundo né, além do conhecimento adquirido, comunicação, ah porque o espanhol é mais próximo, então, nem sempre por isso né, porque não aprender outras mais, ninguém sabe, talvez algum dia num vá, em alguma viagem, negócios, negócios né.

INQ.- Uhum.

#### 25.

INQ.- É, você gostaria de aprender a falar outras línguas?

INF.- Com certeza.

INQ.- Qual delas?

INF.- Inglês.

INQ.- Só o inglês?

INF.- Italiano.

INQ.- Qual mais?

INF.- Hum... espanhol também.

INQ.- Uhum. E por que essa língua?

INF.- Espanhol pela quantidade grande que temos aqui ao redor né, de castelhanos...

INQ.- Uhum.

INF.- Mais uma vez eu digo que os brasileiros se beneficiam muito aqui em Capanema de espanhol, por isso que eu adoro. Adoro mesmo. E italiano porque é a origem. É origem. (ruídos).

#### 26. (A propósito da questão 01:

INQ.- Que língua que você fala?

INF.- Língua portuguesa e alguns conhecimentos de língua inglesa.

INQ.- Uhum. Só essas duas?

INF.- Só as duas.

INQ.- É, no inglês, você consegue se comunicar?

INF.- Basicamente, básico, básico. Mais ou menos ficar... mais ou menos cumprimentos, frutas, animais.)

#### 27.

INQ.- É, se fosse pra você comprar uma casa, você compraria num bairro onde só, só há pessoas é, argentinas morando?

INF.- Compraria. Compraria.

INQ.- Se fosse pra você morar, você moraria...

INF.- Sim, sem dúvida.

**28.**

INQ.- Num bairro onde só, só moram paraguaios?

INF.- Com certeza.

**29.**

INQ.- E se só morassem alemães?

INF.- Também.

**30.**

INQ.- Só italianos?

INF.- Moraria sim.

INQ.- Uhun.

**31.**

INQ.- Tem algum amigo argentino?

INF.- Conhecidos, mas assim, de anos (não tenho mais contatos).

INQ.- E com que começou esse amizade?

INF.- Ah quando eu comecei a morar aqui em Capanema, não tinha..., tinha um grupo de pessoas que estavam pedindo informação lá na porta (inint) e são muito bonita lá, a gente acabou conversando e até carona pegamos né.

INQ.- Ah.

INF.- É.

INQ.- É. Essa feira do melado (inint)?

INF.- É a festa, tradição do melado né, que aqui cultiva melado, tem rapadura aqui, a cana, (inint) agora a feira. É... você é da onde?

INQ.- Sou de Ibiporã.

INF.- É de Cascavel.

INQ.- Ah.

INF.- Uhun. Só que, é só... claro tem tudo né, tem parque, lojas, show, mas é um produto... que eles falam melado, e é rapadura.

INQ.- Ah tá.

**32.**

INQ.- É, e algum amigo paraguaio, você tem?

INF.- Não.

INQ.- Não.

**33.**

INQ.- Algum amigo alemão?

INF.- Eu tenho, tenho amigo alemães, que são, tem uma idade mais avançada.

INQ.- Uhun. E como que começou essa amizade?

INF.- Vizinhança, mora perto.

INQ.- Uhun, então existe bastante aqui na região, os alemães...

INF.- Aqui é mais alemão e italiano.

INQ.- Ahan.

INF.- Mas como, é, eu já disse, a influência espanhola tem se expandido muito aqui dentro.

INQ.- Por causa da proximidade?

INF.- Sim.

INQ.- Uhun.

**34.**

INQ.- Amigos italianos você tem?

INF.- Parentes, do Rio Grande do Sul.

INQ.- Uhun. É, só parentes ou alguma variedade de fora que...

INF.- Não, só parente.

INQ.- Só parente.

INQ.- Você é casada?

INF.- Sou.

INQ.- Com pessoa de qual descendência?

INF.- Alemã.

INQ.- Alemã?

INF.- Uhun.

INQ.- É, e ele não utiliza a língua alemã?

INF.- Não. A família sim, ele não.

INQ.- Ele não?

INF.- Não.

INQ.- Mas e... a família dele não se comunica com você nessa língua?

INF.- Não, comigo não.

INQ.- Uhun.

**35.**

INQ.- É... como a gente tava conversando as amizades, com quais pessoas que você acha que a amizade é mais sincera dessas que a gente conversou? Os argentinos, paraguaios...

INF.- Eu creio que não depende da raça, depende da (inint).

INQ.- Depende da pessoa também.

INF.- Da pessoa da criação, da educação.

INQ.- Uhun.

**36.**

INQ.- É, você já teve algum desentendimento, alguma briga com essas pessoas?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Não.

INQ.- Uhun.

**37.**

INQ.- É, você, se fosse no caso, você já é casada né, se fosse pra você casar com um argentino, casaria?

INF.- Sem dúvida.

INQ.- Uhun, por quê?

INF.- Mais uma vez, pela pessoa né.

INQ.- Uhun.

INF.- Por... num importa a origem.

**38.**

INQ.- E com um paraguaio?

INF.- Sem dúvida.

**41.**

INQ.- (inint) com um italiano...

INF.- Também.

**42.**

INQ.- É, se você precisasse de um médico ou dentista, você procuraria um argentino?

INF.- Agora entramos em um assunto, que é porco. A maioria do pessoal da Argentina, vem até pra dentista tudo aqui, loja, atendimento médico, posto, dentista é o que mais tem.

INQ.- Uhun.

INF.- Devido a cidade da Argentina, essa mais próxima, fica (inint).

INQ.- Ah...

INF.- Então o povo que tem dinheiro lá, vem tudo pra cá, pra fazer, consultar, (inint).

INQ.- Uhun. Então você não procuraria?

INF.- Não, não pela sensação, não pela origem, mas pela situação que tá cidade mais próxima aqui.

INQ.- Uhun...

**43.**

INQ.- É, um dentista paraguaio?

INF.- Se fosse competente né, mas também é uma profissão que né.

INQ.- Uhun.

INF.- Ni, nisso daí a gente num pode reclamar...

INQ.- E os paraguaios, vêm bastante pra cá? Pra procurar plano de saúde?

INF.- Olha, os paraguaios, lá na fronteira, eles passam, assim, eles procuram sempre aqui.

INQ.- (inint)?

INF.- Já lá no Paraguai, lá é mais comércio. Mas eles vêm então pra...

INQ.- Eu percebi isso aí quando eu fui pra Cidade de Leste.

INF.- Ah bem. Que que tem dinheiro lá, que conhece aqui vem tudo pra cá.

INQ.- Uhun. Aqui faz divisa com Argentina ou Paraguai?

INF.- Argentina.

INQ.- Paraguai, fica mais ao sul?

INF.- Paraguai fica perto, mais assim de, ir pra Foz do Iguaçu.

INQ.- Ah tá, e daí por aqui num tem direto não. Ahan.

**44.**

INQ.- E um dentista alemão, você procuraria?

INF.- Sem dúvida.

**45.**

INQ.- E um italiano?

INF.- Sim.

**46.**

INQ.- E assim, a gente já tá terminando o questionário, Ana Cláudia, é, mas sobre essa multiplicidade das línguas, que a gente comentou aqui, mais alguma coisa que você gostaria de falar, que eu não te perguntei?

INF.- Ah... não.

INQ.- Só isso?

INF.- Só isso.

**47.**

INQ.- É, como eu já comentei então, o seu nome não vai aparecer em lugar nenhum, mas eu preciso da sua permissão pra poder utilizar só as respostas.

INF.- Com certeza.

INQ.- Posso utilizar...?

INF.- Com certeza.

### **INFORMANTE: 15**

Idade: 36 anos

Escolaridade: Superior completo

Natural de: Planalto-SP

Naturalidade dos pais: Chuí-RS e Campo Novo-RS

**01.**

INQ.- Que língua que você fala?

INF.- Eu... o português né.

INQ.- Só o português?

INF.- Só, em português.

INQ.- Mas você não tem conhecimento de alguma outra língua?

INF.- O espanhol.

INQ.- O espanhol?

INF.- Devido a fronteira né, praticamos isso daí, num é bem espanhol, portunhol.

INQ.- Uhun, mas você consegue se comunicar?

INF.- Num é. Sim. Viu... e, (inint).

INQ.- Uhun.

**02.**

INQ.- Quando você era criança, em que língua os seus pais falavam com você?

INF.- Era só em português né.

INQ.- Só em português?

INF.- Nós somos brasileiros né, falavam...

INQ.- Eles não têm conhecimento do alemão, por ser natural do Rio Grande do Sul?

INF.- Não, não.

**03.**

INQ.- E os seus avós?

INF.- Também não, que eu sabia não.

INQ.- Também não? Só português?

INF.- Isso.

**04.**

INQ.- Éh, e você, e então você fala em casa só em português?

INF.- Sim, sim.

INQ.- Com os seus pais?

INF.- Só em português.

**05.**

INQ.- Aqui em Capanema assim, você tem conhecimento de pessoas que moram aqui em que falam alguma língua diferente de você?

INF.- Sim, tem várias pessoas que falam origem alemã, italiana, polonês muito pouco, mais alemã, assim, tinha um vizinho até que as crianças não sabiam falar... ah vieram morar, lá próximo de casa lá, num sabiam falar o português, somente o alemão.

INQ.- Ahan. Então a maioria das pe... é alemão e italiano?

INF.- Ita... é italiano.

INQ.- É, e do espanhol, você num percebe aqui nessa região?

INF.- Ah a gente percebe assim, quanto aos argentinos né. Que passam a fronteira, alguns curso, até mesmo as pessoas que não fizeram curso, não fizeram nada, mas que aprenderam no contato né, por argentinos que falam até bem o espanhol, entendem bem.

INQ.- E você percebe alguma diferença entre o espanhol da Argentina e o espanhol do Paraguai?

INF.- O sotaque acho que parece, os argentino parece que fala mais rápido, num sei se é isso, é, só que eu acho que sim...

INQ.- Se você ver, dois espanhóis, um argentino e um paraguaio, você consegue identificar?

INF.- Não sei se... às vezes a gente... até tenta, mas nunca...

**07.**

INQ.- É, você poderia me dar um exemplo do espanhol argentino? Se você souber? Saberá falar o próprio espanhol argentino.

INF.- “Pero que sim”. “Pero que non”. Como que se diz o outro, que eles usam muito... como que é... “a La puta”, “a La putcha”. (risos)

INQ.- A La putcha?

INF.- É... é que se usa bastante assim né.

INQ.- Ahan.

INF.- E se usa assim, sabe, deve ser que nem o italiano né, “porcobiu” né, é uma expressão, que a gente ouve eles falar bastante.

**08.**

INQ.- E do espanhol paraguaio, você conhece alguma? De alguma outra palavra, uma...

INF.- Com, pouco contato né, mais distante né. Gente tem pouco contato, quando a gente vai às compras, Paraguai, noventa por cento deles fala português.

INQ.- Ah.

INF.- E pra mais ainda, então a gente não...

**09.**

INQ.- E do alemão, você conheceria alguma expressão, alguma... poderia me dar algum exemplo?

INF.- Da palavra alemã?

INQ.- É...

INF.- Ai, meu Deus...

INQ.- De alguma frase... o que você souber... Se não souber, não tem problema.

INF.- Deus do céu, a gente sempre tem aqui, agora não vem, num to conseguindo lembrar.

INQ.- Se não lembrar, não tem problema.

### 10.

INQ.- É, do italiano, seria qual (inint) que você falou?

INF.- Bom, tem mais, num é que a gente usa... num to lembrando. Mas essa é mais, mais usado né.

INQ.- Uhun.

((A propósito da questão 07: INF.- E se usa assim, sabe, deve ser que nem o italiano né, “porcobiu” né, é uma expressão, que a gente ouve eles falar bastante.))

### 11.

INQ.- É, e comparando essas línguas, argentino, paraguaio, italiano, alemão, quem que você acha que fala melhor?

INF.- Qual que seria, o mais fácil entendimento, eu acho que é o espanhol né.

INQ.- O espanhol?

INF.- Eu acho. Acho melhor assim, entendimento é mais...

INQ.- E que língua assim você acha mais bonita? Você gosta de uma...

INF.- Pode ser espanhol né.

INQ.- Espanhol? Por quê?

INF.- Sei lá, o sotaque né. Parece que é melhor, sei lá... italiano também, mas mais é o espanhol.

INQ.- Uhun.

### 12.

INQ.- E quem você acha que fala pior?

INF.- Ah num é...

INQ.- Qual a língua você menos gosta de ouvir?

INF.- Ah, o alemão é mais difícil assim (de se sentir).

INQ.- O alemão? Mais difícil?

INF.- É, mais difícil.

INQ.- E você não gosta de ouvir também?

INF.- É problema que, eu não entendo praticamente nada do alemão, então e o italiano muito pouco, né, nem perto a gente num chega...

INQ.- Ah tá. Ah tá, e por que você acha que seria o alemão?

INF.- Ah mais difícil.

INQ.- É.

INF.- Sei lá. O que que eu vou te dizer, eu num tenho entendimento, eu acho que é difícil né, espanhol já é mais o latino né, vem do latim, então é mais fácil pra, pra gente entender.

### 13.

INQ.- É, aqui na cidade de Capanema, em que lugares que você ouve esses modos, essas língua diferentes? Tem algum lugar específico assim que você... um ambiente que você sabe que tem... esses falantes desse outros idiomas?

INF.- O argentino a gente... ah, freqüentemente encontra no... no comércio né.

INQ.- No comércio?

INF.- No comércio.

INQ.- Bastante aqui em Capanema?

INF.- Bas... bastante né.

INQ.- Uhun.

INF.- Agora com o cambio, até diminuiu a... antes era até mais.

INQ.- Ahan.

INF.- E... alemães, também a gente encontra bastante né, italiano já num é tanto, mas alemães é mais assim, pra comer em bares né, a gente vê encontros assim, eles falando em alemão, já é bem mais difícil, já houve mais, agora não.

INQ.- Ahan, e famílias assim, você percebe bastante?

INF.- Também.

INQ.- Famílias com outras descendência?

INF.- Isso, alemães assim. Bastante só falando.

#### **14.**

INQ.- E quando você vê assim um grupo de paraguaios conversando, se você se aproxima deles, é, eles costumam parar de conversar, na língua que eles estão conversando ou eles continuam?

INF.- Os paraguaios, principalmente argentinos não, né, continuam mesmo, agora alemães e italianos, quando estão conversando, eles param.

INQ.- Os alemães e os italianos costumam parar?

INF.- Isso.

INQ.- Uhun.

#### **15.** (A propósito da questão 14:

INQ.- E quando você vê assim um grupo de paraguaios conversando, se você se aproxima deles, é, eles costumam parar de conversar, na língua que eles estão conversando ou eles continuam?

INF.- Os paraguaios, principalmente argentinos não, né, continuam mesmo, agora alemães e italianos, quando estão conversando, eles param.))

#### **16.** (A propósito da questão 14:

INQ.- E quando você vê assim um grupo de paraguaios conversando, se você se aproxima deles, é, eles costumam parar de conversar, na língua que eles estão conversando ou eles continuam?

INF.- Os paraguaios, principalmente argentinos não, né, continuam mesmo, agora alemães e italianos, quando estão conversando, eles param.

INQ.- Os alemães e os italianos costumam parar?

INF.- Isso.

INQ.- Uhun.)

#### **17.** (A propósito da questão 14:

INQ.- E quando você vê assim um grupo de paraguaios conversando, se você se aproxima deles, é, eles costumam parar de conversar, na língua que eles estão conversando ou eles continuam?

INF.- Os paraguaios, principalmente argentinos não, né, continuam mesmo, agora alemães e italianos, quando estão conversando, eles param.

INQ.- Os alemães e os italianos costumam parar?

INF.- Isso.

INQ.- Uhun.)

**18.**

INQ.- É... na sua opinião, qual o melhor, os que falam português ou os que falam essas línguas estrangeiras? Muito comuns aqui na região?

INF.- Como?

INQ.- Você acha que, que as pessoas que falam melhor são aquelas que falam português ou aquelas que falam outros idiomas comuns aqui na região? Quem você acha que se expressa melhor?

INF.- Eu acho que portuguesa, o espanhol, por exemplo, a gente vê quem é da Argentina, fala talvez corretamente, mas os brasileiros falam espanhol, bem fluente, eles chama de portunhol né, é, os dois, as duas vão conseguindo, de repente alguém, eu vejo assim, alguns comentários, que a minha... o sítio do meu pai é fronteira com a Argentina, então a gente tinha bastante contato, tinha algumas pessoas que... dizia que... o sotaque deles aqui, na fronteira, é bem diferente do centro da Argentina, que eles não falam corretamente o... o espanhol, como tem, pessoas que costuma falar corretamente o português.

INQ.- Ahan.

INF.- Tem bastante deles.

**19.**

INQ.- É, essas outras línguas, você acha que são feias ou que são bonitas?

INF.- Eu acho tem, tem algum sotaque bonito né, o, principalmente o italiano e o espanhol assim.

INQ.- Você acha que espanhol uma das línguas mais bonitas?

INF.- Sim.

**20.** (A propósito da questão 19:

INF.- Eu acho tem, tem algum sotaque bonito né, o, principalmente o italiano e o espanhol assim.

INQ.- Você acha que espanhol uma das línguas mais bonitas?

INF.- Sim.)

**21.**

INQ.- E a mais feia, qual que você acha?

INF.- Ah, a mais feia, que é a questão que a gente não entende né, se a gente fosse entender, daí seria bonito né. A gente não consegue entender.

INQ.- Mas não que você chame a língua de feia?

INF.- Não, é que a gente não tem entendimento.

INQ.- Só porque, só por não ter entendimento.

INF.- Não ter entendimento.

**21.**

INQ.- É, se você tivesse autoridade, você proibiria o uso de alguma língua estrangeira aqui em Capanema?

INF.- Não.

INQ.- Não proibiria?

INF.- Não. Dependendo né, visto que é o... de repente o setor né, visto alguns setores, públicos né, para o atendimento ao público, deveria ser proibido né, porque é muito difícil a gente procurar um atendimento público e encontrar uma pessoa falando que não é o português.

INQ.- Mas o uso assim, na sociedade...

INF.- Não... tranquilamente, eu acho que... não há restrição.

**22.**

INQ.- Você é de qual religião?

INF.- Católica.

INQ.- Católica? É o padre também, o sacerdote. É, você acha que o sacerdote deveria ter conhecimento de alguma língua estrangeira?

INF.- Eu acho que sim né.

INQ.- Deveria?

INF.- Deveria.

INQ.- É, e você acha que ele deveria utilizar durante a missa, durante... é o sermão?

INF.- Não, eu acho que ele deveria de ter como... como que eu vou falar assim, com atendimento, se de repente vier uma pessoa de fora, precisa, de uma orientação, né, religiosa, e ele vai ter que repassar né, então acho que é fundamental isso. Mas não que ele poderia usar né. Cultos acho que não né, porque daí é difícil, porque senão os governos, poucas pessoas, muitas palavras em português, a gente não entende, o povo não entende, já imaginou se é numa, língua estrangeira. O entendimento vai ser...

INQ.- Com certeza.

INF.- E não é?

**24.**

INQ.- É, você acha que a escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Assim, por exemplo, o italiano, o alemão, você acha que deveria ser, na escola, esse o ensino?

INF.- É uma questão meio, como que eu vou te falar, difícil de falar, porque a carga horária, é muito pequena, e eu acho que deveria de ser oportunizado e cada um procura né, deveria de ter, mas é... particular né, como já tem. Eu acho que deveria de ter particular, cada um procura a sua né, é muito difícil já com o inglês já é uma língua né, ocupa duas aulas, vamo ocupar mais duas de italiano, mais duas de alemão, dá seis então nós vamos ter menos, mais língua estrangeira do que a portuguesa assim na sala de aula. Eu acho que cada um deveria também né.

INQ.- Mas se fosse, assim no ensino por exemplo, se aluno pudesse escolher, ele prefere estudar o inglês ou estudar o alemão? Se fosse esse mesmo período assim, das duas aulas, você acha que deveria ser ofertado outras línguas? Sem utilizar mais aulas?

INF.- Eu acho que ainda o inglês é mais importante. Né, é mais importante, hoje assim ele ocupa bastante curso de informática, comunicação, eu tive oportunidade de trabalhar com alfabetiza, com adultos né, no cedo (?= CEDE), e eles trabalhavam numa fábrica, têxtil né, costura e eles pediram que fosse depois né, da minha disciplina, geografia, fosse portuque, é inglês, porque o manual das máquinas de costura são toda em inglês, e então eles, a gente vê necessidade que o trabalhador encontra com o inglês ainda, hoje. Então acho que seria... não, não há necessidade não.

INQ.- Ahan.

**25.**

INQ.- É, você gostaria de aprender a falar alguma língua estrangeira?

INF.- Gostaria. Problema só pra começar.

INQ.- Qual?

INF.- A mais fácil né (risos) espanhol.

INQ.- Espanhol?

INF.- É, espanhol.

INQ.- Por quê?

INF.- Eu acho que seria mais assim, pelo menos pra gente não dominar totalmente mas conseguir né, o entendimento melhor.

INQ.- Ahan.

**26.**

INQ.- É, então você nunca estudou nenhuma dessas outras línguas né.

INF.- Somente o inglês e quando era como, por exemplo assim, ensino médio né.

INQ.- Ahan, só no ensino médio?

INF.- Isso ensino, é, de... fundamental e médio né.

INQ.- Uhun.

INF.- Só no ambiente escolar né, que eles...

INQ.- Ahan,

**27.**

INQ.- E assim é, se você fosse comprar uma casa, por exemplo, é, e se você fosse num bairro onde só moram argentinos, você compraria uma casa nesse lugar?

INF.- Eu compraria.

INQ.- Compraria?

INF.- Compraria.

INQ.- Se fosse pra você morar lá, você moraria?

INF.- Sim.

**28.**

INQ.- E num bairro onde só morassem paraguaios? Você compraria?

INF.- Compraria, porque eu acho que você, local onde você mora ou vizinho você... quase se... (inint) assim.

**29.**

INQ.- E se só morassem alemães?

INF.- Ah daí, num sei se eles iam aceitar né. (risos)

INQ.- (risos).

INF.- Não, mas eu acho que é, moraria né, nunca teve...

INQ.- Ahan.

**30.**

INQ.- Italianos?

INF.- Também.

INQ.- Também? Paraguaio?

INF.- Também. Num tem.

**31.**

INQ.- É, você tem amigos argentinos?

INF.- Tenho.

INQ.- Tem?

INF.- Tenho.

INQ.- Como que começou essa amizade?

INF.- Conhecimento né, a gen... como eu falei pra você eu morava na fronteira né, então a gente tem contato né, conhecimento, vai... então...tem amizade, um bom conhecimento né.

INQ.- Amigos argentinos, você tem?

INF.- Argentinos sim.

**32.** (Não formulada)

**33.**

INQ.- É, alemães?

INF.- Também.

INQ.- Tem algum amigo alemão?

INF.- Também.

INQ.- É, como que começou essa amizade, com os amigos alemães?

INF.- É conhecimento né, a gen, eu praticamente nasci né, aqui, no município vizinho e a gente vai tendo conhecimento que não... assim muito, num tem... né.

**34.** (Não formulada)

**35.**

INQ.- É, com qual deles você sente que a amizade é mais sincera?

INF.- Ah isso depende, tanto alemães, ou italianos, tem... né, eu num sinto nada assim, quanto a alemães e italianos eu não sinto. Tenha, alguma rivalidade.

INQ.- Ahan, você acha então que depende mais da pessoa?

INF.- Da pessoa.

INQ.- E não da, da descendência?

INF.- Não. Eu acho que é mais da pessoa.

INQ.- Uhum.

INF.- Visto que o... sei lá, o italiano, da aquela impressão né, mas não que seja né, ele é mais, como que eu vou dizer assim... intuitivo de, vai e volta, mais ele num... eu acho num influencia né. Tenho amigos alemães, italianos, polonês.

**36.** (Não formulada)

**37.**

INQ.- Você já se desentendeu ou brigou com alguma dessas pessoas?

INF.- Ah a gente sempre tem desentendimento né, mas não... devido à questão racial né, assim digamos, de raça.

INQ.- É isso.

INF.- Convivência né, alguns atritos, né, assim...

**38.**

INQ.- É o senhor namoraria ou se casaria, com algum amigo, com algum argentino?

INF.- Com argentina?

INQ.- Uhum. Por quê?

INF.- Hã?

INQ.- Assim, se casaria normalmente?

INF.- Sim, sim.

**39.**

INQ.- Com uma paraguaia?

INF.- Também. Se fosse o caso.

**40.**

INQ.- Com alemã?

INF.- Se desse eu casava. (risos) alemã.

**41.**

INQ.- Com uma italiana?

INF.- Também.

INQ.- Uhun.

**42.**

INQ.- Se você precisasse de um médico ou dentista, você procuraria um argentino?

INF.- Eu acho que sim né, dependendo a, profissionalidade, claro que procuraria.

INQ.- Uhun.

**43.**

INQ.- E um paraguaio?

INF.- Também.

**44.**

INQ.- E um alemão?

INF.- Também, eu acho que não tem diferença né. Qualquer um, depende, independeria né, visto que não vamos desmerecer que tem né, médicos brasileiros também que são de péssima qualidade né. Então procuraria sim.

INQ.- Ahan.

**45.** (A propósito da questão 44:

INF.- Também, eu acho que não tem diferença né. Qualquer um, depende, independeria né, visto que não vamos desmerecer que tem né, médicos brasileiros também que são de péssima qualidade né. Então procuraria sim.)

**46.**

INQ.- Irineu, a gente já tá terminando aqui as perguntas, mas sobre o que a gente conversou, sobre todas essas línguas, tem alguma coisa que você gostaria de me dizer, que eu não te perguntei, alguma coisa a mais que você gostaria de falar?

INF.- Eu acho que... assim, falando sobre línguas, já vem, já vem na cabeça, a gente ter racismo, e a gente deve de agradecer muito, de não ter perseguições raciais aqui né, na nossa região né, ou... o bom convívio que a gente tem com todos os... essas etnias né, que tem aqui, acho que num... num acaba assim que é... no momento.

**47.**

INQ.- É, a gente vai, vai utilizar só as respostas suas, num vai aparecer seu nome em lugar nenhum, mas você permite que eu utilize essas suas respostas no nosso trabalho? Que foram muito interessantes a sua resposta, vai ajudar bastante, você permite que a gente utilize?

INF.- Sim, sim.

**INFORMANTE: 16**

Idade: 47 anos

Escolaridade: Superior completo

Natural de: Pato Branco-PR

Naturalidade dos pais: Rio Grande do Sul

**01.**

INQ.- Que língua que a senhora fala, professora?

INF.- Quais as línguas que eu falo?

INQ.- É.

INF.- Italiano um pouco né.. entendo, praticamente tudo em italiano, sou de origem italiana, e só.

INQ.- Que bom. Uhun.

INF.- Né, e o português, e... e o italiano...

**02.**

INQ.- E quando a senhora era criança, em que língua que os seus pais falavam com a senhora?

INF.- Em italiano e português.

INQ.- Olha, as duas?

INF.- Nas duas. Uhun.

**03.**

INQ.- E os avós da senhora, falavam em que língua?

INF.- Praticamente é, eles, eles no início, era a, a comunicação era em italiano.

INQ.- Uhun.

INF.- Pra isso, eles foram adquirindo o hábito, mais era mais freqüente, era o italiano.

INQ.- Que legal.

**04. (A propósito da questão 03:**

INQ.- E os avós da senhora, falavam em que língua?

INF.- Praticamente é, eles, eles no início, era a, a comunicação era em italiano.

INQ.- Uhun.

INF.- Pra isso, eles foram adquirindo o hábito, mais era mais freqüente, era o italiano.)

**05.**

INQ.- E aqui em Capanema, tem muita gente que fala diferente, professora?

INF.- Olha, a nossa cidade aqui é origem alemã, a maioria das pessoas é da origem alemã, e a gente encontra muito na rua pessoas se comunicando em alemão, as pessoas de mais idade, a comunicação é em alemão.

INQ.- Ah, ainda continua.

INF.- Ainda continua. Ainda preservam.

INQ.- Tem, tem pessoas que falam assim, pela proximidade com a Argentina, falam espanhol aqui?

INF.- Sim, uhun. Nas lojas inclusive, nos temos bastante alunos né, que eles claro que não é aquela, aquele espanhol né, fluente, mas eles falam porque nós temos muito argentino né, fazendo compras aqui em Capanema, então os nosso alunos à noite, principalmente, os que trabalham né.

**06. (A propósito da questão 05:**

INF.- Olha, a nossa cidade aqui é origem alemã, a maioria das pessoas é da origem alemã, e a gente encontra muito na rua pessoas se comunicando em alemão, as pessoas de mais idade, a comunicação é em alemão.

INQ.- Ah, ainda continua.

INF.- Ainda continua. Ainda preservam.

INQ.- Tem, tem pessoas que falam assim, pela proximidade com a Argentina, falam espanhol aqui?

INF.- Sim, uhun. Nas lojas inclusive, nos temos bastante alunos né, que eles claro que não é aquela, aquele espanhol né, fluente, mas eles falam porque nós temos muito argentino né, fazendo compras aqui em Capanema, então os nosso alunos à noite, principalmente, os que trabalham né.)

#### **07.**

INQ.- Ah tá, então tá. E... a senhora já falou... A senhora sabe algum exemplo assim, desse espanhol que eles falam, esse espanhol argentino, dá pra identificar alguma palavra, assim que a senhora ache diferente...

INF.- Ai, isso eu não consigo, agora eu não lembro, agora no momento, que eu poderia te dizer né, mas é o portunhol mesmo né. É o portunhol, é. É, desde que se entendam né...

INQ.- Ah. É, é.

INF.- Só que o espanhol a gente tem aqui né, na, na escola, a... eu não sei se ainda está, mas eles, os alunos de, de, de quinta a oitava, eles tinham, duas aulas semanais né, de espanhol, você podia optar, por uma língua estrangeira. E aqui em o Rocha Pombo, foi optado pra quinta a oitava espanhol e, e ensino médio, o inglês, só que eu não sei se ainda...

INQ.- Hum... entendi.

INF.- (Decorando) isso.

INQ.- Entendi.

#### **08.** (A propósito da questão 07:

INQ.- Ah tá, então tá. E... a senhora já falou... A senhora sabe algum exemplo assim, desse espanhol que eles falam, esse espanhol argentino, dá pra identificar alguma palavra, assim que a senhora ache diferente...

INF.- Ai, isso eu não consigo, agora eu não lembro, agora no momento, que eu poderia te dizer né, mas é o portunhol mesmo né. É o portunhol, é. É, desde que se entendam né...

INQ.- Ah. É, é.

INF.- Só que o espanhol a gente tem aqui né, na, na escola, a... eu não sei se ainda está, mas eles, os alunos de, de, de quinta a oitava, eles tinham, duas aulas semanais né, de espanhol, você podia optar, por uma língua estrangeira. E aqui em o Rocha Pombo, foi optado pra quinta a oitava espanhol e, e ensino médio, o inglês, só que eu não sei se ainda...

INQ.- Hum... entendi.

INF.- (Decorando) isso.

INQ.- Entendi.)

#### **09.**

INQ.- E do alemão, a senhora conhece algum exemplo?

INF.- Do alemão não.

INQ.- É difícil?

INF.- É difícil, porque eu na verdade, eu vim pra cá já, ah, né, adulta, casada, então não tive contato assim com pessoas que falavam alemão assim, direto né.

INQ.- Uhun.

INF.- Então ouço, mas não sei te dizer não.

INQ.- Ta.

### 10.

INQ.- E... e assim, como é que... a senhora lembra algum exemplo assim pra me dar, em italiano, professora? De alguma palavra, como é que é: “oi”, alguma coisa assim?

INF.- Olha, isso mesmo (inint) é... o meu pai sempre dizia uma, uma frase que até hoje eu lembro: “(vim parare laste e mete uma parte)”. Isso quer dizer o que: “aprenda o ofício, que se for necessário, você sabe, e pode utilizar, e senão você deixa de lado”.

INQ.- Que interessante né.

INF.- É, isso é sempre, um conselho que a gente guarda, que ele dava pra gente, aprenda sempre. Quando necessário, e se necessário, você utiliza.

INQ.- Nossa, gostei.

### 11.

INQ.- Comparando essas línguas, professora, do argentino, paraguaio, paraguaio tem aqui, professora?

INF.- Não, paraguaio é um caso difícil né.

INQ.- Num tem...

INF.- Conosco aqui não.

INQ.- E comparando assim, essas línguas, o argentino, o italiano, o alemão, quem a senhora acha que fala melhor, professora?

INF.- Ah eu... acho que fala melhor num sei te dizer, mas eu acho muito bonito, o espanhol né.

INQ.- É?

INF.- Ah, eu acho uma língua muito bonita.

INQ.- Uhun.

INF.- Acho lindo o espanhol.

### 12.

INQ.- Qual que a senhora acha que fala pior, professora? Dá pra saber?

INF.- Eu acho que, que o italiano, ele, ele foi colocando da sua maneira, quando ele veio para o Brasil, então se você se, se você for ter, a... a aula, se você for estudar o italiano, você vê que muita coisa que eles falam é, é bem diferente do oficial.

INQ.- Ah, ah já me falaram isso.

INF.- É bem diferente do oficial.

INQ.- Interessante né.

INF.- Eu estive até fazendo um curso, assim, bem curtinho, nesse pouquinho de italiano. E ali já percebia do que eu ouvia que tinha coisas bem diferentes então, a gramática é totalmente diferente.

INQ.- Hum... que interessante né.

INF.- Essa que eu percebi que é a mais próxima de mim.

### 13.

INQ.- E a senhora comentou também que às vezes vê as pessoas conversando na rua, os mais velhos né.

INF.- Isso.

INQ.- É, que lugares assim que eles costumam ficar, que as pessoas que falam diferente? Onde que a senhora ouviu?

INF.- Dá pra conversar é...

INQ.- É que a gen...

INF.- Na loja, às vezes na loja tem duas pessoas né, amigas né, e eles conversam a respeito de, da... que eles estão fazendo né, ali em alemão. E na rua mesmo, às vezes você passa assim por um, né, duas pessoas às vezes estão conversando em alemão.

INQ.- É.

INF.- Mais idosos sim, tem muito.

**14.** (Não formulada)

**16.**

INQ.- E quando, por exemplo, tá com, dois alemães estão conversando, e a senhora, em alemão, a senhora se aproxima, eles param de conversar, professora?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Não.

**17.**

INQ.- E um grupo assim de italianos, eles param de conversar?

INF.- Não, também não.

**15.**

INQ.- E... um grupo assim de argentinos, eles param, professora?

INF.- Não. Hum-hum.

**18.** (Não formulada)

**19.**

INQ.- A senhora acha essas línguas bonitas, professora?

INF.- Ah, eu acho.

INQ.- É?

INF.- Eu acho muito bonita. Teria paixão de fazer, de estudar, que infelizmente, a gente mora num local onde é muito difícil o acesso né, e nossa, eu sempre digo pros meus alunos, se eu pudesse, eu estudaria a minha vida inteira.

INQ.- Que bom!

INF.- Tivesse assim, próximo né. Como agora, a gente tem que optar, ou trabalha, ou estuda. Num tem como né.

INQ.- Infelizmente é verdade, não é verdade?

INF.- É.

(A propósito da questão 11:

INQ.- E comparando assim, essas línguas, o argentino, o italiano, o alemão, quem a senhora acha que fala melhor, professora?

INF.- Ah eu... acho que fala melhor num sei te dizer, mas eu acho muito bonito, o espanhol né.

INQ.- É?

INF.- Ah, eu acho uma língua muito bonita.

INQ.- Uhun.

INF.- Acho lindo o espanhol.)

**21.** (Não formulada)

**22.**

INQ.- E proibiria o uso de alguma língua, professora, que a senhora acha que a língua é feia... aqui em...?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Em hipótese nenhuma.

INQ.- Uhun.

**23.**

INQ.- Qual a religião da senhora?

INF.- É católica.

INQ.- O padre fala em que língua, professora?

INF.- O nosso padre aqui, português.

INQ.- Português?

INF.- Uhun.

INQ.- A senhora acha que ele deveria também saber falar essas outras línguas que tem aqui na localidade?

INF.- Olha, eu não sei porque, ultimamente eles trocam seguidamente né, de padre, mas seria bom e, também, não sei, não sei te dizer se eles não têm esta, se eles não dominam essa língua também né. Eu num sei ué, acho que sim né, é, é, vamos supor as igrejas eles, estudam o latim, eles devem estudar várias línguas né, porque, eles trocam muito de região.

INQ.- Às vezes vêm de lá também, vem muita gente da Itália, né.

INF.- Também, é.

**24.**

INQ.- E... é, a senhora acha que deveria ensinar essas línguas na escola, professora?

INF.- Eu acho que deveria.

INQ.- É.

INF.- Que a gente, eu acho assim, nós deveríamos, quatro horas diárias na escola, é muito pouco. A gente deveria ter, ensino integral. E aí sim ia acrescentar. Que num dá pra fazer é, é... simplesmente acrescentar em cima das quatro horas e então eles têm uma aula de uma coisa, uma aula de outra, e na verdade o aprendizado não ocorre, né?

INQ.- Hum-hum.

INF.- Então deveríamos ter sim, várias línguas aumentando carga horária.

INQ.- É, porque a carga horária que a gente tem hoje em dia, aí tira aula de física...

INF.- É, não, e depois não tem, né já são doze disciplinas.

INQ.- Não tem como né.

INF.- Não tem como.

**26.** (A propósito da questão 01:

INF.- Quais as línguas que eu falo?

INQ.- É.

INF.- Italiano um pouco né.. entendo, praticamente tudo em italiano, sou de origem italiana, e só.

INQ.- Que bom. Uhun.

INF.- Né, e o português, e... e o italiano...)

(A propósito da questão 12:

INF.- Eu estive até fazendo um curso, assim, bem curtinho, nesse pouquinho de italiano. E ali já percebia do que eu ouvia que tinha coisas bem diferentes então, a gramática é totalmente diferente.

INQ.- Hum... que interessante né.)

(A propósito da questão 19:

INF.- Eu acho muito bonita. Teria paixão de fazer, de estudar, que infelizmente, a gente mora num local onde é muito difícil o acesso né, e nossa, eu sempre digo pros meus alunos, se eu pudesse, eu estudaria a minha vida inteira.)

**27** (Não formulada)

**28.**

INQ.- Faz de conta que a senhora vai comprar uma casa, professora, a senhora compraria uma casa num bairro onde só morassem paraguaios?

INF.- Compraria.

INQ.- Sem problema?

INF.- Sem problema nenhum.

**29.**

INQ.- E se morassem só alemães lá?

INF.- Também.

**30.**

INQ.- É? Italianos então hein... nem se fala. (risos)

INF.- Nem, eu vim pra cá, Capanema e encontrei italianos, que as cidades são próximas mas ali, em (Galeza) é uma cidade de italianos. Aqui é de alemães. E achei estranho, muitas coisas lá, né, a comida, alimentação é diferente, muito diferente, é... os hábitos são muito diferentes, mas adorei.

INQ.- É?

INF.- Sim, muito.

**31.** (Não formulada)

**32.** (Não formulada)

**34.**

INQ.- E a senhora tem amigos então, italianos...

INF.- Tenho.

INQ.- Tem? E... a senhora conheceu aqui na região mesmo né.

INF.- Sim, uhun.

**33.**

INQ.- E a senhora tem amigos assim, alemães?

INF.- Tenho.

INQ.- Tem também?

INF.- Tenho.

INQ.- Como que começou essa amizade?

INF.- Ah é, be, pela mudança aqui pra cidade, a gente já, né, aprende muito com eles, aprendi muita coisa já, cozinho, preparo, muito comida que eles fazem né, a gente estranha, daí perguntam por quê disso, por quê daquilo né.

INQ.- É bem diferente, professora?

INF.- É muito diferente, é muito diferente, a cultura. Se você vê assim, italiano é exagerado em tudo né, ele bebe demais, ele fala demais, ele tudo é demais, e o alemão é contido. O primeiro velório que eu fui, aqui em Capanema, eu achei, assim, eu parei, o italiano... chora muito e o alemão, não.

INQ.- Ah.

INF.- Ele se contém. Então você colhe, é nítida, nítida, a diferença.

INQ.- Que interessante, professora.

INF.- Uhun.

### 35.

INQ.- E dá pra perceber assim a diferença na amizade, professora? Amizade dum italiano, e amizade dum...

INF.- É ah, mais contido. O alemão é mais contido. Pra amizade, só que depois que você adquiriu, a confiança, é uma amizade maravilhosa, mas ele é mais reservado.

INQ.- Entendi.

### 36. (Não formulada)

### 37.

INQ.- Já brigou com algum deles, professora?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Não.

### 38.

INQ.- É, a senhora é casada?

INF.- Sou casada.

INQ.- O marido da senhora é descendente de...

INF.- Ele é italiano e, brasileiro.

INQ.- É, mistura.

INF.- Uhun, misturou.

INQ.- E a senhora se casaria com um argentino?

INF.- Me casaria.

INQ.- É? Sem problema.

INF.- Mudaria um pouquinho os hábitos dos homens argentinos sim, mas me casaria.

INQ.- É?

INF.- Eu acho eles muito assim, machões.

INQ.- Ah é?

INF.- Eu acho. Até nós fizemos um curso de um ano aqui, é, pela divisa né, na escola parque, nós tínhamos mulheres argentinas, assim, sete, oito mulheres no grupo, e elas, eu falei pra elas, vocês tem que fazer que nem as brasileiras, ensinar eles, (inint ruídos) e elas são uns doces né.

INQ.- Ah...

INF.- Não, mulher argentina, é muito mole.

INQ.- E falam que homens argentinos são muito bonitos também.

INF.- Eu acho que são né. (risos)

**39.**

INQ.- E com paraguaio, professora, se casaria?

INF.- Com certeza. Sem problema.

INQ.- É?

**40.**

INQ.- Com alemão...

INF.- Uhun.

**41.**

INQ.- Com italiano então também...

INF.- Sim.

**42.**

INQ.- Professora, se precisasse de um médico, a senhora é, procuraria um médico argentino?

INF.- Procuraria.

**43.**

INQ.- Um médico paraguaio?

INF.- Também.

INQ.- Ah é.

INF.- Uhun.

**44.**

INQ.- E um médico alemão...?

INF.- Sem nenhum problema.

INQ.- Uhun.

**45.** (Não formulada)

**46.**

INQ.- E professora, sobre assim, essas várias línguas que a gente tem aqui em Capanema, a senhora quer colocar mais alguma coisa, que eu não perguntei.

INF.- Não. Eu acho que é bom essa diversidade.

INQ.- Uhun.

INF.- Eu acho ótima a diversidade, da gente até, se conhecer mais... bom se a gente tivesse mais contato né.

INQ.- Sim.

INF.- Com as pessoas que a gente se arrepende, eu acho assim, você tá, tá, eu estou sempre aberta pra aprender né, eu não perco uma oportunidade pra aprender alguma coisa, então adorei ter vindo morar aqui, adorei conhecer os diferentes hábitos sabe, eu acho muito interessante.

INQ.- Ai que bom.

INF.- Apaixonada por isso. Não fosse professora de física, seria de história.

INQ.- Ah é. Eu entrevistei um professor, Edinei, de história.

INF.- Ah é. Adoro.

**47.**

INQ.- E... bom, então tá bom professora, já, é, gostei muito de conversar com a senhora, só vou usar as respostas que a senhora me deu, o nome da senhora não aparece, em nenhum, nenhum momento da pesquisa, gostaria de perguntar se eu posso usar as respostas, professora?

INF.- Pode.

INQ.- Tá, obrigada.

**INFORMANTE: 17**

Idade: (?) anos

Escolaridade: Superior completo

Natural de: Santa Rosa-RS

Naturalidade dos pais: Triunfo-RS e (?) -RS.

**01.**

INQ.- Que língua você fala?

INF.- É só português mesmo né.

INQ.- Só português?

INF.- Brasileira.

INQ.- Não tem conhecimento de nenhuma outra língua?

INF.- Meus avós falavam alemão.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas aí um período do Getúlio Vargas, ou alguma coisa de visão né, e eles num ensinavam muito os filhos.

INQ.- Ah tá.

INF.- Mas eles falavam. Meus pais ensinaram um pouco né, meu pai assim, tem bastante meus irmãos, nós falava que eles fala, mas ele num... (inint) eles falava.

INQ.- Mas daí então quase não...

INF.- Não, quase não.

INQ.- Uhun. Nem espanhol...

INF.- Nada.

INQ.- Italiano...

**02.**

INQ.- Quando você era criança, os seus pais falavam com você então só em português?

INF.- Sim, só.

**03.**

INQ.- E os seus avós?

INF.- Meus avós também, como com a gente sim, mas entre eles só falavam em alemão.

INQ.- Em alemão.

INF.- Uhun.

INQ.- Uhun. E com vocês nunca se dirigiram em alemão?

INF.- Não. Não. É que eu... a gente... quando era criança, teve pouco contato com os avós, né, porque eles ficaram no Rio Grande do Sul, tá era... eles só vieram pra bem mais tarde, num, quando eu já tava estudando fora...

INQ.- Ahan.

**04. (A propósito da questão 01:**

INQ.- Não tem conhecimento de nenhuma outra língua?

INF.- Meus avós falavam alemão.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas aí um período do Getúlio Vargas, ou alguma coisa de visão né, e eles num ensinavam muito os filhos.

INQ.- Ah tá.

INF.- Mas eles falavam. Meus pais ensinaram um pouco né, meu pai assim, tem bastante meus irmãos, nós falava que eles fala, mas ele num... (inint) eles falava.

INQ.- Mas daí então quase não...

INF.- Não, quase não.

INQ.- Uhun. Nem espanhol...

INF.- Nada.

INQ.- Italiano...)

**05.**

INQ.- Aqui em Capanema, você, percebe, que vivem ou moram pessoas que falam outras línguas? Diferentes do português?

INF.- Tem, tem... mas não assim, fluentemente, né, eles conversam entre eles, na família, às vezes né.

INQ.- Qual a língua?

INF.- Por exemplo, o italiano, o alemão, o italiano né. Principalmente essas duas.

INQ.- Principalmente o italiano e o alemão?

INF.- É. De diferente sim.

INQ.- Você nunca ouviu assim alguma pessoa conversando em espanhol?

INF.- Não. Só, só o pessoal que vem da Argentina.

INQ.- Ah tá, pessoal que vem... Quem...

INF.- Pessoal do supermercado aí, comércio.

INQ.- Ahan e você costuma conversar com essas pessoas?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Só o necessário né, uma coisa a respeito. Muito, informação, sai assim.

**07.**

INQ.- Você poderia me dar então um exemplo do espanhol?

INF.- Nome, essas coisa?

INQ.- Assim, uma palavra em espanhol, uma expressão, uma frase...

INF.- Se não me engano, hijo, hijo é filho né.

INQ.- Ahan.

INF.- É... mas assim, muito pouco que a gente sabe mesmo, que tá lá né.

**08.** (Não formulada)

**09.**

INQ.- E do alemão, você teria algum exemplo?

INF.- Porti, no caso, alemão né.

INQ.- Porti?

INF.- É, maini não. Ou... buchi, buchi é como que se fala o nome... dentro da frase. O naini é dizer que não, tem tudo isso aí.

INQ.- Ahan,

**10.** (Não formulada)

**11.**

INQ.- Comparando essas línguas assim, o argentino, o paraguaio, o italiano, o alemão, quem você acha que fala melhor? Assim, dá pra você perceber que você ouve conversando, qual que você acha que fala melhor?

INF.- Pra gente é o espanhol né, porque é mais semelhante a nossa. Isso tudo né.

INQ.- Ahan.

**12.**

INQ.- E quem você acha que fala pior?

INF.- Ah difícil, mas é mais difícil... pessoal da, da Europa, que a gente vê às vezes nas Cataratas, por aí né, falam muito, muito estranho, né, sei lá.

INQ.- Esse, esse pessoal que vem assim da, da Argentina, do Paraguai, que fica dentro da cidade, você percebe alguma diferença entre a língua dos espanhóis... do, entre a língua dos argentinos, entre a língua dos paraguaios? Percebe alguma diferença no espanhol?

INF.- Não. Pra mim é tudo...

INQ.- Ah.

INF.- Complicado né.

INQ.- É, que não tem muita diferença a língua daí não percebe as particularidades né.

INF.- Não, não.

### 13.

INQ.- É... mas e, além mercado que você comentou, em quais outros lugares você percebe que os outros, essas outras línguas?

INF.- É, nos pontos turísticos. O alemão, italiano.

INQ.- Quais seriam os pontos turísticos de Capanema?

INF.- Aqui temos a... margem do rio Iguaçu, aqui tem os pontos turísticos né. Algum pra visitar tudo.

INQ.- Uhun.

INF.- E por ocasião da feira do Melado, foi feita, visita... né, a pegar o pessoal aqui, normal, barranca de rio, prainha, na beira do rio do Açúcar, e alguns, algumas usinas de, de açúcar mascavo...

INQ.- Uhun.

INF.- Essas coisa aí.

INQ.- Tá.

### 14.

INQ.- E quando você se aproxima assim desses grupos que estão conversando em outros idiomas, você, assim, eles costumam parar de conversar? Naquela língua, ou continuam conversando normalmente?

INF.- Eu acho que normalmente, porque a gente num, num se aproxima pra, né, a gente passa por eles aqui, alemão, a gente também num se interessa, pelo, pelo grupo, que tá falando, falando o quê.

INQ.- Uhun.

INF.- Não respondem, né.)

### 15. (A propósito da questão 14:

INQ.- E quando você se aproxima assim desses grupos que estão conversando em outros idiomas, você, assim, eles costumam parar de conversar? Naquela língua, ou continuam conversando normalmente?

INF.- Eu acho que normalmente, porque a gente num, num se aproxima pra, né, a gente passa por eles aqui, alemão, a gente também num se interessa, pelo, pelo grupo, que tá falando, falando o quê.

INQ.- Uhun.

INF.- Não respondem, né.)

### 16. (A propósito da questão 14:

INQ.- E quando você se aproxima assim desses grupos que estão conversando em outros idiomas, você, assim, eles costumam parar de conversar? Naquela língua, ou continuam conversando normalmente?

INF.- Eu acho que normalmente, porque a gente num, num se aproxima pra, né, a gente passa por eles aqui, alemão, a gente também num se interessa, pelo, pelo grupo, que tá falando, falando o quê.

INQ.- Uhun.

INF.- Não respondem, né.)

**17.** (A propósito da questão 14:

INQ.- E quando você se aproxima assim desses grupos que estão conversando em outros idiomas, você, assim, eles costumam parar de conversar? Naquela língua, ou continuam conversando normalmente?

INF.- Eu acho que normalmente, porque a gente num, num se aproxima pra, né, a gente passa por eles aqui, alemão, a gente também num se interessa, pelo, pelo grupo, que tá falando, falando o quê.

INQ.- Uhun.

INF.- Não respondem, né.)

**18.**

INQ.- E quem você acha que se comunica melhor, são as pessoas que utilizam o português ou as pessoas que utilizam as outras línguas?

INF.- Eu acho que o português e o espanhol, né, as outras eu acho, pelo menos por causa do conhecimento de alguma outra né.

INQ.- Uhun. É, você tem contato com (inint)?

INF.- Às onze.

INQ.- Onze horas, que hora que são agora?

INF.- Falta... três, três pras quatro.

INQ.- É bem rapidinho.

**19.**

INQ.- É, essas outras línguas, você acha que são feias ou bonitas?

INF.- É, eu, eu, eu gosto de português e acredito que é melhor a mais bonita isso aí é nosso.

INQ.- (inint)?

INF.- E o, e o espanhol seria em segundo lugar né.

INQ.- Ahan.

INF.- Mas sei que, talvez eu, pra mim é, flamengo, lamburger, galgermam.

INQ.- Flamengo seria um idioma?

INF.- É uma língua.

INQ.- Uma língua?

**20.** (A propósito da questão:

INQ.- É, essas outras línguas, você acha que são feias ou bonitas?

INF.- É, eu, eu, eu gosto de português e acredito que é melhor a mais bonita isso aí é nosso.

INQ.- (inint)?

INF.- E o, e o espanhol seria em segundo lugar né.)

**21.** (Não respondeu)

**22.**

INQ.- É, se você tivesse autoridade, você proibiria o uso de alguma língua, de alguma outra língua, que não fosse natural de Capanema?

INF.- Pelo contrário, eu acho que eu incentivaria porque assim, mas é a liberdade, pessoas de origem diferente, né, assim. Desenvolver, porque quanto mais língua o pessoal falar, melhor pra ela.

INQ.- Uhun.

### 23.

INQ.- É você frequênta alguma igreja?

INF.- To meio desligado, mas é católica.

INQ.- Católica? É você, na sua opinião, o padre, o sacerdote, deveria saber falar nessas outras línguas também? Ou só o português?

INF.- Não, acho que sim. Também.

INQ.- Uhun.

INF.- Não, não apenas né, mas realizando o sermão em português, que é nossa língua né, mas eu acredito que deveria preservar a origem.

INQ.- Uhun.

### 24.

INQ.- E a escola, você acha que deveria ensinar essas outras línguas?

INF.- É, principalmente o espanhol, né, porque somos vizinhos aqui e... ta cheio sempre de castelhanos aqui e nós também vamos lá, comprar...

INQ.- E quando, e o alemão, o italiano... você acha que...

INF.- É. Eu num sei, porque é meio complicado, mas seria interessante que houvesse uma valorização né, da, da, língua de origem né.

INQ.- Uhun.

INF.- Dá, desse povo. Da língua alemã pelo menos.

INQ.- Sim, ahan...

### 25.

INQ.- Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas?

INF.- Gostaria, até tentei, eu fiz curso de alemão, já fui...

INQ.- De alemão?

INF.- É, quando eu tava estudando né, ensino médio, mas daí só cursinho, deu nada, aprendi algumas coisas, que ensinaram e...

INQ.- E você não lembra assim de nada? Além do...

INF.- Não, ouvi falar... porque se fosse assim né...

INQ.- Mas não deu pra, ter aprendizado né.

INF.- Não, não. Não era de cursinho e eu, (inint).

INQ.- Então só o alemão você gostaria?

INF.- É, eu gostaria sim.

INQ.- Uhun.

### 26. (A propósito da questão 25:

INQ.- Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas?

INF.- Gostaria, até tentei, eu fiz curso de alemão, já fui...

INQ.- De alemão?

INF.- É, quando eu tava estudando né, ensino médio, mas daí só cursinho, deu nada, aprendi algumas coisas, que ensinaram e...

INQ.- E você não lembra assim de nada? Além do...

INF.- Não, ouvi falar... porque se fosse assim né...

INQ.- Mas não deu pra, ter aprendizado né.

INF.- Não, não. Não era de cursinho e eu, (inint).

INQ.- Então só o alemão você gostaria?

INF.- É, eu gostaria sim.

INQ.- Uhun.)

**27.**

INQ.- É, se você fosse comprar uma casa, por exemplo, num bairro onde só moram argentinos, você compraria essa casa?

INF.- Compraria.

INQ.- Compraria?

INF.- Compraria.

INQ.- Se fosse pra você morar lá, você moraria?

INF.- Sim.

INQ.- E num bairro...

INF.- Me adaptaria né.

INQ.- Ahan.

**28.** (Não formulada)

**29.**

INQ.- E num bairro onde só moram alemães?

INF.- Também.

INQ.- Também?

**30.**

INQ.- Onde só moram italianos?

INF.- Também né, não, isso não é problema né, até eu acho que seria uma maneira da gente desenvolver esse outro lado, que não desenvolvemos que... que praticamente assim, é uma expectativa de que iria aprender uma outra língua e e falar né... e não percebia, quem sabe se a gente se obrigaria nesse caso a aprender né.

INQ.- Ahan, então o senhor acha que seria até bom.

INF.- Seria bom.

**31.**

INQ.- Você tem algum amigo argentino?

INF.- Não. Tenho... parentes morando no Paraguai, tem umas pessoas que a gente conhece, como argentino, mas assim amizade com o pessoal por lá...

INQ.- Uhun.

**32.** (A propósito da questão 31:

INF.- (...)/Tenho... parentes morando no Paraguai, tem umas pessoas que a gente conhece, como argentino, mas assim amizade com o pessoal por lá...)

**33.**

INQ.- E amigos alemães?

INF.- Não.

**34.**

INQ.- Amigos italianos?

INF.- Não, não, ninguém.

INQ.- Não?

**35.** (Não formulada)

**36.** (Não formulada)

**37.**

INQ.- É... (ruído), você já teve algum desen, algum desentendimento, alguma briga com alguma dessas pessoas de outras... de outras...

INF.- Não, não lembro não.

**38.**

INQ.- É, você namoraria ou casaria com uma argentina?

INF.- Sim, sim.

**39.**

INQ.- Com uma paraguaia?

INF.- Também.

**40.**

INQ.- Uma alemã?

INF.- Sim.

**41.**

INQ.- Uma italiana?

INF.- Sim.

**42.**

INQ.- É, se você precisasse de um médico, você procuraria um argentino?

INF.- Com certeza não, seria né, por causa da nacionalidade e tudo não ia impedir, a necessidade...

INQ.- Então tanto argentino, paraguaio, o alemão...

INF.- Sem preconceito nenhum.

**43.** (A propósito da questão 42:

INF.- Com certeza não, seria né, por causa da nacionalidade e tudo não ia impedir, a necessidade...

INQ.- Então tanto argentino, paraguaio, o alemão...

INF.- Sem preconceito nenhum.)

**44.** (A propósito da questão 42:

INF.- Com certeza não, seria né, por causa da nacionalidade e tudo não ia impedir, a necessidade...

INQ.- Então tanto argentino, paraguaio, o alemão...

INF.- Sem preconceito nenhum.)

**45.** (A propósito da questão 42:

INF.- Com certeza não, seria né, por causa da nacionalidade e tudo não ia impedir, a necessidade...

INQ.- Então tanto argentino, paraguaio, o alemão...

INF.- Sem preconceito nenhum.)

**46.**

INQ.- Ah, é assim, eu já estou terminando o questionário, essa multiplicidade de línguas que a gente comentou aqui, tem mais alguma coisa que você gostaria de comentar que eu não te perguntei... alguma coisa que você gostaria de falar?

INF.- Ah, apenas que nas escolas né, eu já falei antes, eu acho que deveria determinada faixa de fronteira aqui, ser dado espanhol que poderia ser trocado, sei lá né, por um desses, não que o inglês não seja importante, também né, uma língua multinacional e mais, espanhol deveria ser.

INQ.- Você acha que deveria ser trocado, ou deveria ser oferecido em conjunto?

INF.- É, conjunto né, (inint) sei lá mexia na grade aí pra... pra padronizar.

**47.**

INQ.- É assim, essas suas respostas, o seu nome não vai aparecer em lugar nenhum, você permite que eu utilize no nosso trabalho?

INF.- Sim.

### **INFORMANTE: 18**

Idade: 55 anos

Escolaridade: Superior completo

Natural de: Três Passos-RS

Naturalidade dos pais: Três Passos-RS

**01.**

INQ.- Que língua que você fala, Marli?

INF.- Olha, eu... falo português. Procuro sempre melhorar né, e eu entendo alemão, falo alguma coisa em alemão, mas muito pouco.

INQ.- Que bom.

INF.- Mas entender eu entendo o básico, entendo tudo.

**02.**

INQ.- É, quando você era criança, em que língua que seus pais falavam com você, Marli?

INF.- Uma mistura de alemão de alemão com português.

INQ.- É?

INF.- Era uma mistura.

**03.**

INQ.- E seus avós? Que língua que eles falavam?

INF.- Também.

INQ.- Também?

INF.- Também em alemão.

**04.**

INQ.- E seus pais falavam, os seus avós são alemães?

INF.- A minha vó veio da Alemanha, é já falecida hoje né e meu avô veio da Itália. Então falar assim, algumas do italiano, eu também falo, mas é só (porque ele falava).

INQ.- (risos)Tá certo.

**05.**

INQ.- E... aqui em Capanema moram muitas pessoas que falam diferente, Marli?

INF.- Olha, na verdade assim, as famílias com quem eu tenho contato é mais é português. Descendente de alemão, italiano, né, mas assim, de falar, no dia-a-dia, assim eu não vejo isso.

INQ.- É.

INF.- Porque mudou né, acho que a pessoa já se adapta mais ao português e acha mais prático também na da...

INQ.- Uhun.

INF.- Talvez dá tristeza até conversa, mas não que eu presencie.

INQ.- Entendi. E... ouvi aqui o espanhol? Quem nem eu tava comentando com a professora...

INF.- Tem espanhol nas escolas, hoje tem uma escola só e tem um projeto em duas escolas que eu sei que é projeto CELEM (Centro de Línguas Estrangeiras Modernas). Mas pro próximo ano, tá em andamento, tá protocolado que eu sei, mas se vai acontecer ou não, isso já...

INQ.- Uhun, entendi.

INF.- Não sei te dizer.

INQ.- E tem lugares que oferecem o italiano, ou alemão por aqui, Marli?

INF.- Ah não.

INQ.- Não?

INF.- Que eu saiba não.

INQ.- Só em cursos mesmo.

INF.- Só em cursos, tem, tem uma escola de inglês aqui, mas de inglês, de italiano não.

INQ.- Tá e...

**06. (A propósito da questão 05:**

INF.- Olha, na verdade assim, as famílias com quem eu tenho contato é mais é português. Descendente de alemão, italiano, né, mas assim, de falar, no dia-a-dia, assim eu não vejo isso.

INQ.- É.

INF.- Porque mudou né, acho que a pessoa já se adapta mais ao português e acha mais prático também na da...

INQ.- Uhun.

INF.- Talvez dá tristeza até conversa, mas não que eu presencie.

INQ.- Entendi. E... ouvi aqui o espanhol? Quem nem eu tava comentando com a professora...

INF.- Tem espanhol nas escolas, hoje tem uma escola só e tem um projeto em duas escolas que eu sei que é projeto CELEM (Centro de Línguas Estrangeiras Modernas). Mas pro próximo ano, tá em andamento, tá protocolado que eu sei, mas se vai acontecer ou não, isso já...

INQ.- Uhun, entendi.

INF.- Não sei te dizer.

INQ.- E tem lugares que oferecem o italiano, ou alemão por aqui, Marli?

INF.- Ah não.

INQ.- Não?

INF.- Que eu saiba não.

INQ.- Só em cursos mesmo.

INF.- Só em cursos, tem, tem uma escola de inglês aqui, mas de inglês, de italiano não.

INQ.- Tá e...)

**07.**

INQ.- Eles não falam, então aqui espanhol argentino, mesmo contato com a fronteira, não tem muita gente que fala aqui na cidade?

INF.- Não.

INQ.- Tá.

**08.** (Não formulada)

**09.**

INQ.- E você sabe me dar um exemplo assim, da língua alemã, de algum, como que é uma saudação em alemão, você lembra alguma coisa, Marli?

INF.- Bom dia no caso. É good morning.

INQ.- Ah...

INF.- É quase o inglês. É quase o inglês.

INQ.- Ah que legal.

**10.**

INQ.- E italiano, você lembra alguma coisa?

INF.- Italiano... que “ques tá cone testa”. “Ques tá cone testa”.

INQ.- E que que...?

INF.- Isso meu vô dizia, “tudo no tapa” (risos).

INQ.- (risos).

INF.- Eu procurava evitar essas cópias né.

INQ.- Ah, com certeza né. (risos).

**11.**

INQ.- E... você acha assim, Marli, comparando as línguas assim, por exemplo, o argentino, o paraguaio, o italiano, o alemão, o italiano alemão que você fala né, quem fala melhor? Quem que você acha que fala melhor?

INF.- Quem se expressa melhor?

INQ.- Isso.

INF.- Eu, na verdade assim, eu acho maravilhoso o espanhol. De ver os argentinos falando assim, que eu acho que eles falam rápido, não sei se é espanhol, ita(?), é ... é uma mistura, assim, eles falam rápido, e eu acho assim que eles se expressam melhor quando eles vão falar com alguém, eles, eles têm linguajar diferente assim, eu às vezes solto palavras pra falar com alguém.

INQ.- Sim.

INF.- Mas eles falam assim, ah, fluentemente, eu acho bonito, eu, particularmente, eu gosto mais do...

INQ.- É bonito né.

**12.**

INQ.- E quem você acha que fala pior assim? Que se expressa pior na língua? Tem alguma língua que você acha assim.

INF.- Eu acho que não, cada um se expressa conforme...

**13.**

INQ.- E em que lugares assim, você ouve às vezes as pessoas falando diferente? Ainda tem na cidade assim, que nem os mais idosos conversando, italianos...?

INF.- Eu vejo às vezes o castelhano, o argentino, conversando no comércio, mas assim, já tão naqueleportunhol, que eles falam um pouco em, em, em espanhol, depois português, eles misturam a fala, também pro pessoal que ta aqui entender.

INQ.- Ahn. Entendi.

INF.- Isso é o que eu vejo.

INQ.- E... então quer dizer que o espanhol, mas o castelhano, era mais usado no comércio?

INF.- Sim.

INQ.- Que duas pessoas vêm fazer comércio pra cá.

INF.- Sim.

#### 14.

INQ.- Tá, quando você se aproxima assim dos paraguaios, de paraguaios, por exemplo, eles costumam parar de conversar entre eles? Você já teve esse contato, Marli?

INF.- Olha, quando a gente vai ao Paraguai, eu acho que isso aí é uma regra geral, mesmo os outros lugares, as outras línguas a gente percebe que eles param de falar quando a gente chega.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas não sei se é pra dar atenção pra gente ou eles pensam que a gente num vai entender o que eles estão falando.

INQ.- Uhun. Entendi.

INF.- Se é isso ou se é uma questão de dar atenção pra gente que... atenção deles é muito pouca.

INQ.- Ahan. (risos)

INF.- Não sei te dizer agora. Mas eu acredito, eu, eu percebo assim que eles param de conversar.

#### 15.

INQ.- E os argentinos param Marli, de conversar quando a gente chega perto?

INF.- Eu não tenho muito contato com eles.

INQ.- Não né. No comércio mesmo.

#### 16.

INQ.- E os alemães?

INF.- Não tenho conhecimento.

INQ.- Não?

#### 17.

INQ.- Os italianos?

INF.- Não.

#### 18.

INQ.- Você acha Marli, que falam melhor os que falam português, ou que falam as línguas estrangeiras? Quem você acha que fala melhor?

INF.- Eu acho que o é português. Eu acho que é o português, que saiba, eu posso até achar bonito o, o argentino falando, né, mas acho que o português... num sei a terra né.

INQ.- Ah (risos).

#### 19.

INQ.- Você acha, por exemplo, o italiano, o alemão feios, bonitos...

INF.- Não, não. Acho não.

**20.** (A propósito da questão 19:

INQ.- Você acha, por exemplo, o italiano, o alemão feios, bonitos...

INF.- Não, não. Acho não.)

(A propósito da questão 11:

INF.- Eu, na verdade assim, eu acho maravilhoso o espanhol. De ver os argentinos falando assim, que eu acho que eles falam rápido, não sei se é espanhol, ita(?), é... é uma mistura, assim, eles falam rápido, e eu acho assim que eles se expressam melhor quando eles vão falar com alguém, eles, eles têm linguajar diferente assim, eu às vezes solto palavras pra falar com alguém.

INQ.- Sim.

INF.- Mas eles falam assim, ah, fluentemente, eu acho bonito, eu, particularmente, eu gosto mais do...)

**21.** (A propósito da questão 19:

INQ.- Você acha, por exemplo, o italiano, o alemão feios, bonitos...

INF.- Não, não. Acho não.)

**22.**

INQ.- Se você pudesse proibiria alguma língua, usar alguma língua aqui na cidade?

INF.- Proibir?

INQ.- É, você proibiria alguma língua?

INF.- Não.

INQ.- Na cultura, a cultura é diferente, eu acho que eu devo respeitar isso.

INF.- Uhun.

INQ.- É que a gente até estava, estava conversando depois, você acha que a escola deveria ensinar essas outras línguas, Marli?

INF.- Olha, eu acho... na verdade eu sei que tudo que é novo, tudo que pode ser instruído numa escola, pra melhorar, pra melhorar a cultura, eu acho que é ensinado.

INQ.- Uhun.

INF.- Sabe, eu acho assim que depende de um monte de coisa, depende de projeto, dependeria de autorização, depende de professora, é tudo uma comanda, né.

INQ.- É verdade.

INF.- Então eu, eu acho que sim. Que tudo que é novo, tudo que é bom, é válido. Só que de que maneira que acontece, a coisa, a gente sabe que é complicado.

INQ.- Uhun. A gente tava até conversando que falou que seria muito interessante ter o espanhol na escola. Na grade mesmo.

INF.- Mesmo em função da, da distância aqui da Argentina mesmo.

INQ.- Exatamente. É verdade.

INF.- Mas quem sabe um dia eles retomam isso.

INQ.- É, eu fui pra lá, pra Pranchita, semana passada, lá também, falam espanhol, só em CELEM. Não tem na grade.

INF.- Então.

INQ.- Diferente né.

**23.**

INQ.- E qual a sua religião, Marli?

INF.- Sou evangélica. Sou luterana.

INQ.- Luterana? É pastor né.

INF.- É pastor.

INQ.- Ele fala o português?

INF.- Fala.

INQ.- Você acha que eles deveriam falar em outras línguas também ou eles já falam?

INF.- Eles falam em alemão também.

INQ.- Hum...

INF.- Ele fala alemão fluentemente, ele é uma pessoa muito culta.

INQ.- Uhun. E ele chega a falar alguma coisa assim, no...

INF.- Fala, durante o culto, durante as preces, ele até joga, joga um alemão, assim no meio pra pessoas de mais idade né.

INQ.- Que legal, que interessante, né. Que bom.

INF.- É gostoso.

INQ.- Você consegue compreender?

INF.- Compreendo.

INQ.- Quem bom, que bom mesmo.

**24.** (A propósito da questão 22:

INQ.- É que a gente até estava, estava conversando depois, você acha que a escola deveria ensinar essas outras línguas, Marli?

INF.- Olha, eu acho... na verdade eu sei que tudo que é novo, tudo que pode ser instruído numa escola, pra melhorar, pra melhorar a cultura, eu acho que é ensinado.

INQ.- Uhun.

INF.- Sabe, eu acho assim que depende de um monte de coisa, depende de projeto, dependeria de autorização, depende de professora, é tudo uma comanda, né.

INQ.- É verdade.

INF.- Então eu, eu acho que sim. Que tudo que é novo, tudo que é bom, é válido. Só que de que maneira que acontece, a coisa, a gente sabe que é complicado.

INQ.- Uhun. A gente estava até conversando que falou que seria muito interessante ter o espanhol na escola. Na grade mesmo.

INF.- Mesmo em função da, da distância aqui da Argentina mesmo.

INQ.- Exatamente. É verdade.

INF.- Mas quem sabe um dia eles retomam isso.

INQ.- É, eu fui pra lá, pra Pranchita, semana passada, lá também, falam espanhol, só em CELEM. Não tem na grade.

INF.- Então.

INQ.- Diferente né. E, isso aqui você já falou.)

**25.** (A propósito da questão 01:

INF.- Olha, eu... falo português. Procuro sempre melhorar né, e eu entendo alemão, falo alguma coisa em alemão, mas muito pouco.)

**26.** (A propósito da questão 01:

INF.- Olha, eu... falo português. Procuro sempre melhorar né, e eu entendo alemão, falo alguma coisa em alemão, mas muito pouco.)

**27.**

INQ.- Marli, se você fosse comprar uma casa e de repente estivesse num bairro onde só tivessem argentinos, você compraria uma casa nesse bairro?

INF.- Eu sim.

INQ.- Sem problema.

INF.- Sem problema nenhum.

**28.**

INQ.- E se fosse um bairro assim de paraguaios?

INF.- Também.

**29.**

INQ.- E se fosse um bairro onde só morassem alemães?

INF.- Também.

**30.**

INQ.- Uhun, italianos?

INF.- Também.

INQ.- Uhun.

INF.- Não tenho dificuldade pra me adaptar com ninguém.

INQ.- Uhun.

**31.**

INQ.- Você falou que você não tem muito contato com os argentinos, você tem algum amigo argentino?

INF.- Olha, por coincidência agora eu me lembrei que eu tenho.

INQ.- É.

INF.- Ele é esposo duma amiga minha.

INQ.- Hum...

INF.- Ele é um arquiteto, ele mora aqui na cidade. Mas assim, a amizade é mais é com ela, mas acho que tenho um certo contato assim, enquanto eles não se desliguem tal...

INQ.- Uhun.

INF.- Mas mais consequência com o tempo, mas considero um amigo.

INQ.- Entendi. Então tá bom.

**32.**

INQ.- E amigos alemães?

INF.- Muitos.

INQ.- Tem bastante?

INF.- Muitos. De origem alemã né.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas não que fale alemão assim direto.

INQ.- São mais vocês né. E amigos paraguaios, você tem algum? Tem?

INF.- Tenho. Olha, meu filho é casado com uma menina, que o pai dela é paraguaio.

INQ.- Ah...

INF.- Eles moram em Dois Vizinhos.

INQ.- Ahan.

INF.- Uma cidade próxima daqui... ele é paraguaio, muito divertido.

INQ.- É.

INF.- Ahan.

INQ.- É bem diferente?

INF.- Bem diferente. Ele é bem, bem assim de sacanear as pessoas, só que de brincadeira. Tudo que ele puder sacanear, ele tá sacaneando, tudo ele faz uma brincadeira. Ele é muito bem, muito feliz, assim, de estar alegre sabe.

INQ.- Que língua...

INF.- Ele é bem extrovertido. Ele fala guarani.

INQ.- Guarani?

INF.- Ahan. Fala guarani.

INQ.- O que que você achou do guarani, Marli?

INF.- Ah, na verdade ele fala umas brincadeiras né. Mas é uma língua que eu não entendo nada, você não consegue entender nada. É uma língua totalmente assim, difícil, não sei se você já ouviu falar guarani.

INQ.- Já.

INF.- Eu acho muito, muito complicado. É um tal de vai e volta, as palavras que eu não entendo.

INQ.- Uhun. E você achou o guarani bonito, achou difícil?

INF.- Não sei, acho que o pouco que eu ouvi, eu não posso te dar minha opinião, achei uma coisa difícil.

INQ.- Entendi.

**33.** (A propósito da questão 32:

INQ.- E amigos alemães?

INF.- Muitos.

INQ.- Tem bastante?

INF.- Muitos. De origem alemã né.

INQ.- Uhun.

INF.- Mas não que fale alemão assim direto.

INQ.- São mais vocês né.)

**34.** (Não formulada)

**35.**

INQ.- Qual deles assim que você sente que a amizade é mais sincera? Entre o alemão, o italiano, qual que você acha assim que tem, que tem uma amizade mesmo. Dá pra saber, Marli?

INF.- Meu Deus, são duas linhas diferentes.

INQ.- É?

INF.- O alemão e o italiano são diferentes. Na minha família mesmo, a gente percebe isso. Os italianos são mais alegres, assim, mais, eu acho que os dois são mais sinceros, são, são você pode confiar, nesses que...a diferença é só na questão de lidar, uns são mais alegres... os alemães são mais fechados. E os italianos são mais abertos. Mas a questão de confiança, eu acho que é igual.

INQ.- Bom, você tem contato com os dois né Marli.

INF.- Com os dois. Eu posso confiar nos dois.

INQ.- Tá ótimo.

**36.** (A propósito da questão 35:

INF.- O alemão e o italiano são diferentes. Na minha família mesmo, a gente percebe isso. Os italianos são mais alegres, assim, mais, eu acho que os dois são mais sinceros, são, são você pode confiar, nesses que...a diferença é só na questão de lidar, uns são mais alegres... os alemães são mais fechados. E os italianos são mais abertos. Mas a questão de confiança, eu acho que é igual.

INQ.- Bom, você tem contato com os dois né Marli.

INF.- Com os dois. Eu posso confiar nos dois.

INQ.- Tá ótimo.)

**37.**

INQ.- Você já brigou com algum deles...

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Sou da paz.

INQ.- Que bom.

**38.** (Não formulada)

**39.**

INQ.- É, seu marido, seu esposo, ele é descendente de...

INF.- De alemão.

INQ.- De alemães?

INF.- Uhun.

INQ.- E você se casaria com um paraguaio?

INF.- Se eu gostasse, por que não?

INQ.- Uhun, com alemão já é casada...

**40.** (A propósito da questão 39:

INQ.- É, seu marido, seu esposo, ele é descendente de...

INF.- De alemão.

INQ.- De alemães?

INF.- Uhun.)

**41.**

INQ.- E o italiano?

INF.- Também.

**42.**

INQ.- se você precisasse de um médico, você procuraria um médico argentino?

INF.- Sim.

INQ.- Aqui também Pranchita, eles vão muito pra hospitais fazer exames em na Argentina, aqui acontece isso também?

INF.- Na Argentina? Não, não que eu saiba.

INQ.- É.

INF.- Que eu saiba não.

INQ.- Uhun.

**43.**

INQ.- Você iria a um dentista paraguaio?

INF.- Olha se eu tiver com dor de dente, eu vou. Porque agora mesmo, por causa da questão de distância, mas senão... sem problema nenhum, se tiver uma questão de necessidade também né, daí tem que fazer o que precisa.

**44.**

INQ.- E um médico alemão?

INF.- Também.

**45.**

INQ.- Um médico italiano?

INF.- Também.

**46.**

INQ.- E assim Marli, a gente tá acabando, sobre essas várias línguas que você ouve aqui em Capanema, você gostaria de falar mais alguma coisa, que não foi perguntado...que não foi dito...

INF.- Na verdade, eu gostaria de uma coisa pessoal.

INQ.- Uhun.

INF.- É que eu conseguisse preservar essa língua mãe sabe, que eu tenho. Sabe? Que tivesse uma escola que ensinasse o alemão, pra poder fazer assim, pra poder ler também. Porque ler é uma coisa. Falar é outra.

INQ.- Uhun. É verdade.

INF.- A... a ortografia da, da origem alemã, ela é bem complicada, ela tem muito, ela não tem muito, certinho assim muita... É uma palavra diferente, né, você tem, você tem tipo assim, você vai escrever aqui, elas são, são diferente, ela não é, ai como é que é o nome disso aqui, é... a, e, i, o, u. A, e, i, o, u, tem mais vogal, tem mais um alfabeto assim completo, ele, ele mistura muito. Então você, você tem que ir decifrando tudo o que que é aquilo. Às vezes a palavra é de trás pra frente. Você vai falar uma coisa assim, água quente, você fala: “quente água”. Num é?

INQ.- Muda tudo.

INF.- Muda, às vezes é o contrário a palavra. Sabe, então tem dificuldade, pra ler, então só sabendo alemão.

INQ.- Imagino.

INF.- Mas assim, na verdade, eu acho complicado.

#### 47.

INQ.- É, Marli, eu quero te agradecer, muito obrigada, gostei muito de conversar com você.

INF.- Não precisa agradecer.

INQ.- O nosso, o seu nome não vai aparecer em lugar nenhum, Marli, o que eu quero usar são essas respostas que a gente tá tentando identificar os que falam diferente. Eu posso usar então pro meu trabalho?

INF.- Pode, fica tranquila.

